FREIDA McFADDEN



QUERIDA DEBBIE

ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

QUERIDA DEBBIE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

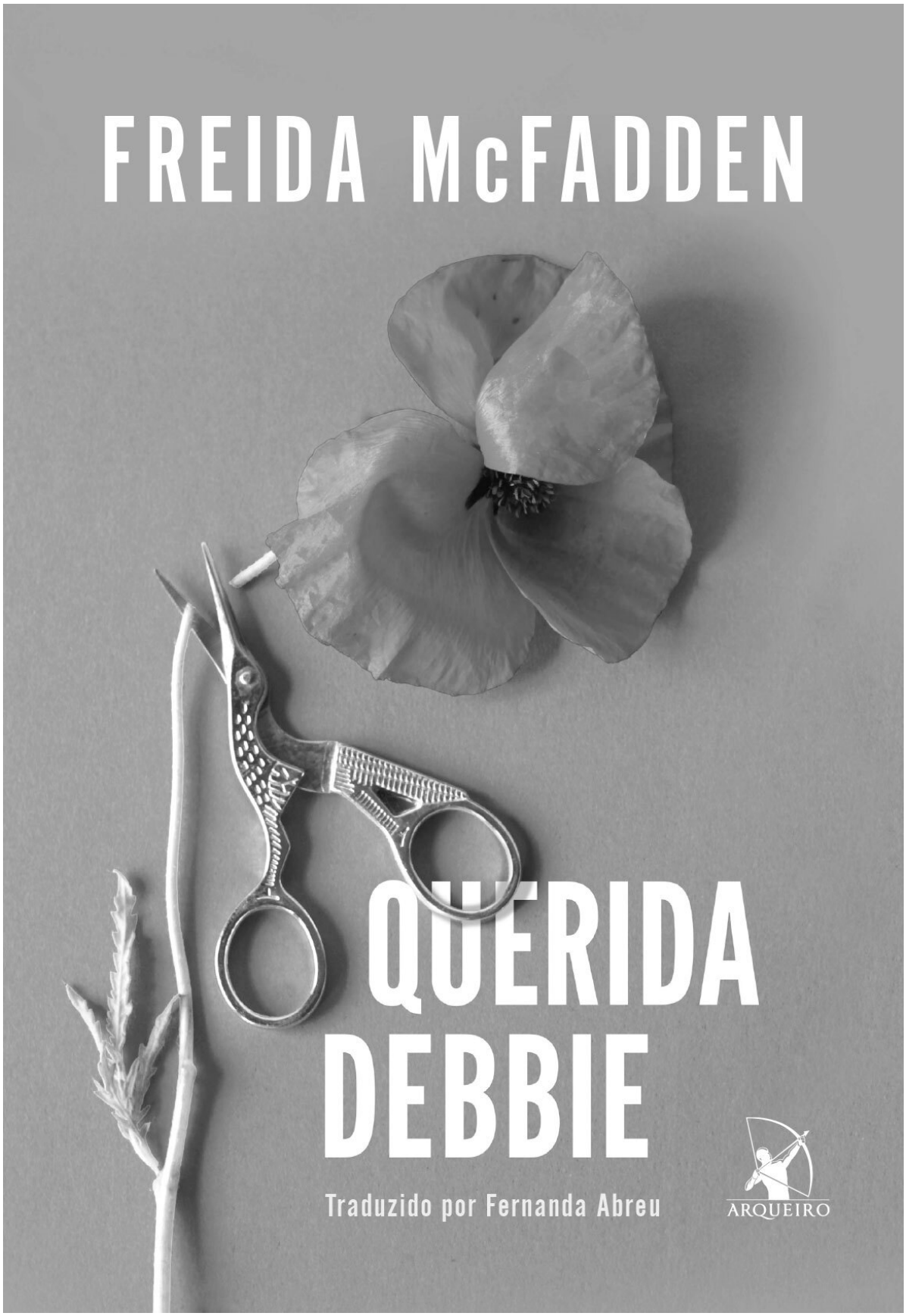
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

FREIDA McFADDEN



QUERIDA DEBBIE

Traduzido por Fernanda Abreu

ARQUEIRO

Título original: *Dear Debbie*

Copyright © 2026 por Freida McFadden
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro
produção editorial: Ana Sarah Maciel
preparo de originais: Karen Alvares
revisão: Juliana Souza e Sheila Louzada
diagramação: Abreu's System
capa: Erin Fitzsimmons/Sourcebooks
imagem de capa: Jasenka Arbanas | Arcangel Images
adaptação de capa: Adriana Moreno
foto da autora: © Mira Whiting
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429q
McFadden, Freida
Querida Debbie [recurso eletrônico] / Freida McFadden ; tradução Fernanda Abreu. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: Dear Debbie
Formato: epub
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-942-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

25-101710.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha mãe,
que ama uma boa história de vingança
mais do que tudo na vida

SUMÁRIO

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE
TRINTA
TRINTA E UM
TRINTA E DOIS
TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO
TRINTA E CINCO
TRINTA E SEIS
TRINTA E SETE
TRINTA E OITO
TRINTA E NOVE
QUARENTA
QUARENTA E UM
QUARENTA E DOIS
QUARENTA E TRÊS
QUARENTA E QUATRO
QUARENTA E CINCO
QUARENTA E SEIS
QUARENTA E SETE
QUARENTA E OITO
QUARENTA E NOVE
CINQUENTA
CINQUENTA E UM
CINQUENTA E DOIS
CINQUENTA E TRÊS
CINQUENTA E QUATRO
CINQUENTA E CINCO
CINQUENTA E SEIS
CINQUENTA E SETE
CINQUENTA E OITO
CINQUENTA E NOVE
SESSENTA
SESSENTA E UM
SESSENTA E DOIS
SESSENTA E TRÊS
SESSENTA E QUATRO
SESSENTA E CINCO
SESSENTA E SEIS
SESSENTA E SETE
SESSENTA E OITO
SESSENTA E NOVE

EPÍLOGO

NOTA DA AUTORA

Embora todos os meus livros sejam thrillers, gênero que em geral inclui elementos sombrios, me esforço para mantê-los o mais acolhedores possível para o meu público. Você não vai encontrar nenhuma cena explícita de violência ou S-E-X-O. (Principalmente porque sei que a minha família vai ler!)

No entanto, as pessoas reagem emocionalmente a coisas distintas, e alguns dos meus livros abordam temas controversos. Por esse motivo, criei uma lista com alertas de conteúdo para as minhas obras, que pode ser encontrada no meu site (em inglês):

freidamcfadden.com

Esse recurso pode ser usado por pessoas que precisem proteger sua saúde mental, bem como por responsáveis por menores de idade que estejam lendo meus livros. Mas tenha em mente que, em alguns poucos casos, esses alertas representam grandes spoilers para reviravoltas da trama.

Espero que você curta em segurança a jornada para o interior da minha imaginação!

UM

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Você sempre diz na sua coluna sensacional que o café da manhã é a refeição mais importante do dia, e eu concordo! Mas a minha família nunca consegue se sentar para tomar café.

Todo dia de manhã é a mesma novela: meus filhos procurando sapatos perdidos ou o dever de casa que sumiu da noite para o dia, e meu marido sem conseguir encontrar as chaves ou os óculos de leitura. Ninguém se interessa em tirar cinco minutos para se sentar à mesa da cozinha e saborear o café da manhã que acabei de passar os últimos quinze minutos preparando.

Já tentei de tudo! Refeições rápidas, opções para comer sem precisar se sentar, subornos (não pergunte!), mas, não importa o que eu faça, eles sempre saem de casa de barriga vazia!

Como, por tudo que é mais sagrado, posso dar um jeito de a minha família tirar uns poucos minutos para tomar um café da manhã nutritivo antes de sair correndo sem nem dar tchau? Debbie, me ajuda!

Faminta de Hingham

Querida Faminta de Hingham,

De fato, o café da manhã é a refeição mais importante do dia. Ele turbina os nossos níveis de energia e de atenção, e, se você não consumir nada nutritivo nessas primeiras horas, pode passar o dia inteiro se sentindo meio devagar. Em crianças e adolescentes, uma refeição nutritiva pela manhã pode melhorar a memória e o foco na escola.

Se a sua família não está interessada em tomar café, tente descobrir que tipos de alimento podem deixá-los tentados a gastar esses quinze minutos extras fundamentais pela manhã. Tem gente que prefere uma tigela de cereal, outros podem querer panquecas e outros, ainda, algo mais reforçado, com ovos, bacon e torradas de pão integral. Descubra do que a sua família mais gosta e atenda a esses desejos!

E, se isso não der certo, eu recomendaria instalar um cadeado nas portas da sua casa. Assim que acordar, tranque as duas portas por dentro e guarde a chave no bolso. Avise a todo mundo que ninguém sai de casa antes de ter tomado um café da manhã saudável. Se eles parecerem hesitar, uma simples ameaça de engolir a chave a menos que se sentem para comer certamente fará as coisas avançarem.

Não tenho dúvidas de que você logo vai estar saboreando diariamente um café da manhã maravilhoso com a sua família!

Debbie

DOIS

DEBBIE

Sou proibida de falar com minha filha Lexi pela manhã.

Ela impôs essa regra ao entrar para o ensino médio, e, agora que está no último ano, a regra segue firme e em vigor. Foi implementada quando Lexi decidiu que não gostava quando eu ousava perguntar "tudo bem?" assim que ela acordava, e ela simplesmente não estava a fim de "falar agora, mãe, pelo amor de *Deus*".

Então, na metade do primeiro ano, Lexi anunciou oficialmente que eu não tinha mais permissão para falar com ela durante as primeiras horas da manhã. E se tento qualquer forma de comunicação – seja verbal ou não –, ela me responde atravessado: "O que foi que combinamos?" Ou pior ainda: me fuzila com um olhar *daqueles*.

Vocês sabem a que olhar estou me referindo. Pelo menos se tiverem filhos adolescentes.

Sendo assim, quando Lexi entra em nossa cozinha batendo pé nessa manhã de quarta-feira, eu não falo nada. Apenas sigo comendo minha tigela de cereal, daqueles enriquecidos com fibras. (Agora que passei dos 40, compro no automático qualquer coisa com muita fibra.) É fácil lembrar de não falar com Lexi, pois ela está com as orelhas cobertas por um par de fones de ouvido gigantes. É possível que o fone tenha se fundido com os ossos temporais do crânio dela.

Lexi está com o cabelo preso num rabo de cavalo bagunçado que parece ter sido feito ontem à noite, ou mesmo vários dias atrás, e nunca mais ter

sido ajustado. Veste um casaco de moletom de capuz bem grande que parece uma roupa feita para dormir, e o fato de estar usando uma calça de pijama quadriculada não ajuda a desfazer essa impressão. Não é dia de pijama na escola nem nada. É isso que os jovens usam agora. Eu acho de mau gosto, mas por outro lado também sinto inveja. Quisera eu poder usar calça de pijama todo dia.

Das minhas duas filhas, Lexi é a que se parece comigo, fato que, estou certa, é uma fonte de profundo constrangimento para ela. Ela tem a mesma estrutura óssea delicada no rosto e o cabelo levemente ondulado, de um tom escuro semelhante. Assim como eu, tem facilidade para os estudos, motivo pelo qual está cursando quatro matérias em nível avançado esse ano e fazendo uma aula de teoria dos números, porque já cursou cálculo avançado ano passado.

E também assim como eu, ela talvez seja um pouco inteligente demais para o próprio bem.

Lexi nem olha para mim ao traçar uma linha reta até a geladeira, embora lance um olhar de desprezo para as latas que enfileirei na bancada da cozinha para doar na escola. Tudo que eu faço é uma combinação de constrangimento e irritação. No entanto, meu crime mais imperdoável de todos foi batizá-la de Alexa. Em minha defesa, como eu poderia saber que Alexa iria se tornar uma *coisa*?

Lexi lança um olhar para trás e parece estranhar quando me vê. Está se coçando para comentar, mas isso iria romper seu eterno voto de silêncio. A luta interna parece real.

Por fim, eu ganho. É o batom. Eu nunca uso batom.

– Por que tá tão arrumada, mãe? – quer saber ela.

Abocanho mais uma colherada do meu cereal de fibras, então encosto um guardanapo no batom. Como sou mais um tipo de mãe que vive de camiseta e legging, ela está surpresa por me ver de vestido e toda maquiada. Até sequei o cabelo com o secador, em vez de prendê-lo ainda úmido num rabo de cavalo.

– Os fotógrafos da *Jardim de Casa* vão vir hoje – lembro. – Vão fotografar o nosso quintal.

Era uma honra ter sido escolhida pela revista para esse ensaio em especial. Como mãe de duas meninas e dona de casa, houve momentos em que minha vida pareceu um pouco… bem, um pouco vazia. Tenho orgulho

das minhas filhas, mas queria ter orgulho de algo que fosse só meu. Essa sessão de fotos deu uma boa turbinada na minha autoestima. Eu dou bastante duro no meu jardim.

Houve momentos em que senti que, se não tivesse minhas flores, eu nem conseguiria sair da cama de manhã.

– Não sabia – diz Lexi, embora eu tenha mencionado o ensaio dezenas de vezes.

Não comento a ironia de que, se fosse eu quem tivesse esquecido algo que ela me disse ontem mesmo, ela estaria me esculhambando nesse exato momento.

– Bom, boa sorte – acrescenta ela.

Foi uma coisa simpática de dizer. E outro milagre ocorreu: minha filha de 17 anos agora está *falando comigo pela manhã*. Parece uma espécie de sonho maluco e maravilhoso. Será que posso me atrever a pensar que os anos difíceis da adolescência estão chegando ao fim?

– Obrigada – respondo com cautela, evitando fazer qualquer coisa capaz de perturbar a paz.

Lexi então franze o nariz.

– Você não vai mesmo levar todas essas latas pra escola hoje, vai? Vai ficar parecendo uma catadora de lixo.

Tá, talvez os anos difíceis *ainda* não tenham ficado para trás.

Antes de eu conseguir pensar numa resposta adequada para a crítica da minha filha ao fato de eu doar comida para os necessitados, Isabel, minha outra filha, entra na cozinha. É melhor assim. Lexi não teria gostado da minha resposta.

Izzy está no segundo ano da Escola Preparatória de Hingham, dois abaixo da irmã. Enquanto Lexi se parece comigo de um jeito perturbador, Izzy é bem mais parecida com o pai. Tem o mesmo cabelo castanho mais claro, o mesmo sorriso largo, a mesma estrutura física robusta. E, assim como o pai, leva a vida sempre numa boa.

Ao contrário de mim e Lexi, Izzy sempre foi muito atlética. Elaborei a teoria de que talvez o excesso de endorfina a tornasse mais agradável do que a irmã. Pelo menos, essa é a minha teoria atual. Se eu não me obrigasse a ir à academia várias vezes por semana, assassinaria todo mundo no quarteirão.

– Oi, mãe. – Izzy pega uma maçã na tigela que fica sobre a bancada. – Tenho que correr. O ônibus vai chegar em um minuto.

– Seu café da manhã vai ser só isso? – protesto.

– Mãe, eu tenho que *ir*.

Na vida e na maternidade, *especialmente* na maternidade de adolescentes, é preciso escolher suas batalhas.

– Tá, te amo! – grito atrás dela. – Te pego depois do futebol.

Izzy hesita, e seu rabo de cavalo alto balança de leve enquanto ela fica parada, parecendo refletir sobre quais serão suas próximas palavras. Ela enfia a maçã no bolso do moletom.

– Não precisa – diz ela por fim. – Eu volto de ônibus.

– Mas peraí.

Quando me levanto depressa, minha tigela de cereal se inclina e um pouco de leite se derrama na mesa da cozinha. Por sorte, não cai no meu vestido.

– O ônibus da escola não vai passar depois do futebol – digo. – Eu posso te buscar.

Izzy não responde.

– Não tem problema nenhum! – garanto a ela, tentando não pensar nos dias em que ia buscar Izzy na creche e ela corria para mim tão depressa que quase me derrubava no chão.

Não sei ao certo quanto tempo Izzy teria ficado ali me encarando, com as mãos enfiadas nos bolsos, se Lexi de repente não tivesse dito:

– Pelo amor de Deus, Iz, *conta pra ela* e pronto.

Olho alternadamente para as duas. Detesto quando elas têm segredos entre si, embora isso seja melhor do que vê-las brigando.

– Me contar *o quê*?

Izzy continua calada. Lexi solta um suspiro exagerado e diz:

– Ela foi expulsa do time de futebol.

– Lexi! – sibila Izzy, e seu rosto fica rosa.

– *Como é que é?*

Isso é totalmente ridículo. Izzy joga futebol desde o jardim de infância. Seria capaz de driblar a bola dormindo. Como pode ter sido expulsa do time? Ela é uma das melhores jogadoras do segundo ano. Caramba, é uma das melhores jogadoras de toda a escola, *ponto*.

– Não estou entendendo. Você foi expulsa do time por quê?

Izzy se recusa a me encarar.

– Mãe…

Deve ser algum engano. Não tem outra explicação.

– Vou dar uma ligada pro treinador Pike.

– Mãe, *não.* – Ela arregala os olhos em pânico. – Tenho que sair agora. Não liga pro Pike.

– Izzy…

– Por favor, não liga pra ele. – Seu olhar é de puro desespero. – Mãe, promete pra mim que não vai ligar.

Não quero que ela perca o ônibus. Não tenho como levá-la agora, porque preciso estar em casa para a sessão de fotos. Mas como ela não vai se mexer antes de eu concordar, finalmente respondo:

– Prometo.

Prometo não *ligar* para ele. No entanto, não prometo não ir à sala dele perguntar onde ele estava com a cabeça ao cortar minha filha do time.

Izzy me lança um último olhar e sai correndo pela porta. Essa menina vive correndo. É uma jogadora *incrível*. Não sei o que aconteceu para ela ser expulsa do time, mas estou decidida a descobrir a verdade.

Volto a atenção para minha outra filha, que pegou uma lata de creme de milho e está lendo o rótulo com uma expressão amargurada no rosto, como se os ingredientes a houvessem ofendido pessoalmente.

– Você sabe o que aconteceu? – pergunto.

– Mãe, meu Deus do céu, *não*, eu *não sei*. – Lexi solta um grunhido. – Será que dá pra parar de me perguntar tipo um milhão de vezes?

É a primeira vez que eu pergunto, mas tudo bem.

– Você não ficou sabendo de nada mesmo?

– *Não*. – Lexi me encara com um olhar furioso, então acrescenta: – Além do mais, é melhor pra ela estar fora do time. O Pike é um tarado.

– Tarado?

Ela revira os olhos, irritada por precisar gastar tempo me explicando cada coisinha.

– Minha amiga Mira era do time de futebol e disse que ele vivia, tipo, entrando "sem querer" no vestiário quando as meninas estavam se trocando. Pedia desculpas e saía na hora, mas… bom, pra mim isso não parece sem querer.

Ele fazia *o quê*?

O cereal gruda na minha garganta enquanto reflito sobre essa revelação. Izzy nunca comentou nada nesse sentido, mas conheço essa amiga de Lexi, e

ela não é do tipo que inventa histórias. Será que é verdade? E, se for, será que eu *quero* que Izzy faça parte do time de futebol?

– Ai, mãe, será que dá pra parar com isso? – pede Lexi, irritada.

Eu me forço a engolir o cereal que está na minha boca.

– Parar com o quê?

– De mastigar – diz ela.

– De mastigar? – repito, incrédula.

– O seu jeito de mastigar é… superbarulhento. Tipo, ninguém mais no mundo mastiga assim. Sério, mãe… é superestranho. Deve dar pra ouvir lá no vizinho.

Ninguém nunca tinha me criticado pelo volume da minha mastigação. Por alguns segundos, fico sem saber o que dizer.

– Desculpa. Vou tentar mastigar mais *baixo*.

– É *muito* alto – insiste ela. – Você vive mastigando e é, tipo, *muito* irritante.

Por um momento sou distraída de meus pensamentos sobre o treinador Pike pela questão mais imediata de tentar entender o que aconteceu com meu relacionamento com minha primogênita. Eu me lembro de um tempo em que fazia panquecas para Lexi de manhã. Eu caprichava. Fazia uma carinha sorridente com mirtilos em cada panqueca, ou então, se fosse um dia especial, com gotas de chocolate. Quando Lexi via essas panquecas de carinha sorridente (principalmente as de chocolate), os olhos dela brilhavam. Ela primeiro comia todos os mirtilos e as gotas de chocolate, depois cobria a pilha de mel. Depois de algumas mordidas, erguia os olhos para mim com um sorriso grudento e feliz. *Mamãe, você faz as melhores panquecas do mundo!*

Como mais uma colherada do meu cereal, pensando se existe alguma atividade que eu possa sugerir para fazermos juntas. Ir às compras, quem sabe? Lexi sempre amou fazer compras, mesmo quando era pequena, e até hoje adora roupas. Mas encontrar peças de que ela goste talvez seja um desafio.

Posso sugerir levá-la a uma loja de pijamas. Será que existe isso? Se não existir, deveriam criar. É uma ideia genial.

A buzina de um carro soa lá fora, tão alto que nós duas nos sobressaltamos. Eu não consigo mais fazer minha filha sorrir, mas essa buzina, sim. É o namorado dela, Zane, que completou 18 anos

recentemente, tirou a habilitação definitiva e agora pode levá-la à escola de carro todo santo dia.

Mas ele nunca entra na nossa casa. Só toca essa maldita buzina alto o suficiente para avisar à vizinhança inteira que chegou. Talvez o volume da buzina seja mais alto até do que o da minha mastigação.

– Preciso ir – entoa Lexi.

Minha filha pega a mochila do chão, pesada a ponto de fazê-la inclinar levemente o corpo para trás quando a está usando. Abre a boca como se fosse se despedir de mim, mas então se lembra da própria regra de não me dirigir a palavra pela manhã e sai correndo sem dizer mais nada.

Só comi metade do meu cereal, mas não estou com muito apetite. Sigo o mesmo caminho pela sala que Lexi usou para chegar até a porta, sabendo que ela não se deu ao trabalho de trancar depois de sair. E por que se daria, já que eu sempre tranco?

Estou sempre a postos para ajudar minha família. Sempre.

Espio pela janela o Kia vermelho surrado que está saindo da frente da minha garagem. Toda vez que vejo esse carro, penso comigo mesma que Zane deveria simplesmente levá-lo direto para o ferro-velho da cidade e deixá-lo lá. Não fico muito feliz com o fato de minha filha mais velha estar sendo transportada até a escola nessa lata-velha, mas admito que não tenho muito poder de decisão em relação a isso.

Meus pensamentos sobre o rapaz ao volante da lata-velha são menos gentis ainda.

Vejo Zane de relance quando ele está entrando na rua em frente à minha casa. O cabelo é comprido e desgrenhado, e ele é magro feito um varapau, embora nas vezes em que esteve na minha casa tenha devorado pequenas montanhas de comida. Se metade da minha geladeira foi esvaziada, isso significa que Zane veio fazer uma visita. Principalmente se a porta da geladeira não tiver sido fechada direito e o assento da privada estiver levantado. Sem falar no fato de eu ter quase certeza de que ele fuma vape. Nem sei direito o que é isso, mas sei que não quero minha filha namorando alguém que faz isso. Não que eu tenha muita escolha.

Mas, acima de tudo, não gosto do jeito como ele olha para Lexi. Há algo na expressão dele que me incomoda. É algo que já vi antes… uma lembrança que nunca vou conseguir bloquear.

Lexi e Zane estão juntos há uns quatro meses, e três meses e meio atrás

eu já queria que o namoro tivesse acabado.

Mas não posso impedi-la de namorar o menino. Ela tem 17 anos, e uma proibição assim só vai piorar as coisas. Se eu lhe disser para parar de vê-lo, ela só vai ver Zane ainda mais. Não, a atitude inteligente é dar tempo ao tempo. Ela é uma menina esperta e vai se dar conta. Mais cedo ou mais tarde, Zane vai levar um pé na bunda.

E, se isso não acontecer, bom, pretendo proteger minha filha. As duas. Quer queiram, quer não.

Estou prestes a voltar para a cozinha, mas me detenho ao perceber outro clarão de movimento do lado de fora da janela. É meu vizinho Brett Carlson, que está descendo a pé o acesso da garagem que separa nossas casas. Na verdade, ele não está só a pé, está *batendo os pés*. Está se encaminhando para a minha porta. Em mais um minuto, vai começar a esmurrá-la.

Esse dia está prestes a ficar interessante.

TRÊS

Embora eu esteja a poucos metros da porta, não a abro de imediato. Dou a Brett uma chance de apertar a campainha. De novo. Então, conforme previsto, começam os murros.

– Abre essa porta! – grita ele enquanto bate com os punhos inutilmente na porta da nossa casa. – Agora!

Que cara mais dramático.

Brett Carlson se mudou para nosso bairro mais ou menos um ano atrás. Conheço muito bem a maioria dos vizinhos, mas não ele. Tudo que sei é que ele trabalha na área financeira, dirige um carro esportivo depressa demais e ouve música aos berros quando está trabalhando de casa, alto o suficiente para incomodar o bairro inteiro. E sempre consegue abaixar o volume logo antes de a polícia chegar devido a uma reclamação por excesso de barulho.

Sem pressa, vou abrir a porta. Mas, antes, pego o estilete que guardamos no hall de entrada e o enfio no bolso do vestido. Só por garantia.

Brett está na minha varanda da frente com os punhos cerrados e o rosto inteiro tingido de um vermelho bem escuro. Está me fuzilando com um olhar ameaçador. Mantenho os dedos da mão direita fechados em volta do estilete que escondi no bolso.

– Bom dia, Brett! – exclamo, alegre. – Posso te ajudar com algo?

– Eu sei o que você fez! – sibila ele para mim. – Eu sei o que você fez,

Debbie! E você não vai escapar impune!

Fico olhando para ele, piscando, aturdida.

– Não sei do que você tá falando. O que você acha que eu fiz?

– Eu sei que foi você! – Todas as veias no pescoço de Brett estão saltadas. – Acha que depois de todas as reclamações por excesso de ruído eu não iria descobrir?

– De verdade, Brett, eu não sei do que você está falando – digo.

– O meu quadro de luz – esclarece ele. – Você desceu no meu porão e cortou o fio do disjuntor do escritório. Eu estou *sem energia* no escritório. Vai ser uma fortuna pra consertar!

Levo a mão ao peito.

– Caramba!

– *Caramba* – repete ele, num tom de zombaria. – Que cara de pau a sua. Não gosta do volume da minha música, aí vai e corta a energia. – Ele estreita os olhos para mim. – Eu sei que foi você. E você vai pagar.

Ele parece estar tentando forçar a barra para entrar na minha casa e continuar a conversa. Impeço sua entrada, pronta para sacar o estilete se for preciso. Mas não vai chegar a tanto. Brett só é valente da boca pra fora.

– Brett, lamento *muito* o que aconteceu com seu quadro de luz. – Franzo o cenho. – Mas juro que não fui eu. Mal sei mexer no quadro de luz *daqui*! Aquela fiação toda… é tudo um grande mistério pra mim. Pergunta só pro Cooper. Ele vive religando os disjuntores.

Brett continua me encarando, sem se deixar convencer.

– Eu sei que foi você.

– Você tem alguma prova?

– Prova?

– É uma pergunta simples, Brett – respondo com um sorriso educado.

– Não preciso de prova nenhuma – retruca ele. – Eu sei que foi você.

Dou risada, o que parece apenas enfurecê-lo.

– Mas que absurdo. Como é que eu iria entrar no seu porão?

Ele faz uma pausa durante uma fração de segundo para refletir sobre a pergunta.

– Eu tinha uma chave escondida debaixo do lampião no quintal dos fundos. Você deve ter se tocado de que a chave estava lá.

É verdade, existem algumas pessoas ingênuas que escondem as chaves da porta de casa num local fácil de encontrar: debaixo de uma pedra, dentro de

um vaso de plantas ou até mesmo sob o capacho. É como mandar um convite em alto-relevo para os ladrões. Quando vamos visitar amigos, Cooper e eu sempre fazemos uma brincadeira: eu preciso adivinhar onde está escondida a chave reserva antes de chegarmos à porta. Isso sempre o faz rir. Recentemente, quando fomos jantar na casa de um colega dele, eu falei que a chave estava escondida debaixo de um anão de jardim ao lado da porta. Quando levantamos o anão, dito e feito: ali estava a chave. Levo jeito para esse tipo de coisa.

– Então você está dizendo que eu encontrei essa tal chave escondida no quintal, invadi sua casa no meio da noite e de alguma forma cortei o fio de um disjuntor do quadro de luz? – digo. – Brett, sou só uma dona de casa. Acha mesmo que eu fiz tudo isso?

Pela primeira vez desde que ele apareceu, um lampejo de dúvida surge em seu semblante.

– Deve ter sido algum adolescente – arrisco. – Ontem, no início da noite, vi uns meninos mal-encarados zanzando aqui pela rua. Não me espantaria se tivessem metido na cabeça que queriam alguma confusão.

Não é totalmente mentira. Zane vive zanzando por aqui, e meio que não há como ser mais mal-encarado do que ele.

– Continuo achando que foi você. – Brett me encara com raiva, mas parte da convicção por trás de suas palavras perdeu a força. – Posso até não ter nenhuma prova, mas vou instalar uma câmera assim que consertar o quadro de luz.

– Que ideia maravilhosa! – entoo. – Câmeras de segurança são um jeito excelente de manter sua casa segura.

Brett parece querer me estrangular. Mais uma vez, quase pego o estilete, mas então me detenho. Em vez disso, sorrio para meu vizinho.

– Espero que peguem quem fez isso com você – digo.

– Aham – resmunga ele. – Sei.

E, com essas palavras, ele dá meia-volta e desce bufando os degraus da varanda, o tempo inteiro lançando olhares irados para trás.

QUATRO

Meu celular está tocando na cozinha.

Apesar de eu sempre repreender as meninas por deixarem o celular em cima da mesa na hora das refeições, reconheço que o meu tampouco costuma ficar longe de mim. Está, na realidade, bem ao lado da minha tigela de cereal na mesa da cozinha. A princípio, imagino que seja a revista com alguma instrução de última hora para o ensaio fotográfico. Quando torno a entrar na cozinha, porém, vejo o nome de Garrett Meers piscando na tela.

Meu chefe.

Embora eu às vezes me defina como mãe e dona de casa, na verdade eu também trabalho em meio expediente para um jornalzinho da região voltado para famílias chamado *Casa Hingham*, em que assino uma coluna de conselhos chamada *Querida Debbie*. É meio parecida com Querida Abby, só que, como sou eu que assino, se chama Debbie em vez de Abby. Deu para entender? Pessoas de toda Hingham mandam perguntas para ouvir minhas sábias respostas. Faço o meu melhor.

As pessoas dizem adorar minha coluna, e, embora o salário não seja grande coisa, gosto de escrevê-la. É claro que, quando entrei na graduação do MIT para me formar em Ciências da Computação, quase trinta anos atrás, jamais teria imaginado que meu emprego principal fosse ser como

colunista de conselhos num jornal. Meu professor de Ciências da Computação no ensino médio me dizia que eu seria a próxima Bill Gates.

Digamos apenas que não sou a próxima Bill Gates. Longe disso. Na verdade, larguei o MIT no quarto semestre.

Mesmo assim, ainda mexo um pouco com programação. Até criei uns aplicativos para smartphone, embora ninguém a não ser meus parentes mais próximos os use. O que mais me orgulha é um chamado Findly, um rastreador altamente preciso de amigos e parentes. Tanto Izzy quanto Lexi têm o Findly instalado no celular, ou seja, não apenas sei onde elas estão, como também posso baixar um histórico de suas localizações anteriores. Minhas filhas ficam mais seguras quando sei seu paradeiro.

Tenho um rastreador instalado no celular do meu marido também. Com a permissão dele, claro.

Meu aparelho ainda está tocando, então o pego depressa e passo o dedo pela tela para aceitar a chamada. Os fotógrafos ainda vão demorar quase uma hora para chegar, e Garrett nunca fala por muito tempo. Como sempre diz, é "um homem ocupado".

– Oi, Debbie. Que bom que consegui falar com você.

– Hum.

Eu me acomodo na cadeira. Garrett assumiu o jornal faz dois anos e não é minha pessoa preferida no mundo. Eu o evito o máximo que posso.

– E aí, o que manda?

– Na verdade, você acha que conseguiria dar uma passadinha aqui na redação hoje? – pergunta ele.

É um pedido fora do comum. Em geral, mando as colunas por e-mail e o pagamento é depositado na minha conta.

– Hoje? A que horas?

– O quanto antes.

Uma sensação de estranhamento faz meu estômago se contrair. Já estou ansiosa por causa do ensaio fotográfico, e uma reunião misteriosa com meu chefe é a última coisa de que preciso.

– Claro. Passo aí hoje à tarde. Por volta das duas?

– Ótimo. Nos vemos às duas.

Antes que eu tenha a chance de tentar descobrir mais alguma coisa, Garrett encerra a ligação. O que foi isso?

Continuo com a mesma sensação estranha. Estou quase indo até lá agora

mesmo para descobrir que história é essa, mas não tem como. Os fotógrafos vão chegar daqui a pouco, e logo depois tenho um almoço do clube do livro com algumas mulheres do bairro. Se eu faltar, elas vão falar à beça.

Baixo os olhos para o celular. Será que devo retornar a ligação para conseguir mais informações de Garrett? Fico tentada a fazer isso, mas nesse exato momento Cooper entra na cozinha. Ele é sempre o último integrante da família a descer de manhã, já que só precisa chegar ao escritório de contabilidade no generoso horário de nove horas. Gosta de dormir até mais tarde, e eu gosto de ter esses poucos momentos de tranquilidade com meu marido.

Cooper está usando uma camisa social branca com listras azul-claras e a gravata cinza está solta em volta do pescoço. Acabou de fazer a barba, e há um pedacinho minúsculo de papel higiênico grudado num corte no maxilar lisinho. Ele exala o cheiro mentolado da sua loção pós-barba e sorri para mim com uma fileira de dentes retos, regulares e quase brancos.

Eu me levanto da cadeira e recolho minha tigela de cereal empapado. Se aquilo algum dia foi bom, esse tempo passou. Melhor jogar fora.

– Quer que eu sirva um pouco de cereal pra você? – sugiro.

– Eu pego.

– Não é trabalho nenhum. – Dou uma piscadela para ele. – Gosto de cuidar de você.

Ele dá uma risadinha meio sem graça. Cooper foi bem-criado, ou seja, não se omite na hora de fazer coisas em casa. Assim que nos casamos, ficou chocado quando me ofereci para lavar sua roupa dali em diante. Mas isso fazia sentido, uma vez que ele trabalhava fora e eu não. Se eu podia facilitar a vida dele, por que não? Afinal, eu não tinha nada melhor para fazer.

Cooper se acomoda numa das cadeiras ao redor da mesa da cozinha e fica ali sentado me observando servir seu café da manhã. Enquanto estou despejando leite na tigela, seu celular começa a tocar e ele o tira do bolso. O aparelho não é o último nem o penúltimo modelo. Cooper só troca de celular quando fica tão velho que os aplicativos param de atualizar. Não comprou um smartphone até todo mundo que conhecia já ter um e eu lhe dizer que iria confiscar seu modelo de flip. Ao contrário de mim, tem aversão a tecnologia. Evita todas as redes sociais e não gosta nem de mandar mensagem de texto, a menos que seja forçado. *O que tem de errado com as ligações?*, resmunga ele com frequência.

Essa é uma das coisas que amo nele. Ele é o contrário do que eu costumava ser.

Cooper baixa os olhos para a tela do celular e franze a testa. O olhar se ergue para mim por um milésimo de segundo, e não posso deixar de reparar que inclina o aparelho para eu não conseguir ver a tela. Ele silencia a ligação e torna a enfiar o celular no bolso.

Coloco o cereal dele na mesa. Não é exatamente um café da manhã gourmet, mas, ao contrário de nossas filhas, pelo menos ele come alguma coisa antes de sair. Só que, em vez de começar a comer, ele se põe a mexer na gravata. Em geral, não usa gravata, mas hoje é um dia bem importante para ele.

– Deixa eu te ajudar com isso – digo.

– Não precisa.

– Não, deixa que eu faço. Chega a doer te ver tentar.

Cooper se levanta, prestativo. Está bonito hoje, com a camisa recém-passada e o cabelo ainda um pouco úmido do banho. Tem 40 e poucos anos, como eu. Na verdade, 40 e *muitos*, para ser totalmente pedante em matéria de denominação. Mas, mesmo que os cabelos estejam um pouco mais ralos do que antes, continua sendo um homem bonito. Nem parece muito diferente do que era quando nos conhecemos, aos 20 e poucos anos, embora talvez, por vê-lo todos os dias, seja só por isso que não reparo nas mudanças mais graduais. Não é um cara de parar o trânsito, mas, pensando bem, nunca foi. Cooper é bonito daquele jeito engraçadinho de rapaz normal, mais ou menos como eu sou bonita daquele jeito engraçadinho de moça normal.

Ou pelo menos era.

Ajusto a gravata ao redor do pescoço dele, e é nessa hora que o olhar de Cooper desce até meu vestido, um modelo branco estampado com formas vermelhas irregulares. Juro que na loja parecia ótimo, mas, quando olho para a estampa agora, as formas vermelhas meio que parecem… bom, parecem manchas de sangue.

Droga. Talvez eu devesse mudar de roupa.

– Ei, você tá *ótima* – diz ele.

Parece sincero.

– Obrigada.

– Seu ensaio fotográfico é hoje, né?

Ele lembra. Cooper talvez seja a única pessoa na minha casa que de fato escuta as palavras que saem da minha boca.

– Isso. Eles vão chegar às dez.

– Isso é *muito* bacana. – Ele me envolve com os braços e me puxa para perto. – O nosso jardim vai sair numa *revista*. A gente vai ficar famoso!

Acho que Cooper está superestimando absurdamente o alcance da revista *Jardim de Casa*.

– Não é pra tanto.

– Não se menospreze. – Ele me dá um selinho. Cooper tem a altura perfeita para nos beijarmos em pé. – Vivo dizendo pra todo mundo que você é a melhor jardineira da cidade.

– Humm.

– Eu tenho a mulher mais talentosa do bairro todo. – Ele me beija de novo, dessa vez mais profundamente. As palavras seguintes são sussurradas no meu ouvido: – E a mais gostosa.

Cooper e eu já somos casados há quase vinte anos, e mesmo depois desse tempo todo ele continua fazendo eu me sentir tão bonita quanto no dia em que nos conhecemos. Age como se eu ainda fosse aquela mesma recepcionista de 20 e poucos anos, repassando com ele os livros-caixa da empresa enquanto ele tentava fingir que não estava olhando para as minhas pernas.

Quando ele me chamou para sair, quase recusei por reflexo. Quase parei de falar com ele. Na época, não estava saindo com ninguém, mas algo no olhar dele me fez mudar de ideia. Agora, tantos anos depois, não me arrependo de nada… pelo menos, de nada em relação a ele.

Fico me perguntando se ele também se sente assim.

Por fim, me afasto do beijo com uma pontada de arrependimento. Por mais que esteja ansiosa pela tal sessão de fotos, uma rapidinha com Cooper também não cairia mal. Ele sempre parece estar a fim de manhã, mas nenhum de nós dois está com tempo para isso.

– Você tá gastando meu batom – digo de brincadeira, indicando com um gesto a mancha vermelha que minha boca deixou na dele.

Cooper dá uma risadinha e pega um guardanapo em cima da mesa para se limpar.

– Ken não iria gostar se eu chegasse no trabalho de batom.

O que não quer dizer grande coisa. O chefe dele vê problema em *tudo*.

– Então é hoje que você vai falar com ele sobre… você sabe? – pergunto.

Cooper se retrai. Faz uma década que trabalha para Ken Bryant, e ele não está ganhando nem de longe o que merece. Cooper Mullen tem muitas boas qualidades: é bom marido, bom pai e um contador muito bom também. Mas seu defeito fatal é não ser ambicioso. Ele não quer abrir o próprio escritório, mesmo sabendo que pode ganhar mais com isso. Vem sondando Ken em relação à ideia de virar sócio do escritório dele, e os dois marcaram uma reunião sobre essa pauta para hoje. Daí a gravata que ele parece não saber como amarrar.

– Supostamente, sim – resmunga ele, sem me olhar.

Adeus, clima de sedução.

Removo o pedacinho de papel higiênico do corte em seu queixo, e ele faz uma careta.

– Ele não vai querer te perder. Você é incrível no que faz. Diz pra ele o que você quer e pronto. Aposto que ele vai ficar feliz em te ter como sócio.

– Não vai, não – retruca Cooper, o que provavelmente é verdade.

– Mesmo assim. Defende o seu ponto de vista e não arreda o pé.

Cooper começa a dizer alguma outra coisa, mas não escuto, distraída pela visão de relance de um caminhão passando junto à lateral da casa. Pelo visto, um eletricista chegou para ajudar o coitado do Brett. Espero mesmo que o estrago no quadro de luz não seja bem pior do que ele pensa.

CINCO

COOPER

Debbie faz um nó de gravata perfeito.

Já amarrei dezenas de gravatas (dezenas não, centenas), mas meu nó sempre fica parecendo feito por uma criança pequena. Não sei qual é o problema comigo; eu simplesmente não tenho destreza nenhuma. Mas-Debbie sempre dá um nó perfeito. É um dos superpoderes que ela tem, além de fazer surgirem do nada aquelas flores coloridas do nosso quintal dos fundos.

E essa é apenas a ponta do iceberg. Minha esposa é boa em tudo que tenta fazer. Ela é um gênio: criou vários aplicativos para nossos celulares que funcionam mesmo. Ela mesma os programou. Eu mal consigo entender como se usa a maior parte das porcarias que tem no meu celular, e ela lá, criando aplicativos do zero.

Sinceramente, às vezes fico me perguntando como ela acabou nessa vida, casada com um zé-ninguém feito eu.

– Mas não esquece. – Debbie ergue o rosto para me encarar. Quase tinha esquecido o quanto ela fica bonita maquiada. – Não *pede* o que você quer. *Fala* pra ele o que você quer.

Ela está se referindo à sociedade no escritório. Está mais confiante do que eu, o que se deve ao fato de nunca sequer ter encontrado Ken Bryant. Meu chefe tem uma política muito estrita de separação entre vida pessoal e profissional. Na empresa, não temos festas de Natal caprichadas, às quais cônjuges e filhos são convidados e em que um de nós se veste de Papai Noel.

Ken não gosta nem que se ponha uma *foto* da família no escritório. O cara sorri tipo duas vezes por ano, no máximo.

Então, não, não estou confiante em relação à reunião. Nem um pouco.

Não posso admitir para Debbie que essa reunião quase com certeza não vai correr do jeito que ela espera. A hipoteca da nossa casa é deprimente de tão alta, e o custo de vida na nossa cidade é estratosférico. Debbie ganha um pouco de dinheiro no jornal, mas o principal provedor sou eu. Precisamos desse meu aumento de salário… precisamos demais.

Mas talvez ela tenha razão. Quem sabe o Ken tope. Afinal, ele não quer me perder.

– Autoconfiança – lembra Debbie. – Agora, come o seu cereal.

Abro um sorriso para ela.

– Sim, senhora. Mas só porque pediu com *autoconfiança*.

Eu me acomodo na cadeira em frente a ela para começar a comer. O café da manhã é aquele cereal com fibras horroroso que ela começou a comprar um tempinho atrás. Mesmo detestando, enfio tudo goela abaixo. Vivo querendo lhe dizer para comprar alguma coisa que não tenha o mesmo gosto da caixa de papelão na qual foi embalada, mas pelo menos isso é saudável. Considerando o gosto, só pode ser.

Enquanto como, apoio a mão num gesto protetor por cima do bolso onde meu celular está aninhado. Tento não demonstrar, mas aquele telefonema inesperado me desconcertou. Como ela pôde me ligar sabendo que ainda estou em casa, em pleno café da manhã? Se Debbie tivesse visto…

Nem quero pensar nisso.

Engulo mais algumas colheradas de cereal de papelão, e isso é praticamente tudo que consigo suportar. Limpo a boca com as costas da mão e me levanto.

– Melhor eu ir andando. Não quero chegar atrasado hoje. Deixa eu só pegar meu almoço.

– Na verdade… – Debbie se levanta depressa, nervosa. – Ainda não tive tempo de preparar seu almoço. Mas posso fazer isso agora. Quer que eu faça um sanduíche?

Debbie *sempre* prepara meu almoço. Nunca lhe pedi para fazer isso, mas, assim que nos casamos, ela afirmou que essa era uma das suas responsabilidades. Não pude dizer não, uma vez que a comida que ela

preparava era sempre muito melhor do que o que havia à venda no escritório ou em algum drive-thru.

É a primeira vez em todo o nosso tempo de casados que ela não preparou nada para eu levar. Isso me deixa estranhamente desestabilizado.

– Não tem problema. – Não quero deixar transparecer o quanto estou magoado com o fato de a minha esposa ter se esquecido de preparar meu almoço. Sou um homem adulto, e dizer isso em voz alta parece ridículo. – Eu compro alguma coisa lá perto do escritório.

Dou a volta na mesa para beijar Debbie. Não acho que tenha saído de casa algum dia sem beijá-la, e esse é um ritual que *não* vamos esquecer hoje. Pressiono os lábios nos dela enquanto desço a mão até suas costas, sentindo, através do vestido, a curva delicada de suas costelas.

Quando nossos lábios se separam, Debbie me encara.

– Boa sorte com o Ken.

É, vou precisar.

Como deixei o carro fora da garagem, saio pela porta da frente para pegá-lo. Tranco a porta depois de sair, reflexo que Debbie me fez adquirir. Moramos num bairro seguro, mas ela sempre diz que deixar a porta destrancada é pedir para ter problemas.

– Mullen!

Tiro a chave da fechadura bem a tempo de ver meu vizinho Brett-Carlson no gramado em frente à nossa casa, esmagando com as botas a grama verdinha que minha esposa gastou tanto tempo para manter viçosa e saudável. Não sei como Debbie faz isso. Ela é uma espécie de gênio das plantas.

– E aí, Brett? – indago, engolindo a irritação por conta da grama.

Só então reparo que os dentes dele estão trincados. Um músculo debaixo do seu olho direito treme ao mesmo tempo que ele dá um passo ameaçador na minha direção. Parece *furioso*. Nunca troquei socos com ninguém e fico com medo de que isso vá acontecer pela primeira vez hoje. Agora.

– O eletricista tá aqui – anuncia ele para mim, ríspido. – Ela não só cortou o fio do disjuntor. Destruiu a fiação toda também.

De que diabos ele está falando?

– Fiação?

– Do meu quadro de luz – esclarece Brett. – Sua mulher entrou de fininho no meu porão ontem à noite e destruiu tudo.

No começo, acho que ele está brincando, então dou risada. Mas a expressão de fúria no seu rosto rapidamente faz o sorriso desaparecer do meu.

– Que história é essa? – Balanço a cabeça. – A Debbie não fez nada com o seu quadro de luz.

– Mentira. É ela quem vive reclamando com a polícia da minha música.

Essa parte é verdade, mas mesmo assim essa acusação é um absurdo. Eu poderia achar que Brett andou bebendo, mas não sinto cheiro de álcool nele.

– Você tá enganado.

– Não estou, não – retruca ele. – E Cooper, vou te dizer uma coisa: é melhor você ficar de olho nessa sua mulher.

Reviro os olhos, então me lembro de quanto detesto quando Lexi faz isso.

– Ah, é?

– É. – Ele me encara com firmeza. – Ela é um *perigo*.

Não sei o que responder.

Sendo assim, fico de boca fechada. Debbie sempre diz que não se pode convencer alguém racionalmente a mudar uma opinião que não é racional. Por sorte, o eletricista sai da casa de Brett e o chama, de modo que ele me deixa em paz. Mesmo assim, meus ombros só relaxam quando ele torna a entrar e a porta se fecha.

Passo alguns instantes pensando se deveria alertar Debbie em relação ao fato de Brett estar pronto para a guerra. Mas isso parece desnecessário. A acusação dele é tão absurda que tenho certeza de que ele em breve vai se dar conta de que cometeu um erro terrível.

SEIS

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Vou te contar: eu adoro jazz. Para mim, nada se compara a ligar o rádio e ouvir alguma faixa de Kind of Blue. *Mas o meu marido, esse abençoado, nunca quer me deixar ouvir jazz! Ele só curte música folk, que na verdade não faz nem um pouco o meu estilo.*

Mas o cúmulo é o seguinte: quando estamos no carro dele, ele diz que, como está dirigindo, quem deve escolher a música é ele. Justo, respondo. Só que, quando estamos no meu carro e sou eu quem está dirigindo, ele diz que, como ganha mais do que eu, tecnicamente o carro é dele, então também é ele quem deve escolher a música! Me diga se isso não é a maior baboseira que você já ouviu na vida!

Não me importo de ouvir o que ele quiser, mas me parece que eu deveria poder escolher a música pelo menos de vez em quando! O que devo fazer?

Frustrada com Música Folk

Querida Frustrada com Música Folk,

Acredite: vocês não são o primeiro casal a travar uma batalha por causa da trilha sonora de uma viagem de carro! Mas casamento significa fazer concessões, então esse é um bom lugar para começar. Antes de seu próximo trajeto longo, pense em alguns artistas que vocês dois gostem de escutar e faça uma playlist baseada neles. Assim os dois vão poder curtir o som!

Se seu marido não gostar desse meio-termo, é hora de sacar seu kit de costura! Misture um anti-histamínico no vinho dele à noite e, enquanto ele estiver dormindo, você pode fazer um furinho no tímpano dele usando a agulha do kit (que práticos, esses kits!). Quando tiver

terminado o primeiro ouvido, passe para o segundo. Pode ser meio chatinho, mas é um procedimento relativamente simples!

Depois disso, ele com certeza não vai mais se importar com o que vocês ouvem no carro.

Debbie

SETE

DEBBIE

As câmeras vão chegar daqui a quinze minutos.

Dou uma última olhada na direção do meu jardim para me certificar de que está perfeito. Sei que rosas fazem muito sucesso, como as de Jo Dolan, que mora aqui na rua, mas tenho uma linda mistura de vívidas flores cor-de-rosa, vermelhas e roxas. Quando o jornalista me perguntou que flores eram, eu disse que eram silvestres porque é isso que parecem ser, mas na verdade não são.

Se eu lhes dissesse que flores são, a revista não faria matéria nenhuma comigo. Nem Cooper sabe.

Como o jardim está perfeito, baixo os olhos mais uma vez para o meu vestido e aliso qualquer vinco. As manchas vermelhas parecem mesmo de sangue, mas não sei se vale a pena me trocar por causa disso. Nem sei se vão me fotografar e, se for o caso, talvez seja só uma de rosto.

Confiro o relógio de pulso: ainda faltam dez minutos. O tempo parece estar passando em câmera lenta. De repente me ocorre que eles vão querer um café, então começo a passar um na cafeteira ultramoderna que ganhamos de presente para a casa nova e que Cooper na mesma hora taxou de "complicada demais". Ele agora toma café no trabalho. Mas não chega a ser tão difícil quanto física nuclear (que na verdade nem se compara à complexidade da minha matéria de sistemas avançados de base de dados na faculdade). Ponho o pó e aperto o botão de ligar. Pronto. O café vai ficar pronto em breve.

Como estou ansiosa demais para ficar sentada na cozinha, me encaminho para a porta da frente. Espio pela janela para ver se eles chegaram cedo e estão esperando dar dez horas só por educação, mas não há nenhum carro desconhecido estacionado em frente à minha casa. No entanto, vejo Bev Petrie, que mora bem do outro lado da rua, de quatro no chão de terra, e, antes de conseguir me conter, já estou correndo porta afora.

– Bev! – chamo. – Bev, tudo bem com você?

Bev tem 87 anos e mora sozinha na pequena casa de um andar a poucos passos da minha. Está com a cabeça ótima, mas é tão frágil que uma rajada forte de vento pode levá-la embora. Adquiri o hábito de passar rapidinho na casa dela para ver se está precisando de ajuda com alguma coisa – em geral, para tirar o lixo e levá-lo até a calçada, carregar um saco gigante de ração para seu cachorro tão velho quanto ela (em idade canina) e, naturalmente, tarefas ligadas ao gramado. Tenho medo de que uma queda feia a faça ir parar no hospital com uma fratura de quadril, e torço para não ser isso que aconteceu hoje.

– Bev! – repito quando chego mais perto, porque a audição dela não é mais como antigamente. – O que houve? Você caiu?

Bev ergue os olhos azuis levemente turvos e um sorriso lhe enruga o rosto. Não parece estar gravemente ferida, e agora vejo que está fazendo *jardinagem*.

– Debbie! Bom dia!

Estendo a mão para ajudá-la a se levantar; tenho medo de isso não ser mais possível sem a minha ajuda. Faço uma anotação mental para ir ver como ela está com mais frequência.

– Eu só estava tentando tirar umas ervas daninhas. – Ela lança um olhar enfezado para o próprio jardim. – Esse maldito capim invade tudo. A Jo Dolan comentou que eu tenho mais ervas daninhas do que flores.

– Posso ver isso pra você nesse fim de semana, Bev – sugiro.

Os olhos dela se iluminam.

– Pode mesmo?

– Claro. É fácil.

As pessoas com frequência escrevem para a *Querida Debbie* pedindo ajuda para matar ervas daninhas sem prejudicar as outras plantas. Em geral, recomendo uma solução de vinagre, sal e sabão. Mas meu método preferido

para matá-las é pegar uma chaleira com água fervente e queimar as danadinhas.

Bev me olha de cima a baixo.

– Que bonita você está hoje! É o dia do seu ensaio de fotos?

– É, sim. Melhor eu voltar pra dentro.

Acabou de dar dez horas, e, embora claramente o fotógrafo ainda não tenha chegado, não pegaria bem eu nem estar em casa quando isso acontecesse.

– Boa sorte, meu bem – diz Bev. – A Jo vai ficar louca de inveja! Mal posso esperar pra ver a cara dela!

Dou de ombros e ajo como se não estivesse nem aí, mas estaria mentindo se dissesse que não vai me dar um pouquinho de alegria me vingar da minha vizinha que vive me menosprezando. Jo acha que tem o melhor gramado do quarteirão e diz isso a qualquer um que esteja disposto a escutar.

Eu me despeço de Bev e torno a atravessar a rua até a minha casa. Já se passaram vários minutos das dez, e ainda nem sinal do pessoal da revista. Devem estar atrasados. Ninguém chega na hora para nada no mundo real. A única coisa para a qual se deve chegar na hora é o ônibus escolar, porque ele não espera por ninguém.

Quando entro na cozinha, a cafeteira emite um silvo alto e um filete lento e constante de líquido marrom começa a pingar no bule. Perfeito. Agora tenho café. Estou totalmente pronta para quando eles chegarem.

Olho o relógio outra vez. Tenho um telefone da revista, mas detesto ser esse tipo de pessoa. *O seu fotógrafo está quinze minutos atrasado. Cadê vocês?* Tenho certeza de que vão chegar em breve. A *Jardim de Casa* não iria simplesmente me dar um bolo.

Ou iria?

Fico sentada em frente à mesa da cozinha batendo com o pé no chão enquanto escuto o café pingar lentamente dentro do bule. Dou uma olhada no relógio de poucos em poucos minutos, e assim mais alguns se passam, mas o fotógrafo ainda não chegou. Verifico até meu e-mail para confirmar que foi esse o dia e o horário combinados.

Às 10h25, não aguento mais. Checo o número de telefone que está num e-mail de Nita Geisler, a jornalista que entrou em contato comigo para falar das fotos. Ela veio à minha casa e se derramou em elogios ao lindo jardim, e

nós marcamos esse ensaio fotográfico para hoje. Dia 26 de setembro, às dez da manhã.

Digito o número no meu celular com dedos ligeiramente trêmulos. Passei a última semana na expectativa desse ensaio, e por algum motivo devo ter confundido alguma coisa. Afinal, com certeza é culpa minha. Vai ver não confirmei o dia e o horário como deveria. Uma revista que se preze não iria simplesmente não dar as caras dessa forma.

– *Jardim de Casa* – entoa uma voz animada de mulher do outro lado da ligação.

Ótimo. Estava torcendo para o número ser uma linha privativa de Nita, mas pelo visto vou ter que lidar com uma leoa de chácara.

– É… oi – digo. – Aqui quem fala é Debra Mullen. Estou tentando entrar em contato com Nita Geisler.

– Claro! Qual seria o assunto?

– Bom… – Brinco com um cacho do meu cabelo, mas então acabo puxando-o com tanta força que meu couro cabeludo dói. – Ela tinha combinado de vir aqui hoje com um fotógrafo às dez da manhã, só que não apareceu.

– Humm. – Teclas estalam do outro lado. – Não estou vendo nada marcado na agenda da Nita pra hoje.

– Bom, ela me mandou um e-mail dizendo que o nosso encontro era hoje de manhã. – Faço uma pausa. – Estou com o e-mail aqui…

– Que coisa mais estranha! – exclama a recepcionista, como se tivesse sido incumbida de solucionar um mistério particularmente difícil. – Deixa eu investigar! Um instante, por favor.

A música de espera é uma canção da Taylor Swift. Costumo gostar das músicas dela, mas *não estou* no clima agora. Além disso, quanto mais tempo passo aqui esperando, mais começo a captar a mensagem implícita de que o problema sou eu; a culpa é minha.

Quando estou prestes a desligar, a voz da garota entoa:

– Sra. Miller?

– Mullen – corrijo.

– Sra. Muller – repete ela, fazendo uma tentativa admirável de acertar meu sobrenome na segunda tentativa. – Estou com Nita Geisler na linha. Pode aguardar um instante?

Reprimo um revirar de olhos digno de Lexi, sem entender por que ela

não poderia ter me transferido diretamente para Nita, considerando que eu já estava em espera. Minha sensação é de estar tentando falar com o *presidente* ou algo assim. Nita não passa de uma jornalista de uma revista insignificante de jardinagem.

– Claro.

Sou obrigada a ouvir mais quinze segundos de música de espera antes de a voz fanhosa de Nita soar do outro lado.

– Alô? – diz ela.

– Oi! – exclamo, pateticamente agradecida por estar falando com um ser humano, e não escutando música. – Aqui é a Debbie… Debra Mullen, lembra? Nós… enfim, eu pensei que a equipe de fotografia fosse vir aqui hoje de manhã. Fotografar meu jardim, sabe? Era isso que o e-mail dizia. Por acaso, eu… por acaso entendi errado a data?

– Ah, Debbie – diz Nita com um suspiro. – Eu sinto *muito* mesmo. Pensei que minha assistente tivesse te ligado pra cancelar, mas pelo visto não ligou.

Fantástico. Passei a manhã inteira aqui esperando com meu vestido de manchas de sangue a troco de nada. Bom, pelo menos posso escolher alguma coisa menos sanguinolenta para vestir quando a sessão de fato acontecer. Agora que sei que não vai ser hoje, fico um pouco aliviada.

– Então vamos remarcar?

– Na verdade, nós decidimos ir por outro caminho – diz Nita.

O alívio que senti um segundo antes desaparece, substituído por uma sensação de náusea bem no fundo do estômago.

– Outro caminho?

– Bem – diz ela –, quando estávamos saindo da sua casa, topamos com sua vizinha Josephine Dolan. Vimos o roseiral dela, e rosas são uma flor tão clássica… Achei que seria um visual retrô bacana para o ensaio de fotos.

Fico de queixo caído. Estou completamente estupefata. Jo *roubou* meu ensaio fotográfico?

– Eu achava que a minha assistente tivesse te avisado – acrescenta Nita. – Eu sinto muito *mesmo*. Espero que não tenha tido trabalho demais.

– Não – respondo, anestesiada. – Não tive, não. Mas… enfim, vocês não podem fotografar os dois jardins? É um ou outro?

Ela ri.

– Não dá pra gente cobrir dois jardins no mesmo quarteirão. Seria

ridículo.

É claro que seria.

– Mais uma vez, peço desculpas pelo que aconteceu, Debbie – repete ela. – Como compensação, teremos prazer em te oferecer três meses de assinatura da *Jardim de Casa*. Precisaríamos do seu cartão, claro, mas você poderia cancelar a qualquer momento depois do período gratuito. Mas a maioria das pessoas adora a assinatura e continua recebendo a revista por anos.

Fico sem saber o que responder. Não quero receber em casa uma revista com uma matéria enorme sobre o jardim de Jo.

– Então, posso transferir você de volta pra minha recepcionista para ela poder anotar seus dados? – pergunta Nita.

– Claro – consigo dizer.

Porém, assim que Taylor Swift volta a tocar, desligo o telefone.

Fico sentada diante da mesa da cozinha, encarando a cafeteira agora cheia. Vou ser obrigada a jogar tudo fora na pia. Jo e eu temos uma rivalidade saudável em relação a nossos jardins há anos, mas nunca pensei que ela fosse se rebaixar a esse ponto. Quero acreditar na existência de alguma informação que não envolva ela ter roubado minha matéria de revista bem debaixo do meu nariz.

O cheiro de café recém-passado preenche o recinto, mas a única coisa que poderia fazer com que eu me sentisse melhor nesse momento não é café. Preciso de uma bebida forte.

Não sou muito de beber, e Cooper tampouco, mas ainda tenho uma garrafa de pinot grigio caro que minha vizinha Rochelle me deu de Natal ano passado, garantindo que o que quer que eu lhe desse em troca não fosse tão bacana. Ainda não consegui abrir a garrafa, mas essa agora me parece uma boa oportunidade.

Guardamos a garrafa de vinho no armário acima da geladeira. Preciso ficar na ponta dos pés para abri-lo, e seguro a garrafa com a mão direita. Não sou grande fã de vinho e reconheço que beber de manhã é um movimento perigoso, mas tento não pensar no assunto. A bebida vai anestesiar a dor do telefonema.

A primeira coisa que reparo na garrafa de vinho é que a rolha já foi sacada. Mas isso não é *tão* estranho assim. Vai ver Cooper tomou uma taça

em algum momento. Só que, quando ergo a garrafa, ela parece totalmente cheia. Será que alguém a abriu, depois acabou não tomando nada?

Retiro a rolha e nem me dou ao trabalho de ir pegar uma taça. Bebo direto do gargalo, sem me demorar agitando o vinho na boca para saborear os tons frutados ou sei lá o quê. Tudo que eu quero é a sensação agradável e anestesiante.

Só que, quando tomo um gole, tenho uma grande surpresa. Não há nenhum tom frutado ou sensação agradável e anestesiante. Não há nada.

O gosto é de água.

Fico encarando a garrafa sem entender. Será que li errado o rótulo e aquilo na verdade é água com gás? Só que não tem gosto de água com gás. Tem gosto de água da torneira.

Vou até a pia e inclino o gargalo da garrafa até o conteúdo se derramar. Imaginaria que um líquido claro cor de palha fosse escorrer na minha pia, mas é praticamente transparente. Alguém bebeu meu vinho e depois o substituiu por água para eu não perceber.

Quem teria feito uma coisa dessas?

Com um choque de cem por cento de certeza, sei quem deve ter sido. Zane. O namorado de Lexi.

Já sabia que esse garoto não era flor que se cheire, e agora o peste, além de todo o resto, está *tomando a nossa bebida*. É claro que, se eu comentar alguma coisa com Lexi, ela vai negar. Para ela, é Deus no céu e Zane na terra. Tudo que posso fazer é me certificar de não haver mais bebida alcoólica em casa para ele roubar.

Estava na expectativa da sensação agradável de ficar de pilequinho. Mas agora essa possibilidade é carta fora do baralho, e não consigo me livrar da raiva do que acaba de me acontecer. Era para o meu jardim sair numa revista. Estava tudo combinado, e minha vizinha roubou isso de mim.

Bom, ela não vai sair impune dessa. Vou lá na casa dela agora mesmo.

OITO

Jo Dolan e eu moramos no mesmo quarteirão, ela numa ponta e eu na outra. Como o terreno é inclinado, se o quarteirão fosse considerado um morro, eu estaria no topo e ela no pé. Jo diz que não consegue mais andar muito bem, por isso não sobe com frequência o morro até minha ponta do quarteirão.

Pelo visto, ela abriu uma exceção quando Nita Geisler esteve aqui.

Não me dou ao trabalho de trocar o vestido, mas tiro os saltos desconfortáveis e os troco por um par de sapatilhas que comprei numa liquidação, leve dois pague um. Tentei dar o outro par de presente para Lexi, mas ela me encarou como se eu estivesse lhe oferecendo veneno, então acabei ficando com os dois.

Desço o quarteirão até a casa de Jo.

A casa dela não tem nada de especial. Como muitos dos imóveis por aqui, inclusive o meu, é uma casa velha. Deve ter sido construída no final do século XIX, mas foi reformada por dentro, embora a reforma não seja recente. O exterior está pintado de um cinza sem graça, e os detalhes, de um tom de cinza ligeiramente diferente. É o tipo de casa pela qual se poderia passar cem vezes sem reparar nela.

A não ser pelo jardim de rosas espetacular.

O roseiral dela é lindo. Quanto a isso, preciso dar o braço a torcer. Tem rosas amarelas, vermelhas, cor-de-rosa clarinho e brancas. Elas margeiam

seu quintal com flores de cores vivas que consigo ver desde o meio do quarteirão. Dá bastante trabalho cultivar essas rosas, mas, enfim, é um roseiral. É *claro* que as flores vão ser bonitas.

Jo se gaba de sua casa ainda ter a mesma porta original da época da construção. Hingham tem uma longa história colonial, e muitas das casas aqui foram construídas no século XIX, ainda que mais recentemente tenham sido reformadas para incluir luxos como, por exemplo, tomadas elétricas. A minha casa tem mais ou menos a mesma idade que a de Jo, mas grande parte da marcenaria original já foi trocada, inclusive as portas. Não posso dizer que derramei alguma lágrima por não ter uma porta de duzentos anos, mas a dela de fato tem uma grande aldraba de bronze rebuscada. Escolho tocar a campainha.

Jo não se apressa nem um pouco para vir atender à porta; demora tempo suficiente para eu me sentir inclinada a tocar uma segunda vez. Depois do segundo toque, uma voz atrás da porta ladra:

– Tá, tá bom, calma! Já estou indo!

Jo está de vestido, como eu, embora o dela seja do tipo largão que não pode ser usado para ir a outro lugar que não o próprio quintal ou quem sabe o mercado, porque dá a impressão de que a pessoa está andando por aí de camisola. Seria falta de educação perguntar quantos anos ela tem, mas, a tirar pelos cabelos grisalhos curtinhos e pelas rugas do rosto, eu chutaria 60 e lá vai pedrada. Nunca se casou nem teve filhos, tampouco tem animais de estimação; grita com qualquer pessoa que apenas passe com um cachorro na calçada dela. Tenho a sensação de que na verdade ela não gosta muito de nenhuma espécie do reino animal. Mas de rosas ela gosta.

Seja como for, tenho certeza absoluta de que ela não gosta de mim.

– Ah. – Jo parece visivelmente decepcionada ao dar comigo na porta de casa. – O que *você* quer?

– Acabei de falar ao telefone com a *Jardim de Casa*.

Essa revelação específica faz um sorriso brotar em seu rosto.

– Ah, é?

– Eles me disseram que você os convenceu a fotografar o seu jardim em vez do meu. – Estou quase cuspindo fogo de tanto ódio – Não acredito que você fez isso.

Jo é vários centímetros mais baixa do que eu e, quando ergue os olhos para me encarar, não exibe nem um pingo de remorso.

– Eu não os convenci a nada. Vi o pessoal aqui olhando seu jardinzinho patético e perguntei se queriam ver um jardim *de verdade*. Tudo que aconteceu depois disso na verdade foi decisão *deles*.

– Eu liguei pra eles pra falar do meu jardim – observo. – Já tinha um combinado com eles. A matéria era *minha*. Você a roubou de mim, Jo.

– Eu não fiz nada disso! – insiste ela. – Sinceramente, você deveria me agradecer. Eu te poupei do constrangimento de ter aquele seu jardinzinho pífio numa revista. – Ela me olha de cima a baixo com um sorriso irônico. – E pelo visto te poupei também do constrangimento de aparecer numa revista com cara de quem acabou de sair de um abatedouro.

Eu deveria ter previsto que isso iria acontecer. O que eu estava achando? Que Jo fosse cair de joelhos me pedindo perdão? Deveria ter adivinhado que ela iria justificar tudo que fez.

Sinto um zumbido repentino na nuca, como se houvesse uma mosca presa dentro do meu crânio tentando se libertar. Fico imaginando o que será isso. Será que estou tendo um AVC? Será que vou cair dura agora, bem na varanda de Jo, em frente à porta original com a qual a casa dela foi construída?

– Vamos fazer o seguinte – diz Jo. – Quando a matéria sair, vou ter prazer em te dar uma cópia. Ponho na sua caixa de correio. Assim você vai poder ter a emoção de contar às pessoas que o bairro onde mora saiu numa revista.

O zumbido aumenta. Fecho os olhos por alguns instantes para tentar me acalmar. Quando os abro, Jo continua ali parada em seu vestido de ficar em casa, com uma expressão de superioridade no rostinho cruel.

– Existe uma coisa chamada carma, sabia? – digo.

Ela dá um aceno com a mão.

– Eu não ligo pra essa bobajada hippie.

– Você sabe o que significa carma?

– Não sei nem quero saber.

Meu maxilar se contrai.

– Significa que tudo que vai volta.

Jo literalmente ri na minha cara, e o som parece o de unhas arranhando um quadro-negro. Nunca gostei de Jo Dolan, mas nesse momento eu a odeio.

– Se é o que você diz, Debbie – zomba ela. – Mas pra mim isso parece

papo de quem não sabe perder.

Perder. Ultimamente tenho sentido que ando perdendo muita coisa. Não consigo controlar minhas filhas, estamos com problemas financeiros porque meu marido não pede um aumento e não consigo nem fazer uma revista de segunda linha fotografar meu jardim. Nunca me senti tão derrotada em toda a minha vida. Jo claramente percebeu que eu estava fraca e aproveitou para dar o bote.

– Carma – repito.

Ela só balança a cabeça.

– Eu te mando a matéria, Debbie.

Então bate a porta na minha cara.

NOVE

Como me embebedar não parece ser uma opção fácil, faço a segunda melhor coisa que posso: vou malhar.

Faz uns seis meses que entrei para uma academia aqui perto chamada Titan Fitness. Como Cooper já malhava lá, conseguimos um desconto no plano familiar. Antes, eu não gostava de me exercitar, mas tenho me forçado. Cansei de ser fraca e fora de forma. E fiquei viciada na onda de adrenalina que sinto ao testar os limites do meu corpo na esteira.

É melhor do que qualquer antidepressivo. E eu sei do que estou falando: já tomei todos os que existem, num momento ou em outro.

Antes de ir para a academia, passo no viveiro onde compro meu material de jardinagem. Não estou precisando de nada para o jardim hoje, mas tem uma compra correlata que preciso fazer. Tomara que eles tenham.

O viveiro está surpreendentemente movimentado para uma quarta-feira de manhã. Atravesso a área fechada com vidro que abriga diversas plantas e entro na área central da loja. Desconfio que o produto que procuro fique na parte principal, mas não tenho certeza absoluta, já que nunca comprei nenhum pesticida aqui antes.

Felizmente, vejo Lou, o senhor de idade que é dono do viveiro junto com a esposa, Louise (pois é… uma fofura). Ele sabe praticamente tudo sobre plantas e com certeza vai conseguir me ajudar mesmo que eu não encontre o

que quero aqui. Está ocupado arrumando um carregamento de vasos de barro numa das prateleiras, tão concentrado que preciso pigarrear várias vezes para atrair sua atenção.

– Debbie! – Ele se alegra quando finalmente me vê ao seu lado. – Como posso te ajudar nessa manhã, minha querida?

– Estou procurando armadilhas para aqueles besouros-japoneses.

Lou inclina a cabeça.

– Besouros-japoneses? Está cultivando rosas?

– Não. – Hesito. Não quero falar demais. – São pra uma amiga.

Ele aquiesce, pensativo.

– Nós temos, sim, claro. Esses besouros são uma praga, né? Devem ser a maior praga de jardim que vemos por estas bandas.

– Pelo que me contaram, sim.

Lou me conduz por um corredor identificado com as palavras "Controle de pragas". Entre um frasco de spray contra carrapatos e outro para matar mosquinhas, há várias caixas verde neon identificadas como "Armadilhas para besouro-japonês". Bem ao lado há também um sortimento de refis para as armadilhas. Estendo a mão para um punhado das caixas de refis.

– Esses são só os refis – observa Lou. – Não vão prender os besouros.

– É, eu sei. – Sorrio para ele. – É só disso que minha amiga precisa.

Fico mensurando se três refis vão bastar. Posso voltar para comprar mais se precisar.

Com as três caixinhas nas mãos, entro na fila do caixa onde cinco pessoas aguardam Louise, cuja velocidade de atendimento é cada vez mais lenta. Confiro o relógio e solto um suspiro exagerado que me lembra Lexi. Meu encontro do clube do livro é ao meio-dia e meia e agora são onze horas, ou seja, o tempo para malhar vai ser apertado, a não ser que eu tome banho e troque de roupa na academia.

Jo, aquela desgraçada… é tudo culpa dela.

A fila vai avançando com uma lentidão torturante. Louise está atendendo um cliente que tenta pagar com cheque. Está examinando o cheque com os óculos de leitura, aproximando-o da luz do teto. Quando chegar minha vez nessa fila, talvez já seja meio-dia e meia.

Enfim só resta uma pessoa na minha frente. Quando vou ser atendida, uma mulher esbelta na casa dos 60 que me lembra muito Jo Dolan abre

caminho para passar na minha frente. Está com um saquinho de sementes na mão, que ergue para usar de explicação.

Fico paralisada por um instante, estarrecida com o fato de aquela mulher ter acabado de furar a fila depois de eu passar vinte minutos esperando. O movimento ativa a mesma sensação de zumbido na nuca que senti quando estava conversando com Jo Dolan. Passo alguns segundos encarando a nuca da mulher, então dou um pigarro.

– Com licença – digo.

A mulher me ignora.

– Com licença – repito. – A fila é aqui, atrás de mim.

Dessa vez a mulher vira parcialmente o corpo, me vê parada e parece espantada por eu ter dito alguma coisa.

– Sim, mas eu estava aqui antes – diz ela, como se fosse uma explicação razoável. – E só tenho isso aqui. Só vou demorar um minuto.

O zumbido na minha cabeça se intensifica. Que *negócio* é esse? Será que estou morrendo?

– Não faz diferença quantos itens vai levar. A senhora não pode furar a fila. Todo mundo está esperando – respondo, balançando a cabeça.

A mulher olha para mim, piscando, aturdida, como se estivesse pessoalmente ofendida por eu estar questionando o fato de ela ter passado na frente de umas cinco pessoas.

– Eu não estou furando – insiste ela. – Eu estava aqui *antes*.

Será que ela está de brincadeira comigo? Não consigo entender como algumas pessoas se acham no direito de fazer tudo que querem. Como se estivessem totalmente acima de qualquer regra.

– Pouco me importa se a senhora passou a semana inteira aqui – retruco. – O final da fila é lá *atrás*. Consegue ir lá pra trás sozinha ou vai precisar ser *obrigada*?

A mulher parece prestes a protestar, mas nossos olhares se cruzam e ela muda de ideia. Dá um passo para trás, e uma centelha de medo atravessa seu olhar enquanto segura junto ao peito o saco de sementes.

– Psicopata – murmura entre os dentes.

Só que ninguém mais a ouve, e na realidade algumas palmas se fazem ouvir enquanto ela segue num passo arrastado até o fim da fila. E é então que percebo que o zumbido desapareceu por completo.

DEZ

Já li que, se a academia ficar a mais de quinze minutos de carro de casa, a pessoa vai acabar desistindo de ir. A Titan Fitness é uma academia pequena a dez minutos de carro da minha casa, e desde que me matriculei tenho conseguido manter a respeitável frequência de três idas por semana. Eu não tinha planos de ir hoje por causa do ensaio de fotos, mas minha manhã ficou inesperadamente livre.

O balcão de recepção da Titan é ocupado por uma mulher chamada Cindy, cujos cabelos loiros brilhantes formam cachos em volta das orelhas. Ela tem uns bons dez anos a mais do que eu, e seu nível de força e resistência me deu esperanças quando me matriculei. Naquelas primeiras semanas, eu não conseguia correr mais do que cinco minutos sem ficar ofegante, mas minha resistência aumentou muito. Estou ficando mais forte, exatamente como esperava.

– Oi, Debbie! – Cindy dá uma rápida olhada no relógio na parede enquanto passo o crachá na catraca que me dá acesso às duas salas de aparelhos da academia. – Veio meio tarde hoje.

A última coisa que eu quero é desabafar com a pobre Cindy sobre o dia horrível que tive. Além do mais, já gastei tempo suficiente comprando as tais armadilhas para besouros. Então só dou de ombros e forço um sorriso.

– Vou dar só uma malhada rápida antes do almoço.

– É isso aí! – exclama Cindy, o que de fato faz eu me sentir melhor.

Já vim com a roupa de ginástica e minha bolsa está trancada na segurança do meu carro, então me encaminho diretamente para a área dos aparelhos com minha garrafa d'água para me alongar antes de subir no transport. Preciso de um pouco de cárdio hoje.

– Oi, Debbie! Nunca te vi por aqui na quarta.

Paro um pouco de alongar os posteriores de coxa ao ouvir a voz de Harley Sibbern, uma das personal trainers da Titan que também dá aulas de spinning e kickboxing. Conheci Harley no mês passado, quando ela veio corrigir minha postura enquanto eu levantava pesos. Achei que estivesse tentando arrumar mais uma cliente para seus serviços de personal, mas ela não me ofereceu nada. Começamos a conversar sobre treinos, depois passamos para outros assuntos, e constatei que na verdade eu gostava de conversar com ela.

Desde então, Harley e eu temos tomado café algumas vezes na cafeteria ao lado da academia. Embora ela seja dez anos mais nova do que eu, estranhamente simpatizamos uma com a outra. Tenho amigas cujos filhos estudam na escola das minhas filhas e amigas do bairro, mas Harley parece ser a primeira amiga que faço que é só minha. E é a primeira mulher sem filhos com quem faço amizade em muito tempo, o que considero uma grande vantagem. Ela tem muito mais tempo livre, e além disso podemos conversar sobre outras coisas que não… bom, filhos. É *libertador.*

Além do mais, Harley é *descolada*. Sinto como se tivesse a mesma idade das minhas filhas ao dizer isso, mas nos meus mais de 40 anos de amizades nunca tinha tido uma amiga como ela. Harley tem vários furos em cada orelha e uma mecha rosa nos cabelos loiros. Sempre pressupus que qualquer pessoa descolada assim não fosse querer gastar seu tempo comigo. Quando era mais jovem, eu era bem nerd: obcecada por computadores, sempre estudando. E agora… Bom, na minha idade, se algum dia eu tive a chance de ser descolada, essa época já passou faz tempo.

– Queria malhar rapidinho antes do clube do livro – falo. – Você vai, né?

Ainda estou me adaptando à etiqueta do clube do livro. Não tinha certeza se deveria convidar Harley, porque isso significaria misturar dois universos. Mas também precisava desesperadamente de reforços durante esses encontros. Uma das coisas que mais gosto de fazer é debater livros complexos com outros adultos, mas percebi que não gosto muito de

nenhuma das mulheres que fazem parte do meu clube. Quando Harley comentou já ter lido *Lua de veludo*, decidi arriscar um convite.

– É claro que eu vou – responde ela. – Tem certeza de que não é pra levar nada? Você disse que era uma confraternização.

– Não, não precisa. – Aceno com a mão. – A gente sempre tem comida demais. A Rochelle exagera. Não precisa se preocupar.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Certeza?

Não sei por que ela está tão preocupada. Por que alguém tão descolada e segura de si quanto Harley iria se preocupar com o que um bando de quarentonas de um clube do livro vão pensar a seu respeito? Mas acho que todo mundo tem suas inseguranças.

– Absoluta – respondo. – Agora, me lembra uma coisa. Você disse que tinha alergia a…

– Abacate – diz ela. – Não é mortal nem nada, mas fico toda empolada se comer um pedacinho que seja. Sei que abacate é a gordura saudável preferida de todo mundo, então pra mim isso é bem chato.

– Nada de abacate – determino. – Entendido.

Harley puxa a lycra da calça de ginástica que está usando. Nem se eu passasse todos os instantes daqui até a eternidade nessa academia eu teria um corpo igual ao dela; não depois de duas gestações e 15 anos de vida a mais. Malhar não vai me livrar das estrias nem das partes do meu corpo agora flácidas.

Lembro a mim mesma que fiz por merecer cada imperfeição do meu corpo e que não me arrependo de nada. Certamente, não iria abrir mão de Lexi e Izzy em troca de um abdômen mais firme e peitos mais empinados. E meu marido não parece ver problema em nada.

Harley sorri para mim, sem reparar que estou secando suas coxas.

– Tô muito animada mesmo pra esse encontro. É a primeira vez que faço parte de um clube do livro.

– Ah, é superdivertido.

Só que isso é mentira. Tenho certeza de que existem clubes do livro de fato agradáveis, mas esse não é nem um pouco divertido. Mas, se eu disser isso a Harley, pode ser que ela desista de ir.

– A gente se vê às 12h30, então? – pergunto. – Te encontro lá em casa?

Ela dá uma piscadela para mim.

– Te vejo lá.

Depois de Harley se afastar, subo no transport. O aparelho pode não ser uma garrafa de pinot grigio, mas vai me ajudar a esquecer meus problemas por um tempinho.

ONZE

COOPER

Tem gente que tem amizade com o chefe. Gente que sai para jantar com o chefe, ou que joga golfe com o chefe. Quem sabe vai tomar uns drinques no bar perto do escritório depois de um longo dia de trabalho.

O *meu* chefe prefere que eu fale com ele o mínimo que for humanamente possível.

Não, Ken Bryant não é um chefe caloroso e simpático. Não quer saber como foi meu fim de semana. Não está nem aí se viajei para a praia com a minha família no verão. Ele não quer jogar conversa fora. Tudo que quer é que eu dê conta da porcaria do meu trabalho a tempo, coisa na qual em geral sou excelente.

Ken não ficou muito empolgado quando pedi para conversar com ele no começo da semana. Ao me perguntar sobre o que seria e me ouvir responder "o meu futuro no escritório", pareceu menos empolgado ainda.

Neste momento, estou me preparando psicologicamente para a conversa no cubículo que é minha sala. Daqui a cerca de cinco minutos, estarei explicando a Ken por que ele deveria – não, por que ele *deve, e ponto-final* – me transformar em sócio do escritório. Acho impossível que dê tudo certo. Mas preciso tentar. Quando chegar em casa, Debbie vai me perguntar como foi a conversa, e não posso simplesmente dizer a ela que amarelei, não é?

Ela merece um cara melhor do que eu. Por motivos que ela nem faz ideia.

– Coop? Tudo bem com você?

Ergo a cabeça ao ouvir a voz na porta da minha sala. Jesse entrou para o escritório cerca de um ano atrás, e agora enfim tenho um colega com quem conviveria fora do trabalho. Ele e eu já saímos para jantar; conheci a esposa dele, e ele conheceu Debbie. Chegou a me convencer a me matricular numa academia aqui perto, e eu não fico mais ofegante ao subir a escada de casa.

– Tudo – respondo depressa. – É que… vou ter a tal conversa com o Ken agora, e…

Eu conversei com Jesse sobre a reunião, e assim como Debbie ele acha que eu mereço uma participação no escritório. Não pareceu pensar que fosse um sonho tão impossível assim, como eu. Afinal, faz dez anos que trabalho aqui.

Se meu chefe fosse qualquer outra pessoa que não Ken, eu concordaria com ele. Mas toda vez que imagino a nossa conversa, não consigo visualizar uma forma de as coisas saírem a meu favor.

– Não se preocupa. – Jesse me dá uma piscadela. – A essa hora amanhã você vai ser meu chefe.

– Pode ser… – Esfrego a ponta dos dedos nas têmporas. Nunca tive enxaqueca na vida, mas sinto uma começando. – Se fosse qualquer um que não o Ken…

Jesse se encosta no batente da porta da sala. Não tem como entrar, porque literalmente não há espaço. A sala comporta minha mesa, a cadeira na qual me sento e mais ninguém. Mesmo que por algum milagre Ken concorde em me tornar sócio, não vou ganhar uma sala maior.

– Olha, Cooper, você é um contador muito bom – diz Jesse. – O Ken iria se ferrar se você fosse embora, e ele sabe disso. Você está numa ótima situação. Acredita em si mesmo, tá?

– Tá bom.

– E outra coisa… – Jesse estreita os olhos para mim do outro lado da sala. – O que tá acontecendo com a sua gravata? Ela costuma estar perfeita, mas hoje parece que você pediu pra uma das suas filhas dar esse nó.

Apalpo a gravata, cujo nó tive que refazer ao chegar. Na hora não reparei, mas Debbie fez um nó torto hoje de manhã. É a primeira vez que isso acontece. Acho que estava distraída com a história do ensaio de fotos e tal. Mas pelo visto não me saí muito melhor.

– Quem dá o nó geralmente é a Debbie – explico enquanto tento consertar o estrago. – Tá mesmo tão ruim assim?

– Não, tá tranquilo. – Ele baixa os olhos para o relógio no pulso. – Vai lá, e por favor não sai da sala enquanto ele não te der o que você merece.

O que eu mereço? Já tenho mais do que mereço. Quando estava na faculdade, minha vida inteira estava indo por água abaixo, mas dei um jeito de dar a volta por cima e então conheci Debbie. Apesar de já a ter encontrado algumas vezes, Jesse mal a conhece e não tem como saber que ela é boa demais para mim. Não sabe que fiz muita coisa no nosso casamento que prova que ela merece coisa melhor. Só quero essa promoção para poder alcançar esse padrão impossível. Eu *preciso* dessa promoção… por ela.

Merda, agora estou mais nervoso ainda.

Ken é o único de nós todos da empresa que tem uma secretária. O nome dela é Sra. McCauley, e não podemos chamá-la de outra coisa que não Sra. McCauley. A Sra. McCauley trabalha com Ken desde que entrei no escritório, e possivelmente desde a aurora dos tempos. Apesar de eu ter certeza de que ela sabe que tenho uma hora marcada agora e de que ela *sabe meu nome*, uma vez que já tem anos que trabalho aqui, ela faz cara de paisagem quando me aproximo da mesa que ocupa logo em frente à sala de Ken.

– Pois não? – indaga.

– Eu tenho hora marcada com o Ken – digo entre os dentes.

Ela não está facilitando as coisas, o que imagino ser o objetivo.

A Sra. McCauley me examina através dos óculos de armação de chifre pendurados numa correntinha de miçanga ao redor do pescoço.

– Ele está esperando o senhor?

– Está. Por isso se chama hora marcada.

Juro que em geral não sou tão engraçadinho assim, mas algo na Sra. McCauley desperta esse meu lado.

– Deixa eu verificar com ele.

Embora esteja perto o suficiente do chefe para chamá-lo, a Sra.-McCauley pega o telefone. Droga, ele deve inclusive estar ouvindo essa conversa toda. Mas ela faz questão de ligar para o ramal dele.

– Sr. Bryant? É a Sra. McCauley. – Ela faz uma pausa enquanto espera que ele responda. – Sim, estou com o Sr. Mullen aqui para falar com o senhor.

Fico parado esperando Ken me autorizar a entrar na sala. Depois de uma

pausa que parece interminável, a Sra. McCauley assente. Ergue os olhos e sorri para mim.

– Pode entrar, Sr. Mullen.

Embora eu tenha recebido permissão para entrar, a Sra. McCauley se levanta com um pulo para passar na minha frente e bate na porta uma última vez, esperando Ken nos autorizar antes de abri-la para mim. Ele está sentado atrás da mesa com uma pilha de papéis na sua frente, praticamente na mesma posição que estava da última vez que entrei na sala dele, vários meses atrás.

Só uso gravata nas ocasiões em que tenho certeza de que vou interagir com Ken, mas ele sempre usa uma, além de um paletó de terno. Sempre pensei que, se eu começasse a ficar careca, rasparia a cabeça como fazem muitos homens da minha idade, mas Ken está ficando calvo desde que o conheço e não optou por esse caminho. A parte de cima inteira da cabeça reluz, sem nenhum fio de cabelo, mas ainda há resquícios de fios grisalhos nas laterais. Isso lhe dá um aspecto bem mais velho do que seus 50 e poucos anos naturalmente dariam.

– Mullen – diz ele. – Qual é o assunto?

A sala dele não é imensa, mas pelo menos é grande o suficiente para comportar uma ou duas cadeiras em frente à mesa. Apesar disso, ele não me oferece a oportunidade de me sentar nem eu a aceito. Além do mais, vai ser mais fácil em pé.

– Ken – começo, enxugando o suor da palma das mãos nas pernas da calça. Estão úmidas a ponto de deixar uma mancha. – Já faz dez anos que eu trabalho aqui. Quase onze. E… venho pensando muito no meu futuro aqui no escritório.

Ken estreita os olhos ao mesmo tempo que cruza os braços. Recosta-se na cadeira com uma expressão inescrutável no rosto.

– É mesmo?

Lembre-se: você é uma parte valiosa do escritório. Ele não vai querer te perder.

– Eu gosto de trabalhar aqui – digo, seguindo em frente, com a voz insegura. – Mas, quando comecei, o senhor mencionou a possibilidade de eu virar sócio em algum momento no futuro.

A expressão de Ken continua neutra.

– Isso já faz tempo.

– Talvez faça mesmo. Mas, se tem alguma coisa que mudou, foi o tamanho do escritório, que hoje está maior do que na época. Eu tenho sido um integrante leal do time, e poderia ser vantajoso me ter como sócio. – Faço uma pausa antes de arrematar: – Vantajoso para o senhor.

Ken esfrega o queixo.

– Não – diz. – Eu não vejo assim.

O quê? Minha sensação é de ter ficado sem ar de repente.

– Co… como é? – gaguejo.

– Você se sai razoavelmente bem como uma abelha operária – afirma ele num tom pensativo. – Mas como líder? Não, com certeza, não. Certamente não como sócio.

Até esse momento, eu não tinha me dado conta de quanto queria essa sociedade. Eu mereço essa sociedade. Dei um duro danado por esse escritório e não mereço ser tratado como um robô. Além do mais, não consigo me imaginar voltando para casa e contando a Debbie sobre essa conversa. Se ela estivesse aqui, me diria que mereço essa promoção e que deveria *exigi-la*.

– Escuta – digo, com uma coragem que não sabia possuir. – Se o senhor não consegue me considerar como um possível sócio, então talvez eu deva procurar oportunidades em outro lugar.

Ken bufa.

– Você acha que vai encontrar um emprego melhor do que este?

– Eu preferiria não – respondo, me esquivando. – Mas, se o senhor está me dizendo que aqui não existe nenhuma oportunidade para crescer, nesse caso… bem, pode considerar esse o meu aviso prévio.

As sobrancelhas de Ken dão um pulo. Minhas pernas estão bambas, mas mantenho o queixo bem erguido. Ken precisa de mim e sabe disso. Não tem como ele pagar para ver meu blefe.

– Se é assim que você se sente… – diz ele. – Nesse caso, eu aceito seu pedido de demissão.

Foi como se o mundo tivesse sumido sob meus pés. Imaginei essa conversa tomando muitas direções, mas jamais imaginei que fosse acabar com meu pedido de demissão. Não acredito que ele está disposto a simplesmente me deixar sair. Eu sou um dos contadores mais produtivos do escritório; tenho mais clientes do que qualquer outro. E *nunca* cometo erros. Sem mim, esse escritório ruiria.

– Ken – digo, engasgado. Talvez eu consiga consertar essa situação. – Eu… eu valorizo muito esse escritório, e preferiria ficar…

– Mullen, você não vai virar sócio. – Ele fica olhando na direção da tela do computador, como se já estivesse cansado da conversa. – Se quiser ir embora antes do aviso prévio, pode ficar à vontade.

Abro a boca, mas nenhum som sai. Bem, o que eu poderia dizer? Ken já tomou sua decisão. E eu gostaria de pensar que tenho dignidade demais para pedir meu emprego de volta cinco segundos depois de me demitir.

– Vou ficar os quinze dias – murmuro.

Ken assente; não está nem mais olhando para mim. A conversa acabou.

É com a cabeça girando que saio da sala dele. O que acabou de acontecer ali? Acabei mesmo de pedir demissão? Como é que vou pagar a faculdade das minhas filhas? O que vamos fazer com a hipoteca? E o nosso plano de saúde?

Ai, meu Deus, o que é que eu vou dizer para Debbie? Ela vai ficar uma *fera*.

DOZE

DEBBIE

Estou um pouquinho atrasada para o meu encontro do clube do livro.

Resolvi passar em casa para tomar um banho e trocar de roupa, e tudo isso levou um pouco mais de tempo do que eu esperava. Para completar, Harley vai me encontrar em casa, porque estava sem graça de aparecer sozinha no encontro do clube sem conhecer ninguém. Então, quando saio com uma bandeja de sanduíches equilibrada numa das mãos e um exemplar de *Lua de veludo* na outra, encontro-a encostada no seu Ford azul.

– Posso carregar alguma coisa? – Harley espia minha bandeja envolta em papel-alumínio. – Você parece estar fazendo certo equilibrismo.

Sorrio agradecida e lhe estendo o livro.

– Toma, segura isso aqui.

Harley pega o livro para eu poder segurar a bandeja com as duas mãos, diminuindo significativamente os riscos de ela me escapulir e aterrissar de cabeça para baixo na calçada. Como já estamos atrasadas, não quero me demorar. Parto na direção da casa de Rochelle, mas Harley, para minha frustração, fica um pouco para trás.

– Caramba, Debbie, sua casa é incrível – comenta ela.

– Obrigada.

Não é um elogio que eu ouça com frequência. Minha casa é bem bacana: mais uma casa antiga que foi reformada por dentro para termos energia elétrica e água encanada. O exterior está precisando muito de uma pintura, mas estamos adiando isso para quando Cooper conseguir a tal promoção.

Os degraus da frente de cimento sempre se esfarelam quando neva no inverno, e Cooper precisa consertá-los todo verão. Em algum momento, eu adoraria que os consertasse de forma que não precisassem ser refeitos a cada ano.

Em comparação com as outras casas de Hingham, a nossa é bem modesta. Muitas das casas daqui pecam pelo exagero. A cidade é rica, e o motivo pelo qual escolhemos morar aqui – ainda que esteja um pouco fora do nosso orçamento – foram as excelentes escolas públicas. Morar numa boa zona escolar foi uma prioridade alta quando resolvemos comprar.

Ela olha em volta com ar de admiração.

– Uma casa num bairro desses deve custar um dinheirão.

– Custou mesmo – reconheço. – Mais do que a gente pode pagar, pra ser sincera.

– Você deveria ver o muquifo onde eu moro. – Ela suspira. – A Titan paga supermal. Deve ser bom ter um homem pra cuidar da gente.

Não comento nada em relação a isso. Nunca quis estar numa situação em que dependesse de um homem para me sustentar. Por isso dei tanto duro na escola e entrei numa faculdade de primeira linha. Mas ela tem toda razão: o provedor da nossa família é Cooper. Infelizmente, a renda dele não é motivo de orgulho. Nosso dinheiro sempre foi curto, embora eu desconfie que isso vá mudar num futuro bem próximo.

– Enfim, é melhor a gente ir andando – digo. – A Rochelle detesta quando as pessoas chegam atrasadas.

Para não dizer outra coisa. Posso garantir com cem por cento de certeza que Rochelle vai comentar alguma coisa sobre nosso horário de chegada quando aparecermos na porta dela.

Atravessamos a rua e descemos o quarteirão até a casa de Rochelle. Se Harley achou minha casa impressionante, vai achar a de Rochelle parecida com um castelo. Acho que nunca fui na casa dela sem que Rochelle sentisse a necessidade de observar que tem o dobro de quartos e banheiros em relação a mim. É difícil imaginar que ela conseguiria incluir isso na conversa com tanta facilidade, mas de alguma forma ela dá um jeito. Sempre dá.

– Uau – reage Harley quando subimos o caminho que vai dar na porta da frente de Rochelle. – Essa fulana aí é rica *mesmo.*

– Com toda a certeza.

O marido de Rochelle é um desses advogados corporativos desalmados.

É claro que ela não precisa trabalhar. Nem mesmo como uma reles colunista de conselhos. Passa os dias envolvida em trabalho beneficente e na associação de pais e professores da escola. Na teoria isso pode parecer admirável, mas na prática é um horror ter Rochelle mandando em todo mundo durante uma feirinha de doces na escola.

Não, Rochelle e suas amigas não são minhas pessoas preferidas no mundo. Mas eu *amo* ler e tenho ficado desesperada para conversar sobre minhas leituras com outros adultos do mundo real. Assim, quando Rochelle me fez o convite para entrar em seu clube do livro, eu agarrei a chance.

E todo mês cogito largar.

Rochelle abre a porta para nós vestindo um conjunto justinho de calça e camiseta mais elegante do que qualquer coisa que eu tenha no armário. Certamente mais bacana do que meu vestido manchado de sangue, que fui esperta o suficiente para trocar. Seu cabelo preto brilha tanto que praticamente consigo me ver refletida nele.

– Debbie. – Ela me encara radiante, e então fazemos aquilo de nos abraçar e encostar as bochechas. – Que bom que você veio. E essa deve ser a… Harlow?

– Harley – corrige ela, com um sorriso de ironia.

Rochelle ergue uma das sobrancelhas para mim, decerto uma reação ao cabelo cor-de-rosa de Harley.

– E, Debbie, *amei* seu vestido. – Seu olhar percorre o vestido amarelo que substituiu o de sangue. – Faz você parecer mais velha. – Ao notar minha expressão, ela rapidamente acrescenta: – Mas no *bom* sentido.

Enquanto tento entender como dizer a uma mulher de meia-idade que ela fica mais velha poderia em alguma circunstância ser interpretado como um elogio (spoiler: não pode), os olhos dela pousam na bandeja que tenho em mãos.

– Ah, e você trouxe sanduíches! Que *graça*.

Rochelle nos conduz para dentro da casa, e atravessamos o hall de entrada sem fim até chegar à sala. O queixo de Harley parece que vai cair. Rochelle nos leva até sua sala recém-reformada, onde cada peça de mobília é feita do mais caro couro italiano (inclusive a televisão, acho). As duas outras integrantes do clube do livro, Tabitha e Sloane, já estão sentadas no sofá.

– Eu falei pra vocês que a Debbie ia chegar *alguma hora* – anuncia-Rochelle para as duas outras mulheres.

Tabitha dá uma risadinha.

– A gente apostou o horário em que você finalmente daria as caras, Debbie.

Harley me encara sem entender, porque estamos só dois minutos atrasadas. Por algum motivo, os meus atrasos se transformaram numa piada recorrente, e olha que geralmente sou bastante pontual.

– Por favor, não reparem na bagunça – diz Rochelle para mim e Harley, embora a casa esteja um brinco, a não ser pela fileira de garrafas de champanhe alinhadas bem retinhas num aparador da sala. – A gente está se preparando pra uma festa superimportante hoje à noite. Comentei com vocês que o Gerard vai anunciar hoje a candidatura dele à vaga de senador do estado?

– Sim, acho que comentou – murmuro.

– Enfim, hoje vai ser uma noite crucial – diz ela. – Até o prefeito vai passar na festa pra prestar apoio.

– O prefeito? – repete Harley, admirada.

Rochelle assente solenemente.

– Vai ser um evento daqueles. A Esmeralda veio hoje de manhã faxinar a casa inteira e levou um século. – Ela me lança um olhar cúmplice. – Que sorte a sua ter tão poucos quartos, Debbie. Uma casa como a minha leva uma eternidade pra ficar limpa. Mas tudo precisa estar perfeito.

– Não se preocupe, Rochelle – diz Sloane. – A Tabby e eu estaremos aqui pra te apoiar a noite inteira.

Eu, naturalmente, não estarei ao lado de Rochelle, uma vez que não fui convidada para a festa. Rochelle deu uma explicação curta sobre o fato de a lista de convidados ser "restrita". Não que eu queira mesmo ir à festa besta dela para o prefeito.

Mas teria sido legal ser convidada.

Pouso a bandeja na mesa de centro, uma antiguidade, e retiro o papel-alumínio que cobre os sanduíches. Assim que faço isso, Tabitha e Sloane começam a dar risadinhas.

– Foi você mesma quem fez os sanduíches? – pergunta Rochelle, disfarçando ela própria uma risadinha.

– Foi. – Estou tentando não deixar o tom defensivo transparecer na voz, mas é difícil quando estou falando com Rochelle. – São de peru com abacate e pastinha de tomate seco.

– Que *graça*! – exclama Sloane.

Harley franze o cenho para mim.

– Debbie, eu nunca te disse que tenho alergia a abacate?

Tapo a boca com a mão.

– Ai, meu Deus do céu, disse, *sim*. Não acredito que esqueci. *Mil* perdões, Harley.

– A Debbie é a pessoa mais esquecida que conheço – comenta Rochelle, embora eu não consiga recordar já ter esquecido qualquer coisa. – Mas não se preocupe, Harley. Nossa cozinheira preparou uma tábua de frios.

É uma tábua de frios bem caprichada. Não há uma fatia que não tenha sido moldada em formato de flor. E conto também nada menos do que oito tipos de queijo.

– Mas espero que vocês provem meus sanduíches – digo para Rochelle.

– Mas é claro que eu vou provar! – Rochelle pega uma fatia triangular de um dos sanduíches que montei com tanto esmero após voltar da academia. – Como eu falei, estão uma graça. Dá pra ver que são caseiros.

Ela mordisca a borda, o que incentiva as outras mulheres a pegarem também um pedaço. Fico muito satisfeita que estejam provando meus sanduíches. Com certeza, não iria querer que esse trabalho todo fosse em vão.

TREZE

HARLEY

Ricas malditas.

É assim que me refiro a essas mulheres na minha cabeça. Fico repetindo isso várias vezes, sobretudo quando Rochelle começa a falar sobre o livro chato e besta que na verdade não consegui ler.

Ricas malditas, ricas malditas, ricas malditas.

A sonoridade da expressão ajuda.

– Só acho que *Lua de veludo* é obviamente uma releitura de *Rei Lear* – diz Rochelle. – Tem o pai idoso e as três filhas competindo para ser a favorita. É uma óbvia releitura.

Ricas malditas, ricas malditas, ricas malditas, ricas malditas.

– Enfim, não sei nem como é possível apreciar o livro sem ter lido a peça – prossegue Rochelle.

Sloane e Tabitha assentem solenemente. Apenas Debbie diz, corajosa:

– Eu gostei do livro e nunca li *Rei Lear*.

– É claro que não – retruca Rochelle. – Você não fez faculdade, e esse é o tipo de livro que se precisa ler em nível *universitário*.

Debbie fica um pouco ruborizada. Nem sei por que ela faz parte desse clube do livro, ela não parece gostar muito de nenhuma dessas mulheres. Ao contrário das três, Debbie é legal. Às vezes parece meio cabeça de vento, mas ela se esforça.

E a casa dela não é tão grande quanto essa, mas mesmo assim é linda. O tipo de casa que eu sempre quis. O tipo de casa que *vou ter* um dia.

Só continuo sem entender como ela pode ter esquecido minha alergia a abacate, levando em conta que tínhamos falado disso apenas umas duas horas atrás. Ainda que a tábua de frios esteja incrível, os sanduíches de-Debbie estão com uma cara bem boa, e eu queria poder comer um. Debbie é avoada, mas isso está em outro patamar.

– Parece que dessa vez o livro foi um pouco demais pra você. – Rochelle encara Debbie com empatia. – Era *mesmo* um livro bem complicado, e a escrita é muito literária. E imagino que seja *um pouco* longo para alguns leitores.

Um *pouco* longo? *Lua de veludo* tem quase seiscentas páginas, e precisei ler cada frase duas vezes para conseguir entender. Se algum dia eu voltar a esse clube do livro, não me importaria de ler um livro que não tenha sido escrito para gente que tem doutorado. Eu falei para Debbie que li, mas não tinha como isso acontecer. Minha sensação foi de estar de volta ao ensino médio, com dificuldade para dar conta de um livro impossível passado pelo professor.

Mas mesmo assim eu quis vir. Então fiz o que fazia no ensino médio: comprei na internet uma análise de *Lua de veludo*. Essas análises são incríveis. Resumem cada capítulo e depois interpretam. Inclusive elas mencionavam a tal história do *Rei Lear*, embora dissessem que era um *erro* de interpretação muito comum.

Enfim, não há nada de errado com esse tipo de análise pronta. Eu não teria me formado sem elas, embora seja meio constrangedor precisar colar por causa de um clube do livro. Mas ninguém precisa saber.

Debbie, porém, de fato leu o livro. Não só leu como genuinamente *gostou*, e, a tirar pelos comentários que fez até agora, parece ter entendido o livro melhor do que qualquer uma dessas outras mulheres. Mas agora fica simplesmente ali sentada, como se não tivesse muita certeza do que dizer.

– Eu não me importaria de ler alguma coisa mais… curta – intervenho. Não quero admitir que o livro foi difícil demais de ler e correr o risco de Rochelle dirigir seus comentários maliciosos a mim em vez de a Debbie. – No máximo umas… trezentas páginas.

– Mas 589 páginas passam num piscar de olhos com uma autora brilhante como Barbara Fanning! – protesta Sloane. – É como beber um *vinho de boa qualidade*. E se você não consegue chegar ao fim de seiscentas páginas, também não vai conseguir chegar ao fim de trezentas.

Posso não ter sido muito melhor em matemática do que era em inglês, mas essa conta para mim não fecha. Devo reconhecer, porém, que não tenho certeza se teria conseguido ler sequer vinte páginas de *Lua de veludo*.

– Só acho que não vale a pena debater nenhum livro que não tenha ganhado um Pulitzer – prossegue Sloane. – A gente não deveria ter que baixar o padrão das nossas escolhas literárias por causa de pessoas menos instruídas. Se a Debbie não consegue participar, podemos nos reunir só a gente.

– Eu consigo participar – afirma Debbie, num protesto débil.

O comentário faz as três trocarem olhares cheios de significado. Eu sei o que esse olhar quer dizer. Essas três mulheres estão se preparando para expulsar Debbie do seu clubinho. Eu me remexo no sofá, pouco à vontade, querendo poder arrumar uma desculpa para sair daqui.

– Debbie – começa Rochelle num tom cheio de autoridade. – Só acho que esse clube do livro talvez não seja adequado pra… – Ela se detém abruptamente, como se o seu raciocínio tivesse sido interrompido por alguma coisa. As longas pestanas escuras se agitam, e ela respira fundo. – Está *quente* aqui?

A puxa-saco da Tabitha parece prestes a protestar que a temperatura está em perfeitos 23 graus, mas então algo na sua expressão se modifica.

– Sim. Está *mesmo* meio quente.

– Eu não estou com calor – declara Debbie, num tom agradável.

– Vai ver é a menopausa – sugiro.

Rochelle me lança um olhar, mas não há muita convicção por trás dele. De repente, ela empalidece. A pele dela tinha uma cor perfeita de alabastro, mas nos últimos minutos mudou de cor. Está…

Na verdade, está meio esverdeada.

Do nada, Rochelle tapa a boca com a mão. Sai correndo da sala, desvairada, e esbarra no aparador na pressa de chegar ao banheiro. Várias garrafas de champanhe tombam feito pinos numa pista de boliche e se espatifam ao cair no chão. O champanhe que se derrama delas deve valer mais do que o meu carro, mas Rochelle não está nem aí. O barulho dela vomitando ecoa por todo o térreo da casa.

Sloane e Tabitha se entreolham, e então reparo que as duas também parecem um pouco esverdeadas.

– Acho melhor eu ir andando – murmura Tabitha. – Eu… não estou me

sentindo muito bem.

– Ouvi dizer que tem uma virose circulando – comenta Debbie com empatia e nem um pouco esverdeada.

Na verdade, ela exibe um largo sorriso no rosto.

Tabitha e Sloane parecem bastante ansiosas para ir embora. Sloane consegue descer o acesso inteiro da casa, mas Tabitha não tem a mesma sorte. Quando estamos saindo da casa de Rochelle, a vejo de relance, vomitando no impecável quintal da frente. Debbie não faz nem menção de parar para se certificar de que a amiga esteja bem.

– Como você pode ver, tem uma virose circulando – diz ela para mim enquanto tornamos a descer o quarteirão em direção à sua casa. – Tomara que a Rochelle não precise cancelar a linda festa dela de hoje à noite com o prefeito.

– Debbie – digo em voz baixa. – Parece que elas tiveram… você sabe, uma intoxicação alimentar…

Ela me encara com os olhos arregalados e totalmente inexpressivos, piscando, aturdida.

– Puxa, você acha? – retruca ela.

Quase pergunto se existe alguma chance de ter sido algo nos sanduíches que ela preparou. Eu não comi nenhum e não passei mal, e por acaso reparei que Debbie tampouco os provou. Mas, enfim, seria uma grosseria dar a entender à minha amiga que algo que ela mesma preparou fez três mulheres vomitarem as tripas, mesmo que possa ser verdade.

Só me sinto grata por Debbie ter esquecido minha alergia a abacate. As coisas poderiam ter sido bem piores.

CATORZE

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Já estou casada há vinte anos e, embora de muitas formas tenha um casamento feliz, alguns aspectos dele me deixam infeliz. Estou torcendo para você conseguir me dar alguns conselhos.

Assim que nos casamos, meu marido exigiu que eu não trabalhasse. Achei isso uma graça, e quando meus filhos eram pequenos fazia sentido. Eu adorava que ele nos sustentasse. Mas isso também podia ser frustrante. Por exemplo, ele programou nosso cartão de crédito para que eu só conseguisse usá-lo após a autorização dele. Quando eu queria comprar alguma coisa, precisava ligar para ele pedindo e conseguir sua aprovação; do contrário a despesa seria negada.

Da mesma forma, nós só temos uma conta bancária conjunta, e nela há apenas uma pequena soma em dinheiro que representa a minha "mesada". Como sou eu que faço as compras, a maior parte do dinheiro precisa ser gasta com isso, e se eu quiser comprar alguma outra coisa preciso pedir a ele para depositar dinheiro na conta. Ele insiste para eu "poupar" dinheiro da minha minúscula mesada, então, se meus sapatos ficam velhos e preciso de um par novo, sou obrigada a passar meses economizando para poder comprar.

Ele me acha irresponsável com meus gastos, e de certa forma tem razão. Não sou eu quem ganha o dinheiro. Por esse motivo, agora que nossos filhos estão mais velhos, sugeri a possibilidade de arrumar um emprego para poder ter meu próprio dinheiro. Achei que fosse a solução perfeita, mas, quando comentei com meu marido, ele ficou uma fera e disse que se eu arrumasse um emprego isso significaria uma falta de confiança minha na capacidade dele de me sustentar.

Estou simplesmente frustrada, porque, embora nossa situação seja boa, tenho vivido com um orçamento muito apertado desde que me casei. Como posso convencer meu marido a me deixar trabalhar e me tornar mais independente financeiramente?

Rica mas Dura

Querida Rica mas Dura,

O que você está descrevendo é abuso financeiro. Seu marido está usando o dinheiro como um modo de controlar você ~~e merece sofrer~~. Você não precisa da permissão dele para arrumar um emprego. Não precisa da permissão dele para nada! Meu conselho é ~~pôr veneno no vinho dele durante o jantar~~ conversar com um advogado especialista em divórcio.

Terei prazer em lhe dar mais informações sobre ~~venenos com baixa probabilidade de serem detectados numa autópsia~~ alternativas jurídicas na região, se quiser entrar em contato comigo pelo endereço de e-mail disponibilizado no site do jornal.

Debbie

QUINZE

DEBBIE

Passa um pouco das duas da tarde quando entro com o carro no estacionamento do jornal *Casa Hingham*.

A redação fica num pequeno centro comercial térreo, ao lado de um restaurante chinês e abaixo de um local de massagem. Não comi muito na casa de Rochelle porque estava evitando os sanduíches e devo admitir que comida chinesa e uma massagem cairiam muito bem nesse momento. Talvez dê uma passadinha lá depois de Garrett e eu conversarmos sobre o que quer que seja *tão* importante para não poder ser conversado por telefone.

As palavras CASA HINGHAM estão gravadas em letras pretas na porta de vidro, embora parte das letras tenha descascado e agora esteja escrito CAS HIN HAM. Giro a maçaneta e entro no pequeno espaço, passando pelas poucas mesas no caminho até a única sala fechada ocupada por Garrett Meers. Sempre imaginei que a redação de um jornal fosse ser grande e movimentada, mas esse lugar é o oposto disso. É pequeno, acarpetado e em geral tão silencioso que se pode ouvir um alfinete caindo no chão. Recende vagamente a cigarro – fato estranho, considerando que ninguém que trabalha aqui fuma, até onde eu sei.

A única pessoa presente hoje é a secretária de Garrett, Sierra. Ela é tão linda que não é de espantar que eu já tenha flagrado Garrett dando uma secada nela quando achava que ninguém estava olhando. Sierra ergue os olhos por um breve instante quando entro na redação, mas não diz nada e

chega a evitar fazer contato visual. Acho isso estranho, pois a menina costuma falar pelos cotovelos.

E outra coisa em relação ao escritório faz um alarme disparar no fundo da minha cabeça:

Bernice não está.

Bernice é editora sênior do jornal e, mesmo Garrett sendo o editor-chefe, é ela quem toma todas as decisões importantes. Em geral, entrego minha coluna diretamente para ela, e duvido que Garrett sequer a leia.

Não é estranho Bernice não estar na redação, pois tenho certeza de que a última coisa que ela iria querer seria passar o dia inteiro sentada diante daquela mesa de madeira que range. Mas o que me acende um alerta vermelho é o fato de a mesa dela estar vazia. Geralmente há pilhas de papel, uma plaquinha com o nome dela e uma foto da filha sorrindo numa feira estadual. Tudo isso sumiu.

– Oi, Sierra – digo. – Eu vim falar com…

– Pode entrar – diz ela, já que obviamente estava à minha espera. Esse é mais um alerta vermelho levemente perturbador.

A porta da sala de Garrett está ligeiramente entreaberta, mas bato mesmo assim. Ele me diz para entrar, e avanço para dentro da sala do tamanho de um armarinho de limpeza. Garrett tem 40 e poucos anos, talvez um ou dois a menos do que eu, e está sempre com a barba feita e bem-vestido. Ele gosta de projetar a imagem de que o jornal é mais importante do que é na realidade. Afinal, para quem estaria se arrumando se somos apenas nós aqui?

– Oi, Debbie. – Ele tenta sorrir, mas apenas o lado esquerdo de seus lábios se ergue. – Sente-se. Por favor.

Faço o que ele diz e me sento em frente à mesa, alisando o vestido para esticar a barra por cima dos joelhos. Não consigo me livrar de um sentimento de apreensão no peito.

– Está tudo bem? Cadê a Bernice?

Garrett abre a boca, mas em vez de responder à pergunta só balança a cabeça.

– Preciso falar com você sobre uma coluna que você escreveu um tempinho atrás.

– Tá…

– Teve uma mulher que te escreveu falando sobre um problema com o

marido – lembra ele. – E esse aqui foi o conselho que você deu a ela. – Ele pega um exemplar impresso do *Casa Hingham* em cima da mesa, já marcado na página em questão. – Você escreveu: "Seu marido está usando o dinheiro como um modo de controlar você. Você não precisa da permissão dele para arrumar um emprego. Não precisa da permissão dele para nada! Meu conselho é conversar com um advogado especialista em divórcio".

Eu me lembro bem desse caso. Não é frequente eu dizer a mulheres para largarem o marido, acreditem. Não tenho formação de terapeuta, e com certeza não posso dar esse tipo de conselho com base nas parcas informações que me são apresentadas nas cartas das leitoras. Pelo menos metade das mulheres escreve reclamando do marido, e nunca posso lhes dizer o que *realmente* penso, embora fique sempre me coçando para fazer isso. Mas o que aquela mulher descreveu era tão flagrante que não consegui me conter.

– Sim – respondo. – O cara do abuso financeiro.

– Bom, ela largou o marido.

Assinto, satisfeita.

– Que bom.

– Que bom nada. – Garrett me encara como se eu tivesse ficado maluca. – Debbie, onde você estava com a cabeça? Não pode mandar completas desconhecidas largarem o marido.

– O meu *trabalho* não é dar conselhos?

– Sim, sobre jardinagem ou como tirar manchas de camisas. – O tom dele é de total exasperação. – Você não pode dizer a uma mulher que nunca encontrou na vida pra pedir o divórcio!

– Se o marido for tão claramente abusivo, posso, sim!

– Você não sabe se ele é mesmo…

– Ele não deixava a mulher ter o próprio cartão de crédito. – Vou enumerando nos dedos os pecados do sujeito. – Fazia ela viver de mesada mesmo ela sendo adulta. Não a deixava arrumar um emprego. Que tipo de marido decente trata a mulher assim? Você trataria a sua esposa assim?

– Isso não é da sua conta, Debbie.

– Não é da minha conta! – retruco, explodindo. – Garrett, eu escrevo uma *coluna de conselhos*. É isso que eu faço. As pessoas me pedem conselhos, e eu dou. Cabe a elas seguir ou não esses conselhos.

– Pois não faz mais.

Encaro-o.

– Como é que é?

Garrett solta um longo suspiro e massageia as têmporas.

– O marido está ameaçando processar o jornal. O cara está falando sério. E só vai retirar a queixa se eu te mandar embora. Você e a Bernice.

Bom, isso explica a mesa vazia de Bernice.

– Por que você teve que mandar a Bernice embora? Fui eu que escrevi a coluna.

De tudo, isso é o que mais me deixa chateada. Ela é mãe solo e a filha está na faculdade. Eu pelo menos tenho o salário de Cooper para me amparar.

– A decisão de publicar a carta foi dela – diz ele. – Ela sabia o que estava fazendo.

– Foi um bom conselho. – Seguro com força a barra do vestido nos punhos fechados que de repente ficaram úmidos de suor. – Essa mulher precisava de ajuda, e eu fui honesta com ela. Vai mesmo me mandar embora por ter ajudado uma mulher que estava sofrendo abuso?

– Este é um jornal para famílias – lembra Garrett. – É isso que nossos anunciantes esperam. Você não pode dizer às pessoas para pedirem o divórcio. Simplesmente não pode, Debbie.

– Quer dizer que você vai simplesmente dar a esse babaca tudo que ele quer só pra ele não te processar?

– Na verdade, eu concordo com ele. Você não deveria ter se metido. Se a Bernice tivesse me mostrado a coluna, eu teria dito a ela pra não publicar.

Tenho certeza de que Bernice mostrou a coluna, mas como de costume o preguiçoso do meu chefe não se deu ao trabalho de ler. Agora que Bernice foi embora, ele está ferrado. Quem vai editar o jornal? Duvido que ele saiba fazer isso. Mas tenho certeza de que vai encontrar algum outro trouxa para fazer todo o trabalho enquanto ele fica ali sentado se fingindo de importante.

Garrett se levanta; está com as costas mais eretas do que de costume.

– Vou ter que te pedir pra ir embora agora. A Sierra vai te acompanhar até a porta.

– Me acompanhar? – Aquele zumbido dentro da minha cabeça recomeça. Respiro fundo para tentar me acalmar. – O que você acha que eu vou fazer?

Ele não responde a essa pergunta. O que realmente quero dizer é que, se eu quisesse mesmo fazer um barraco, duvido que a magricela da Sierra fosse conseguir me impedir. Para sorte dele, meu plano é ir embora sem criar caso.

Tenho uma mesa na redação, embora eu não deixe quase nada em cima dela. Sierra fica de babá enquanto recolho um bloco de anotações e algumas canetas. Tenho também uma foto de Cooper com as meninas, dentro da gaveta. Ninguém me oferece nenhuma caixa, então saio levando tudo nos braços.

– Sinto muito, Debbie – diz Sierra, constrangida. – Mas preciso te pedir sua chave de volta.

Eu tinha até esquecido que tinha uma cópia da chave, mas dou uma olhada no meu chaveiro e, de fato, ali está uma chave misteriosa que desconfio ser da porta da redação. O zumbido na minha cabeça vai aumentando enquanto solto a chave e a deposito na mão que Sierra estendeu. Ela faz o teatrinho de testá-la para se certificar de que é a chave certa e de que não estou lhes devolvendo uma falsa. Como se não fosse superfácil fazer uma cópia se eu quisesse.

Engraçado eles estarem tão preocupados assim com a chave. É a última coisa que deveria deixá-los apreensivos. Quando penso nisso, o zumbido cessa de repente.

– Desculpa por tudo isso – diz Sierra. – Sempre gostei da sua coluna. Você dava conselhos muito bons.

Abraço o bloco junto ao peito.

– O Garrett discorda.

– Bom, é que é muito importante que o jornal seja voltado para famílias – diz ela. – A santidade do matrimônio, sabe como é.

– Aham.

– Não existe nada mais importante do que os laços do matrimônio – diz Sierra, muito séria. – Então você não pode defender o oposto disso dizendo a uma mulher para largar o marido. E nossos anunciantes também pensam assim. Sem eles, o jornal iria fechar. Você sabe disso.

– É – digo. – Eu sei, sim.

Sierra me acompanha até a porta e se certifica de que eu saia sem fazer alarde. Enquanto estou caminhando de volta até meu carro levando meus parcos pertences, não consigo reprimir uma pontada de tristeza. Mesmo que

aquilo fosse apenas um jornal bobo da cidade, eu gostava do meu emprego. Gostava de dar conselhos. Minha própria vida podia estar uma bagunça, mas, quando o assunto era a vida dos outros, eu sempre parecia saber exatamente o que deveriam fazer.

Está na hora de começar a seguir meus próprios conselhos.

DEZESSEIS

Os brownies ainda estão no forno quando ouço a porta bater.

Está cedo demais para Cooper chegar em casa. E Lexi deve estar se pegando com o namorado Deus sabe onde. Chequei a localização dela com o Findly dez minutos atrás, e ela estava no Estaleiro de Hingham. Então, a menos que seja um ladrão (o que suponho ser possível porém improvável no meio do dia), deve ser Izzy.

– Izzy? – chamo.

Ninguém responde, mas os passos vindos do hall parecem ser dela. Eu me orgulho de conseguir identificar os membros da minha família apenas com base no som de seus passos. Os de Izzy são silenciosos mas firmes. É isso que a torna tão boa no futebol.

Dito e feito: poucos segundos depois, o rosto da minha caçula aparece na porta da cozinha. Eu me viro para cumprimentá-la, embora ela ainda não tenha dito nada.

– Oi – digo.

– Ei.

Abro a porta do forno para dar uma olhada nos brownies, e o cheiro de chocolate logo preenche a cozinha. Inspiro profundamente e dou um suspiro. Esse é um dos meus cheiros preferidos.

– Por que você vive fazendo brownies? – reclama Izzy.

Olho espantada para ela. Em primeiro lugar, eu não "vivo" fazendo-brownies. A última vez que fiz tem um ano, para o bazar de Natal da escola dela. E, em segundo lugar, que filho reclama de *brownies recém-saídos do forno*? Nem mesmo *Lexi* implica com os meus doces.

– Como é? Imagino que você não vai querer um, então.

– Eca, eu não.

Eca? Consigo apenas balançar a cabeça, mas tudo bem. Mesmo se ela quisesse experimentar um, eu não lhe daria.

Izzy continua em pé na porta da cozinha como se quisesse me contar alguma coisa, mas se mantém totalmente calada, com a mochila apoiada nos tênis. Isso é bem incomum, porque, das minhas duas meninas, Izzy é a que fala mais. Vive tagarelando, ao passo que Lexi escolhe as palavras com mais cuidado (em especial de manhã, quando falar é proibido).

– Mas então, o que houve com o futebol? – pergunto.

– Nada. – Ela dá com um dos ombros, como se estivesse cansada demais para executar o movimento completo. – Enjoei.

Acho bem difícil acreditar nisso. Izzy joga futebol desde o jardim de infância. Todo sábado de manhã, bem cedinho, eu a levava de carro até a escola de ensino fundamental II onde as crianças do fundamental I treinavam futebol. Encontrar uma vaga para estacionar nesses dias era uma experiência estressante e às vezes pavorosa, mas, assim que eu achava uma, Izzy saía do carro correndo, com suas marias-chiquinhas, suas chuteiras de trava e seus meiões. (Até hoje não entendo o porquê dos meiões, mas os comprava religiosamente todo ano.) O treino era a parte preferida dela da semana toda.

Então não, não acredito que ela tenha simplesmente enjoado de algo que amava tanto até outro dia.

– Lexi disse que você foi expulsa do time – lembro.

– Ela não sabe do que tá falando. Eu saí.

Era muito fácil saber que Izzy estava mentindo quando ela era pequena. Aos 3 anos, roubou uns cookies com gotas de chocolate na cozinha e jurou ser inocente, mas o tempo todo a boca estava suja de chocolate e migalhas de biscoito. Crianças pequenas não têm a menor noção.

Ela mente bem melhor hoje em dia, mas não tenho dúvida de que não largou o futebol. Ela *nunca* largaria o futebol.

– Você não vai ligar pro treinador Pike, vai? – pergunta ela com uma voz

preocupada.

– É claro que não.

– Porque isso não vai mudar nada.

– Já te falei que não vou ligar pra ele.

– Jura?

– Juro. – Deixo a porta do forno se fechar com um baque. – Acha que não tenho nada melhor pra fazer do que ligar pro seu treinador? Ele provavelmente nem iria atender, também.

Os ombros dela relaxam.

– Vou fazer meu dever de casa. Estou com um montão de tarefa esse ano. – A névoa em seu olhar se dissipa de leve. – Então na verdade é até *melhor* eu não ter futebol.

Até parece. Mas tudo bem, vou fingir que acredito, se isso a faz se sentir melhor.

– Izzy?

Ela evita meu olhar.

– Eu?

Cogito perguntar se o treinador Pike alguma vez espiou as meninas no vestiário do jeito que a amiga da Lexi disse que tinha feito. Mas tenho a sensação de que, mesmo se for verdade, ela nunca vai me contar o que de fato aconteceu.

– Você precisa de ajuda com o dever? – indago, por fim.

– Não.

Ela nunca precisa.

Izzy não me pergunta como foi meu dia, o que não chega a me espantar. Ela não está nem aí para isso. É uma boa menina, mas para ela pouco importa que meu ensaio de fotos para a revista tenha sido sabotado. Talvez se importasse por eu ter perdido o emprego no jornal se isso significasse menos dinheiro para a família, mas, como temos o emprego de Cooper para nos amparar, isso provavelmente nem vai fazer diferença.

Para ser bem sincera, nem vale a pena comentar a respeito. Minhas filhas têm coisas mais importantes em que pensar do que os dramas da mãe. Além do mais, posso me virar sozinha.

Izzy me lança um último olhar desconfiado, pois sabe que não sou boa em deixar as coisas pra lá quando elas me incomodam. Mas não me

questiona mais. Alguns segundos se passam, e ela então pega a mochila e toma a direção da escada.

Sempre cumpro o que prometo para minhas filhas. Prometi para Izzy que não iria ligar para o treinador dela. E não vou.

Eu vou pegar o carro e ir até lá.

DEZESSETE

COOPER

Depois de oito quilômetros na esteira, não me sinto nem um pouco melhor.

Eu praticava atletismo no ensino médio e no começo da faculdade. Durante algum tempo, fui muito bom, embora tenha tido alguns problemas nos dois últimos anos da faculdade e saído do time. E depois disso me formei e logo em seguida me casei, e, especialmente depois de ter filhos, passei a não ter tempo para me exercitar.

Quando se tem 20 e poucos ou mesmo 30 e poucos anos, é possível manter uma forma razoável sem frequentar a academia. Mas aos 40? Esquece. Sendo assim, quando Jesse sugeriu que nós dois nos matriculássemos na Titan Fitness, resolvi que estava na hora de voltar a cuidar do corpo.

Jesse e eu temos obrigado um ao outro a cumprir o combinado. Como ambos queremos voltar a ficar em forma, fazemos de tudo para ir à academia no mínimo três vezes por semana. Jesse é mais assíduo do que eu. Muitas vezes fica na academia até mais tarde, e hoje precisou praticamente me arrastar até aqui. *Vamos lá. Você vai se sentir melhor*.

Em geral, ele tem razão. Malhar na academia tem sido ótimo para mim sob mais de um aspecto. Jesse faz uma combinação de pesos e cárdio, mas eu costumo me ater à esteira e só levanto um pouco de peso. Mesmo assim, a diferença é perceptível. Não só na força e na resistência, mas também no meu visual.

Depois de esfriar o corpo na esteira, enxugo o suor do rosto com uma

toalha. Mesmo exibindo uma mancha de suor na gola da camiseta, reparo numa mulher num transport me encarando com um ar de aprovação. Retribuo seu olhar por um tempo um pouco longo demais, e ela me dá uma piscadela. Nessa hora, desvio rapidamente o olhar e me apresso em direção a onde Jesse está levantando pesos.

– Vou indo nessa – aviso a ele.

Jesse larga os pesos e toma um gole grande da garrafa d'água. Enxuga a boca e ergue os olhos para mim.

– Você tá legal, Cooper? Quer sair pra beber alguma coisa ou algo assim?

Com certeza, não.

– Eu só quero ir pra casa e acabar logo com isso.

– Vai contar pra Debbie?

Meu Deus, a última coisa que eu quero é contar para Debbie. O que eu gostaria mesmo é de começar a procurar outro emprego e só falar com ela depois de conseguir outra coisa. Mas só Deus sabe quanto tempo isso vai levar. E eu já venho escondendo coisas dela. A situação está insustentável.

– Vou dar um jeito – digo.

Ele franze o cenho para mim. Assim como minha esposa, Jesse é um solucionador de problemas. Quando algo está errado, seu instinto é procurar um jeito de resolver.

– Essa talvez seja a melhor coisa que já te aconteceu, sabia?

– Aham.

– Sério – insiste ele. – Quer dizer, você mesmo disse que o emprego estava virando um beco sem saída. Agora você pode achar algo melhor.

– Tenho certeza de que você tem razão – digo, sem certeza nenhuma de que ele tenha razão.

– A gente deveria fazer alguma coisa nesse fim de semana – sugere ele. – Pra você não passar o dia inteiro enfurnado em casa na pior.

– É, pode ser.

– O que você quer fazer?

Não consigo pensar em nada que eu queira fazer. Vai ser preciso todo o meu esforço para não ficar deitado no sofá chafurdando em desespero. O que eu *deveria* estar fazendo é postando meu perfil em todos os sites de busca de emprego e entrando em contato com agências. Todas coisas que detesto, mas que vou precisar fazer.

Ainda assim, consigo pensar em algo que talvez me animasse.

– Vamos ao estande de tiro – digo.

Jesse sorri para mim.

– Sério?

– Claro, por que não?

– Fechado.

Sim, eu tenho uma arma. Um dos principais motivos de discórdia no meu casamento é o fato de eu ter comprado uma alguns anos atrás, quando houve alguns roubos a casas no nosso bairro. Debbie foi radicalmente contra e citou estatísticas que reconheço estarem corretas e indicam que pessoas que possuem armas têm uma probabilidade maior de atirar num membro da família do que num intruso. Mas, no fim das contas, eu venci e comprei a arma. O combinado é mantê-la guardada na garagem, trancada a chave, e só usar no estande de tiro. As meninas nem sabem que essa arma existe.

E eu gosto de atirar. Depois de tudo que aconteceu essa semana, vai ser bom sentar a mão em alguma coisa.

Tomo uma ducha rápida na academia e visto uma roupa limpa. Vou chegar em casa antes do jantar, mas não cedo o suficiente para uma longa conversa antes da refeição. Ainda não sei direito o que vou dizer a Debbie. Ela tem andado diferente nos últimos tempos. Mais… frágil. Mais distraída.

Por isso, não posso ser totalmente honesto com ela. Não agora.

Volto à recepção para sair pela catraca com meu cartão. A tal mulher do transport que sorriu antes passa por mim, por alguma razão mais atraente ainda de jeans e casaco do que com a roupa de ginástica superjusta. Meu olhar é atraído para ela como por um ímã, e é só quando ela dá uma piscadela para mim que consigo desgrudar os olhos.

Não é uma boa ideia, Coop.

– Foi bom o treino hoje? – A recepcionista Cindy interrompe meus pensamentos.

Será que estou imaginando coisas ou há um viés de reprovação na voz dela?

– Ah, foi, sim. Obrigado.

– A sua *esposa* veio aqui mais cedo malhar, sabia? – pergunta ela.

Sim, com certeza há um viés de reprovação na voz dela. Mas ela não contaria para Debbie que eu estava secando outra mulher, contaria? Eu mal olhei para a mulher!

– Ah. Legal.

– Bem – diz Cindy, voltando a usar um tom neutro. – Tenha uma boa noite!

Assinto sem dizer nada e vou direto para casa antes que possa fazer mais alguma besteira.

DEZOITO

DEBBIE

Bem, eu não estou a caminho da escola *só* para falar com o treinador Pike. Preciso também deixar as latas de alimento para a doação.

Entendo que isso não melhora a situação, mas por algum motivo, na minha cabeça, melhora, sim.

Embora não seja mais horário de aula, Elena, a funcionária da administração que trabalha na recepção, ainda está por lá. Ela destrava a porta para me deixar entrar, e seus olhos se iluminam ao ver a caixa marrom cheia de latas que estou trazendo.

– Debbie! – Elena abre um sorriso para mim. – Sabia que podia contar com você.

– Pode, sim. Já eu posso pular o treino na academia depois de carregar isso até aqui – brinco, embora já tenha malhado hoje.

Coloco as latas no balcão enquanto Elena batuca algumas teclas do computador.

Fico ali parada um pouco, tentando entender qual é a melhor forma de agir.

– Ei – digo, tentando deixar a voz o mais descontraída possível. – Será que tudo bem eu ir falar um minutinho com o treinador Pike? Preciso conversar com ele sobre o cronograma do futebol. Tem alguns dias em que a Izzy não vai conseguir encaixar o treino.

– Claro, vai lá – responde Elena, sem sequer tirar os olhos da tela do computador.

Ela confia em mim. Não pensa que exista qualquer chance de eu fazer algo que não deveria. Mas, em minha defesa, devo dizer que não estou indo fazer nada de terrível. Eu só gostaria de saber do treinador de futebol por que ele achou que precisava cortar a melhor jogadora. Se essa não for uma intenção honrada, não sei qual seria.

Afinal, tem coisa mais honrada do que proteger um filho? Se meus pais tivessem me protegido melhor…

Bom, não adianta nada pensar nisso agora.

Já sei que a sala do treinador Pike fica no térreo, não muito longe do campo de futebol. Enquanto sigo os corredores conhecidos da escola, coloco a mão dentro da bolsa para pegar os brownies envoltos em papel-alumínio. Nunca hesito em usar chocolate para quebrar a tensão em uma situação dessas.

Dou sorte. O treino de futebol já acabou, e o treinador está sentado diante da mesa, folheando alguns papéis. É um homem na casa dos 50, e tenho quase certeza de que é careca ou pelo menos está *ficando*; não sei dizer ao certo porque nunca o vi sem um boné na cabeça. Está usando uma camiseta da Escola Preparatória de Hingham, que se estica por cima das dobras da barriga. Na verdade, sua forma física não condiz muito com a de alguém que trabalha treinando times esportivos, mas quem sou eu para julgar?

Bato de leve na porta aberta da sala e estampo um sorriso ao mesmo tempo que estendo os brownies envoltos em papel-alumínio como uma oferta de paz.

– Treinador Pike?

Ele ergue os olhos. Ainda estou com o mesmo vestido amarelo que usei na reunião no jornal e posso sentir o olhar de Pike passear pelo meu corpo. Eu me remexo e aperto a bolsa junto ao peito com a mão livre.

– Posso ajudar a senhora? – pergunta ele, com um sorriso libidinoso.

Nunca gostei desse cara, mas chego a desgostar um pouco mais agora.

– Pode – respondo. – Sou a mãe da Isabel Mullen.

– Ah. – O sorriso some na mesma hora.

– Trouxe esses brownies pro senhor. – Levo os doces até ele, feliz por ter uma desculpa para entrar na sala. – Estava com esperança de podermos bater um papo.

O treinador Pike aceita os brownies e espia por baixo do alumínio com

um ar de aprovação. Não me convida para sentar, mas é o que faço mesmo assim.

– Queria conversar com o senhor sobre a Izzy – digo. – Fiquei sabendo hoje que ela foi cortada do time.

– É. – E isso é tudo o que ele tem a dizer sobre a questão.

– Bom, fiquei sem entender – prossigo. – Porque, como o senhor sabe, ela é uma jogadora excelente. Eu a vi jogar o ano passado inteiro, e acho que é uma das atletas mais fortes que o senhor tem. Então realmente não estou entendendo…

Pike afasta o alumínio e descobre que embalei os brownies em várias camadas de papel-filme. Parece estar considerando desembalá-los, mas acaba decidindo que não vale o esforço.

– Estão com uma cara boa.

– O gosto também está ótimo.

Ele fica observando pensativo os doces enquanto reflete sobre o que vai dizer a seguir.

– Na verdade, os brownies são parte do problema.

– P… perdão?

– No final da temporada passada, eu falei pra Izzy que ela estava lenta demais e que precisava perder um pouco de peso para a temporada seguinte – diz Pike para mim. – Uns 7 quilos, no mínimo. Mas uns 10 seria ideal.

Fico de queixo caído.

– O senhor… o senhor disse à minha filha de 15 anos que ela precisa emagrecer 10 quilos?

– Eu disse que ela precisava ser mais ágil – corrige o treinador. – Sugeri que perder peso talvez ajudasse. Só que ela não só não conseguiu, como está pesando 2 quilos e meio a mais do que na mesma época do ano passado. Estamos com duas meninas a mais no time, e alguém tinha que sair. Então tive que cortar a Izzy.

– Mas a Izzy é muito rápida! – protesto.

– Com todo o respeito, Sra. Mullen, não é a senhora que treina o time de futebol, ou é? – Ele batuca no papel-alumínio da bandeja de brownies. – O treinador sou eu, e sou eu que avalio quem é rápido o bastante. Não a senhora.

De repente, faz total sentido Izzy ter ficado brava comigo por eu ter feito

brownies. Ela ficou brava porque minha filha perfeita e em plena forma física por algum motivo achou que precisava emagrecer.

– Olha aqui – diz ele. – A Izzy tem potencial, concordo. Se ela conseguir emagrecer e ficar mais rápida, quem sabe eu não considero aceitar ela de volta?

– Então tem a ver com velocidade. – Eu me remexo na cadeira. – A que velocidade ela precisa chegar? Tipo, se a gente for correr, a que velocidade ela precisa…

– Uma velocidade maior do que a que ela alcança agora – responde ele sem nenhuma outra explicação. – E, como já falei, a melhor forma de ficar mais rápida é perdendo peso. A esteira não vai dar conta. – Ele faz uma pausa para cruzar os braços. – E, além do mais, ninguém quer ficar vendo um bando de meninas gordinhas correndo pelo campo. Essa imagem não vai fazer o público feliz. Caramba, nem *eu* quero ver isso.

Sinto a cabeça girar. Não *acredito* que ele acabou de dizer isso sobre um bando de adolescentes. Minha vontade é repetir essa conversa para o diretor da escola, mas o técnico vai simplesmente negar. Se em algum momento duvidei da história de Lexi sobre ele ter entrado no vestiário "por acidente", essa dúvida desapareceu. Se ele não tivesse expulsado Izzy do time, eu mesma teria insistido para ela sair para evitar qualquer outra interação com Pike.

Izzy não pode praticar o esporte que ama por causa desse homem. E pior: ele está fazendo minha filha se sentir mal em relação a si mesma. Está fazendo Izzy pensar que precisa mudar.

E fica secando meninas adolescentes enquanto elas se trocam no vestiário.

– Sinto muito que eu não possa ceder a tudo que a senhora quer. – Pike dá de ombros; não parece estar sentindo nem um pingo de arrependimento. – Mas não é assim que o mundo funciona, e é melhor a Izzy aprender isso agora do que mais tarde.

– Ela merece estar no time – digo entre os dentes, embora não queira mais que ela seja do time *dele*.

– Se a senhora quiser ajudar sua filha, ajude-a a perder peso – diz ele para mim. – Pare de fazer brownies o tempo todo. E, aproveitando o embalo, não faria mal nenhum a senhora também perder alguns quilinhos.

Meus dentes estão cerrados com tanta força que não consigo acreditar

que um deles não rache ao meio. Respiro fundo para tentar me acalmar. Conto na cabeça até dez, então me levanto.

– Obrigada pela conversa, treinador Pike – digo.

Ele meneia a cabeça para mim.

– Disponha.

Eu me viro e saio da sala do treinador. Tudo em que consigo pensar é que preciso ir embora dessa escola ou vou começar a gritar.

Só que não posso ir embora agora. Ainda preciso fazer mais uma coisa antes de sair daqui.

DEZENOVE

COOPER

Quando chego em casa, tudo está às escuras.

Achei que Debbie fosse estar na cozinha preparando o jantar e fico aliviado por não vê-la. Não queria ser bombardeado com perguntas no mesmo segundo em que entrasse. Embora provavelmente não vá haver *tantas* perguntas assim. Apenas uma.

Como foi com o seu chefe?

Pensar nisso faz um suor frio brotar na minha testa. É uma sensação conhecida e que passei a odiar. Tudo o que consigo pensar é que só há uma coisa capaz de fazer eu me sentir melhor. Só há um lugar para o qual eu posso ir agora.

Preciso sair daqui.

Porém, antes que eu consiga escapar, ouço a porta da garagem se abrir. Droga, esperei demais.

Eu me preparo, pois sei que dali a mais um minuto Debbie vai aparecer. Meu corpo inteiro fica tenso.

– Cooper? – A voz dela enche a sala antes mesmo de eu vê-la. – O que tá fazendo aí no escuro?

– Eu, é… – Não tenho uma boa resposta para essa pergunta. Debbie acende a luz, e pisco algumas vezes enquanto meus olhos se adaptam à claridade. – Acabei de chegar.

– Desculpa o atraso – diz ela. – O mercado estava bem mais cheio do que eu imaginava.

Só que ela não está carregando nenhuma compra. Que coisa estranha.

Mas está bonita. Trocou o vestido justo que estava usando hoje de manhã, mas qualquer coisa lhe cai bem. Ainda me lembro do dia em que a conheci, já mais de vinte anos atrás, e foi como se um raio tivesse me atingido. Antes disso, eu nem pensava em casamento, mas soube na mesma hora que queria me casar com Debbie. Essa era uma mulher que eu jamais conseguiria tirar da cabeça.

– Como foi seu dia? – indago antes que ela me pergunte. – Ah, e aí, como foi a sessão de fotos?

Ela estava tão animada com isso… Tenho certeza de que podemos gastar pelo menos quinze minutos repassando os detalhes.

– Foi ótima – responde ela, com uma voz mais animada. – Mal posso esperar pra te mostrar as fotos.

Eu também mal posso esperar. Não sou fã de jardinagem como Debbie – a verdade é que acho plantas um saco, do mesmo jeito que outras pessoas acham códigos tributários um saco –, mas fico animado por ela se animar. Quem sabe consiga mandar emoldurar profissionalmente uma das tais fotos para podermos pendurar no corredor. Posso fazer isso como uma surpresa para ela quando a matéria sair.

Fico aguardando a enxurrada de detalhes sobre a sessão de fotos. Debbie adora me contar tudo sobre o dia dela, e em geral gosto de ouvir, mas nesse momento ela fica estranhamente calada. Deve estar exausta depois de tanta empolgação.

– Mas, é… – digo. – Aconteceu alguma outra coisa hoje?

Ela dá batidinhas com o dedo no queixo como se estivesse refletindo.

– Na verdade, não. Foi só um dia normal.

– Ah.

– E aí… – Ela sorri para mim. – Como foi a conversa com o Ken?

Bom, não demorou muito.

– É… não foi muito boa.

O sorriso desaparece dos seus lábios.

– Como assim?

Não consigo contar para Debbie que não consegui a promoção e então resolvi pedir demissão. Meu Deus, o que ela iria pensar de mim? Então lhe conto uma versão da verdade.

– A sociedade não vai rolar. Está fora de cogitação.

Alguma hora vou ter que confessar a ela o que aconteceu. Pior ainda: vou precisar arrumar outro emprego sem carta de recomendação, embora exista a possibilidade de meu último chefe de uma década atrás ainda me recomendar. Se eu não achar algo logo, vamos precisar nos mudar. Hingham é uma cidade cara, e na atual situação mal cabe no nosso orçamento. Estamos bem ferrados. Pensar nisso me dá a sensação de ter uma corda apertando meu pescoço.

Pelo menos temos o emprego de Debbie para nos ajudar. Não é grande coisa, mas é *alguma* coisa. Se o pior acontecer, posso implorar para conseguir meu emprego de volta… provavelmente com um salário menor.

– Ele disse por quê? – insiste Debbie.

– Na verdade, não. – Evito seu olhar, e em vez disso dou uma olhada no relógio pendurado na parede. – Ei, o jantar já está quase pronto?

A pergunta a desconcerta. Ela obviamente não está com nada pronto, pois acabou de chegar – de onde quer que estivesse, que com certeza não era o supermercado.

Aonde ela pode ter ido? E como é possível não estar com o jantar pronto? Debbie sempre está com o jantar pronto toda noite às seis e meia em ponto. Daria pra acertar um relógio por isso.

– O jantar ainda vai demorar um pouco – admite ela. – Uma horinha? Desculpa… o dia foi cheio.

– Sabe do que mais? – Pouso a mão na barriga e finjo fazer uma careta. – Estou morrendo de fome. Você acha muito ruim se eu sair pra comer num fast-food? Tem problema?

Como Debbie adora jantares em família, imagino que vá reclamar. Mas, em vez disso, ela sorri para mim.

– De jeito nenhum! Eu provavelmente só devo improvisar uns sanduíches pra mim e pra Izzy. A Lexi hoje vai jantar fora com o Zane.

Debbie retorce o rosto em uma cara azeda, como sempre faz quando menciona o namorado da nossa filha. Devo admitir que também não sou muito fã do garoto, mas entendo que minha opinião não signifique grande coisa para Lexi.

– Enfim, vai lá e come alguma coisa bem gordurosa – diz ela. – Eu seguro as pontas por aqui.

Meus ombros afundam. Está ficando cada vez mais difícil arrumar desculpas para escapulir à noite.

– Quer que eu te traga alguma coisa?

Ela inclina a cabeça, pensativa, e fica tão encantadora nessa hora que não consigo evitar sentir uma pontada gelada de culpa.

– Eu jamais diria não a uma batata frita.

– Pode deixar.

Como se batatas fritas pudessem compensar o fato de eu mentir para ela na cara dura.

Antes de sair, mando uma mensagem de texto rápida no celular. Em seguida, pego a chave do carro e saio. Ano passado, Debbie – que é uma gênia, como eu talvez já tenha mencionado – instalou um aplicativo chamado Findly nos nossos celulares. É meio parecido com o Find My Friends, só que com um grau de precisão bem mais impressionante.

Jesse ficou chocado quando eu lhe contei que um aplicativo no meu celular permitia à minha esposa saber onde eu estava a todo instante. Anunciou que eu devia ser mantido na coleira por ela para deixá-la instalar um negócio desses. Na época, eu não conseguia pensar em nada que pudesse fazer que não fosse querer que Debbie soubesse.

E agora, ao sair, desabilito o Findly. Se ela perguntar, vou dizer que devo ter entrado numa área sem sinal, mas com certeza absoluta não vou compartilhar minha localização com ela nas próximas horas. Ela não pode saber aonde estou indo.

VINTE

HARLEY

Sempre tomo um banho ao chegar da Titan Fitness.

Sim, na academia tem chuveiro. Mas, sério, os chuveiros de lá são um nojo. Se os frequentadores soubessem como é raro passarem por uma boa limpeza, também não tomariam banho lá. Chuveiros *não são* autolimpantes, acreditem.

Além do mais, eu adoro tomar um banho luxuoso e demorado. Adoro ficar debaixo da água escaldante até minha pele ficar vermelha feito uma beterraba. Não paro de aumentar cada vez mais a temperatura, até ter certeza de que vou ser cozida viva como uma lagosta numa panela. Fico ali até toda a água quente acabar, e só então saio e me enrolo numa toalha quente e fofinha.

Como eu disse, adoro tomar banho.

Moro num pequeno apartamento de subsolo numa rua sem saída na qual há apenas uma outra casa, que parece abandonada, possivelmente inóspita até, a julgar pelo aspecto. O casal que mora na parte principal da minha casa é supervelhinho e surdo e leva uma vida discreta, de modo que tenho um pouco a sensação de morar sozinha. Um dia desses tenho certeza de que vou subir lá para entregar o cheque do meu aluguel e encontrar um deles sem vida na sala, ou os dois. Mas, até lá, é um lugar legal e tranquilo para morar.

Bem na hora em que estou me enrolando na toalha, meu celular apita

com uma mensagem. Encontro o aparelho na mesa de cabeceira do quarto e sorrio ao ver a mensagem que está à minha espera.

Posso passar aí?

Digito minha resposta:

Claro. Daqui a quanto tempo?

Quinze minutos.

Oba. Isso vai me dar tempo suficiente para secar os cabelos e passar um pouco de maquiagem até ficar com o visual de cara lavada perfeito. Vou me vestir, mas não tenho por que me dar ao trabalho de pôr roupas demais, levando em conta que daqui a pouco elas vão ser tiradas, se é que me entendem.

Quando acabo de me aprontar, vou me olhar no espelho do quarto. Maquiagem na dose certa? Feito. Cabelos sensualmente despenteados? Feito. Regata cropped com decote só um tiquinho além da conta? Feito.

Estou uma gata. Bem mais gata do que *ela*. Quer dizer, não tem nem comparação.

Enquanto estou ensaiando olhares abrasadores no espelho, uma batida soa na minha porta. Meu coração acelera, como sempre acontece quando ele chega, e, ao atravessar correndo o apartamento, quase tropeço num pufe.

É assim que a gente sabe quando realmente está gostando de alguém. Quando quase se machuca fisicamente tamanha a ansiedade para ir abrir a porta para essa pessoa.

Escancaro a porta e ali está ele, com uma cara um pouco culpada como de costume, mas ao mesmo tempo extremamente sexy. Talvez seja sexy o fato de ele sentir culpa. Ele diz que nunca fez nada desse tipo antes, e eu acredito. Mas não resta dúvida de que ele quer estar aqui… e muito. Seu olhar está inundado de desejo.

– Oi, Harley – diz ele.

Abro um sorriso para ele, com aquelas cócegas no peito que sempre sinto quando ele aparece na minha porta. Meu Deus, que cara charmoso.

– Oi, Cooper – digo.

Ele aguarda mais um instante, então entra. Não perde mais nenhum

segundo e me beija. A esposa vai sentir falta dele em casa daqui a pouco, então não há muito tempo para preliminares. Posso ser o primeiro caso extraconjugal dele, mas ele não é meu primeiro homem casado. Nem de longe. Sei como essas coisas funcionam.

– A Debbie está te esperando a que horas? – pergunto enquanto ele beija meu pescoço.

Detesto falar dela quando estamos tendo um momento quente, mas preciso ser prática. Quero saber quanto tempo temos.

– Eu tenho mais ou menos uma hora.

O suficiente.

Cooper não perde tempo. Me pega no colo com facilidade, porque anda malhando. E que bom que ele anda malhando, porque foi assim que nos conhecemos. Na academia. Quando o vi correndo naquela esteira, não consegui me segurar.

Enquanto ele me carrega para o quarto, não consigo deixar de pensar comigo mesma que um dia desses, passada uma hora, ele vai decidir que dessa vez não vai voltar para ela.

VINTE E UM

Eu sei o que vocês estão pensando. Que sou uma pessoa horrível. Uma destruidora de lares.

E não seria exatamente um *erro* pensar assim.

Mas a verdade verdadeira é que os seres humanos não foram feitos para a monogamia. Principalmente os homens. Do ponto de vista biológico, eles têm uma compulsão de espalhar suas sementes pelo máximo de mulheres possível. E, do ponto de vista biológico, Debbie também já passou da idade de procriar, ao passo que Cooper, aos 46 anos, ainda tem muitos anos reprodutivos pela frente.

Do ponto de vista biológico, Cooper foi projetado para me desejar.

Estamos deitados na cama. Cooper está com um braço em volta de mim e estamos grudados um no outro de tanto suor. Ele dá um beijo na minha testa, e o gesto é tão encantador que o fato de ele precisar sair correndo daqui a poucos minutos quase acaba comigo.

– E se você ficasse? – sugiro.

Ele dá um suspiro pesaroso.

– Eu queria poder ficar – diz Cooper, em voz baixa. – Pode acreditar, queria mesmo. A Debbie e eu parecemos dois desconhecidos obrigados a morar juntos.

– Deve ser horrível.

– E é mesmo. – Ele engole em seco. – Eu estava ficando maluco antes de você chegar, Harley. Queria não ter mais que fingir.

– Então para de fingir. Ela não é sua dona.

– É… meio que ela é, sim. – Cooper ergue a mão esquerda com a aliança de casamento. – Um divórcio seria dureza. Ela ficaria com tudo.

– Só metade de tudo.

Mas Cooper balança a cabeça. Já saí com vários homens casados, e sei que eles vão me dizer o que acham que quero ouvir, mas realmente acredito que ele não seja mais apaixonado por Debbie. E isso já há muito tempo. Ele dorme no quarto de hóspedes há anos, mas mesmo assim não consegue sair de casa. Ela não é uma pessoa equilibrada, e um divórcio a faria degringolar.

E agora que conheço Debbie, sei do que ele está falando. Afinal, a mulher envenenou as vizinhas.

Não era minha intenção ficar amiga da esposa do cara com quem estou ficando. Sabe, não sou tão psicopata assim. Mas aí, um dia de manhã, estava conversando com Cindy na recepção da academia quando uma quarentona de rosto agradável mas um pouco anguloso e cabelos presos para trás num rabo de cavalo bem-feito passou seu crachá pela catraca, e o nome Debra Mullen apareceu na tela do computador.

Então é claro que fiquei curiosa. Sou humana, afinal. Não é que eu tenha ido à casa dela e ficado stalkeando cada passo da mulher.

Não costumo fazer isso com ninguém. Mas, verdade seja dita, é impossível stalkear Cooper. O cara tem presença zero nas redes sociais, o que não é incomum para homens da idade dele. Quando não consegui ficar de olho nele na internet, o único jeito de saber mais a seu respeito foi investigar um pouco na vida real.

Ainda assim, minha intenção era só *conversar* com ela. Só que toda vez que ela pronunciava o nome Cooper, eu me pegava bebendo suas palavras. Ela parecia não fazer ideia da situação periclitante em que seu casamento se encontrava. Ou então estava tentando esconder isso de mim. Afinal, ninguém sai por aí contando para desconhecidos que há dois anos não transa com o próprio marido.

Então pensei que, se ficássemos mais amigas, ela talvez se abrisse mais comigo em relação a Cooper. Foi quando a convidei para ir tomar um café.

Uma coisa levou a outra, e de repente estávamos tomando café com frequência, ela me convidando para fazer parte do seu clube do livro, e agora

de repente éramos melhores amigas. Tenho a sensação de que ela não tem muitas amigas, e a verdade é que eu também não. Cooper ficaria uma fera se soubesse que fiz amizade com a esposa dele, então tomei cuidado para não comentar nada.

Em algum momento, isso vai dar ruim. Não posso manter minha amizade com Debbie enquanto estou transando com o marido dela. Um dia, durante o jantar, ela vai comentar com Cooper sobre a nova amiga Harley, e ele provavelmente vai morrer engasgado com uma cenoura ou coisa do tipo.

Mas talvez seja isso que eu *queira* que aconteça. Bom, não a parte de ele morrer engasgado com uma cenoura. Mas *quero* que Debbie saiba que o marido está aprontando fora de casa. Quero que o ponha para fora. Porque, quando ela fizer isso, ele vai vir direto para cá.

Meus relacionamentos com homens casados raramente acabam bem. Na verdade, o último, com um sujeito chamado Edgar, deu ruim de um jeito bem espetacular. Mas estou com uma impressão boa em relação a Cooper Mullen.

Cooper se desvencilha do meu abraço e rola para fora da cama. Na penumbra do quarto, fico observando-o se vestir. Apesar de ser mais de uma década mais velho do que eu, tem um corpo fantástico, e mal consigo me segurar para não puxá-lo de volta para a cama. Ele pode conseguir alguém melhor do que Debbie. Deve saber disso.

– Volta amanhã? – pergunto.

Aguardo o lampejo de irritação no rosto dele, que nunca chega.

– Vou tentar dar uma fugida. – Então acrescenta: – Não prometo nada.

Não é fácil ser a outra. Eu sei, eu sei, não posso reclamar, mas é uma vida dura. Nós não podemos ser vistos em público, e em todos os feriados importantes eu fico sozinha. Programas com outro casal? Esquece.

Mas logo, logo não vou ser mais a outra.

Cooper é o cara. Quanto mais tempo passo com ele, mais certeza tenho disso. E logo, logo Debbie também vai saber.

VINTE E DOIS

DEBBIE

Quando as luzes da frente da casa se acendem, imagino ser Cooper voltando. Até a fechadura da porta da frente não girar.

Saio da cozinha para o hall e espio por uma das janelas que dão para a varanda.

Não deveria ficar de todo surpresa ao ver Lexi e Zane juntos na varanda. Meu instinto é recuar lentamente antes de ser obrigada a ver minha filha aos chupões com o namorado. É a última coisa que eu iria querer ver.

Só que eles não estão se beijando. Estão conversando, e, embora não dê para ouvir o que estão dizendo, Lexi está com a mão na cintura e os lábios virados para baixo. E Zane o tempo inteiro exibe no rosto um sorrisinho malicioso de satisfação consigo mesmo.

Ele tira o celular do bolso e começa a apontar para a tela. Lexi tenta pegar o aparelho, e ele o segura por um triz fora do alcance dela. A expressão no rosto de Lexi faz parecer que a vontade dela é arrancar os olhos dele a unhadas.

O que está acontecendo ali?

Se eu entreabrir a janela sem fazer barulho, talvez eu consiga ouvir o que os dois estão dizendo. Não que eu queira bisbilhotar minha própria filha, mas… Tá, tudo bem, *sim*, eu quero bisbilhotar minha filha. Ela nunca vai me contar por vontade própria sobre o que eles estão falando. É minha única alternativa.

Só que antes de conseguir tentar abrir a janela, Zane estica o braço e

pega o de Lexi. Embora eu tenha certeza de que ele já fez bem mais do que isso quando estavam só os dois, o desconforto no rosto dela é palpável. Ela tenta puxar o braço de volta, mas ele não solta. E mantém o tempo todo aquele sorriso de malícia no rosto.

Esqueço inteiramente a janela e vou direto para a porta da frente. Finjo estar de saída, embora esteja sem bolsa, e, pensando bem agora, também sem sapatos. Meu estratagema deixa bastante a desejar, mas basta para dar um susto nos dois.

Zane solta o braço de Lexi na mesma hora.

– Ah, oi! – Minha tentativa de fingir surpresa não chega a ser digna de Oscar, mas é boa o suficiente. – Não sabia que vocês estavam aqui fora.

– O Zane já tá de saída – diz Lexi, tensa.

O cabelo de Zane está caído na frente dos olhos, o que me dá vontade de ir pegar uma tesoura na cozinha e cortá-lo. Na verdade, eu preferiria cortar outra coisa, mas acho que me contentaria só com um corte de cabelo. Ou com qualquer coisa que apagasse esse sorrisinho malicioso dos lábios dele.

– A gente se fala depois, Lexi – diz ele.

Ela não diz nada, mas depois de alguns segundos assente.

Recuo um passo para deixar Lexi entrar em casa e fecho a porta; já abandonei qualquer farsa de precisar sair. Só estou aliviada por ela estar segura dentro de casa. Só queria que Cooper chegasse em casa também, principalmente porque a localização dele parece estar desligada. Vai ver ele está numa zona sem sinal.

Imagino que Lexi vá subir correndo para o quarto sem dizer mais nada, como tem feito com frequência ultimamente, mas, em vez disso, ela fica simplesmente parada no meio da sala como se não soubesse o que fazer. Estou louca para lhe perguntar o que aconteceu entre ela e o namorado na varanda, mas sei por experiência própria que essa não é uma boa ideia.

– O que você tá fazendo? – pergunta ela por fim.

A frase não sai do jeito como ela costuma me perguntar as coisas. O jeito dela normalmente é "O que você tá *fazendo*?", basicamente dando a entender que o que quer que eu esteja fazendo é esquisito e inaceitável. Mas agora está perguntando como se estivesse curiosa de verdade. E preciso pensar numa resposta.

– Arrumando a sala. – *E com certeza não estava espionando você e seu namorado*.

Ela me olha interessada. Quando Lexi era pequena, nós duas costumávamos fazer faxina uma vez por semana. Quando Izzy ainda era pequenininha, a casa ficava atravancada, então todo domingo Lexi e eu fazíamos faxina juntas. Ela adorava. Eu a deixava passar o aspirador, e ela ficava muito engraçada e fofa tentando manejar um eletrodoméstico quase do seu tamanho. Devo ter centenas de fotos dela com esse aspirador, mas fico triste demais quando as vejo.

Eu me preparo para algum comentário crítico de Lexi sobre meus dotes de dona de casa, mas, em vez disso, ela pergunta:

– Precisa de ajuda?

A sala já está impecável. Eu passo o aspirador e o espanador todo dia de manhã, depois de fazer as camas e lavar a louça do café. Mas se Lexi está se oferecendo para me ajudar, não sou eu que vou recusar.

– Você passaria o aspirador pra mim? – pergunto, mesmo sabendo que provavelmente não há nenhuma partícula de poeira no chão da sala.

Os olhos de Lexi se iluminam.

– Claro.

Ela me acompanha até o armário onde guardo o aspirador e o resto do material de limpeza. Quando estou pegando o aparelho e desenrolando o fio que vive embolado, decido me arriscar. Sei que é uma aposta alta, mas estou morrendo de vontade de saber o que estava acontecendo lá na varanda. E, mais importante ainda, preciso saber se minha filha está correndo algum perigo.

Então pergunto, no tom mais displicente que consigo:

– Mas e aí, como andam as coisas com o Zane?

É claro que foi a coisa errada a dizer. Sou mãe de pelo menos uma adolescente há quatro anos e deveria ter imaginado o que ia acontecer.

Ela estreita os olhos na mesma hora.

– Por que a pergunta?

O fio agarrou em alguma coisa, e dou um puxão para tentar soltá-lo.

– Por nada.

– Você tava me *espionando*? – retruca ela. – Foi por isso que saiu na varanda e ficou se comportando daquele jeito tão esquisito?

A bem da verdade, eu *sempre* me comporto de um jeito esquisito segundo a avaliação de Lexi.

– Eu não estava te espionando. Juro que não.

Mas só porque a janela estava fechada e eu não consegui ouvir nada.

– Então por que abriu a porta? – rebate ela, exigindo saber.

– Estava procurando o seu pai – respondo com uma voz fraca.

Lexi não acredita em mim, o que dá para entender. Encara o aspirador de pó com um desprezo repentino.

– Na verdade, não estou a fim de ajudar com nada agora. Vou subir.

– Mas… – O fio enfim se solta do armário. Brando o aspirador com a mão direita. – Só uma passadinha rápida na sala. Vai ser divertido.

– Divertido? – O sarcasmo pinga da voz dela. – Eu não acho divertido ser sua *empregada*. Além do mais, tenho dever pra fazer.

E pronto, eu a perdi.

Sem dizer mais nada, ela sobe a escada batendo os pés até o quarto. Eu deveria ter sido mais cautelosa. Nunca deveria ter mencionado Zane. Quando estiver pronta, ela vai me contar. Ou vai ver não, e eu simplesmente vou reparar que ele não aparece mais.

E se ele fizer alguma coisa para machucar minha filha, vai se arrepender amargamente.

VINTE E TRÊS

Uma hora depois, Cooper chega em casa.

Passou duas horas fora no total, um tempo bastante longo para uma ida a uma lanchonete de fast-food. Fast-food é uma comida *rápida*; o próprio nome já diz. Ele entra segurando um saco de batata frita que manchou de gordura o papel pardo. O cheiro é uma delícia, mas meu apetite não está lá essas coisas.

Cooper passou a maior parte da noite fora, e eu não sei por onde andou. E mais: não é a primeira vez que ele some assim. Sempre com alguma desculpa.

E ele sempre desabilita o compartilhamento da localização.

Eu me levanto do sofá para confrontá-lo.

– Onde você estava?

– Eu te disse, fui jantar num fast-food. – Seus olhos evitam os meus. – Depois fui só… você sabe, fui rodar um pouco de carro. Estava precisando arejar a cabeça.

– Entendi…

– Foi mal. – Ele estende o saco de batata frita, e eu faço o que ele espera e o pego. – Se achasse que você estava precisando de mim em casa mais cedo, não teria demorado tanto.

Só que isso é outra mentira.

– Fiquei preocupada. Tentei ver onde você estava, mas o Findly não estava mostrando a sua localização.

– Desculpa… eu peguei umas estradas secundárias. O sinal devia estar oscilando.

E mais uma.

Levo o saco de batata até a cozinha, e Cooper vem atrás de mim. Sirvo um copo de refrigerante diet para cada um de nós e lhe passo o dele por cima da mesa, onde ele se larga numa das cadeiras. Fica encarando a bebida e acaba tomando um gole, mas não estende a mão para as batatas. Nem eu.

– Cooper – digo.

– Debbie, tem uma coisa que eu preciso te contar. – Ele respira fundo, trêmulo. – Eu…

Fico me preparando para o que quer que esteja por vir. Ele não vai me dizer: "Debbie, olha só, acabei de ganhar na loteria. Bora comprar uma mansão." Baixa os olhos e encara as próprias mãos.

– Eu pedi demissão.

– *Como é que é?*

– Quando o Ken falou que não ia me promover. – Ele segue encarando as próprias mãos, sem conseguir sustentar meu olhar. – Ameacei me demitir, e ele não arredou pé. Então… eu fui em frente. Me demiti.

Era a última coisa que eu imaginava que ele fosse dizer. Sabia que conversar com Ken Bryant poderia pôr em perigo o futuro de Cooper no escritório, mas esse não era o desfecho que eu tinha previsto. Cooper não é o tipo de homem impulsivo, que desiste quando não consegue o que quer. Aquele zumbido na minha nuca recomeça e sinto meus punhos se cerrarem.

– Uma droga – reconhece Cooper. – Mas… tenho certeza de que vou encontrar outra coisa.

– Ele disse por que não queria te dar a promoção? – Minha voz sai mais alta do que deveria a essa hora da noite. – Ele deve ter te dado um motivo!

Cooper abre um sorriso amargurado.

– Ele disse que eu não tenho perfil de gerência. E que não precisa de mim.

– Por acaso ele enlouqueceu? – Eu sei o que Cooper faz naquele escritório, e eles vão ficar perdidos sem ele. – Por que ele diria uma coisa dessas?

– Não sei, mas ele deixou claro que eu nunca ia virar sócio.

Dessa vez, eu pego algumas das batatas do saco. Elas passaram muito tempo lá dentro e já estão frias. Fico imaginando quanto tempo Cooper passou dirigindo por aí com elas.

– Mas isso é ridículo! – exclamo. – Você não pode deixar ele se safar com essa!

– Só quero deixar isso pra trás e encontrar outra coisa – diz ele. – Talvez… talvez isso seja uma bênção. Eu nunca viraria sócio lá, então quem sabe consiga encontrar alguma coisa melhor.

Pode ser que ele esteja certo. Cooper merece coisa melhor do que aquele emprego, mas tudo em que consigo pensar agora é como vamos pagar a hipoteca da casa.

– Enfim – acrescenta ele. – A gente tem seu salário da *Querida Debbie* pra ajudar até eu arrumar outra coisa.

Ah, certo: não cheguei a contar para Cooper que fui demitida. O dia de hoje não foi muito bom para a família Mullen.

Abro a boca para compartilhar essa revelação, mas não consigo me forçar a fazê-lo. Cooper já está com uma cara bem arrasada, e não consigo me obrigar a largar mais uma bomba em cima dele nesse momento.

Ele vai procurar emprego e eu vou procurar emprego. Nós vamos achar alguma coisa, um ou o outro. Vamos ficar bem.

– O Ken cometeu um erro gigante. – Estendo o braço e seguro as duas mãos dele. – Você é o melhor funcionário que ele tem.

Cooper só dá de ombros com tristeza.

– Pode ser.

– É, sim – insisto. – Confie em mim: esse Ken Bryant vai se arrepender de ter te mandado embora. *Amargamente*.

Cooper parece meio cético, mas sei do que estou falando. Mais cedo do que pensa, Ken vai se arrepender do que fez.

VINTE E QUATRO

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Estou exausta! Meu marido ronca feito a porcaria de uma serra elétrica! Eu juro que não tenho uma noite inteira de sono desde o dia em que dissemos "Sim"! Toda noite é a mesma coisa. Ele pega no sono em no máximo dois segundos, e é aí que a maldita barulheira começa. Preciso ficar acordada ouvindo o que parece uma ursa-parda parindo bem do meu lado!

Já tentei de tudo! Tampões de ouvido, dar um cutucãozinho nele (ou um empurrãozão), mas nada funciona! Se eu não arrumar uma solução em breve, vou ter que pegar minhas cobertas e ir dormir na banheira! Você teria algum conselho para preservar minha sanidade mental?

Insone em Hingham

Querida Insone,

O ronco é um problema muito comum em adultos, em especial do sexo masculino. Estima-se que 25% de todas as pessoas ronquem habitualmente! E é claro que isso é um problemão para o parceiro ou parceira dessas pessoas.

Há várias coisas que o seu marido pode fazer para roncar menos. Exercitar-se com regularidade e reduzir o consumo de álcool pode ajudar. Perder peso também. Além disso, dormir de lado reduz a chance de roncos, de modo que, se o seu marido dorme de barriga para cima, diga a ele para se virar!

Se nada disso der certo, ou o seu marido simplesmente não quiser colaborar, segue aqui um truquezinho cem por cento eficaz.

Da próxima vez que seu marido te acordar de tanto roncar, pegue seu travesseiro e coloque-o por cima do rosto dele. Então, usando as

duas mãos, exerça uma pressão de média a firme bem no centro do travesseiro. O nível de ruído talvez se intensifique por um instante, mas garanto que em cinco minutos os roncos terão cessado. Para sempre.

Durma bem!
Debbie

VINTE E CINCO

DEBBIE

Acordo às duas da manhã com o coração disparado.

Tinha cogitado colocar o despertador, mas não quis correr o risco de acordar Cooper. Felizmente, ele ainda dorme, e está roncando baixinho ao meu lado na cama. Ao luar, parece bem mais jovem. Igualzinho a quando nos conhecemos, tantos anos atrás. Ainda me lembro de como ele ficou feliz quando aceitei seu convite para sair, como se não conseguisse acreditar na própria sorte.

Cooper não se mexe quando saio da cama. Ele em geral tem o sono pesado, mas pôr um pouco de ópio no refrigerante diet que lhe servi quando estávamos comendo batata frita ajudou. As flores coloridas do meu jardim se parecem muito com anêmonas, mas não é isso que elas são.

Sim, eu cultivo papoulas-dormideiras no meu jardim.

Tecnicamente, não é ilegal ter essas flores no quintal de casa. A coisa só se torna um problema quando a quantidade chega aos hectares e a pessoa começa a extrair ópio e vender para terceiros. Desconfio que os vizinhos fossem fazer cara feia se soubessem, e só Deus sabe o que Zane faria. Então digo para todos que são anêmonas.

É claro que não cultivo *apenas* papoulas-dormideiras. Na verdade, elas só constituem uma pequena parte do meu jardim. Também gosto bastante de lantana, com suas vivas cores tropicais, bem como de flores de hibisco, com seu tom vermelho-vivo bem chamativo. Tenho também um pequeno

canteiro de frutinhas vermelho-escuras de *Carapichea ipecacuanha*, a base do xarope de ipeca. Essa planta é um emético bastante poderoso.

Comecei a cultivar ópio por curiosidade. O que posso dizer? Fico entediada facilmente, sobretudo agora que as meninas já são adolescentes e não precisam de mim a cada momento do dia. Assisti a um vídeo sobre o tema na internet que ensinava como fazer. Faz-se uns cortes verticais na cápsula da papoula para "sangrar" o ópio. Já faço isso há anos e acumulei um estoquezinho bem razoável.

Imagino que seja isso que aconteça quando a pessoa tem um QI de 178 e cuja única ocupação trabalhista seja uma coluna de conselhos semanal. Eu até programo os tais aplicativos para celular, mas acabei me tornando bem rápida nisso, e eles não exigem mais muito trabalho. Meu cérebro anda implorando por estímulos.

Cooper continua roncando enquanto visto uma calça jeans e um suéter preto. Prendo o cabelo num coque para impedir que caia no rosto e desço sem fazer barulho até o térreo. Tenho bastante coisa para fazer hoje à noite e nenhum tempo a perder.

A primeira coisa que faço é pegar os três pacotes de refil das armadilhas para besouros-japoneses. Então vou até nossa garagem, que é onde guardamos a pá que Cooper usa para abrir caminho e nos permitir sair de casa quando neva no inverno. Munida dessas coisas, saio pela porta da frente.

Está meio frio para o suéter que vesti. Na verdade, o tempo está pedindo mais um casaco, mas imagino que depois de ter cavado um pouco já vou ter começado a suar mais. Enfim, não vai levar muito tempo.

Desço o quarteirão até o pé da ladeira, onde Jo Dolan mora. No caminho, passo pela casa de Rochelle, que se encontra tão silenciosa e escura quanto todas as outras. Dei um passeio pelo terreno dela por volta das oito horas da noite e não havia sinal de festa nenhuma. Desconfio que nesse horário Rochelle ainda estivesse vomitando.

Poucos minutos depois, chego ao jardim de Jo. Sob o manto da noite, as rosas parecem quase ameaçadoras. É como se pudessem ganhar vida e me matar a qualquer instante. Principalmente se soubessem o que estou prestes a fazer com elas.

Mas não estou preocupada com plantas assassinas. Estou preocupada é com câmeras, mas não vejo nenhuma por ali. Tenho quase certeza de que Jo

não é o tipo de pessoa que instala câmeras no seu terreno. Mas ela realmente deveria fazer isso. Levei menos de cinco minutos para instalar as câmeras nas nossas portas – uma na frente, outra nos fundos – e o software no meu celular que permite monitorá-las ininterruptamente. É um bom recurso de segurança, e também um jeito ótimo de espionar minha filha mais velha quando ela está na varanda com o namorado.

Uma vez convencida de que não estou sendo gravada, encontro um bom local no quintal da frente e começo a cavar a cobertura do solo. Levo cerca de cinco minutos para abrir uma cova rasa na qual enterro o primeiro refil, em seguida enterro os demais em dois outros pontos do jardim. Ao me levantar, limpo as mãos na calça jeans e analiso meu serviço.

Vai funcionar muito bem.

Volto para casa. São duas e meia da manhã e eu deveria estar exausta, mas a adrenalina corre pelas minhas veias e a sensação é de que eu seria capaz de correr uma maratona. Na verdade, correr uma maratona talvez fosse uma válvula de escape melhor para a minha frustração. Ah, mas bom, agora é tarde para isso.

Ao entrar em casa, deixo a pá na garagem e embarco no meu Subaru. Admito haver certo risco em programar o endereço do meu próximo destino no GPS do carro, mas é um risco que preciso correr. É impossível transitar por Massachusetts sem a ajuda de um GPS, e seria muito pior me perder pelas ruas em plena madrugada. Além disso, meu destino final fica a apenas quinze minutos de carro daqui, em Weymouth.

Vou seguindo as instruções do GPS, virando em ruas iluminadas apenas pela fraca luz dos postes de rua. Após uns quinze minutos, a voz com sotaque britânico do meu celular avisa: "Você chegou ao seu destino."

Encosto um pouco mais adiante, pois reconheço que seria problemático parar bem em frente à casa do treinador Robert Pike. Quando estava sentada na sala dele, escutei um zumbido desconfortável na nuca. Agora ainda estou escutando, mas não é a mesma coisa. Dessa vez, é um zumbido de *animação*.

Fiz um desvio de reconhecimento pela casa de Pike mais cedo, no caminho da escola para casa, só para me certificar de que ele não tinha nenhuma câmera no terreno. Assim como Jo Dolan, Pike não é um cara ligado em câmeras. Cães de guarda, talvez. Só que não ouvi nenhum

cachorro mais cedo. Este não é um bairro rico, com alta probabilidade de ter a casa assaltada.

Além do mais, ele não é casado nem tem filhos. Mora totalmente sozinho.

Meu coração segue batucando quando salto do carro. Caminho com rapidez e determinação na direção da casa de Pike. Não sou muito chegada em arrombar fechaduras, mas reparei em outra coisa na casa dele mais cedo, algo que me deixou confiante de que conseguiria entrar ali quando precisasse.

Quando chego ao gramado da frente, reparo que ele tem dois aspersores automáticos cujos topos estão separados por apenas pouco mais de 30 centímetros. O da esquerda tem uma tampa que parece de latão e dá a impressão de estar posicionado ligeiramente mais para fora do solo do que o outro. Olho em volta mais uma vez para garantir que todo mundo no bairro está ferrado no sono, então me agacho ao lado da tampa de latão do aspersor. Ela sai com facilidade.

É um aspersor de mentira.

O mais depressa que consigo, desenrosco a parte inferior do aspersor de mentira. Dito e feito: uma chave cai na minha mão, junto de algumas notas de 20 dólares. Não quero o dinheiro, e a chave vou devolver depois de usar. Ninguém pode saber que estive aqui, e se o técnico Pike tiver comido pelo menos um daqueles brownies, o que estou quase certa de que aconteceu, pelo jeito como estava olhando para eles, vai dormir a noite inteira sem acordar. Tempo suficiente para eu fazer o que preciso.

Respiro fundo e começo a andar em direção à porta da casa dele.

VINTE E SEIS

COOPER

Acordo às três da manhã, muito enjoado.

Não sei se foi alguma coisa que comi. Vai ver foram as tais batatas fritas que Debbie e eu dividimos, porque desde essa hora fiquei me sentindo meio mal. Mas, pensando bem, só devo ter comido umas seis, sete batatas. O que não me parece suficiente para me dar esse enjoo todo.

Fico sentado na cama e esfrego a barriga com uma das mãos e os olhos com a outra. Passo alguns instantes sentado ali, decidindo se quero tentar vomitar, e acabo decidindo que melhor não. E é nessa hora que reparo que Debbie não está na cama ao meu lado.

Que estranho.

Vai ver ela também se sentiu mal por causa das batatas. O que não explica para onde foi. Posso ver daqui que não está no banheiro da nossa suíte. Se estava passando mal, para onde teria ido?

Como a essa altura estou ligado demais para dormir, saio da cama, cambaleando. Na mesma hora, sou tomado por uma onda de tontura. A ânsia de vômito de repente se torna avassaladora e saio correndo feito um doido até o banheiro, onde projeto o conteúdo do meu estômago para fora num jato impressionante. Passo alguns segundos agarrado à borda do vaso sanitário esperando a tontura passar.

– Debbie? – chamo, rouco.

Não sei por que estou chamando o nome dela. Debbie obviamente não está aqui. Mas meu instinto quando passo mal é chamar minha esposa.

Por fim, consigo voltar a ficar em pé, ainda que não esteja tão firme quanto gostaria. Debbie definitivamente não está na cama. Deve estar lá embaixo. Vai ver decidiu fazer um chá para aliviar o enjoo. Na verdade, essa é uma ideia bem boa.

Talvez eu desça para me juntar a ela.

Nem me dou ao trabalho de trocar a camiseta e a cueca samba-canção ao sair para o corredor. Nos últimos meses, Debbie vem agindo de um jeito estranho. Não consigo de todo identificar do que se trata, mas tem *alguma coisa*. Todo santo dia, desde que começamos a morar juntos, ela fazia a cama depois de nos levantarmos. Aí, seis meses atrás, de repente parou.

Não que eu ligue se ela faz a cama ou não. Francamente, até prefiro não ter que arrancar as cobertas toda noite de debaixo do colchão. Mas não consigo entender o que a levou a parar. E quando comentei a respeito, ela apenas deu de ombros e desconversou.

E hoje ela esqueceu meu almoço. E deu o nó da minha gravata como uma criança do jardim de infância teria feito.

É como se estivesse escondendo alguma coisa de mim; como se houvesse alguma distância oculta entre nós que vai aumentando a cada dia. Eu poderia pôr a culpa nos segredos que venho escondendo dela, mas tudo que fiz nos últimos tempos foi *por causa* dessa distância.

Enquanto desço a escada me segurando no corrimão, tomo minha decisão. Vou abrir o jogo com ela.

Talvez isso seja um baita erro. Ela vai ficar *uma fera*. Talvez até resolva me largar. Eu não a culparia por isso, mas a coisa certa a fazer é ser honesto. Deixar tudo às claras, e depois nós resolvemos como lidar com a situação.

Sei o que está parecendo, mas juro que não sou um cara ruim. E quero ser um bom marido. É *só isso* que eu quero. Mas é que eu… pisei na bola. Amo a Debbie. Não é isso que importa?

Quando chego ao pé da escada, porém, o térreo da casa está inteiramente às escuras. Aciono o interruptor na base da escada e olho em volta, mas não há ninguém ali. Debbie não está na cozinha tomando uma xícara de chá. Ela não está em lugar nenhum.

– Debbie? – chamo, só para ter certeza.

Não. Nada.

Mesmo assim, passo vários minutos percorrendo o andar térreo de casa,

só para checar se ela não está dormindo no sofá ou algo do tipo. Mas não há sinal da minha esposa.

Para onde ela foi?

Minha parada seguinte é a garagem. Não parece possível Debbie ter saído de casa às três da manhã, mas, quando empurro a porta da garagem para abri-la, o carro dela não está ali.

Uma sensação de apreensão no fundo do estômago substitui minha náusea. Por algum motivo, minha esposa saiu de casa de madrugada e foi longe o suficiente para ter pegado o carro. Para onde ela pode ter ido?

Uma onda de tontura me domina, mas dou o melhor de mim para afastá-la. Não sei por que estou me sentindo tão mal. Sim, é de madrugada, mas não estou me sentindo cansado. Estou me sentindo…

Estou me sentindo drogado.

Mas como seria possível? Não ingeri nada que pudesse alterar minha consciência de nenhum jeito. Não bebi nada hoje à noite. Não tomei sequer uma aspirina.

Mais uma vez, preciso me agarrar ao corrimão enquanto torno a subir até onde deixei meu celular. Uma vez no alto da escada, eu me apoio na parede enquanto sigo o corredor em direção à suíte master. Consigo chegar à cama, e então pego meu celular, que ficou carregando na mesinha de cabeceira.

Abro o aplicativo Findly. Pontinhos piscantes no mapa indicam onde cada integrante da minha família está. As duas meninas estão em casa, com a graça de Deus. Não sei o que iria pensar se ambas também tivessem sumido. Mas o pontinho de Debbie não está posicionado acima da nossa casa, e, até onde posso ver, ela continua compartilhando sua localização.

Estreito os olhos para a tela. Estranho: ela parece estar num endereço em Weymouth. O lugar não me parece conhecido. Na verdade, que me lembre, não conheço ninguém que more em Weymouth, embora a cidade seja vizinha à nossa.

Quando clico no pontinho dela, um nome de rua surge na tela. Nada garante que a localização seja cem por cento precisa, mas só para o caso de ser, anoto o nome rapidamente no bloquinho que sempre tenho na mesa de cabeceira. Minha letra sai quase ilegível, mas vai servir.

Fico encarando o endereço enquanto tento entender onde Debbie

poderia estar a essa hora. Será que ela está tendo um caso com outro homem? Meu Deus, isso seria… seria um horror.

Talvez eu devesse ligar para ela. Em vez de ficar deitado ali, imaginando o que ela está fazendo, poderia ligar para ela agora mesmo e exigir saber onde está. Com certeza, seria uma coisa razoável de se fazer.

Só que o pontinho na tela começa a se deslocar. Aonde quer que ela tenha ido, está saindo de lá neste momento.

Largo o celular e pouso a cabeça no travesseiro. Debbie está a apenas quinze minutos de distância, ou seja, em breve vai chegar em casa. Assim que isso acontecer, vou lhe perguntar onde estava. Nós vamos nos sentar e ter uma longa conversa sobre… bem, sobre tudo.

Como eu disse, está na hora de abrir o jogo. De lavar a roupa suja, a dela e a minha.

Só que, uns dois minutos depois de jurar que vou conversar com minha esposa assim que ela pisar em casa, eu apago. Só acordo de manhã.

VINTE E SETE

DEBBIE

No dia seguinte, acordo me sentindo estranhamente revigorada, apesar de ter feito uma pequena excursão de madrugada.

Cooper está apagado ao meu lado na cama, roncando mais alto do que de costume, com a saliva empoçada no canto direito da boca. Como não é de espantar, continua desacordado.

Saio da cama o mais silenciosamente possível e vou ao banheiro. Nada como um bom banho quente para começar o dia, e aumento a temperatura até o máximo possível. Cooper sempre toma banho morno, mas, na minha opinião, não tem como uma ducha ser quente demais. Se alguém me jogasse dentro de uma panela com água fervente, eu ainda assim aumentaria a temperatura em alguns graus.

Sem fazer barulho, visto outra blusa escura e uma calça jeans de boca larga que nos últimos tempos voltou a ser tendência. Lexi não gostou na primeira vez que usei essa calça, porque, na opinião dela, jeans de boca larga pertencem à geração *dela*, e eu estava "velha demais" para usar aquilo. Mas na verdade acho que essa calça me valoriza bastante.

O corredor está em silêncio; ambas as meninas ainda têm uma hora de sono antes de o despertador delas tocar. Já devo estar de volta antes disso.

Entro no meu Subaru, e vinte minutos depois estou encostando em frente à casa de Kenneth Bryant. Ao contrário de ontem à noite, a rua está bem iluminada, e pessoas já saem de casa para começar o dia. Mesmo assim, tenho quase certeza de que ninguém vai reparar no meu carro sem nada de

especial. Até porque uma dona de casa de meia-idade nunca atrai muita atenção indesejada por estas bandas.

As luzes estão acesas dentro da casa de Ken quando me aproximo da porta da frente com a bolsa pendurada no ombro. Cooper me contou que Ken é sempre o primeiro a chegar ao escritório de manhã e o último a sair, portanto com certeza está acordado. Deve estar tomando uma boa xícara de café enquanto lê as notícias.

Toco a campainha.

Um minuto depois, a fechadura gira. A porta se entreabre e revela um homem alto, de cabelos ralos e lábios muito finos. Nunca tinha visto Ken Bryant pessoalmente porque ele nunca teve qualquer interesse em socializar, mas o reconheço de fotos. Ele estreita os olhos.

– Não falo com vendedores a domicílio – resmunga ele para mim.

Nossa, que gentil. Que tal um *bom-dia*?

– Na verdade, eu sou Debbie Mullen – digo. Como ele me encara com um ar de incompreensão, acrescento: – Esposa do Cooper. – Como ele ainda assim parece não entender, esclareço mais um pouco: – Cooper Mullen. Seu funcionário.

– Ah. – Ele deixa a porta se abrir mais uns 2 centímetros. – Certo. A esposa do Cooper. Dottie.

– Debbie. – Pigarreio. – Posso entrar, por favor?

Ken parece estar cogitando bater a porta na minha cara, mas, após alguns instantes de deliberação, dá um passo para o lado e me deixa entrar. É um começo.

Nunca tinha entrado na casa do chefe do meu marido, e ela é mais ou menos como eu esperava. Um espaço grande, porém espartano e sem personalidade alguma. Já vi casas preparadas para serem mostradas por corretores com mais personalidade do que essa. Ele tem um sofá de couro, mas não me convida a sentar.

– A senhora deve estar querendo conversar comigo sobre a proposta de promoção do Cooper – resmunga.

– Bom, é – digo. – Meu marido trabalha no seu escritório há muito tempo e é muito dedicado.

– Ele também é totalmente substituível. – Ken aperta um pouco mais a gravata em volta do pescoço, e me imagino pegando-a e apertando-a o máximo possível. – Ele faz o trabalho e nada além disso. Não contribui com

nada de especial. É o funcionário mais comum que eu já tive, e quando for embora, vai haver cinco outros candidatos iguaizinhos a ele dispostos a trabalhar por um salário menor.

– Acho que o senhor está enganado.

Ele dá de ombros.

– Com todo o respeito, o seu marido se demitiu, e acho que estou melhor sem ele.

Levo a mão à bolsa e tateio em meio ao que parece ser um estoque infinito de guardanapos embolados. Tiro um par de luvas de couro, e Ken franze o cenho ao me ver calçá-las.

– O que está fazendo? – indaga ele. – A senhora está com frio?

Não respondo à pergunta dele. A arma que saco da bolsa responde por mim.

– C-como… – gagueja ele, empalidecendo. – O que está fazendo?

Faço um gesto na direção do sofá com o cano da arma.

– Sente-se, Sr. Bryant, por favor.

Ele leva a mão ao peito, e por um instante fico imaginando se a natureza vai fazer o trabalho no meu lugar. Mas então ele desaba no sofá, ainda consciente. Preciso que fique comigo por tempo suficiente para eu prender seus pulsos, em seguida fazê-lo subir até o quarto.

– O que está fazendo? – repete ele. – Isso não tem a ver com o emprego do Cooper, tem? Porque eu…

– Pare de falar – digo, num tom incisivo que na mesma hora o silencia.

Encaro o homem tremendo no sofá da sala. Então baixo os olhos para a arma que estou segurando com firmeza na mão direita. Será que vou mesmo fazer isso? Uma coisa é cortar alguns fios num quadro de luz ou envenenar sanduíches, mas é algo totalmente diferente eu…

Estou prestes a cruzar um limite. E, uma vez que o faça, não vou poder voltar atrás. Mas, pensando bem, isso já estava para acontecer há muito tempo.

Que bom que escolhi usar preto para esconder as manchas de sangue.

VINTE E OITO

COOPER

O telefone está tocando.

E parece já estar tocando há algum tempo. Estou deitado na cama, com a cabeça latejando de leve, torcendo para que o barulho pare. Por fim, a ligação entra na caixa postal, mas quem quer que esteja ligando tenta outra vez. É um ciclo sem fim.

– Que saco, tá bom!

Em meio ao torpor, recordo que talvez apareça um nome na tela que não quero que Debbie veja. Tateio freneticamente a mesinha de cabeceira, mas, quando pego o aparelho, a tela está preta. Não era o meu celular que estava tocando. É o celular da *Debbie*. Tocando e tocando sem parar. Meu alívio é substituído por curiosidade.

É então que me dou conta de outro som. É o barulho do chuveiro ligado no banheiro da suíte master. Eu tinha dito a mim mesmo que ficaria acordado até Debbie voltar, mas obviamente fracassei. Apaguei quase de imediato após me deitar, e nesse momento minha sensação é de ter sido atropelado por um caminhão. Minha boca parece o deserto do Saara.

Por que sinto como se estivesse de ressaca?

O celular de Debbie para de tocar e faço um agradecimento silencioso. Mas então, trinta segundos depois, o toque recomeça. Ponho o travesseiro de Debbie em cima da cabeça para tentar abafar o barulho, só que não adianta. Quem quer que esteja ligando para minha esposa realmente quer *muito* falar com ela.

– Debbie? – chamo. – Você vai demorar pra sair?

Não há resposta, mas ela com certeza está lá dentro. Consigo ouvi-la cantando, o que é estranho, porque Debbie não costuma cantar no chuveiro.

Acabo desistindo. Pego o celular dela na mesa de cabeceira do seu lado da cama. O nome na tela é Garrett Meers. O chefe dela.

Por que diabos ele está ligando sem parar? Não é possível que esteja havendo alguma emergência relacionada a Debbie. Em primeiro lugar, minha esposa escreve uma *coluna de conselhos*. O que seria uma emergência envolvendo uma coluna de conselhos? Alguém vai dar uma festa daqui a quinze minutos e não sabe tirar manchas do vestido?

Mas Garrett pelo visto está surtado. O que também é estranho, porque já encontrei o cara uma vez e ele me pareceu bem tranquilão.

Deslizo o dedo pela tela para atender à ligação, e, antes mesmo que eu diga alô, a voz de Garrett ribomba no meu ouvido.

– Debbie, Debbie, o que foi que você fez?

– Ah, alô? – digo.

Garrett fica momentaneamente em silêncio ao ouvir a minha voz.

– Quem está falando?

– Aqui é o Cooper. – Como ele não responde, acrescento: – Marido da Debbie.

– Cadê a Debbie? – pergunta ele, em tom de exigência. – Preciso falar com ela agora!

Eu me esforço para sentar na cama, e o martelar dentro da minha cabeça se intensifica.

– Desculpa, mas ela está no chuveiro.

– Então tira ela do chuveiro. Preciso falar com ela *imediatamente*!

– É… não vai dar. – Esfrego os olhos. – Seja lá qual for o problema…

– Seja lá qual for o problema? – retruca ele, explodindo. – Tem *pornografia* no site do jornal. É esse o problema! E não só pornografia, mas… Olha, eu sei que a Debbie tem a senha do nosso site. Só porque mandei ela embora…

– Você mandou a Debbie embora? – repito, sem conseguir disfarçar o espanto na voz.

Minha reação pega Garrett completamente de surpresa.

– Ah. Achei que ela teria… Bom, enfim, mandei. Teve um problema envolvendo um processo na justiça e… Sinto muito, mas não tive escolha.

Mas caramba! Ela precisa tirar isso do ar neste instante! – A voz dele vai ficando mais alta a cada palavra. – Você está entendendo o que estou dizendo? Ela vai *arruinar* a minha vida!

– Por que você mesmo não pode tirar do ar? – pergunto, impaciente.

– Ela trocou a senha! Eu não consigo entrar no site!

Enquanto Garrett continua falando, entro no site do jornal no meu próprio celular. Sem querer ofender Debbie, mas *Casa Hingham* é o jornal mais chato que já vi na vida. O site em geral contém o logo deles e a principal matéria relacionada a Hingham, provavelmente, sei lá, uma reunião de pais e mestres na qual se está tentando decidir qual filme passar na noite do cinema do ensino fundamental II. Mas hoje a única coisa na tela é um vídeo que parece estar sendo reproduzido sem parar.

Um vídeo de duas pessoas transando. E uma delas é Garrett Meers.

A outra não sei quem é, mas sei que não é a esposa dele, porque já a vi. A coisa toda parece estar acontecendo num escritório, em cima de uma mesa de trabalho. Meu chute é que é a redação do jornal.

Uau. Ele tem razão. Está mesmo ferrado.

– Meia dúzia de anunciantes já ligaram cancelando o contrato com a gente. – O pânico na voz dele se transformou em súplica. – E a minha mulher… se ela vir isso…

Embora seja uma grosseria, deixo escapar uma risada curta.

– Você acha mesmo que existe alguma chance de a sua esposa não ver isso?

– Vai se ferrar! – retruca Garrett. – A Debbie dessa vez foi longe demais!

Franzo o cenho para o celular, subitamente dominado por um sentimento de *déjà-vu*. Essa é a mesmíssima conversa que tive com Brett ontem de manhã, quando ele acusou Debbie de ter mexido no quadro de luz.

Competência técnica para fazer isso com certeza ela tem. E, se foi demitida ontem, eis aí o motivo. Ela precisaria obter as imagens de Garrett com a tal outra mulher, mas foi ela que instalou as câmeras do lado de fora da nossa porta. Com certeza sabe instalar uma câmera escondida.

Ainda assim, não consigo acreditar. Vivo dizendo a Debbie para se defender mais, porque ela sempre se deixa pressionar pelos outros. É ótima em dar conselhos, mas nunca aceita o meu. Não consigo imaginá-la fazendo algo assim tão diabólico. Não é do seu feitio.

– Olha – digo. – Não foi a Debbie quem fez isso…

– Foi, sim! – insiste ele. – E juro por Deus, ela vai pagar. Ah, se vai!

Tá, agora chega. Eu entendo ele estar chateado, mas *ninguém* vai ameaçar a Debbie na minha frente.

– Olha lá como você fala da minha mulher – digo.

– Ah, é? – Garrett não parece se sentir ameaçado. – Senão o quê?

– Se você se atrever a sequer respirar em cima dela, eu pego o carro, vou na sua casa e quebro a sua cara – ameaço num rosnado para dentro do aparelho com uma voz que de fato parece bem assustadora.

Consigo ouvir a inspiração rápida do outro lado da linha, e com isso Garrett enfim se cala. Aproveito a oportunidade para encerrar a chamada. Um segundo depois, o celular volta a tocar, mas coloco no silencioso.

Será que eu conseguiria mesmo quebrar a cara de Garrett Meers? Não sei. Tenho frequentado bastante a academia nos últimos tempos. Nunca desferi um soco na vida, mas, se ele fizesse alguma coisa para machucar Debbie, eu com certeza o faria pagar.

– Quem era?

Nem reparei que o chuveiro havia sido desligado e que Debbie tinha-saído do banheiro enrolada num roupão. Ainda está com o cabelo molhado e lambido pela água para longe do rosto. Parece muito pequena e vulnerável. Inocente. Mas…

Você por acaso invadiu a casa do nosso vizinho e estragou o quadro de luz dele?

Você postou um vídeo do seu ex-chefe comendo a secretária?

Aonde você foi ontem à noite?

O que está escondendo de mim?

– Era o Garrett – respondo por fim. – Ele tá chateado com alguma coisa no site. Parece que ele…

Em vez de falar, eu lhe mostro meu celular, onde o vídeo continua sendo reproduzido sem parar. Se uma imagem vale por mil palavras, um vídeo diz praticamente tudo que há para ser dito. As sobrancelhas de Debbie se erguem depressa.

– Ah! – exclama ela. – Acho que o Garrett tá mesmo transando com a Sierra. Homem de família uma ova, hein?

Mantenho o olhar fixo no rosto dela, observando sua reação.

– Ele acha que foi você quem postou.

– Ah, é? – Ela ri. – O que ele acha? Que escondi uma câmera na sala dele meses atrás pra conseguir alguma coisa que um dia pudesse usar pra constranger o cara?

– É… não foi assim tão literal…

– Bom, é meio ridículo isso. – Ela inclina a cabeça para mim. – Você não acha?

Não sei o que responder.

– Ele quer que você tire o vídeo do ar. Disse que já perdeu um monte de anunciantes. E está com medo de a esposa ver.

Debbie dá uma última olhada no vídeo, então me devolve o celular.

– Tenho certeza de que alguém já mandou um e-mail pra esposa dele avisando do vídeo.

– Você… acha mesmo?

– Ah, acho. – Ela faz que sim com a cabeça. – Com relação a tirar o vídeo do ar, tenho certeza de que alguém de TI pode reconfigurar a senha pra ele. Esse cara entra em pânico fácil demais.

– Debbie. – Engulo o nó que se formou na minha garganta. – Não foi você quem… quer dizer, você não…

Ela passa alguns segundos apenas me encarando. Minha cabeça ainda lateja, mas tudo que consigo fazer é encarar de volta os olhos castanhos da minha esposa. Eu a conheço há quase metade do meu tempo de vida, mas estou começando a me perguntar se a conheço mesmo.

O que você fez, Debbie?

Bem na hora em que não consigo aguentar nem mais um segundo, ela entoa:

– É claro que não! Onde é que eu iria conseguir um vídeo desses? – Ela então sorri para mim. – Nossa, tô morrendo de fome. Que tal umas panquecas?

– Ah, boa.

Ela continua cantarolando enquanto se veste e desce até a cozinha para preparar nosso café da manhã.

Depois que Debbie sai, meu olhar recai no pequeno bloco de notas ao lado da cama. Se eu tinha alguma ilusão de que minhas lembranças de ontem à noite foram um sonho sem sentido, o endereço rabiscado com a minha letra indica o contrário. Passo alguns instantes encarando minha própria caligrafia sem saber ao certo o que fazer. Estava tão cansado quando

escrevi aquilo que o nome da rua está quase ilegível. Parece estar escrito "Main", mas poderia com a mesma facilidade estar escrito "Maple" ou algo totalmente diferente.

Arranco o papel do bloquinho e me demoro alguns instantes encarando-o. Então, por motivos que não sei de todo explicar, enfio o pedaço de papel na gaveta da mesinha de cabeceira antes de ir para o chuveiro.

VINTE E NOVE

DEBBIE

Estou fazendo panquecas para o café da manhã.

Ao sair da ducha quente, tinha mais de cem mensagens não lidas de Garrett Meers, além de um número razoável de mensagens de voz. Deletei todas, em seguida bloqueei o número dele.

Que se vire sozinho. Não sou do departamento de TI. Eu era só a colunista de conselhos, e, além do mais, fui demitida, de modo que, até onde eu sei, nada disso é problema meu.

Além disso, neste momento preciso concentrar toda a minha atenção no preparo das panquecas.

Não as faço do zero. Uso uma caixa de mistura em pó para panqueca, mas tenho meus segredinhos para deixá-las mais gostosas. Uso leite para diluir o pó em vez de água e acrescento também uma pitada de canela. E, uma vez na frigideira, é preciso fritar as panquecas pelo tempo *exato*, virando-as na metade do cozimento. Não é um processo infalível, mas é consideravelmente mais fácil do que programar um aplicativo de celular para rastrear seus familiares.

Izzy é a primeira a aparecer na sala nesta manhã. Ela ouve as panquecas chiando na frigideira e arregala os olhos, fazendo a mesma cara de animação que Cooper faz quando preparo um jantar especial.

– Quer panqueca? – pergunto.

Ela quer. Está estampado na sua cara. Izzy está dilacerada pelo dilema

interno de querer comer panquecas mas achar que precisa perder 10 quilos para voltar ao time de futebol.

A ânsia de tomá-la nos braços e apertá-la com força é quase avassaladora. Sinto saudade dos dias em que um abraço podia resolver tudo e um beijo no lugar certo era capaz de curar na hora qualquer machucado. Hoje em dia, preciso ser um pouco mais criativa.

– Não tô com fome – diz ela por fim.

Que ótimo. O treinador Pike deixou minha filha com um distúrbio alimentar.

Felizmente, muito em breve isso não vai ser um problema.

Lexi é a pessoa seguinte a entrar na cozinha, batendo os pés e fazendo um barulhão no piso de taco com a bota plataforma que vem tentando amaciar nos últimos dois anos. Está usando uma calça cargo bem largona, que é um pouquinho melhor do que um pijama, acho. Está também sem seu fone gigante. Ela vem direto até mim, em frente ao fogão, e fico tensa, à espera de uma crítica. Semana passada, ela me falou que eu *respirava* alto demais.

– Mãe? – diz ela.

– Eu?

Ela mordisca o polegar direito.

– Você pode me levar na escola?

Meu primeiro instinto é perguntar por que Zane não a leva, como de costume, mas tenho quase certeza de que a pergunta não vai cair bem. Então, dessa vez, mantenho minha boca besta fechada.

– Claro. Quer panqueca, meu amor?

Ela hesita por apenas uma fração de segundo.

– Tá.

– Talvez eu coma uma panqueca também – fala Izzy.

Eu seria capaz de chorar de alegria. Divido as panquecas em dois pratos, e estou colocando-os na mesa da cozinha em frente às minhas meninas quando uma buzina alta soa lá fora. Faço uma careta. Como Lexi me pediu carona, imaginei que esse inútil não fosse vir espalhar sua poluição sonora pelo nosso bairro hoje.

– É o Zane? – pergunto com receio.

Lexi baixa os olhos para o prato à sua frente.

– Mãe, pode avisar pra ele que hoje vou de carona com você?

– Claro, meu bem. Claro.

Limpo as mãos na calça jeans e vou até a porta. Dito e feito: o Kia de Zane está parado em frente à minha garagem num ângulo estranho. Calço minhas sapatilhas e saio para a varanda sem me dar ao trabalho de vestir um casaco. Não vou demorar.

Mesmo com as janelas fechadas, posso ouvir a música de Zane aos berros. Com certeza não é nada que eu já tenha escutado no rádio. Sei que é difícil para "gente velha" como eu apreciar músicas novas, mas essa de fato tem o mesmo som de um homem escarrando repetidamente. Zane buzina mais uma vez e eu cerro os dentes.

Desço os degraus da varanda e chego bem junto do carro. Ele está balançando a cabeça ao ritmo da música, distraído, o cabelo desgrenhado. Mais uma vez, fico fantasiando o que faria com ele e uma tesoura de cabeleireiro. Então bato no vidro do carro.

Preciso bater uma segunda vez, porque da primeira ele não repara em mim. Já deve estar meio surdo por causa da música. (Se é que se pode chamar isso de música. Quem gravou isso na certa estava fazendo um experimento para ver se alguém se interessaria por escutar o som das funções fisiológicas de uma pessoa.) Por fim, ele vira a cabeça na minha direção e baixa o vidro.

– Oi, Sra. Mullen. – Não consigo deixar de notar o quanto seu rosto é encovado, como se fosse bem mais velho do que na realidade é. – Cadê a Lexi?

– Sou eu que vou levar ela na escola hoje.

– Mas eu estou *aqui*.

– Pois já pode ir.

Zane revira os olhos.

– Tudo bem. *Que se dane*.

Sem qualquer aviso, ele sai com o carro de ré e praticamente passa por cima do meu pé. Fico observando-o se afastar depressa, cruzando os dedos para que essa seja a última vez que Zane vem aqui para comer toda a comida da nossa geladeira e tomar nossa bebida alcoólica.

Mas tenho uma sensação ruim de que não vai ser.

TRINTA

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Não suporto o suposto namorado da minha filha. Ela acha esse garoto o máximo, mas eu o vejo como realmente é. Ele dirige depressa demais, mal está conseguindo passar de ano na escola e é um preguiçoso. E isso porque ainda não falei do problema de comportamento dele. Que garoto desbocado!

Toda vez que tento fazer a menina pôr a cabeça no lugar, ela age como se eu estivesse fazendo algo absurdo! Fica toda ofendida, como se eu devesse simplesmente ficar sentada sem fazer nada enquanto joga a vida fora com um babaca.

Por favor, me diga como posso abrir os olhos da minha filha antes que seja tarde demais! Você conhece alguma receita de poção do amor inversa? Eu pago qualquer coisa!

Sinceramente,
Odeia o Namorado

Querida Odeia o Namorado,

Infelizmente, não conheço nenhuma poção do amor inversa. Bem que eu queria conhecer!

Imagino que você saiba que, em se tratando de adolescentes, quanto mais tentar convencer sua filha a largar o namorado, mais ela vai teimar em querer continuar com ele. Talvez seja melhor tentar a abordagem oposta e conhecê-lo melhor. Que tal convidá-lo para um simpático jantar caseiro na sua casa? Depois de uma hora se entrosando ao redor de uma carne assada, aposto que você vai constatar que ele não é tão ruim quanto achava!

E se depois do jantar você continuar sentindo a mesma coisa, eu sugeriria ir de fininho até o carro dele enquanto ele estiver ocupado

com a sua filha depois de comer. O processo de cortar os cabos de freio é bem simples. Você diz que ele dirige depressa, mas, sem freio no carro, aposto que vai dirigir mais depressa ainda!

Debbie

TRINTA E UM

DEBBIE

Após deixar um prato com panquecas para Cooper na bancada da cozinha, saio para levar as meninas na escola.

O trajeto de carro leva uns dez minutos. Há uma briga rápida para ver qual das duas vai na frente, o que me lembra todas as brigas que as duas tinham no carro quando eram pequenas. Quando eu ia buscá-las na escola, elas ficavam disputando para ver quem me contava primeiro sobre o dia. Nós tentávamos dividir o tempo irmãmente, mas, como os dias da semana eram cinco, eu dizia a elas que, se a data fosse um número par, Lexi podia contar primeiro, e nos dias ímpares seria a vez de Izzy. Era uma excelente oportunidade para lhes ensinar sobre números pares e ímpares.

Lexi vence a disputa e se acomoda no banco do carona ao meu lado. Ela escovou o cabelo castanho-escuro para longe do rosto e fez um rabo de cavalo, e se parece tanto comigo que minha sensação é de olhar para uma máquina do tempo me levando de volta para quando eu tinha 17 anos.

Quem me dera ter uma máquina do tempo. Quem me dera poder falar com a Debbie de 17 anos e avisá-la sobre tudo que iria acontecer. A primeira coisa que eu teria dito seria para ficar em casa naquela noite no segundo semestre do segundo ano de faculdade.

Se eu tivesse ficado em casa, tudo teria sido diferente.

O trajeto até a escola felizmente transcorre sem conflitos, e Lexi só critica duas vezes a minha forma de dirigir. Porém, quando encostamos no

final da fila de carros para deixar e buscar os alunos, há uma viatura policial parada em frente à escola com as luzes piscando.

– O que está acontecendo? – entoa Izzy do banco de trás, espichando o pescoço para ver melhor.

– Vai ver algum aluno foi preso! – exclama Lexi, um pouco animada demais.

– Tenho certeza de que está tudo bem – murmuro, enquanto aguardo pacientemente a fila para avançar devagar. – É só uma viatura.

– Mas, mãe, as luzes estão piscando! – observa Izzy.

De fato estão.

Finalmente chegamos em frente à escola, e as duas meninas desembarcam. Como todos os outros alunos, não tiram os olhos da viatura, tentando entender o que está acontecendo. Eu me lembro de como era na minha época quando alguma coisa fora do normal acontecia na escola. Uma explosão de animação num dia que, do contrário, seria monótono.

Ah, quem é que eu estou tentando enganar? Eu amava a escola. Mas mesmo assim era divertido quando tinha algum *drama*.

Depois de as meninas saírem do carro, normalmente eu voltaria para casa, mas estou curiosa demais em relação à viatura. Assim, dou a volta na escola e paro o carro no estacionamento para convidados. As vagas não são muitas, e preciso dar algumas voltas para encontrar uma que acabaria sendo mais conveniente a um carro mais compacto do que ao meu SUV. Mas lanço mão do meu talento para manobras e me espremo para caber na vaga.

Depois de estacionar, dou a volta de novo até a frente da escola. A viatura da polícia continua parada com as luzes piscando, mas não há nenhuma outra indicação do que esteja acontecendo. Poderia ser qualquer coisa, desde uma ameaça de bomba até drogas encontradas num armário. Mas tenho quase certeza de que sei por que a polícia está aqui.

Isso vai ser interessante.

TRINTA E DOIS

Um grupo de pais está reunido perto da escola. Reconheço uma das mães: é Tabitha, ainda um pouco pálida depois do nosso encontro do clube do livro ontem. Chego perto dela e abro um sorriso.

Tabitha não parece nada empolgada em me ver, mas consegue, a contragosto, abrir um sorriso.

– Oi, Debbie.

Toco seu braço num gesto de solidariedade.

– Como está se sentindo hoje? Ainda vomitando?

Ao ouvir a pergunta, várias mães nos lançam olhares alarmados.

Tabitha franze o cenho para mim.

– Estou ótima, obrigada.

– Tem certeza? Está com uma cara meio pálida.

– Tenho *certeza* – diz Tabitha por entre os dentes. – Eu tô *bem.*

Como várias das mulheres estão nos encarando agora, resolvo não insistir. Meneio a cabeça para a viatura.

– Você sabe o que tá acontecendo?

Tabitha não se mostra empolgada em falar comigo, com certeza por estar com vergonha de ter vomitado na minha presença, mas também é uma fofoqueira incorrigível. Passa alguns instantes travando uma batalha interna e, por fim, diz:

– Alguém ligou pra escola dizendo que viu uma câmera nos chuveiros do vestiário feminino.

– Uma *câmera*?

– Daquelas que se usa em quartos de bebê… pra *gravar.* – Ela aperta o próprio peito, os olhos arregalados. – Dá pra *imaginar*? Algum tarado estava gravando meninas adolescentes no banho!

– Eles sabem quem? – indago, inocentemente.

– Não – responde ela, negando com a cabeça. – Não tem nenhuma câmera de segurança na frente do vestiário, e obviamente nenhuma *dentro* do vestiário. Então não sei se eles têm algum suspeito.

Ah, por favor. Tenho quase certeza de que a denúncia anônima mencionou um nome.

Aguento mais vinte minutos de especulações das mulheres reunidas e fico tentada a virar as costas e ir para casa. Tenho certeza de que vou ficar sabendo pelas redes sociais o que vai acontecer. Só que, bem na hora em que estou prestes a desistir e voltar para o carro, as portas da escola se abrem de supetão. A polícia está escoltando um homem algemado para fora do prédio.

– Meu Deus do céu! – Tabitha agarra meu braço com força, e sinto suas unhas se cravarem na minha carne. – É o treinador Pike!

De fato, é ele. As mãos estão algemadas na frente do corpo enquanto a polícia o escolta para fora da escola. Ele comete o erro de se virar na nossa direção, e todas as mulheres, sem exceção, sacam os celulares praticamente ao mesmo tempo para fotografá-lo sendo preso.

– Não fui eu! – O treinador está aos berros. – Aquela câmera não era minha! Não sei como esse negócio foi parar no meu celular!

– Ah, tá… – resmunga Tabitha para mim. – Ele acha mesmo que alguém vai acreditar? Que pervertido.

– *Muito* pervertido – concordo. E então, só para pôr mais lenha na fogueira, ainda digo mais: – Eu o via encarar a bunda das meninas nos treinos de futebol. Não me espanta em nada.

– Ai, meu Deus! – exclama outra mãe. – Eu sempre soube que tinha alguma coisa esquisita nesse cara!

A comporta se abriu, e agora todas estão compartilhando animadamente histórias dos podres do treinador Pike. Ainda estamos trocando relatos quando a viatura se afasta levando-o no banco de trás.

TRINTA E TRÊS

COOPER

Debbie queimou as panquecas hoje de manhã.

Ela nunca queimou panquecas em todo o tempo que somos casados. Não é nenhuma chef de cozinha, mas nunca *queima* nada. E as panquecas não estavam só um pouco mais moreninhas: estavam *pretas* por baixo e com cheiro de queimado. A cozinha inteira fedia.

Isso me pareceu um presságio bem ruim.

Quando chego ao escritório, a Sra. McCauley está sentada toda empertigada em frente à sua mesa. Ela fica de pé ao me ver.

– Sr. Mullen, posso dar uma palavrinha com o senhor?

Na verdade, não estou com vontade de ter uma conversa com a Sra. McCauley, mas me aproximo da mesa dela, obediente.

– O que houve?

– O Sr. Bryant decidiu fazer uma viagem de última hora para pescar – diz ela. – Ele me mandou um e-mail hoje de manhã informando que passaria o resto da semana ausente.

Fantástico. Isso significa que não vou precisar vê-lo.

– Naturalmente, isso não o autoriza a passar os próximos dois dias de férias também – acrescenta ela. – Eu prometi a ele que ficaria de olho no senhor e no resto dos funcionários.

Não duvido que ela vá fazer isso. Mas a Sra. McCauley sempre vai para casa às quatro e meia em ponto, ou seja, às quinze para as cinco vou dar o fora daqui. Vou direto para a academia gastar um pouco dessa ansiedade.

Depois de me desvencilhar da secretária, vou até a copa, que é bem pequena, pegar um café. Jesse já está lá, bebericando de sua caneca.

– E aí, Coop? – diz ele.

– E aí, cara?

Temos uma daquelas cafeteiras com cápsulas, mas, como Ken se recusa a comprar as cápsulas, Jesse e eu rachamos uma caixa. Nós as deixamos guardadas no armário em cima da pia, e vou até lá pegar uma para fazer meu café.

– Deve ser legal ser o chefe e poder fazer uma viagem de última hora pra ir pescar no meio da semana – filosofa Jesse.

– Que bom que ele não tá aqui.

Jesse passa um tempinho calado, bebericando seu café. Apesar de a Sra. McCauley estar nos observando, ele não parece particularmente ansioso para começar a trabalhar. É bom no que faz, mas tem uma atitude mais relaxada, algo que invejo nele.

– Não leva a mal o que eu vou dizer, Cooper, mas você tá com uma cara péssima – diz ele para mim.

Fecho os olhos com força enquanto espero o café encher minha xícara. Preciso demais de cafeína.

– É, tô me sentindo péssimo mesmo.

– Tá tudo bem, parceiro?

Lanço um olhar a ele.

– É séria essa pergunta?

Ele se retrai.

– Desculpa.

– Não, sou *eu* que peço desculpas – digo num grunhido. – É que os dois últimos dias foram bem esquisitos. E a Debbie… não acho que ela esteja levando a coisa toda muito na boa.

– Essa Debbie. – Ele balança a cabeça. – Ela é meio… meio intensa, né?

Entendo o que ele quer dizer. Eu sempre soube que Debbie era diferente de todas as outras pessoas, mas agora chegou ao ponto em que os amigos parecem estar reparando.

– Por que diz isso?

– Bom… – Ele toma um gole de café, pensativo. A caneca dele é decorada com um cachorro de desenho animado. – Lembra quando nós quatro fomos jantar juntos naquele restaurantezinho italiano?

– Lembro…

– Lembra que a garçonete ficou dando em cima de você? – Quando o encaro sem entender, ele se explica: – Ficou rindo de tudo que você dizia e aí uma hora pôs a mão no seu ombro.

– Acho que não reparei.

– Bom, a Debbie com certeza notou. – Ele baixa a caneca até a bancada. – Ela ficou superfria depois disso. E juro: derramou a bebida que estava tomando na garçonete pra mulher ter que limpar. E, quando a gente rachou a conta, ela não deixou gorjeta nenhuma na parte de vocês. Na verdade, eu coloquei dinheiro a mais pra garçonete não ficar no prejuízo.

Agora estou me lembrando dessa parte. Lembro que Debbie pôs o próprio cartão na mesa quando fomos dividir a conta, o que me deixou surpreso, porque em geral quem paga as refeições sou eu. Tecnicamente, temos o mesmo cartão, mas acabamos nos encaixando nos papéis de gênero tradicionais, e quem paga sou eu. Só que dessa vez foi Debbie quem usou o cartão dela.

E pelo visto teve um bom motivo para isso.

– A Debbie tem questões sérias com ciúme – observa Jesse.

– Você acha mesmo?

– Com certeza. – Ele cutuca meu ombro de um jeito brincalhão. – Tenho a sensação de que ela tem um lado explosivo.

– Não que eu já tenha notado.

Jesse sorri.

– Está dando algum motivo pra ela se preocupar, Coop?

Um calafrio desce pelas minhas costas. O café termina de ser despejado na xícara, e eu a tiro da máquina.

– Melhor eu ir trabalhar. A Sra. McCauley deve estar anotando tudo que a gente tá fazendo.

– Aposto que sim. – Jesse dá uma risadinha. – Ela provavelmente vai atualizar o Ken minuto a minuto. Mas eu vou poder sair por uma hora pra ir regar as plantas dele. Ele mandou mensagem me confiando essa honra duvidosa.

Isso faz com que eu me sinta ainda pior. Na última vez que Ken viajou para pescar, foi a mim que pediu para regar as plantas. Mas dá para entender, depois da nossa conversa de ontem, por que não iria me querer

zanzando pela sua casa vazia. Não que eu fosse mijar nas plantas nem nada disso, mas, bom, eu ficaria tentado.

Enquanto volto desanimado para minha sala levando a xícara de café, não consigo me livrar de uma sensação bem lá no fundo de que alguma coisa nessa história não está totalmente certa. Ken vive viajando para pescar, mas em geral avisa com semanas de antecedência. E há algo de estranho no fato de as pessoas a quem ele contou terem sido contatadas por e-mail e mensagem e não por um telefonema.

Por impulso, pego o celular e encontro o número de Ken nos meus contatos favoritos. A última coisa que eu quero é jogar conversa fora com meu chefe depois de ontem, mas meu instinto não para de me incomodar. Alguma coisa está errada.

Seguro com força o aparelho junto ao ouvido enquanto ele chama. Fica chamando até cair na mensagem lacônica da caixa postal:

Você ligou para Ken Bryant. Deixe o seu recado.

Se ele viajou para pescar, faz sentido estar sem sinal. Ou isso, ou deixou o celular em casa e está sentado no meio do lago, sozinho com sua vara de pesca. É a explicação mais lógica.

Então por que não consigo eliminar esse zumbido na nuca? Talvez porque, em todos os anos desde que conheço Ken, ele nunca, nem uma vez, tenha tirado férias espontâneas. Sempre que tirou nem que fosse a tarde de folga, avisou com várias semanas de antecedência. É um comportamento muito estranho.

Talvez eu devesse ir ver se ele está bem.

Só que isso pode não ser uma ideia tão boa. Se estiver em casa, Ken não vai gostar que eu apareça. E, se não estiver, esse tipo de coisa pode ser visto como uma invasão de domicílio por parte de um funcionário insatisfeito.

Ele deve estar bem. Com certeza, vai voltar na segunda.

TRINTA E QUATRO

DEBBIE

Sem o trabalho da minha coluna de conselhos para fazer, passo a manhã no jardim.

Eu amo jardinar. Acho muito relaxantes os movimentos repetitivos de plantar, regar e podar. É quase uma meditação. Após passar o dia lá fora, quando olho para o meu quintal e vejo os frutos do meu trabalho, fico muito satisfeita. Vários estudos já demonstraram que a jardinagem reduz o estresse, a ansiedade e a depressão. Depois de passar a manhã trabalhando no quintal atrás da minha casa, fico muito relaxada e zen.

Que se dane aquela revista *Jardim de Casa*. Eles que vão direto para o inferno.

As papoulas-dormideiras são surpreendentemente fáceis de cultivar. São minhas preferidas dentre todas as flores do jardim. Como já faço isso há anos, domino seu cultivo como se fosse uma ciência. Ao contrário das minhas filhas, que mudam a cada ano e me deixam sem saber como acompanhá-las, as papoulas seguem um ciclo natural e previsível. Minhas pequeninas estão quase no fim de seu ciclo anual.

Daqui a mais ou menos um mês, vou espalhar as sementes por todo o jardim para reiniciar o ciclo outra vez. Tomo cuidado para planejar estrategicamente a distribuição das sementes, e, quando a primavera chegar, as flores vão desabrochar em uma explosão de cores. Os tons são tão vivos que quase parecem reluzir com uma intensidade mística. No auge da estação, meu jardim parece sobrenatural.

Ao final do outono, as pétalas já vão ter caído das flores e as cápsulas vão começar a brotar. Então vou colhê-las para obter sementes. E ópio, claro.

Hoje saio para o jardim descalça. Não faço isso sempre, mas adoro jardinar com os pés livres. Adoro a sensação da terra entre os dedos, e isso quase faz com que eu me sinta *parte* do jardim. Meu trabalho essa manhã é me livrar de todas as folhas secas que caíram no quintal, e são tantas que me mantenho ocupada por quase duas horas. Ao final, minhas unhas e os vincos da palma das mãos estão cheios de terra, e, naturalmente, uma crosta recobre as solas dos meus pés.

Enquanto estou lavando as mãos na pia da cozinha, penso no que quero fazer de almoço. Pego meu celular e dou uma olhada, distraída, no site do *Casa Hingham*. Como esse é o único jornal da região, talvez tenha alguma atualização sobre o treinador Robert Pike. Mas não; ainda é o mesmo vídeo de Garrett e Sierra transando em cima da mesa dele na redação. Pelo visto, ele ainda não conseguiu tirá-lo do ar.

Ai, Garrett.

Ainda com o celular na mão, outra ideia me ocorre. Talvez fosse legal ter um pouco de companhia. Então pego o aparelho e mando uma mensagem para Harley:

Desculpa o convite de última hora, mas você topa almoçar?

Três bolinhas aparecem imediatamente na tela. Harley em geral não trabalha nas manhãs de terça, portanto deve estar em casa.

Claro! Só que não tenho muito tempo. Vou dar uma aula de spinning à uma.

Sem problemas. E se eu levar alguma coisa pra gente comer na sua casa? Posso fazer uns sanduíches.

Antes que ela responda, acrescento depressa:

Sem abacate. Prometo.

A resposta dessa vez demora um pouco mais. Ela obviamente está

pensando bem no que vai responder. Provavelmente o fato de meus sanduíches já terem feito três pessoas passarem mal com intoxicação alimentar não ajuda. Mas não vou intoxicar Harley. Tenho certeza de que ela sabe disso.

Tá, claro! Até mais!

Ela me manda seu endereço por mensagem, e eu o gravo no meu GPS. Harley mora fora de Hingham, em Rockland, mas não vou demorar muito para chegar lá.

Quanto ao nosso almoço, decido pela versão mais saudável e preparo para nós duas uma salada com os tomates, pepinos e alface que tenho na geladeira. Sem abacate, embora eu ame abacate na salada. Em seguida, pego um vidro de molho cremoso de maionese com missô e ponho tudo no carro.

Tiro o carro da frente de casa e, quando estou descendo o quarteirão, noto uma comoção em frente à casa de Jo Dolan. Um homem ao lado de um tripé está segurando uma câmera de aspecto caro e Jo está parada na frente dele, aos gritos, acenando freneticamente com as mãos. A discussão parece atrair alguma atenção da vizinhança. Até mesmo Bev, que mora em frente à minha casa, chegou a descer a rua e está parada boquiaberta acompanhando toda a confusão.

Curiosa, encosto no meio-fio e saio do carro. Deixo a salada e o molho no banco do carona. Não quero que a alface murche, mas tenho certeza de que não vou demorar muito.

– O que tá acontecendo aqui, Bev? – pergunto para minha vizinha num sussurro.

Ela dá uma risadinha.

– Parece que a Jo está com um probleminha de inseto.

Volto a atenção para Jo e o homem da câmera. Agora que estou mais perto, consigo ver as veias saltadas no pescoço magro de Jo. Seu vestido folgado esvoaça ao vento.

– Eu tenho o melhor jardim de rosas de toda Hingham! – vocifera Jo para ele. – Vocês não vão encontrar rosas melhores do que as minhas. Isso eu posso garantir!

O homem lhe lança um olhar de exasperação.

– Não estou nem aí se as suas rosas são bonitas. Não vou fotografar um

jardim infestado de *besouros*.

– Quase não tem besouro nenhum! – grita Jo.

O homem a encara com um ar de quem diz "está de brincadeira comigo?". É então que viro a cabeça para olhar o roseiral de Jo.

Uau. Há besouros-japoneses por toda parte.

Os besouros-japoneses têm uma cor verde brilhante e metalizada e asas marrons. Os minúsculos insetos estão aferrados às folhas de grama e às folhas e pétalas das preciosas rosas de Jo. Quase parece que todos os besouros-japoneses da região de Hingham – do estado de Massachusetts, talvez – estão reunidos no roseiral de Jo. É praticamente um enxame. Eles logo vão ter devorado todas as flores e folhas, deixando para trás uma colcha de retalhos de furos e resquícios parecidos com renda.

Os tais refis das armadilhas funcionaram melhor ainda do que eu esperava.

– *Você!* – exclama ela. – Foi *você* quem fez isso com o meu jardim?

– Eu? – Finjo espanto. – Você acha mesmo que tenho a capacidade de trazer um enxame de besouros pro seu jardim? Eu não sou encantadora de besouros, Jo.

– Você estava com inveja ontem! – lembra ela. – Ficou com raiva porque roubei seu ensaio de fotos.

– Pois é. – Assinto. – E eu disse alguma coisa sobre *carma*, não foi? Acho que estava certa em relação a isso.

Jo estreita os olhos para mim, mas não há nada que possa fazer. Não sabe nada sobre as três iscas enterradas na cobertura do solo de seu quintal, que estão atraindo todos os besouros-japoneses da região. E até encontrar as iscas, nunca vai conseguir se livrar das pragas.

Tomara que ela nunca encontre.

TRINTA E CINCO

O trajeto para chegar à casa de Harley é parecido com o que fiz para chegar à casa do treinador Pike. Felizmente, embora esteja perto da hora do almoço, não tem muito trânsito. A casa dela fica numa rua sem saída com outra casa que parece vazia, possivelmente abandonada. Ela escreveu na mensagem que era para eu dar a volta na casa, e lá encontraria a porta do seu apartamento de subsolo.

Chego em frente à porta de Harley equilibrando o molho de salada numa das mãos e o pote na outra. Quando ela vem abrir, está usando seu uniforme de personal e o cabelo loiro está preso num rabo de cavalo bem-feito. Está com a barriga de fora, e dá para ver o contorno de seus músculos abdominais.

– Debbie! – Seu rosto se ilumina quando me vê. – Entra! Vou te mostrar a Casa Harley.

Eu rio ao passar pela porta, e ela pega das minhas mãos a salada e o vidro de molho.

– Que tranquilidade aqui. Não tem nenhum outro carro na rua.

– Eu mal vejo os proprietários, que moram no andar de cima – diz ela. – Eles passam a maior parte do tempo dentro de casa, mas agora estão em Michigan visitando os netos, então estou totalmente sozinha. Eles só voltam na segunda.

– Você deveria dar uma festa.

É a vez dela de rir.

– Ah, eu tenho planos.

Damos uma voltinha no apartamento. É pequeno, mas ela aproveitou ao máximo o espaço. Há um sofá azul de aspecto confortável com uma bandeja para TV montada na frente e portas de correr em estilo japonês separam a cozinha americana da área de estar. Ela conseguiu fazer caber uma cama queen size, uma estante e uma cômoda no quarto, com espaço de circulação justo o suficiente entre os móveis.

– Legal seu apê – comento num tom de aprovação, passando os olhos pelo quarto.

Aquilo me lembra um pouco um apartamento que eu costumava alugar antes de conhecer Cooper.

Meu olhar então recai sobre a cômoda. Há uma camiseta embolada sobre o móvel que parece vários tamanhos maior do que o de Harley. Por impulso, pego a camiseta e percebo que é uma peça masculina.

E há algo de conhecido na roupa. Não só no aspecto, mas no *cheiro* que ela exala.

– Eu uso isso aí pra dormir – diz ela depressa, puxando a camiseta das minhas mãos. – Adoro dormir de camiseta largona. Você não?

Só que a camiseta não está com o cheiro de Harley. O apartamento inteiro recende fortemente ao odor característico do perfume dela, do sabão em pó que ela usa ou seja lá o que for. Mas essa camiseta tem um cheiro diferente. De colônia masculina e alguma outra coisa.

Suor.

– Bom – digo, animada –, que tal a gente almoçar?

– Ótima ideia!

Sigo Harley de volta até a sala, mas percebo ter perdido subitamente o apetite.

TRINTA E SEIS

HARLEY

Não consigo me decidir se conto ou não a Cooper que a mulher dele encontrou sua camiseta no meu quarto.

Não acreditei quando ela foi direto na camiseta. Não chegou a reconhecê-la – ficou na dúvida –, mas ficou desconfiada. Então a levou ao nariz e cheirou. Quando fez isso, tive certeza de ter sido desmascarada. Afinal, uma mulher conhece o cheiro do marido.

Mas ela não falou nada. Então quem sabe estejamos a salvo.

O mais engraçado foi que, quando ela voltou para a sala para comer a salada comigo, fiquei quase decepcionada por ela não ter me confrontado. Vai ver eu queria ser desmascarada. Não precisava convidá-la para ir à minha casa; poderíamos ter nos encontrado em algum lugar mais perto da academia. E mesmo que fôssemos nos encontrar aqui, tive tempo de sobra para enfiar a tal camiseta numa gaveta, mas não: deixei-a bem onde ela poderia encontrar. Foi quase empolgante ver Debbie pegar a camiseta do marido e tentar desesperadamente identificá-la.

Neste momento, estamos na sala, comendo a salada que ela preparou. Não é nada de mais, mas está bem gostosa, graças ao tal molho cremoso de maionese com missô. Vou ter que perguntar onde ela comprou. Já faz tempo que não tenho uma amiga com quem possa compartilhar receitas.

Fico triste ao pensar que não tenho mais amigas próximas. A última foi minha colega de quarto na faculdade, Mariah. Só que Mariah se casou e teve uma filha, e depois disso todas as mensagens que trocávamos incluíam uma

foto da sua neném fazendo alguma coisa que ela achava "muito fofa". Eu não podia nem comentar com ela sobre o tempo que estava fazendo sem ela me enviar uma foto da neném segurando um termômetro ou sei lá o quê. Acabei não aguentando mais e disse a Mariah que tinha zero interesse naquelas fotos infinitas da filha feia dela. Depois disso, nossa amizade meio que murchou.

Debbie agora está falando sobre o jardim, obviamente seu tema predileto, mas não dou a mínima para essas porcarias de flores. Só existe um motivo que me fez ficar amiga de Debbie Mullen: conseguir informações sobre Cooper – embora eu, como sempre, tente parecer numa boa em relação a isso, como se mal me lembrasse de quem ele é.

– Então… – Como mais uma garfada de salada, e a alface estala entre meus dentes. – Como vai seu marido? Como é mesmo que você disse que ele se chamava? Carter? Connor?

Ela me lança um olhar curioso que não consigo interpretar muito bem.

– Cooper.

– Isso. Como vai o Cooper?

O tom dela é desinteressado.

– Vai bem.

– O que você disse que ele faz, mesmo? – insisto. – Alguma coisa num escritório?

– Ele é contador.

– Isso. – Estalo os dedos como se já soubesse. – Meio chato, né? Quer dizer que ele é meio nerd, então?

– Um pouco – admite ela.

Mas eu discordo. Cooper pode ser contador, mas com certeza não é nenhum nerd. Ninguém que o tenha visto sem camisa pensaria isso.

– Não tanto quanto eu – acrescenta Debbie. – E ele não tem o menor talento pra tecnologia. Precisa da minha ajuda até pra ligar o computador.

Isso eu já sei que é verdade, o que tornou a tentativa de stalkear Cooper na internet um exercício frustrante. Prefiro homens que postam nas redes sociais tudo que fazem e todos os lugares aonde vão, assim posso avaliar exatamente o que estão pensando. Mas Cooper é mais velho do que eu, o suficiente para que postar atualizações minuto a minuto nas redes não seja uma prioridade para ele como é para muitos homens da minha idade ou mais novos.

– Ele parece legal – digo, antes de ela poder voltar a falar sobre o jardim. – Que sorte a sua ser casada com um cara legal.

Ela não me responde na hora. Parece estar ponderando com cuidado sua resposta enquanto espeta um pedaço de tomate com o garfo.

– Ele é legal – é tudo o que diz.

– É um bom pai? – insisto.

Gosto da ideia de Cooper ser um bom pai. O meu era um merda. Não quero pôr a culpa de tudo de ruim que fiz nos problemas que tive com meu pai, mas só estou dizendo que teria sido legal se ele algum dia tivesse trocado duas palavras comigo.

– Um ótimo pai – confirma Debbie.

Ela não parece muito disposta a falar sobre o marido, mas não consigo me conter. Estou desesperada por qualquer coisinha que ela possa me contar sobre Cooper Mullen, mesmo que isso signifique me denunciar.

– Deve ser difícil ser casada por tanto tempo – comento. – Imagino que depois de uns cinco ou dez anos boa parte do romantismo já tenha se perdido.

Debbie ergue as sobrancelhas no ato. Xi, talvez essa tenha sido demais. Fui com muita sede ao pote. Mas estou desesperada para ouvir uma confissão chorosa de que ela e Cooper não se amam mais e de que ele não a toca há anos. Não quero que tudo que ele me falou seja mentira.

– Casamento pode ser complicado – diz ela baixinho.

Aguardo ela dizer mais, mas ela para por aí. Respeito a contragosto o fato de Debbie não falar mal do marido, mas talvez isso já fale por si. Se ela e Cooper estivessem perdidamente apaixonados, ela diria. Está com vergonha de confessar que seu casamento já era.

Cooper é o cara. Toda vez que o encontro tenho mais certeza disso. E agora que conheço Debbie, entendo por que ele está desesperado para se afastar dela.

Só preciso conduzir essa situação do jeitinho certo.

TRINTA E SETE

DEBBIE

Minha cabeça está girando enquanto dirijo de volta para casa, ao sair do apartamento de Harley.

Aquela camiseta. Aquela camiseta no quarto dela. Não consigo tirar isso da cabeça. O cheiro continua nas minhas narinas. Me atormentando.

Eu conheço esse cheiro.

Isso muda tudo.

Há um carro colado na minha traseira. Estou no limite da velocidade. Na verdade, estou uns 2 quilômetros *acima* do limite numa rua coalhada de placas de parada obrigatória, mas essa velocidade não é suficiente para o cara atrás de mim. Toda vez que diminuo para parar numa placa, ele na mesma hora buzina até eu voltar a andar.

Por que todo mundo vive com tanta *pressa*? Ele por acaso é cirurgião e está correndo para fazer uma extração de apêndice de emergência, e o apêndice vai literalmente *estourar* se ele gastar mais de um segundo em cada parada obrigatória?

Não estou com disposição para isso.

Se fosse qualquer outra semana, eu teria encostado e deixado o cara passar. Detesto que dirijam na minha cola; isso me estressa.

Só que dessa vez não encosto. Na verdade, me mantenho um pouco à esquerda para dificultar a ultrapassagem caso ele decida cruzar ilegalmente a linha amarela dupla. E toda vez que paro numa parada obrigatória, eu me demoro um pouco mais. Ele não tira a mão da buzina.

Por fim, depois de vários minutos nesse joguinho, freio em outra parada obrigatória. Conto até dez na cabeça enquanto o homem atrás de mim buzina.

Um. Dois. Três…

Só consigo chegar a sete antes de ele perder a paciência por completo. Ele contorna meu carro e fura a parada obrigatória a no mínimo uns 50 por hora.

Uma fração de segundo depois, a viatura de polícia que eu tinha visto parada à espreita dobra a esquina com as luzes piscando.

Passo pela parada obrigatória e contorno o sujeito, que está aguardando dentro do carro o policial ir multá-lo. Mostro o dedo do meio para ele, e ele me retribui com a mesma cortesia. Mal consigo ver a expressão no rosto do policial, que acha que o gesto do homem foi dirigido a ele.

Bom, até que foi divertido.

Minutos depois, estou de volta ao meu bairro. Ao adentrar o quarteirão, passo pelo roseiral de Jo Dolan. Só passei uma hora e meia fora, mas a situação dos besouros-japoneses obviamente atingiu um nível crítico. Se antes não eram um enxame, com certeza agora são. Jo está parada no meio do quintal parecendo arrasada. É seguro afirmar que o ensaio de fotos foi cancelado. Embora talvez alguma publicação de entomologia pudesse se interessar.

Assim que paro o carro em frente à minha garagem, tiro o celular da bolsa. Apesar de algumas distrações na volta para casa, ainda não consigo parar de pensar na tal camiseta. Estudos já demonstraram que os cheiros disparam uma atividade cerebral maior do que os estímulos visuais, devido à conexão direta do bulbo olfativo com a amídala (responsável pelas emoções) e com o hipocampo (responsável pelas lembranças).

Não consigo me conter e ligo para Cooper. Ele atende depressa, o que interpreto como um bom sinal.

– Oi, Debbie. Tudo bem?

Quero lhe perguntar se ele consegue me explicar a camiseta, mas por algum motivo não consigo forçar as palavras a saírem. As coisas já estão bem ruins sem eu forçar Cooper a mentir para mim.

Quer dizer, a mentir para mim *outra vez*. Porque ele já vem mentindo. Eu soube disso no mesmo instante em que ele desabilitou o compartilhamento de localização no celular.

– Tudo – respondo. – Só queria dar um oi.

– Tá… – Ele parece confuso, reação razoável, considerando que não costumo ligar no meio do dia só para dizer oi. – Tem certeza de que tá tudo bem?

– Tudo. Sério.

Em outras circunstâncias, eu acharia que ele está sendo fofo e atencioso. Desde que nos conhecemos, Cooper beija o chão onde eu piso. Ele nunca me julgou por coisas que já foram motivo de julgamento para outras pessoas.

Embora eu, assim como ele, tenha lá os meus segredos. Há coisas que nunca lhe contei, porque nunca as contei para ninguém. E talvez isso seja parte do problema. Eu nunca me entreguei a ele cem por cento.

Penso em comentar sobre a prisão do treinador Pike, mas então mudo de ideia. Mais cedo ou mais tarde, ele vai ficar sabendo. Melhor que não seja por mim.

– A que horas você chega? – pergunto.

– Umas seis? Estava pensando em ir malhar de novo hoje.

É claro que estava.

– Tá. Só… só chega em casa a tempo do jantar, tá?

– Eu sempre chego.

– Voltou a falar com o Ken? – pergunto de repente, embora reconheça que essa é a última coisa da qual ele quer falar. – Quer dizer, talvez você devesse perguntar a ele sobre…

– Sobre conseguir meu emprego de volta?

Era exatamente isso que eu ia dizer.

Cooper passa alguns instantes calado enquanto absorve a realidade da nossa situação. Estamos os dois sem trabalho e temos uma hipoteca gigante e uma anuidade universitária à espreita para o ano que vem.

– Ele viajou. Volta segunda.

– Ah. Bom, quem sabe segunda, então.

– Quem sabe.

Não faz diferença. Cooper não vai conversar com Ken Bryant na segunda-
-feira. Ninguém vai conversar com Ken, nem na segunda nem nunca mais.

TRINTA E OITO

HARLEY

Fico feliz ao ver Cooper na academia hoje.

Não tinha certeza se ele viria, porque só costuma vir três dias na semana. Mas, quando saio da minha aula de zumba, ali está ele, grunhindo enquanto faz musculação sentado com halteres. Fico parada no canto da sala, a uns 3 metros de distância, esperando que ele note minha presença. Como ele não olha na minha direção, vou até ele.

– Harley… – Ele parece espantado ao me ver. – O que você tá fazendo aqui?

– Eu *trabalho* aqui.

O olhar dele percorre ansiosamente o recinto. O amigo que costuma acompanhá-lo está em outro aparelho, mas não está olhando para nós.

– Eu já te disse, a gente não pode se falar aqui. É perigoso demais.

Perigoso demais. Esse homem morre de medo de ser flagrado pela mulher. Será que é por ela ser totalmente maluca? Ou será que ele ainda a ama e não quer perdê-la?

– Bom, desculpa. – Coloco as mãos na cintura e empino os seios. Cooper *com certeza* repara. – É que me deu saudades de você hoje.

Cooper abre a boca, e nesse instante tenho certeza absoluta de que está prestes a me dizer que precisamos baixar a bola. Já vi essa expressão antes, e é sempre isso que acontece. Eu me preparo e espero que ele diga as palavras.

Só que ele não diz. Tudo que faz é estender o braço, apertar rapidamente a minha mão e em seguida retirá-lo.

– Aqui não, tá? Aqui a gente precisa tomar cuidado.

Meus ombros desabam de alívio.

– Tá certo. Foi mal.

– Mas a gente se vê mais tarde, tá?

– Hoje à noite? – pergunto, esperançosa.

Ele faz que não com a cabeça.

– Hoje não consigo. Amanhã?

– Amanhã – concordo, sorrindo ao sentir a deliciosa empolgação que percorre cada molécula do meu corpo ao pensar em uma hora de prazer com Cooper. – Que tal a gente jantar juntos?

Ele hesita por tanto tempo que tenho quase certeza de que vai me dizer não. Conseguir jantar com o namorado quando se é a outra é um daqueles sonhos impossíveis.

– *Por favor* – digo baixinho.

– Tá bom – concorda ele por fim, e quase dou pulinhos como se fosse uma criancinha. – Chego lá pelas seis. Digo pra Debbie que vou ficar no escritório até mais tarde.

Estou nas nuvens quando vou até a recepção pegar meu horário de amanhã. Mal reparo no olhar de reprovação de Cindy quando me entrega o papel, mas ela então se recusa a largá-lo.

– Harley – diz, com uma voz baixa e firme.

Tento puxar o papel das suas mãos, mas nem assim ela solta.

– Que foi? Qual o problema?

– Ele é *casado* – diz ela.

Ai. Não é disso que eu preciso agora. Puxo o papel com mais força, e Cindy finalmente o solta.

– Eu sei que ele é casado – resmungo para ela em um sibilo.

– Então por que fica se engraçando com ele?

Cindy não entende. Ela é solteira e não parece ter qualquer interesse por namoro ou sexo. É velha, mais velha ainda do que Debbie, além de bastante atraente. Poderia ter um parceiro se quisesse, só que não quer. Deve ser uma daquelas mulheres que odeia sexo. Não se pode esperar que alguém assim entenda.

– Na verdade, isso não é da sua conta – digo para ela em voz baixa.

Cindy me encara, piscando, aturdida.

– Tem razão. Não é mesmo.

Comemoro um pequeno momento de triunfo, mas então me dou conta de que, se quiser, Cindy pode contar a Debbie o que está acontecendo. Se ela contar que o marido de Debbie a está traindo comigo… Bom, eu quero mesmo que Debbie descubra, mas não desse jeito. Quero que descubra de um jeito que eu possa controlar.

Isso significa que quem precisa contar a Debbie sobre a traição sou eu. Só preciso descobrir como dar essa notícia.

TRINTA E NOVE

Quando chego em casa, há um carro que não conheço estacionado na minha rua sem saída deserta.

Estreito os olhos para as janelas do carro para ver se tem alguém lá dentro, mas está escuro demais. Meu primeiro instinto é dar meia-volta e sair depressa dali. Não sei ao certo para onde iria: um bar? De volta para a academia? Tudo que sei é que o carro misterioso com certeza não significa nada de bom.

Mas, pensando bem, estou exausta. Tudo que eu quero é entrar no meu apartamento e tomar uma boa ducha demorada, vestir um pijama confortável e maratonar um reality show na TV. Não quero deixar um desconhecido qualquer num SUV prata me afugentar da minha própria casa.

De modo que encosto em frente à garagem, cruzando os dedos para que os proprietários estejam recebendo a visita de algum parente no andar de cima e para o dono daquele veículo não ter nada a ver comigo.

Só que não tenho tanta sorte. No mesmo segundo em que pego a bolsa e salto do carro, a porta do SUV se entreabre. Quem quer que esteja dentro daquele veículo estava esperando por mim. Esperando há só Deus sabe quanto tempo, o que significa que não vou conseguir me livrar da pessoa tão depressa.

A motorista do SUV é uma mulher de meia-idade que me lembra um pouco Debbie. Tem cabelos castanhos já meio grisalhos, presos num coque certinho, e está usando um trench coat. A primeira pessoa que me vem à mente é a esposa de Edgar, embora eu me lembre de como ela é, e essa mulher na realidade não se parece com ela. Mesmo assim, ela me parece familiar.

Sinto um peso na barriga quando a mulher dá passos decididos na minha direção. Levo a mão direita ao interior da bolsa e tateio em busca da pequena lata de spray de pimenta que sempre tenho ali. Nunca a usei antes – nunca sequer a testei –, mas para tudo sempre tem uma primeira vez.

– Harley Sibbern! – Dá para ouvir a fúria transbordar da voz dela. – É você, não é?

Fico paralisada, pensando se deveria sair correndo. Imagino a mulher vindo atrás de mim, me agarrando pelo rabo de cavalo e me derrubando no chão.

– Sou eu…

– Meu nome é Lisette Inghram – diz ela. Quando a encaro sem entender, ela acrescenta: – Irmã do Edgar.

– Ah. – Merda. – É… como ele vai?

– Depois de você destruir a família dele, você quer dizer? – Lisette arqueia as sobrancelhas, que estão precisando de um bom trato. – De fazer ele abandonar a esposa e aí decidir que não queria ficar com ele?

Essa não é uma avaliação totalmente correta da situação. Edgar e eu tivemos um caso cerca de um ano atrás, e, sim, eu o convenci a largar a esposa com quem era casado havia trinta anos. Mas, ao contrário de Cooper, que tem vários atributos *físicos*, Edgar era três décadas mais velho do que eu, tinha uma calvície avançada, um queixo retraído e olhos miúdos. Seu traço mais atraente era o fato de ser bastante rico.

Só que ele se esqueceu de mencionar que o dinheiro era quase todo da esposa. Também se esqueceu de dizer que havia assinado um acordo pré-nupcial draconiano e que um divórcio o deixaria sem um tostão. Então, na verdade, ele me deu a entender algo que não correspondia em absoluto à realidade. A vítima nesse caso fui *eu*. Quer dizer, ele por acaso achou que eu fosse continuar morando num apartamento de subsolo e trabalhando como personal numa academia de segunda linha aos *40 anos de idade*? Se pensou, estava delirando.

E com certeza não é culpa minha se a esposa não o quis de volta. Ou se os três filhos cortaram relações com o pai.

– Ele se enforcou – desabafa Lisette.

– *Como é que é?*

– Foi o que você ouviu. – Seus olhos enfurecidos ficam marejados. – Ele perdeu tudo por sua causa e não conseguiu mais aguentar.

Novamente, não é uma afirmação justa. A esposa dele tem pelo menos metade da culpa.

– Ele… ele morreu?

Calculo de cabeça quanto vai me custar mandar flores para uma agência funerária.

– Ainda está vivo – retruca ela, com a voz aguda. – Mas teve uma lesão cerebral por falta de oxigênio. Não consegue mais andar… nem falar… nem se alimentar sozinho. Ele agora vive numa casa de repouso e precisa de cuidados 24 horas por dia.

– Bom, lamento muito ouvir isso.

Lisette parece querer me dar um tapa, e dou um passo para trás.

– Você *lamenta*? Isso é tudo que tem a dizer?

Meus dedos localizam enfim o spray de pimenta, e meus ombros relaxam de leve.

– O que a senhora quer que eu diga? Edgar era um homem adulto e tomou as próprias decisões. Não fui eu que forcei ele a largar a mulher. Nem a se enforcar.

– Uau. – Ela balança a cabeça, como se nunca tivesse conhecido ninguém tão horrível quanto eu. Que mulher dramática… igualzinha a Edgar. – Você não tem coração.

– O que a senhora quer de mim? – rebato. – O que eu devo fazer? Aceitar ele de volta?

Ela enxuga os olhos com as costas da mão. Deve ser a única pessoa no mundo a estar triste por causa do que aconteceu com Edgar. Não tive a impressão de ele ser um sujeito de muitos amigos.

– Você poderia ir fazer uma visita pra ele – diz ela.

– Uma visita?

Ela assente.

– A casa de repouso fica a apenas uma hora daqui. Ele não fala muito, mas sorri quando fica feliz. Você poderia sentar ao lado dele e segurar sua

mão. Isso… – Ela respira fundo. – Acho que isso seria muito importante pra ele.

Fico encarando-a, esperando para ouvir o final do que com certeza deve ser uma piada. Ela quer que eu dirija uma hora até uma casa de repouso qualquer para segurar a mão de um *homem em estado vegetativo* de quem… vou ser bem sincera agora, de quem eu nem gostava tanto assim quando ele era saudável. Fisicamente, Edgar não fazia o meu tipo, mas sua riqueza o tornava sexy. Quando isso desapareceu, o que eu sentia por ele murchou.

– A senhora deve estar brincando comigo – digo, bufando. – Eu não vou fazer isso!

Lisette se retrai.

– Não precisa ser toda semana…

– Eu não vou é *nunca*. – Torno a ajeitar a bolsa no ombro, sem tirar a mão do spray de pimenta. – Lamento que nem se matar direito o Edgar tenha conseguido, mas isso não é problema meu. Não existe a menor hipótese de eu gastar sequer mais um minuto do meu tempo com ele.

Círculos rosados surgem nas bochechas da mulher.

– Sua vagabunda – diz ela sem fôlego.

Ela ergue a mão, e agora tenho quase certeza de que vai me dar um tapa. Mas estou preparada. Saco da bolsa o spray de pimenta, e na realidade ele se revela bem fácil de usar. Pressiono a válvula na parte superior da lata, e uma nuvem de bruma tóxica é projetada no rosto de Lisette. Ela se detém com um guincho, então tosse bastante e esfrega os olhos.

– Fica longe de mim, dona. – Minha voz é firme e sem emoção. – Se algum dia voltar a ver seu carro por aqui, eu chamo a polícia.

Ela ainda está esfregando os olhos, que decerto precisam ser lavados com água. Mas isso não é problema meu, assim como o irmão dela. O que está feito feito está. Dou meia-volta, entro no meu apartamento e tranco a porta.

QUARENTA

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Ai, Debbie, não sei o que fazer! Meu marido não gosta da minha comida, e isso me parte o coração. Ele brinca que eu deveria ganhar um prêmio de pior cozinheira do país inteiro, e, embora eu tente rir e fingir que isso não me atinge, não consigo deixar de sentir que o decepcionei.

Já tentei de tudo para me transformar na maravilhosa chef de cozinha que meu marido merece. Já segui receitas novas, assisti a tutoriais na internet para melhorar meus dotes e, principalmente, acrescento uma dose generosa de amor em cada refeição. O mais engraçado é que meus filhos e eu achamos o sabor da comida bom, mas meu marido tem um paladar bem mais refinado e sofisticado. Detesto desapontá-lo toda noite.

Você tem algum conselho para eu me tornar uma cozinheira melhor e levar um pouco mais de alegria à mesa do jantar?

Atenciosamente,
Péssima na Cozinha

Querida Péssima na Cozinha,

Preparar uma refeição deliciosa e nutritiva é importante em qualquer família. Já pensou em fazer uma aula de culinária? Receber instruções de uma pessoa de verdade pode ser extremamente útil! Além disso, incentive seu marido a preparar algo para a família, assim ele pode lhe mostrar de que tipos de prato gosta (e entender como é difícil prepará-los).

Se nada disso der certo, eu a incentivaria a tentar uma forma nova e interessante de acrescentar sabor à comida dele. O etilenoglicol, por exemplo, conhecido também como anticongelante, tem um sabor adocicado delicioso. Se puser uma boa colherada na comida dele, isso

vai realçar o sabor, e prometo a você que ele não vai reclamar nadinha depois de terminar!

Debbie

QUARENTA E UM

COOPER

Quando chego em casa da academia, Debbie está preparando o jantar.

Ela não precisa fazer isso toda noite. Eu poderia trazer algo da rua, ou então tentar cozinhar. Minha comida não é nada tão animadora assim, mas sou um cara razoavelmente inteligente. Consigo dar conta de preparar uma refeição. Ainda mais agora que vou ficar desempregado.

– O jantar tá quase pronto? – pergunto.

Debbie ergue os olhos da panela e sorri para mim. Só que tem algo esquisito no sorriso dela. Não consigo identificar exatamente o quê.

– Quase – confirma ela.

– Posso ajudar?

Ela fica sem responder por um instante, então assente.

– Será que você pode pôr a mesa? E encher os copos d'água?

Pego quatro copos no armário acima da pia e coloco tudo na bancada. Em seguida, pego a jarra de água mineral na geladeira, mas só tem água suficiente para encher dois copos.

– Tem mais água? – pergunto.

– Enche na torneira e pronto – diz Debbie.

Ergo as sobrancelhas.

– Achei que a Lexi não bebesse água da torneira. Ela diz que acha o gosto metálico. Não é por isso que a gente compra essa água aqui?

Debbie ri.

– Cooper, eu passei os últimos dois anos enchendo essa jarra com água

da torneira. A Lexi não sabe a diferença.

Eu não tinha a menor ideia de que ela vinha fazendo isso. Concordo que era estranha a obsessão adolescente de Lexi em não beber nossa ótima água da torneira, e que é meio engraçado ela não conseguir notar a diferença, mas não sei como me sinto em relação ao fato de Debbie ter mentido para nossa filha por dois anos. E pior: eu não tinha a menor ideia de que isso estava acontecendo. Nós não somos parceiros nessa história de ser pais?

Termino de pôr a mesa, então vou além do que me foi pedido e aviso às meninas que elas podem descer para comer. Izzy desce correndo a escada quase imediatamente, mas Lexi vem mais devagar. Ela também está muito calada, o que não é a cara dela. O humor de Lexi tem oscilado muito desde que ela fez 14 anos. Será que com toda menina é assim? Graças a Deus, Izzy não tem as mesmas oscilações; acho que não conseguiria aguentar *duas* filhas me dizendo que preciso mudar de barbeiro porque meu corte de cabelo me deixa com cara de panaca.

– A polícia passou o dia todo lá na escola – tagarela Izzy enquanto Debbie desloca uma grande travessa de comida.

Sempre comemos assim, cada um fazendo seu prato, já que ultimamente nunca se pode prever quanto as meninas querem comer. Elas podem variar entre um prato lotado e cinco raviólis.

– Inclusive, ainda estava lá quando eu saí! – acrescenta Izzy.

– Polícia? – repito.

Izzy me encara com um ar de assombro.

– Você não ficou sabendo? A mamãe não te contou?

Olho para Debbie com um ar de questionamento, mas ela está ocupada se servindo de macarrão e molho branco. A mim parece que uma questão envolvendo a polícia seria algo que Debbie teria achado válido mencionar para mim. Pelo visto, não.

– Não – admito. – O que aconteceu?

– O treinador Pike foi *preso* – diz Izzy. – Ele botou uma câmera no vestiário das meninas, no chuveiro.

Deixo escapar um arquejo.

– Ele estava gravando meninas adolescentes no banho?

– Ouvi dizer que a câmera tinha acabado de ser instalada e ainda não tinha começado a gravar – conta Izzy.

Graças a Deus. Não gosto nem de pensar no que poderia haver nessas

imagens.

– Minha amiga Ayan me falou que ele está dizendo que não foi ele, mas a polícia encontrou no celular dele um programa que estava conectado à câmera. Então com certeza foi ele, sim.

Um programa no celular dele conectado à câmera. Exatamente como temos na nossa porta de casa.

– Eu tenho certeza de que foi ele – murmura Lexi. – O treinador Pike é um tarado real e todo mundo sabe. Só me espanta ele ter sido burro o suficiente pra ser pego. Sério, ele achou mesmo que ia dar pra pôr uma *câmera* no vestiário das meninas sem ninguém notar?

Ela tem razão. Qualquer pessoa que faça uma coisa dessas está implorando para ser pega.

– Mas, Izzy, agora que o treinador Pike saiu, eles já sabem quem vai treinar o time de futebol? – pergunta Debbie.

– A professora Laslo vai assumir – responde Izzy. – E ela disse que mesmo o treinador Pike tendo dito que eu estava fora, eu podia entrar de novo no time. Ela não é tão rígida quanto ele era.

– Você tinha sido tirada do time? – pergunto, surpreso.

– Putz, pai – comenta Lexi. – Tá precisando se atualizar.

Ela tem razão. Eu claramente não faço ideia do que está acontecendo com a minha família. Mas posso dizer, em minha defesa, que ontem mesmo pedi demissão.

Izzy baixa os olhos para o seu prato de comida.

– O treinador disse que eu não era rápida o suficiente.

– E foi uma coisa ridícula de dizer – entoa Debbie, entrando na conversa com os olhos subitamente animados. – Você era a melhor jogadora do time. Não sei onde ele estava com a cabeça. Além de ser um pervertido desprezível, ele também era um péssimo treinador.

Izzy dá de ombros.

– Bom, felizmente esse é um erro dele que agora vai ser corrigido – afirma Debbie. – Acho que pelo menos *algo* de bom veio dessa coisa horrorosa que ele fez.

Torno a olhar para Debbie, sentada na minha frente à mesa do jantar. Ela já começou a comer, mas o monte de macarrão no meu prato está intocado. Izzy e Lexi também se serviram generosamente, embora Lexi pareça estar

comendo apenas um fio a cada vários minutos. Sou o único que ainda não tocou no prato.

– Não tá com fome, pai? – pergunta Izzy.

Na verdade, não. Acho que nunca tive menos fome na vida.

Limpo as mãos no guardanapo e empurro a cadeira para longe da mesa. Ela se arrasta no chão com um barulho alto.

– Já volto – anuncio.

Todos os três rostos se erguem para mim com um ar questionador.

– Eu só preciso ir lá em cima e… – Pigarreio. – Preciso checar um negócio de trabalho. Vai levar um minutinho só.

Debbie me encara com uma expressão engraçada. Minha desculpa soou pífia, porque é mesmo. Não preciso checar nada de trabalho. Mas tem uma coisa que preciso verificar, e, até eu fazer isso, meus pensamentos vão continuar desembestados.

Subo depressa a escada até nosso quarto. Fecho a porta ao entrar, embora seja improvável que alguém venha atrás de mim. Eu me sento na borda da cama, do lado em que costumo dormir, e abro com um gesto brusco a gaveta da mesinha de cabeceira.

O papel amassado que enfiei lá dentro hoje de manhã continua ali. Aquele em que anotei o endereço que apareceu quando pesquisei Debbie no Findly. Então tiro meu celular do bolso.

Não sei o nome completo do treinador de futebol que expulsou Izzy do time. No entanto, basta digitar umas poucas palavras-chave no Google para que apareça a notícia de um treinador esportivo de ensino médio chamado Robert Pike, preso por filmar menores no vestiário feminino da escola.

Ele está alegando inocência, mas, como Izzy falou, foi encontrado um programa no celular do sujeito que estava conectado à câmera.

Saio da notícia e em seguida pesquiso "endereço residencial Robert Pike". Na mesma hora, o endereço da casa dele em Weymouth aparece na tela.

Meu garrancho de ontem à noite está difícil de ler, mas não há dúvida nenhuma de que o nome da rua é o mesmo.

Debbie foi de madrugada à casa do treinador Pike. Então, na manhã seguinte, ele foi preso por ter um software incriminatório no seu celular.

Não tem como isso ser coincidência.

Mas também parece impossível. Será que a minha esposa gentil e discreta invadiu mesmo a casa do treinador enquanto ele dormia e instalou

algo no celular dele? Donas de casa de modos afáveis não fazem esse tipo de coisa.

Assim como não invadem o porão do vizinho para destruir o quadro de luz. Nem postam vídeos pornográficos do próprio chefe na internet.

Fico encarando o pedaço de papel com o endereço de Pike escrito enquanto tento entender o que fazer com essa informação. Se minha esposa fez todas essas coisas, ela é uma pessoa profundamente perturbada. Seria alguém necessitada de ajuda psiquiátrica séria. Porque, se fez tudo isso, quem pode saber do que mais seria capaz?

Ela talvez seja perigosa.

QUARENTA E DOIS

DEBBIE

Pelo visto, Lexi terminou com Zane.

Em tempos normais, isso seria motivo de grande celebração. Não gosto desse garoto, e fico grata pelo fato de que ele não vai mais aparecer na minha casa nem tocar sua buzina em frente à nossa garagem. Lexi pode arrumar alguém bem melhor. *Ninguém* já seria bem melhor.

Mas é difícil comemorar quando Lexi está claramente chateada. Ela mal disse cinco palavras durante o jantar e só comeu umas poucas garfadas do macarrão que fiz. Não era exatamente uma refeição gourmet, mas ela em geral come o que ponho na frente dela. Hoje à noite não está demonstrando o menor interesse.

Cooper também parece distraído. Subiu dando a desculpa de que precisava checar alguma coisa do trabalho, mas o notebook dele está na mesa de centro. Então foi checar o quê? Tudo que sei é que ele estava pálido quando desceu.

Só Izzy está se empanturrando alegremente. Uma pessoa em três não é ruim, mas poderia ser melhor.

– Preciso ir fazer o dever – resmunga Lexi, afastando a cadeira da mesa.

– Você quase não comeu nada – ressalto. – Não gostou do jantar?

Ela ergue um dos ombros.

– Tô sem fome.

– Quer que eu te faça alguma outra coisa?

– Meu Deus do céu, mãe. – Lexi me fuzila com os olhos. – Eu já te disse

que *não tô com fome*. Para de me perguntar um milhão de vezes se eu quero comer outra coisa.

Mordo o lábio para não comentar que na verdade só perguntei uma vez.

– Tudo bem. Vai lá fazer seu dever.

Izzy anuncia que também tem dever, embora pelo menos tenha praticamente raspado o prato. Estou muito feliz por ela estar comendo normalmente outra vez, mas é difícil celebrar com Cooper à mesa empurrando o macarrão de um lado para outro do prato.

– Também tá sem fome? – pergunto enquanto as meninas sobem a escada rumo a seus respectivos quartos.

Cooper ergue os olhos e pisca, como se estivesse surpreso por me ver ainda sentada à mesa com ele.

– Ah. Eu, é… acho que não.

– Tá tudo bem?

É claro que ele não está bem. Em vez de ganhar uma promoção, acabou de perder o emprego. Deve estar morto de preocupação pensando em como vamos fazer para pagar a hipoteca e bancar a faculdade de Lexi. Mas uma expressão nos seus olhos me faz pensar que há mais alguma coisa acontecendo. Algo que não me contou.

Ele abre a boca como se fosse responder, mas então o conhecido toque genérico do seu celular preenche o recinto. É o toque que vem de fábrica do aparelho, porque ele não sabe como mudar. Ele tira o celular do bolso e inclina a tela para eu não poder ver. Respira fundo.

Quem está ligando para ele? O que ele está escondendo de mim?

– Eu, é… – Ele se levanta da cadeira de um pulo e com um sorriso desconfortável. – É melhor eu atender.

Ele se afasta depressa da mesa com o celular grudado no ouvido. Quando está se retirando da cozinha, consigo distinguir ao longe o som de uma voz do outro lado da linha. Uma voz *feminina*. Alguns segundos depois, a porta do nosso quarto se fecha com um baque.

Humm.

Também me levanto para tirar a mesa. Nenhum membro da minha família pensou em levar o prato até a pia. Cooper de vez em quando enche ou esvazia a lava-louças, mas as meninas *nunca* fazem isso. Por acaso elas acham que tem um vapor venenoso preso lá dentro e que, se abrirem a máquina para pôr um prato, o vapor vai ser liberado e matar todos nós?

Com base no comportamento delas, devo supor que sim, elas de fato pensam isso.

Raspo dos pratos o macarrão que não foi comido e jogo no lixo enquanto me pergunto o que será que está acontecendo com Lexi. Ela nunca está de bom humor, mas hoje à noite parece ainda mais amuada do que de costume. Será que devo tentar conversar com ela? Infelizmente, as coisas nunca correm bem quando puxo conversa com minha filha sobre sua vida amorosa. Ontem, ela praticamente me mordeu quando mencionei o nome de Zane.

Além do mais, tenho meus próprios problemas. Fui demitida, ainda que não tenha sido uma perda tão grande assim. Cooper também acaba de largar seu emprego de muito tempo, e mesmo antes disso vinha se comportando de um jeito bem estranho. E esse telefonema misterioso que o fez sair correndo para o nosso quarto me deixou cabreira. Sério, é *ele* que eu deveria estar chamando para conversar. (Embora ache que seria melhor ficar de boca fechada em relação ao meu marido. Pelo menos até estar pronta para compartilhar meus próprios segredos.)

Algo em relação a Lexi não para de me incomodar. Há momentos em que a melhor coisa é deixá-la em paz, mas meu instinto me diz que tem algo mais acontecendo no momento.

Vou tentar conversar com ela.

Ponho a louça na máquina, então atravesso a cozinha até a escada. Subo até o primeiro andar e, quando chego à porta do quarto de Lexi e estou com a mão erguida para bater, hesito. A porta da suíte master fica na outra ponta do corredor. Cooper ainda deve estar falando no celular, e se eu encostar o ouvido na porta vou conseguir ouvir o lado dele da conversa.

Talvez devesse fazer isso. Tem algo acontecendo com Cooper que ele está relutando em me contar, e praticar um pouquinho de espionagem é o único jeito de descobrir a verdade. E Lexi não vai se abrir se eu tentar conversar com ela. É provável que fique brava comigo, porque vai ter decidido que não tenho permissão para falar com ela quando a lua está minguante ou alguma outra coisa nessa linha.

Vou tentar nesse fim de semana. Vou sugerir levá-la para fazer compras e então vou poder sondá-la com cuidado em relação ao que aconteceu com Zane. Não que tenhamos muito dinheiro para gastar em compras, mas

talvez possamos ir àquele brechó do qual ela gosta. Provavelmente lá conseguiríamos comprar um guarda-roupa inteiro para ela por 2 dólares.

Baixo o braço, pronta para ir embora. E quase vou, mas nessa hora algo me detém. Algo me paralisa.

É o som de soluços vindo do quarto de Lexi.

Dou meia-volta, e dessa vez bato na porta dela sem hesitar. O choro cessa na hora.

– Que foi? – pergunta ela.

– Lexi? Posso entrar, meu amor?

Faz-se um longo silêncio do outro lado da porta. Desconfio de que ela esteja ponderando sobre me mandar pastar ou não. Mas então diz, com uma voz cheia de resignação:

– *Tá*.

Ela está encolhida na cama, os joelhos junto do peito e os braços compridos e magros em volta deles. O rosto está lavado de lágrimas e os olhos vermelhos. Pelo visto, está chorando há algum tempo e até agora estava só conseguindo manter a coisa em silêncio.

Se Zane tiver feito mal a ela, eu vou matar esse garoto.

Na verdade, não vou precisar. Cooper mataria primeiro. Ele pode não conhecer como eu cada detalhe da vida das nossas filhas, mas, se alguém constituísse uma ameaça para elas, arriscaria a vida para salvá-las, igualzinho a mim.

Fecho a porta depois de entrar. Chego mais perto, com cuidado, como se ela fosse um animal assustado que pudesse sair correndo a qualquer momento. Por fim, me acomodo na beiradinha da cama, com a nádega direita parcialmente suspensa no ar.

– Meu amor, o que aconteceu? – pergunto, com a maior delicadeza de que sou capaz.

Ela balança a cabeça, e uma nova maré de lágrimas brota de seus olhos. Os ombros se agitam com soluços, e eu deslizo pela cama e dou um abraço nela. Fico ninando-a como fazia quando era pequena, e depois de algum tempo ela se agarra a mim.

– Mãe – diz ela, soluçando. – Mãe…

– Tá tudo bem – digo com minha voz mais tranquilizadora. – Tá tudo bem, prometo.

– Não tá tudo bem! – retruca ela, ofegante. – Ele… ele tem fotos!

Como é que é?

Eu me afasto dela para observar seu rosto vermelho e inchado.

– Fotos? – repito, com uma voz que torço para não trair a náusea que brota do fundo do meu estômago.

Ela cobre os olhos com as duas mãos e faz que sim com a cabeça.

– Que fotos? – pergunto no mesmo tom gentil, embora o que realmente queira fazer é segurá-la pelos ombros e sacudi-la até ela me contar que diabo está acontecendo.

– O Zane… ele… ele tem… – Ela engole a saliva no esforço de recuperar o fôlego. – Tem fotos de mim. Fotos em que eu tô…

Estou me esforçando muito para não parecer horrorizada.

– Em que você tá *o quê*?

– Você sabe – balbucia ela.

– Tipo… – Eu me retraio. – Tipo fotos *transando*?

– Não. – Ela balança vigorosamente a cabeça. Graças a Deus. – Mas… você sabe… dá pra ver… meus peitos.

Ai, não. Bom, poderia ser pior. Com certeza, poderia ser melhor, mas também poderia ser pior.

– Ele disse que vai mostrar pra todo mundo! – Ela esconde o rosto nas mãos. – Vai compartilhar com todos os amigos dele a não ser que eu…

– A não ser que você o quê?

– A não ser que eu… – Ela não ergue o rosto. – A não ser que eu… você sabe…

Se ela disser "você sabe" mais uma vez, sou capaz de começar a gritar.

– A não ser que você *o quê*?

– Mãe. – Ela por fim ergue o rosto; seu olhar é de súplica. – A gente não… e ele quer…

Aquele zumbido recomeça na minha nuca. Eu quero *matar* esse desgraçado.

– Você tá me dizendo… – começo, tentando não deixar a voz tremer. – Que se você não transar com ele, ele vai mandar fotos de você pelada pra todos os amigos?

Ela não responde, mas uma nova leva de lágrimas vem à tona. Seus ombros começam a tremer.

– Minha vida acabou!

Cerro os dentes. Não sei se algum dia fiquei tão irritada em toda a minha

vida, e já fiquei *muito* irritada. Como ele *ousa*? Essa é a minha menininha! Que tipo de pessoa faria uma coisa dessas?

– O que eu faço? – lamenta ela. – Se ele mandar isso pros amigos, eles vão mandar pros amigos deles, e aí a escola inteira vai receber! Como é que eu vou conseguir entrar na faculdade?

– Vai ver ele tá mentindo – digo, embora concorde que Zane pareça ser o tipo de pessoa que faria algo assim. – Talvez ele não vá realmente mandar pra ninguém.

– Ele já fez isso antes! – exclama ela.

Como é que é?

– Ele foi transferido pra nossa escola entre o segundo e o terceiro ano – explica ela. – A família dele se mudou da Flórida pra cá. Parece que uma menina que ele namorava no segundo ano mandou um nude pra ele, e ele compartilhou a foto com geral. Ele me *mostrou* a foto.

– Sério? E nada aconteceu com ele depois de fazer isso?

– Os amigos todos acobertaram ele. Ninguém disse de onde a foto tinha vindo. Mas, depois de um tempo, todo mundo estava compartilhando.

Uau. Eu nunca gostei de Zane, mas isso está em outro patamar.

– Minha vida acabou! – Lexi estende a mão para mim, e eu a envolvo nos braços e a seguro com força. – Não acredito que fui tão burra. Como pude deixar ele tirar essas fotos?

– A culpa não é *sua* – afirmo.

Estou chateada que isso tenha acontecido, mas estou dizendo o que penso. Posso imaginar como Zane deve tê-la pressionado. Ela é só uma criança – 17 anos é um bebê! – e estava desesperada para fazer o namorado descolado gostar dela. Entendo direitinho como tudo aconteceu.

– Escuta o que eu vou dizer, Lexi. Eu te prometo que a gente vai dar um jeito. Não vamos deixar o Zane ganhar.

Os olhos injetados dela se arregalam.

– Você não vai contar pro diretor da escola, vai?

– Lexi…

– Você não pode contar! – Ela agarra meu braço. – Mãe, se você contar, todo mundo vai ficar sabendo! E ele vai compartilhar as fotos mesmo assim!

– Lexi…

– Promete pra mim!

Não sei se ela tem razão, mas, do jeito que está agarrando meu

braço, com certeza acha que sim. E o que diz faz sentido. Essas coisas sempre acabam vazando. Mesmo que ele não faça nada com as fotos, a simples existência delas vai se espalhar feito fogo no mato.

Não, eu preciso resolver isso de outra forma.

– Eu prometo – digo. – Não vou contar pra ninguém na escola. Mas preciso que você me prometa uma coisa.

Ela olha para mim piscando, aturdida, os olhos marejados.

– Quero que me prometa que vai confiar em mim. Quero que confie em mim quando eu disser que vou garantir, com toda a certeza, que essas fotos suas nunca vão vazar.

– Mas como você vai conseguir…

– *Confia* em mim, Lexi.

Ela hesita por apenas um instante, mas então fala:

– Eu confio em você.

Posso ver essa confiança nos olhos dela. Embora não seja mais criança, Lexi continua acreditando que sou capaz de consertar as coisas para ela.

Sou tomada pelo impulso repentino e quase incontrolável de lhe contar tudo.

Nunca contei para ninguém o que aconteceu comigo. Nem para os meus pais, nem para Cooper, nem para ninguém. Queria poder contar para Lexi, embora eu saiba que não posso.

Eu só queria que ela soubesse que já fui igualzinha a ela. Despreocupada, inteligente e, sim, linda, embora na época não soubesse. Até que aconteceu uma coisa que acabou com a minha vida. Por isso, eu me recuso a deixar qualquer coisa desse tipo acontecer com ela. Porque eu a amo mais do que tudo e quero que a vida dela seja tão boa quanto a minha prometia ser antes de eu ser estuprada no segundo ano de faculdade.

QUARENTA E TRÊS

Essa é uma história que nunca contei.

Não se preocupe, não darei detalhes. A verdade é que não me lembro de muita coisa, e isso é parte do motivo que me levou a nunca procurar a polícia, embora tenha havido vários motivos para eu guardar segredo em relação ao que aconteceu. O que realmente me lembro é do que aconteceu antes e de como tudo terminou. Então, se meu relato parecer confuso ou se eu não conseguir explicar grandes intervalos de tempo, é por isso.

O que não significa que eu esteja mentindo.

Eu estava no segundo semestre do meu segundo ano no MIT, adorando o curso. Como o primeiro ano funciona de acordo com o sistema aprovação/reprovação, era a primeira vez que eu estava recebendo notas, e estavam sendo boas. Tá, estou sendo modesta: estavam sendo incríveis. Eu só tirei notas bem altas. E nem estava cursando matérias do tipo introdução a sei lá que porcaria. Estava fazendo disciplinas difíceis de ciência da computação, nas quais vários dos meus colegas só estavam conseguindo passar a duras penas.

Como falei, não dá para deixar de imaginar o que poderia ter acontecido.

Foi Selena, com quem eu dividia o quarto, que me convenceu a ir à festa de uma das fraternidades estudantis, mas não a culpo pelo que aconteceu. Eu já tinha ido a umas poucas festas bem tranquilas no último ano e meio,

mas uma grande porcentagem dos caras que cursavam o MIT fazia parte de alguma fraternidade, então essas festas eram para ser bem mais interessantes. Para deixar bem claro: não interessantes para *mim*, apenas mais interessantes de um ponto de vista objetivo.

Naquela noite, eu tinha grandes planos de programar um pouco e havia chegado a comprar uma garrafa grande de refrigerante. Mas então Selena começou a fazer uma verdadeira preleção sobre como eu não era nem um pouco divertida e como ia me formar ainda virgem, o que por algum motivo seria ruim. Finalmente concordei em ir à festa apenas para fazê-la parar de falar e também porque estava com os pulsos doloridos por ter passado doze horas seguidas programando no dia anterior.

Ela me emprestou um vestido tirado do próprio armário e gastou uns quinze minutos cacheando meu cabelo. Conseguiu também passar uns dez minutos me maquiando até eu mandá-la parar. Depois de ter feito tudo que a deixei fazer, fui me olhar no espelho de corpo inteiro do banheiro comunitário no corredor e de fato me achei bem bonita. Ficava linda daquele jeito, toda arrumada.

Quando voltei para o nosso quarto no alojamento, Selena assobiou baixinho.

– Oi, gata – brincou ela.

– Não me faça mudar de ideia.

Ela franziu o cenho para mim.

– Dá pra tirar esses óculos?

Não dava. Sem óculos, eu ficava quase cega. Isso foi antes de eu desvendar a magia das lentes de contato. Quando estava na faculdade, pensar em enfiar os dedos nos meus olhos era apavorante demais para ser sequer mencionado.

Fomos as duas a pé até a fraternidade Zeta Pi, que ficava a quase meia hora de caminhada na noite gélida do mês de março. Na verdade, para mim nem estava tão ruim assim, porque eu estava de sapato baixo, casacão e gorro. Já Selena estava de salto e sem casaco, ou seja, passou o trajeto inteiro reclamando amargamente.

É engraçado que eu ainda me lembre de certas coisas daquela noite. Ainda consigo ouvir as queixas de Selena por causa do frio ecoarem em meus ouvidos. *Debbie, acho que o aro do meu sutiã congelou e grudou na pele.*

Chegamos por volta das dez, e a festa já estava a todo vapor. Contrastando bastante com o ar noturno gelado, na sede da fraternidade fazia muito calor, calor até *demais*. Havia também uma umidade estranha no ar, e todo o trabalho que Selena tivera para deixar meus cabelos macios e brilhantes foi por água abaixo na mesma hora. Tirei o casaco e o joguei num quarto identificado como "o quarto dos casacos", sem qualquer garantia de que o pegaria de volta. Havia música tocando, e o grave era tão alto que fazia minha cabeça latejar.

Uma hora depois, eu já queria ir embora. Desesperadamente. Selena e eu tínhamos conseguido ficar juntas nos primeiros vinte minutos, mas aí um cara começou a dar em cima dela e ela sumiu. Ninguém estava dando em cima de mim. Fiquei só sentada num canto, bebericando Coca-Cola e desejando saber o caminho de casa. Pena que nem o GPS nem o Uber tinham sido inventados ainda.

Foi nessa hora que ele me encontrou.

Que bom que eu estava de óculos, porque pude dar uma boa olhada na cara dele. Ele parecia estar já no final da faculdade. Terceiro ou quarto ano. Não que parecesse muito mais velho, mas tinha a segurança de quem já estava ali havia algum tempo e sabia como as coisas funcionavam.

– Que carinha infeliz – observou.

Ergui os olhos. Ele não era exatamente bonito, mas tinha cabelos castanho-escuros que se curvavam nas pontas de um jeito fofo e caíam na frente dos olhos. Era bonitinho.

– Tá muito barulho aqui – admiti. – Estou ficando com dor de cabeça.

– É mesmo. – Ele tomou um gole do copo de papel que estava segurando. – Quando eu me formar, vou ter sorte se ainda tiver me sobrado alguma audição.

Sorrio.

– Eu sou o Hutch. – Ele indicou o próprio peito com o polegar. – Acho que nunca te vi por aqui antes.

– Eu sou a Debbie.

– Prazer, Debbie. – Ele abriu um sorriso, e fiquei meio orgulhosa com o fato de aquele cara bonitinho mais velho da fraternidade estar dando em cima de mim. – Pelo visto, a sua bebida já tá quase no fim. Posso ir buscar outra dose pra você?

– É só Coca – falei.

– Bom, não é de espantar que não esteja se divertindo – disse ele, e na ocasião precisei reconhecer que ele tinha certa razão. – Que tal se eu for buscar mais uma Coca pra você, mas você me deixar pôr um pouquinho de rum dentro? – Ele posicionou o polegar e o indicador a cerca de um centímetro de distância. – *Esse* tanto.

E, como ele era bonitinho e mais velho, e ainda por cima estava dando em cima de mim, eu respondi:

– Tá bom.

Ele foi pegar uma cuba-libre para mim, e aquela era só a segunda vez que eu bebia na faculdade e a terceira em toda a minha vida. Na época, imaginei que tudo que havia me acontecido era porque eu tinha zero tolerância à bebida, mas depois, pensando melhor, tive quase certeza de que um drinque só não poderia ter feito aquilo comigo.

Hutch pôs alguma coisa na minha bebida. Talvez não um "boa noite, Cinderela", mas *alguma coisa* ele pôs lá dentro para que eu não conseguisse resistir.

Passamos um tempo sentados no sofá, conversando. Ele me perguntou em que alojamento eu morava, e falei que era no Baker. Perguntou o que eu estava cursando, e respondi Ciência da Computação. Ele cursava Economia. Fez outra pergunta que não consegui escutar de tão alta que a música estava, e foi nessa hora que sugeriu subir, porque lá em cima estaria menos barulhento. Eu falei que sim e fiquei aliviada, porque tudo que eu queria desde que chegara ali era um pouco de paz e silêncio.

É nessa hora que as lembranças começam a ficar meio embaralhadas.

Eu me lembro de subir até o quarto dele. Meio que me lembro do quarto dele. Duas camas de solteiro… Não, mentira, era um beliche. Uma escrivaninha. Que devia ter um computador de mesa em cima, porque todos nós na época tínhamos computadores assim. Acho que falei para ele que estava cansada, e ele sugeriu que eu deitasse na cama.

Minha lembrança seguinte é a sensação de alguém estar me sacudindo para tentar me acordar. Só que, quando entreabri os olhos, me dei conta de que não era nada disso que estava acontecendo. Hutch estava em cima de mim, com os cabelos bonitinhos caindo por cima dos olhos. Tinha levantado meu vestido, baixado minha calcinha e estava…

Meu primeiro pensamento foi que eu não estava raciocinando direito. Será que estava tão bêbada a ponto de ter dito que tudo bem ele fazer

aquilo? Não me parecia possível. Com certeza, *não* estava tudo bem. Eu ainda era virgem, e o que ele estava fazendo… estava doendo.

Abri a boca e senti a garganta dolorosamente seca. De alguma forma, consegui articular:

– Não. Para.

Imaginei que ele fosse rolar de cima de mim e se desculpar. Só que ele não fez isso. Continuou, sem dar atenção ao meu pedido.

– *Para!* – falei, mais alto dessa vez.

Tentei empurrá-lo, mas, e dessa parte me lembro claramente, eu parecia estar mexendo os braços num mar de melado.

– Por favor, para!

Dessa vez, ele respondeu com um quê de irritação:

– Relaxa. Vai acabar num minuto.

Na verdade, foram *dois*. Eu sei, porque contei cada segundo.

E de repente acabou. Ele rolou de cima de mim e subiu a braguilha como se nada tivesse acontecido. E foi embora.

Eu estava muito zonza. Fiquei deitada ali, naquele beliche de baixo, durante um tempo que pode ter sido dez minutos ou uma hora, tentando entender se aquilo tinha acontecido mesmo ou sido só um pesadelo. As únicas coisas a me convencerem de que tinha sido tudo real eram a dor que eu estava sentindo e, mais tarde, o sangue na calcinha quando cheguei em casa.

Minha cabeça rodava, mas consegui me forçar a me levantar da cama. Atravessei cambaleando o térreo lotado sem falar com ninguém. Não me dei ao trabalho de achar Selena nem sequer meu casaco. Saí pela porta da frente, e, embora do lado de fora estivesse muito frio, eu mal senti. Até hoje não faço ideia de como cheguei em casa. Mas devo ter chegado, porque acordei no dia seguinte na minha cama no quarto do alojamento.

Tentei dizer a mim mesma que não tinha sido nada de mais. Na minha cabeça, nem usava a palavra com E. Tinha ido a uma festa, bebido um pouco demais e transado com um cara que mal conhecia. Uma transa casual. Selena já tinha feito isso e não era nada de mais. Só se tornaria importante se eu deixasse.

Eu sempre tinha sido uma pessoa forte. Inteligente, capaz. Afinal, conseguira entrar no MIT, a única do meu ano no ensino médio. Eu era a próxima Bill Gates. Aquilo não era nada de mais. Eu iria superar.

Só que não superei. Tinha pesadelos todas as noites e acordava encharcada de suor. Dormia a intervalos de duas horas e exibia olheiras permanentes. Aonde quer que fosse no campus, achava que tinha visto Hutch. Só que nunca era ele. Era sempre outro menino qualquer com um corte de cabelo parecido, mas pouco importava. Minhas notas começaram a cair. Em seguida, começaram a despencar.

Depois de só ter tirado notas altas no primeiro semestre, fui reprovada em todas as disciplinas no segundo. Eu nem compareci em duas das provas finais.

Uma orientadora da faculdade conversou comigo sobre o meu declínio. Tentou saber o que tinha acontecido comigo, mas me recusei a contar. Só disse que não estava me sentindo motivada e que precisava dar um tempo nos estudos. Fui passar o verão em casa, torcendo para um tempo fora me curar.

Nunca mais voltei.

Por mil vezes quase contei para Cooper o que aconteceu comigo. Ele foi o primeiro cara que namorei depois de sair da faculdade. Foi muito gentil e paciente comigo, embora não tivesse a menor ideia sobre o que me fazia ficar tão nervosa no sexo. Mesmo sem eu lhe contar nada, ele era compreensivo. No fim, fiquei com medo de falar a verdade porque achei que ele fosse me respeitar menos. Então, depois de nos casarmos, fiquei com medo de falar porque achei que ele fosse ficar bravo comigo por não ter contado antes.

E agora, com vinte anos de casados, já é mais do que tarde demais.

Além disso, ele também tem segredos. Muitos.

Pensar que Zane pode estar tentando fazer com a minha filha o mesmo que Hutch fez comigo me enche de uma raiva tão incandescente que me sinto capaz de despedaçar aquele moleque membro por membro. Mas não posso fazer isso, claro. Não quero ser presa. E, do ponto de vista físico, não sei se conseguiria. Não sou algum tipo de super-heroína (ou supervilã?) capaz de despedaçar uma pessoa com as próprias mãos.

Além do mais, o que vou fazer com ele vai ser muito, muito pior.

QUARENTA E QUATRO

Espero até que todo mundo esteja dormindo.

Preciso tomar muito cuidado. Mesmo depois de ter drogado Cooper na outra noite, tenho quase certeza de que ele acordou enquanto eu estava fora. E como eu não sabia que ia sair de fininho depois do jantar, teria sido difícil lhe dar alguma coisa para tomar de novo sem que ele notasse. Eu simplesmente vou precisar ser muito silenciosa.

Saio da cama à meia-noite. Cooper parece estar dormindo, mas capricho no silêncio ao me desvencilhar da nossa coberta. Antes de ir para a cama, deixei uma muda de roupa na sala, assim não o acordo ao me vestir.

Mas minha primeira parada é o quarto de Lexi.

Não preciso fazer tanto silêncio dessa vez. Minha primogênita dorme feito uma pedra. Ano passado, um alarme de incêndio disparou em casa durante a madrugada, e precisei sacudi-la para que não morresse queimada.

Entro no quarto pé ante pé e pego o celular dela na mesinha de cabeceira, onde o aparelho está carregando. Saio sem fazer barulho.

Não tenho o hábito de fuxicar o celular de Lexi, mas exijo que me informe a senha para eu poder desbloquear o aparelho se for preciso. Nunca usei essa informação, e a verdade é que não teria me espantado se ela tivesse trocado a senha. Quando digito os seis algarismos, porém, o aparelho desbloqueia.

Entrei.

Por alguns segundos fico tentada a olhar a galeria para tentar encontrar as fotos das quais ela me falou, mas então decido não fazer isso. Não vim bisbilhotar. Vim resolver uma situação para a minha filha.

Zane é um dos principais contatos do celular dela. Ela não o bloqueou, possivelmente porque está monitorando a situação. Não quero ler todas as mensagens que os dois trocaram, mas a última enviada por ele me faz ver tudo vermelho:

> Se não quiser que a escola inteira veja aquelas fotos, vc precisa parar de ficar me provocando.

Meu Deus, eu quero matar esse garoto.

Preciso respirar fundo algumas vezes para me acalmar. Minhas mãos tremem quando digito uma mensagem para Zane:

> A gente pode se ver agora? Posso sair sem ninguém ver e pegar o carro dos meus pais.

Há uma chance de ele estar dormindo, mas me lembro de ele ter dito que nunca ia para a cama antes das duas da manhã. Dito e feito: três bolinhas aparecem na tela. Ele está digitando.

> Mudou de ideia?

Matá-lo com minhas próprias mãos. Arrancar cada membro dele.

> Mudei. Quero te ver. Faço tudo que você quiser.

> Você é muito inteligente, sabia que ia voltar atrás.

Sim, Lexi é inteligente. Por isso contou à mãe tudo o que estava acontecendo.

> Que tal no parquinho do estaleiro? Só vai ter a gente lá.

O Estaleiro de Hingham era de fato um estaleiro muitos anos atrás, mas hoje faz parte da marina, com residências, lojas e atividades recreativas. Eu costumava levar as meninas ao parquinho de lá quando elas eram pequenas, e depois íamos almoçar no Wahlburguers. Durante o dia, aquilo lá vivia movimentado, mas a essa hora da noite vai estar totalmente deserto. E, numa ida recente, eu por acaso notei que não há câmeras no parquinho.

Chego em 20 minutos.

QUARENTA E CINCO

Chego lá quinze minutos depois.

Como Zane vive cronicamente atrasado, não precisei me apressar, mas por outro lado ele dirige feito um maluco, então parecia possível chegar na hora ou mesmo antes. Eu tinha que chegar antes dele.

Conforme esperado, o lugar está completamente vazio. Fica oficialmente "fechado depois de o sol se pôr", como se alguma criança fosse aparecer ali para brincar à uma da manhã. É um parquinho de tamanho médio, com balanços de pneu, uma estrutura de trepa-trepa com um escorrega de plástico verde e lascas de madeira que cobrem o chão e ameaçam entrar nos meus sapatos a cada passo.

Ontem à noite, antes de ir me deitar, saí e comprei um pack de seis cervejas. Não é o tipo de coisa que costumamos ter em casa porque nem Cooper nem eu gostamos de cerveja, mas hoje eu vou precisar. Assim que chego no parquinho, abro uma das latas.

Então acrescento o ópio. O suficiente para derrubá-lo.

Eu jamais beberia de uma latinha misteriosa largada num parquinho, mas não sou Zane, que tem 18 anos e uma tendência a fazer bobagem. Ponho a cerveja num local bem visível, em cima de um dos bancos que margeiam o parquinho. Então me posiciono atrás de um grupo de arbustos. E fico esperando.

Zane chega dez minutos atrasado. Quando aparece, olha em volta, imaginando que vai ver Lexi. Do meu esconderijo, consigo ver um lampejo de irritação tomar conta de seus traços emaciados. Talvez ele não a espere.

Felizmente, eu trouxe o celular de Lexi por esse exato motivo. Digito outra mensagem para ele:

Minha mãe levantou pra ir ao banheiro, então saí um pouco atrasada. Chego em 15 minutos.

Ele lê a mensagem com o cenho franzido. Será que vai esperar por ela? Preciso fazer algo para sacramentar o combinado. Sendo assim, mesmo mortificada com a ideia, digito:

Quero transar aí mesmo no banco do parquinho.

A mensagem cumpre um duplo objetivo. Em primeiro lugar, garante que ele vá esperar por Lexi, embora ela na realidade não esteja a caminho. E, em segundo lugar, faz Zane reparar no banco.

Como imaginei, ele se encaminha para o local e se senta. À luz do luar, estreito os olhos enquanto ele mexe no celular. Imagino que esteja olhando as fotos de Lexi, e fico com vontade de esganá-lo.

Na maior parte do tempo, consigo empurrar o que aconteceu naquela noite com Hutch para longe da mente. Mas, neste momento, é como se ele estivesse sussurrando no meu ouvido: *Relaxa. Vai acabar num minuto*.

Não vou deixar que isso aconteça com a minha filha.

Zane leva alguns minutos para reparar na latinha de cerveja. Olha para ela algumas vezes e, por fim, a pega. Parece espantado com o fato de a lata estar quase cheia. Então a cheira.

O ópio tem, sim, um cheiro. Um odor meio adocicado com um traço terroso, que lembra um pouco xarope de bordo. Estou torcendo para que o cheiro de levedura da cerveja mascare o do ópio. Zane contempla a latinha. Espero ter conseguido ensinar às minhas filhas que não se deve beber de um recipiente aleatório deixado num parque, mas tenho a forte sensação de que Zane não vai ter escrúpulos em relação a isso se considerar que a lata contém bebida alcoólica.

Bebe. Vai logo, seu merda!

E é o que ele faz. Bebe. Entorna a lata inteira de cerveja com ópio em cinco goladas.

Fico preparada com meu celular para o caso de ele tentar ir embora, mas, depois de uns cinco minutos, ele já não parece mais tão inquieto. Quinze minutos depois, está bocejando e esfregando os olhos.

Meia hora depois, está totalmente apagado.

Espero mais dez minutos, por via das dúvidas. Enquanto isso, tomo o cuidado de deletar a conversa inteira com Zane do celular da minha filha, para que ela jamais descubra que nos encontramos hoje. Aproveito para bloquear o número dele. Enfio o aparelho na bolsa e vou até ele. Estava mexendo no celular, e o aparelho escapuliu da sua mão e está caído na grama. Eu o pego.

Ao contrário do celular do treinador Pike, que desbloqueei usando a digital do sujeito, o aparelho de Zane é do tipo que usa reconhecimento facial. Isso em geral significa que os olhos da pessoa precisam estar abertos para desbloquear o aparelho. Entretanto, no verão, surpreendi Lexi e Zane na minha cozinha, e ele estava reclamando que o celular não desbloqueava quando estava de óculos escuros. Entreouvi a conversa e lhe disse que era possível desabilitar no aparelho a função "Atenção", assim ele não exigia que a pessoa o encarasse para desbloquear. Como ele pareceu não entender, eu me ofereci para fazer isso por ele. O idiota me entregou o aparelho, e eu mesma mudei a configuração.

Por isso sei que, quando erguer o aparelho até o rosto dele, ele vai desbloquear, embora Zane esteja de olhos fechados.

Volto a me esconder nas sombras para o caso de Zane acordar, embora não pareça que isso vá acontecer tão cedo. Após deletar, no aparelho dele, a conversa que o fez vir até o parquinho, minha providência seguinte é vasculhar as fotos e encontrar as que Lexi lhe mandou. Deleto todas. É totalmente possível que ele as tenha salvado em algum outro lugar, mas apagar essas fotos não é meu objetivo principal.

Vim aqui fazer outra coisa.

Lexi me contou que ele já tinha feito isso antes. No segundo ano do ensino médio, namorou uma menina e espalhou a foto dela pela escola. Levando em conta que ele estava no segundo ano, essa menina devia ter por volta de 15 anos. Ou seja, de um ponto de vista legal, ele estava distribuindo pornografia infantil.

Agora preciso encontrar o rastro digital do que ele fez.

Vasculhar o celular de Zane não tem graça nenhuma. Sou obrigada a rolar várias conversas com amigos dele relacionadas à minha filha, nenhuma delas muito lisonjeira. Encontro uma do dia anterior que faz minha pressão sanguínea aumentar.

Continua namorando aquela mina Lexi?

Continuo, mas o boquete dela é péssimo.
Acho que vou terminar.

Ela precisa fazer umas aulas com a Yvonne.

Acho que ela é burra demais pra aprender.

Em determinado momento, largo o celular e fico apenas encarando Zane, que continua deitado inconsciente no banco. Estou tendo esse trabalho todo para encontrar fotos incriminatórias, mas a coisa não precisa ser tão complicada assim. Tenho um canivete suíço no porta-luvas do carro. Posso ir até lá, pegá-lo e cortar fora o pau dele. Isso faria justiça e com certeza resolveria o problema!

Mas acho que também criaria outros.

Levo quase meia hora pesquisando até encontrar o que estou buscando. A foto da pobre garota continua na galeria dele, porque é claro que ele seria ingênuo demais para apagá-la. Ela parece ter apenas 14 ou 15 anos. Está nua e parece tão desconfortável que quase vou de fato buscar o canivete. Ele compartilhou essa foto várias vezes, e as provas estão todas ali. Bem ali, no celular dele. Zane nunca deletou nada.

E chamou a *minha filha* de burra.

Faço capturas de tela de tudo, em seguida crio uma conta de e-mail anônima. Envio tudo tanto para a administração da escola quanto para a polícia, ressaltando a idade aproximada da menina.

Eu me permito um sorriso. Amanhã vai ser um dia interessante.

QUARENTA E SEIS

Quando chego em casa depois da minha pequena incumbência na rua, encontro Cooper à minha espera na sala.

Ele está de regata e cueca samba-canção, e a pequena luz ao seu lado é a única acesa, o que confere ao seu rosto um brilho sobrenatural. Eu deveria ter imaginado que ele estaria acordado. Não anda dormindo bem, e a ausência do meu corpo ao lado do dele na cama talvez tenha bastado para despertá-lo.

Ele me encara com uma postura rígida. Deve ter ouvido meu carro entrar na garagem, então sabe que saí dirigindo. Não posso fingir que fui dar um passeio a pé pelo bairro. Além do mais, esqueci de desligar o Findly, uma baita mancada. Embora talvez, em algum nível, eu quisesse ser descoberta.

– Debbie – diz ele.

Quando ele fala, sinto o cheiro. Ele deve ter achado o resto das cervejas que deixei no fundo da geladeira. Cooper não é muito de beber, mas acho que não posso culpá-lo por isso no momento.

– Oi – digo, com uma voz débil.

– Onde você estava?

Tento sorrir, mas o sorriso sai artificial.

– Fui só dar uma volta.

Ele franze o cenho.

– Você estava no estaleiro?

Justo como eu desconfiava: o rastreador do meu celular me entregou. Com certeza vou precisar desligá-lo da próxima vez. Do mesmo jeito que ele faz quando vai para algum lugar que não quer eu saiba. Cooper é bem melhor em guardar segredos do que eu.

– Não estava conseguindo dormir – respondo. – Só saí pra dar uma volta de carro. Achei que isso fosse me cansar.

Ele se levanta com esforço. O cabelo castanho está desgrenhado do sono e o rosto está coberto pela barba de um dia. Quando o conheci, fazia muito tempo que não saía com homem nenhum, mas ele pareceu muito gentil e sincero ao me convidar. Passei muito tempo com medo dos homens por causa de Hutch, mas, por algum motivo, não fiquei com medo de Cooper. Na verdade, ele foi o primeiro homem a não me causar aquela sensação nauseante de medo no fundo do estômago. Não parecia que algum dia ele fosse me machucar.

Quando foi que isso mudou?

– Debbie – repete ele, num tom de súplica.

Eu sei o que ele quer. Que eu lhe conte a verdade a respeito de tudo. Mas não posso fazer isso. Agora é tarde, tarde demais.

– Aonde você foi na outra noite? – rebato. – Quando me disse que ia a um fast-food e passou duas horas fora?

Ele arregala os olhos.

– Eu… eu já te disse. Fui só dar uma volta.

– Uma volta?

– É, claro. – A voz dele assume um viés defensivo. – O que você *acha* que eu estava fazendo?

Por que eu deveria lhe contar a verdade quando ele vem mentindo para mim descaradamente?

Quando isso tiver acabado, ele vai saber de tudo. E talvez exista um jeito de ele entender.

– Estou cansada – digo. – Vou me deitar.

Passo por ele e atravesso a sala até a escada. Imagino que ele vá me seguir até o quarto, mas ele não faz isso. Fica na sala e é lá que passa o resto da noite.

QUARENTA E SETE

DO ARQUIVO DE RASCUNHOS DA COLUNA *QUERIDA DEBBIE*

Querida Debbie,

Acho que meu marido está me traindo.

Não tenho certeza absoluta, mas todos os sinais estão presentes. Ele não tem nenhum interesse em transar comigo e isso já há vários meses, mesmo quando tomo a inciativa. Às vezes eu ligo para ele durante o dia e não consigo encontrá-lo em momentos nos quais ele deveria estar disponível. Outro dia ele me disse que ia sair com amigos, mas, quando mandei uma mensagem para a esposa de um desses amigos, ela disse que o marido estava em casa com ela. E o pior de tudo: senti nele um cheiro de perfume que com certeza não era meu!

Quando o confronto, ele fica muito na defensiva. Diz que fica magoado por eu pensar que ele faria uma coisa dessas.

O que você acha? Meu marido está me traindo ou estou sendo uma esposa ciumenta?

Um abraço,
Esposa Preocupada

Querida Esposa Preocupada,

Concordo que boa parte do comportamento do seu marido seja preocupante com relação à infidelidade. Infelizmente, quando um homem está traindo, é comum ele ficar bastante na defensiva quando confrontado.

Se estiver muito desconfiada, uma coisa que você pode fazer é tentar descobrir se ele tem outro celular. Ou, no mesmo aparelho, ele também pode ter outro endereço de e-mail. Se não conseguir encontrar nada mas continuar desconfiada, considere a possibilidade de contratar um detetive particular. Se o detetive encontrar sinais de infidelidade, então considere contratar um advogado. Ou um matador de aluguel.

Como pode ver, são muitas as alternativas à sua disposição.

Debbie

QUARENTA E OITO

DEBBIE

Na manhã seguinte, me certifico de acordar Cooper antes de as meninas descerem. Não vai ajudar em nada elas encontrarem o pai dormindo no sofá. Ele me encara com olhos sonolentos e sobe cambaleando para tomar um banho ou então recuperar o sono perdido durante a noite. Está com a mão nas costas; o sofá não é o lugar mais confortável para dormir.

Lexi parece um pouquinho mais animada. Pelo menos não está chorando. Assim como Cooper, porém, parece cansada. Deve ter passado um bom tempo se revirando na cama durante a noite, mas felizmente não chegou a reparar que o celular tinha sumido. Consegui devolvê-lo à mesa de cabeceira sem acordá-la.

Izzy, por sua vez, está de *muito* bom humor. Voltou ao time de futebol e não precisa mais lidar com um treinador que vive colocando-a para baixo. Eu deveria ter me livrado de Pike anos atrás.

Preparo ovos mexidos e os sirvo por cima de pãezinhos tostados. Tenho comido cereal com fibras no café todo dia de manhã, mas hoje mando a cautela às favas e também faço para mim um pão com ovo.

– Querem que eu leve vocês na escola outra vez? – pergunto às meninas ao pôr os pratos na mesa da cozinha.

– Quero – responde Izzy, animada.

Ela nunca dispensa uma carona.

Lexi, que não está nem de fone hoje de manhã, também faz que sim com a cabeça.

– Claro. Mas eu tenho prova de física no primeiro tempo, então não posso chegar atrasada.

– E por acaso eu já te deixei atrasada na escola? – questiono, em desafio.

Ela abre um sorriso relutante.

– Não que eu me lembre.

– Exatamente. – Retribuo seu sorriso enquanto me sento com elas à mesa. De fato, sou sempre pontual. – Enfim, acabem de comer que a gente sai.

Lexi baixa os olhos para os três pratos na nossa frente, em seguida olha para trás, na direção do fogão.

– Não vai preparar um prato pro papai?

Bom, há muita coisa subentendida nessa pergunta. Abro a boca sem saber ao certo o que responder, e é bem nessa hora que a campainha toca.

O som me deixa nervosa. Seja quem for, com certeza é alguém que não tem nada de bom a dizer. Será Jo Dolan querendo que eu pague a conta de controle de pragas? Ou Brett Carlson me cobrando o quadro de luz quebrado? Ou então Garrett Meers, que pelo visto *ainda* não conseguiu tirar do ar o vídeo pornô que está no site do jornal? (O que é hilário, aliás.)

– Eu atendo – digo.

Abandono meus ovos e vou depressa até a porta, diante da qual o visitante parece estar decidido a apoiar todo o seu peso na campainha. Ao chegar lá, sinto um peso no coração. É alguém bem pior do que Jo, Brett ou Garrett. É Zane.

E ele parece estar *uma fera*.

Acho que isso não é nenhuma surpresa. Eu o arrastei para fora de casa de madrugada para ele levar um cano da namorada que pensou que fosse fazer Deus sabe o quê com ele num parquinho público. Fico imaginando a que horas ele acordou naquele banco. Tem sorte de aquela ser uma área segura, mesmo de madrugada.

Sinceramente, ele tem muita coragem de vir aqui depois de ameaçar Lexi, mas preciso fingir que não sei de nada. Ela me mataria se tivesse a menor ideia do que fiz.

– Cadê a Lexi? – pergunta Zane, com um quê de exigência.

Cruzo os braços.

– Está tomando café no momento. Posso ajudar?

Ele parece não saber direito o que dizer. Não pode exatamente me contar

que minha filha deu um bolo nele de madrugada. Então diz a única coisa que pode:

– Ela me bloqueou no celular!

A bem da verdade, quem o bloqueou fui *eu*. Porque ele mereceu e também porque, se eu não fizesse isso, ele iria bombardear o celular de Lexi com mensagens perguntando onde ela estava. Para minha filha nunca descobrir o que fiz, eu não podia deixar que ele mandasse nenhuma mensagem.

– Isso é problema da Lexi – respondo, tensa. – Você quer que eu dê algum recado pra ela?

– Quero. – Ele projeta o maxilar para a frente. – Diz pra ela que ela é uma vagabunda.

Preciso admitir que essa me surpreende. Não achei que ele fosse ter coragem de dizer isso na minha cara. Mas isso torna bem mais fácil falar o que quero.

– Com certeza, vou passar seu recado – retruco, sarcástica. – E Zane, também tenho um recadinho pra você.

Ele revira os olhos.

– Ah, é?

– É, sim. – Abro um sorriso largo. – Só queria ter certeza que você tem consciência do que acontece com um criminoso sexual na prisão.

Isso apaga na mesma hora a expressão de superioridade do rosto dele.

– Como é?

– Um criminoso sexual – repito. – Como, por exemplo, alguém que vazou fotos de uma menina de 15 anos pelada, o que legalmente seria considerado pornografia infantil.

Por um instante, uma centelha de medo surge no seu olhar.

– Não sei do que a senhora tá falando.

– Ah, eu acho que sabe, sim. – Arqueio as sobrancelhas. – Mas, enfim, se essa pessoa tivesse 18 anos ou mais e fosse pega… e hoje em dia os rastros digitais tornam *bem* mais fácil alguém ser pego… ficar na cadeia seria bem difícil para essa pessoa. Lá é especialmente difícil pra criminosos sexuais. Eles muitas vezes são atacados pelos outros detentos, como punição e para ganhar status social.

Zane dá um passo para trás e quase tropeça nos próprios pés.

– Quê?

– Aí, quando a pessoa enfim sai da cadeia, é obrigada a entrar para o registro de criminosos sexuais onde quer que more, pelo resto da vida – prossigo. – Precisa avisar seus empregadores. Qualquer mulher com quem a pessoa saia pode pesquisá-la e… bom, cancelar o encontro. E boa sorte pra encontrar um lugar para morar quando a pessoa é obrigada a avisar aos proprietários que cometeu um crime sexual.

– Tá… – Zane está balançando a cabeça; toda a raiva desapareceu de sua expressão. Ele parece definitivamente apavorado. – Olha, só diz pra Lexi que não posso mais levar ela na escola.

– Pode deixar! – respondo alegremente.

Fecho a porta na cara dele e volto para a cozinha, onde meu café continua à minha espera. Volto a me acomodar na cadeira e pego de novo meu pão com ovo.

– Quem era, mãe? – indaga Lexi.

– Ninguém importante.

Dou uma mordida. Está uma delícia.

QUARENTA E NOVE

COOPER

Passei a manhã inteira envolto numa névoa.

Não sei aonde Debbie foi ontem à noite. Quer dizer, geograficamente, eu sei aonde ela foi. Mas não sei por que ela iria ao estaleiro de madrugada, nem o que foi fazer lá.

Não acho que ela tenha ido lá para encontrar um amante. Debbie não faria isso. Ela simplesmente… não faria. Mas, se não era isso que ela estava fazendo, então *o que* era?

Parte de mim queria confrontá-la de manhã, mas em vez disso acabei evitando-a. Estou morto de cansaço e em zero condição de ter uma conversa séria no momento, e tenho quase certeza de que essa vai ser uma conversa *muito* séria.

Mas precisamos disso. Vou pôr todas as cartas na mesa… tudo que venho escondendo dela. E se ela me odiar? Bom, tomara que não. Tomara que a gente consiga encontrar um jeito de superar isso. Eu topo fazer terapia de casal, qualquer coisa que ela queira.

Mas isso precisa acabar. As mentiras e as escapulidas precisam acabar.

É um milagre eu conseguir chegar ao trabalho na hora. Ken pode até ainda estar pescando, mas a Sra. McCauley está mantendo o controle do exato milissegundo em que cada um de nós aparece e vai reportar tudo a Ken quando ele voltar. Não que isso tenha alguma importância, levando em conta que já cumpri meu aviso prévio de quinze dias. Mas não quero dar a

ele uma desculpa para me pôr para fora mais cedo ainda. Preciso desesperadamente desse último contracheque.

(Quem estou enganando? Eu provavelmente vou me ajoelhar e implorar para ter meu emprego de volta no segundo em que Ken voltar.)

Quando chego, Jesse está em pé atrás da Sra. McCauley na mesa dela. Ambos estão encarando a tela do computador dela com os cenhos identicamente franzidos.

– O que tá acontecendo? – pergunto.

Jesse tira os olhos da tela.

– Parece que sumiu um dinheiro da conta do escritório.

Como é que é?

– Sumiu um dinheiro? – repito, anestesiado.

A Sra. McCauley me espia através dos óculos.

– Reparei na discrepância hoje de manhã. Sumiu uma boa quantia, e parece que isso vem acontecendo há vários meses.

– A senhora… a senhora tem certeza? – gaguejo.

– É claro que tenho!

Ela parece ofendida pela sugestão de que poderia estar enganada em relação a alguma coisa. *De fato*, é muito difícil ela se enganar.

– Imagino que seja possível o próprio Sr. Bryant ter tirado o dinheiro da conta. Estou tentando falar com ele desde que cheguei, mas ele não está atendendo.

– Bom, ele foi pescar – observo.

– Ele costuma atender o celular quando está pescando – diz ela. – Sabe como ele é em relação a não perder chamadas.

É verdade.

– É provável que tenha sido ele quem tirou o dinheiro – observa a Sra. McCauley, pensativa. – Pelo menos, tomara que sim. Parece mesmo ter sido algo interno.

– Interno? – repito. – A senhora quer dizer que foi alguém que trabalha aqui?

Jesse ergue os olhos para mim e abre um sorriso.

– Foi você quem pegou a grana, Coop? Confessa!

Ele está brincando, mas uma sensação horrível me pesa no estômago. Nada disso parece ser coincidência. Ken Bryant desaparece do nada e sai para pescar no meio da semana, e ninguém consegue localizá-lo. Aí um

monte de dinheiro some da conta do escritório, e a coisa parece ter sido obra de "alguém de dentro".

E para onde Debbie fica indo de madrugada?

– Acho que o melhor seria continuar tentando entrar em contato com ele – balbucio. – Ele vai querer saber disso o quanto antes.

Talvez eu esteja desconfiado por nada. Mas não consigo me livrar da sensação de que uma corda está se fechando em volta do meu pescoço.

CINQUENTA

DEBBIE

Tive uma ideia para um novo aplicativo de celular.

Ela me veio quando eu estava voltando do estaleiro ontem à noite. O app se chama Castiga Marido.

Passo a manhã inteira trabalhando nele, embora esteja ficando um pouco mais complexo do que era minha intenção inicial. Já programei meia dúzia de aplicativos na última década, mas esse parece ser do tipo que pode de fato fazer sucesso. E agora que não estou mais trabalhando, tenho tempo de sobra para desenvolvê-lo. Não posso gastar todos os momentos do meu dia apenas cuidando do jardim e das minhas papoulas-
-dormideiras.

Se eu criar o aplicativo e vendê-lo, aposto que consigo ganhar um belo troco. O dinheiro com certeza viria bem a calhar agora.

Fico imaginando o que Cooper vai pensar do aplicativo.

Acabo de anotar mais algumas ideias quando meu celular começa a tocar. Ao ver o nome de Izzy na tela, quase deixo o aparelho cair ao tentar atender. Ela nunca me liga durante o dia.

– Izzy?

– Mãe! – A voz dela está ofegante. – Você tem que vir buscar a gente agorinha!

– Quê? – Será algum tipo de meio período sobre o qual não estou sabendo? Dias de meio período aleatórios parecem acontecer com uma frequência alarmante. – Por quê?

– Porque um aluno bateu com o carro na escola! – responde ela.

– *Como é que é?* – Essa é a última coisa que eu esperava que ela dissesse. – Como foi isso?

– Não faço ideia – diz Izzy. – Foi algum cara do último ano, e eu soube que ele tava bebaço. Não sei o que aconteceu, mas a escola está mandando todo mundo pra casa. Tem tipo uma ambulância e um caminhão dos bombeiros aqui e tudo.

– Ele tá bem?

– Acho que não. Ouvi dizer que tá bem machucado.

– Cadê a Lexi?

– Na sala dela – responde Izzy. – Tá todo mundo em sala. Não vão deixar ninguém sair da sala de aula até alguém vir buscar. Então você tem que vir pegar a gente.

– Estou a caminho. Não saia daí.

– Eu nem consigo sair, mãe! Eles não deixam!

Entro em modo emergência. Mando uma mensagem para Lexi avisando que estou a caminho, porque tenho certeza de que ela vai ligar em seguida. Então pego minhas chaves e me encaminho para o carro. Durante esse tempo todo, tento me convencer de que isso não é o que acho, embora os indícios sejam preocupantes.

Um garoto bateu com o carro na escola, bêbado, às nove horas da manhã. Um aluno que evidentemente não estava pensando direito. Um aluno do último ano.

Será possível que o aluno do último ano que bateu com o carro seja…

Não, não pode ser.

Mas, pensando bem…

Entro no carro e começo a dirigir o mais depressa que consigo na direção da escola.

CINQUENTA E UM

Faço o trajeto até a escola em pouquíssimo tempo. Assim que chego lá, está tudo um caos. Há carros parados a vários quarteirões de distância, e a situação só parece estar piorando. Eu poderia ter vindo a pé dez vezes no tempo que levo para chegar lá de carro.

Pelo visto, eles tiraram os alunos do prédio, mas os jovens formam agora pequenos grupos em frente à escola, com seus respectivos professores. Quando consigo enfim chegar à área de embarque e desembarque, uma professora vem até minha janela e pergunta o nome dos meus filhos e o ano em que estudam.

– Isabel Mullen, segundo ano, e Alexa Mullen, último ano – respondo.

A mulher está com uma prancheta na mão, e o processo se dá de modo mais rápido e eficiente do que eu previa. Achei que fosse receber algumas garotas erradas antes de as minhas aparecerem, mas apenas um minuto depois Lexi e Izzy estão sendo trazidas. Imagino que vá haver a briga de sempre pelo banco do carona, mas Lexi entra direto no banco de trás sem dizer nada. Izzy se senta ao meu lado.

Olho pelo retrovisor para minha filha mais velha. Assim como ontem à noite, os olhos dela estão inchados.

– Foi o Zane! – anuncia Izzy com os olhos arregalados. – O aluno que bateu com o carro foi o Zane!

– Foi… foi mesmo?

Apesar de tudo, fico estarrecida. Depois da minha conversa com Zane, ele deve ter ido procurar alguma coisa para beber e tomado um porre.

– Ouvi dizer que ele recebeu um e-mail dizendo pra ir à sala da direção – diz Izzy, continuando sua história sem perder o ritmo. – Acho que ele estava encrencado por causa de alguma coisa… não sei o quê. Mas todo mundo ouviu o barulho quando o carro dele bateu. A escola inteira *tremeu*.

Uau, ele realmente surtou com minha história sobre ser um criminoso sexual.

– Ele morreu? – pergunto.

Izzy apenas balança a cabeça, e Lexi funga baixinho no banco de trás. Imagino que ninguém saiba. Mas o fato de uma ambulância ter vindo deve indicar que ele ainda está vivo. Por enquanto.

– Lexi? Tá tudo bem com você, meu amor?

Ela não responde. Em vez disso, fica apenas soluçando, toda encolhida. Não entendo por que está chorando. Aquele babaca a estava *chantageando*. Estava ameaçando estragar sua vida.

Seguimos no carro pelo restante do caminho até em casa num silêncio interrompido apenas pelo som dos soluços de Lexi. Não sei o que dizer, e como minha experiência de mãe de meninas adolescentes é de que tudo que eu digo está sempre errado, é melhor manter minha boca fechada. Como se diz, é melhor ficar quieta e deixar seus adolescentes acharem você burra do que abrir a boca e dizer alguma coisa sobre a qual eles possam mandar mensagem para os amigos.

Quando voltamos para casa, Izzy faz aquilo de cruzar a porta e olhar o celular ao mesmo tempo. Depois de alguns segundos, ela ergue os olhos.

– Ele tá vivo – diz, encostando-se na bordinha do sofá. – Foi levado pro hospital.

– Que bom – digo, e estou sendo sincera.

Bom, mais ou menos.

– Mas tá muito machucado – relata ela. – A Jana disse que ele quebrou o pescoço.

Diante dessa nova revelação, Lexi irrompe num choro histérico. De modo chocante, está ainda mais abalada do que ontem. Esconde o rosto nas mãos, e seu corpo inteiro balança com os soluços.

Não entendo. Zane é um *lixo*. Enganou ela para que ela lhe mandasse

nudes, depois ameaçou mostrá-los para a escola inteira. Estava chantageando ela para que transasse com ele. Que parte disso a faz ficar *triste* por ele estar machucado?

– Lexi, meu amor. – Passo o braço em volta de seus ombros para tentar reconfortá-la. – Por que você tá chorando?

– Por que eu tô chorando? – repete ela sem acreditar. – Meu namorado quebrou o pescoço!

– Mas ontem à noite você tinha um problema – observo. – E agora o problema está resolvido.

Lexi ergue os olhos para mim com o rosto molhado de lágrimas paralisado numa expressão de horror.

– Não precisava ser *desse* jeito – responde ela, engasgada.

E com essas palavras ela se desvencilha do meu meio-abraço e sobe a escada de dois em dois degraus. A última coisa que ouço é a porta do quarto batendo com tanta força que os vidros das janelas chacoalham.

Bom, eu não entendo. Minha filha tinha um problema, e eu o *resolvi*. Queria que alguém tivesse feito isso por mim quando precisei. Talvez minha vida inteira tivesse sido diferente.

Em todo caso, não me arrependo do que fiz. Pelo amor de Deus, eu nunca mandei Zane tomar um porre e dar com o carro na escola. Sim, ressaltei o quanto seria ruim ser visto como criminoso sexual, e tenho certeza de que ele ficou com medo ao receber o e-mail da direção. Mas foi *ele* quem bateu com o carro. Não era o meu pé que estava no acelerador. Tudo que aconteceu foi simplesmente… carma.

CINQUENTA E DOIS

Lexi passa o resto da manhã e o começo da tarde sem sair do quarto.

Vou lá algumas vezes ver como ela está. Bato na porta e, quando ela me responde atravessado me mandando embora, fico me sentindo melhor. Se está com raiva de mim, é uma emoção mais saudável do que ficar triste por causa de um garoto que ela nunca deveria ter namorado para começo de conversa. Ele nunca foi bom o bastante para ela. Lexi é uma aluna brilhante, que está cursando quatro matérias avançadas! Ele, até onde sei, mal se dava ao trabalho de ir às aulas, e já o entreouvi zombando dela por querer ficar em casa estudando.

Já foi tarde.

Fico checando de tempos em tempos o noticiário em busca de atualizações sobre Zane. O site do *Casa Hingham* continua mostrando só pornografia, mas há várias outras matérias a respeito do acidente. Todas as que encontro confirmam a história que ouvi de Izzy. Não mencionam que Zane tinha sido convocado à direção da escola por uma questão disciplinar, mas imagino que estejam tentando abafar.

As matérias também confirmam que ele está vivinho da silva, embora seus ferimentos de fato pareçam graves. Uma das matérias menciona um pescoço quebrado e diz que ele foi levado às pressas para fazer uma cirurgia de emergência.

Por volta das duas da tarde, subo para ver como minhas meninas estão.

Encontro Izzy estudando no quarto. Está sentada de pernas cruzadas na cama com um lápis na boca. Na verdade, isso é algo que Cooper faz, e acho estranhamente bonitinho ela estar repetindo esse hábito dele, seja pela convivência ou pela genética.

– Izzy, preciso sair pra resolver uma coisa – aviso. – Volto daqui a umas duas horas.

– Tá bom – diz ela sem erguer os olhos.

– Você pode ficar de olho na sua irmã pra mim?

– Claro, mãe.

– Obrigada, meu anjo. Você é o máximo.

Izzy sempre foi a filha mais fácil. Eu resolvi seu pequeno problema e ela ficou *agradecida*. Não correu para o quarto e passou horas soluçando porque o treinador Pike foi preso.

Paro em seguida na porta de Lexi. Ela continua com a porta fechada, e bato de leve. Como ela não responde, torno a bater.

– Vai embora – balbucia Lexi.

Pelo som, ela parece estar com o rosto enfiado num monte de travesseiros, o que pode muito bem ser o caso.

– Vou sair um instantinho – digo. – Queria só te avisar.

– Tá bom – diz ela do outro lado da porta. – Tenta não matar ninguém.

Reprimo um sorriso. Ela não faz ideia.

Há um problema bem grande que preciso resolver, e depois disso quem sabe se vou conseguir voltar a dormir a noite inteira… Depois de quase meio século de vida, me dei conta de que a única pessoa que de fato está agindo em prol dos meus interesses sou eu mesma.

CINQUENTA E TRÊS

O trajeto leva cerca de uma hora, atravessando a região de South Shore na direção norte pela I-95. Vai demorar mais na volta, mas, se eu conseguir terminar o que preciso fazer antes da hora do rush, talvez não seja tão ruim. Se eu ficar presa no trânsito do horário de pico, vai demorar uma eternidade.

Mas não estou com pressa.

Não faço essa viagem desde que vim morar em South Shore. Não é necessário, dada a distância de Cambridge. E, apesar de Cooper não saber por que larguei o MIT, ele sente que há um motivo para eu não querer voltar lá, e nunca sugeriu que eu voltasse.

Mas hoje estou na rodovia rumo a Cambridge. Só que não estou indo para o campus do MIT. Estou indo para uma casa fora do campus. Uma casa à qual nunca pensei que fosse voltar.

Zeta Pi. A sede da fraternidade que vem assombrando meus sonhos desde aquela noite no meu segundo ano de faculdade.

Eu me tornei muito boa em fingir que a noite que arruinou minha vida nunca aconteceu. Só que, ao longo do último ano, não consegui parar de pensar nela. Isso se tornou uma obsessão para mim. Tenho a sensação de estar enlouquecendo.

Preciso fazer isso. Nunca vou me sentir em paz enquanto essa casa

continuar de pé.

Passa um pouco das três da tarde quando encosto em frente à grande casa no limite entre Brookline e Cambridge. Há uma vaga seguindo mais a rua, e a ocupo antes que outra pessoa pare ali ou então que eu mude de ideia. Desligo o motor e fico sentada dentro do carro, reunindo toda a minha coragem.

Sou mais corajosa do que era aos 19 anos. Mais forte também. Vou conseguir.

Então pego minha bolsa e saio do carro.

A casa está diferente de como me lembro. Para começar, é menor. Quando entrei ali na noite da festa, tantos anos atrás, parecia gigantesca. Mas agora não parece tão maior assim do que qualquer outra casa da rua. A alvenaria é de tijolos castanho-acinzentados e colunas brancas margeiam a entrada. As portas são de um branco ofuscante, e uma placa acima da entrada tem as palavras Zeta Pi escritas em letra cursiva com os caracteres gregos logo abaixo. São cinco degraus até a porta. Sinto as pernas pesadas ao subi-los.

Chegando à porta, aperto a campainha. O som ecoa pela casa. E eu espero.

Depois de um tempo, a porta é aberta por um rapaz bem-apessoado, usando uma camiseta azul-marinho do MIT e uma calça jeans. O cabelo cai um pouco na frente do rosto, do mesmo jeito que o de Hutch na noite que não consigo esquecer. Detesto o garoto na hora.

– Oi – diz ele. – Posso ajudar?

– Tomara que sim – digo, com uma voz mais animada. – Meu nome é Nicole Quint e estou escrevendo uma matéria sobre as fraternidades do MIT para o *Cambridge Chronicle*. Posso entrar pra conversar um pouco?

O *Chronicle* é um semanário que publica em grande parte matérias exageradamente elogiosas e com certeza não pratica um jornalismo relevante. Eu tinha um leve medo de que o rapaz me questionasse sobre a matéria antes de me deixar entrar e preparei respostas no caminho, mas, em vez disso, o rosto dele se vinca num sorriso animado.

– Claro! – Ele dá um passo de lado para me deixar entrar na sede da fraternidade. – Pode entrar!

Sorrio para ele ao adentrar a casa na qual vivi a pior noite da minha vida.

– Muito obrigada.

CINQUENTA E QUATRO

COOPER

O dia passa devagar.

Parece que as cinco da tarde nunca vão chegar. Muitas vezes, a Sra.-McCauley sai às três da tarde às sextas-feiras, mas, por causa do dinheiro que sumiu, quem sabe esteja esticando o expediente, então não há chance alguma de eu sair de fininho.

E pior: ela não para de lançar olhares na minha direção, como se não confiasse em mim. Em determinado momento, chegou a me seguir até a copa e ficou me encarando enquanto eu esquentava meu Cup Noodles no micro-ondas. Meu plano era comer ali mesmo, mas acabei levando a comida de volta para a minha sala e fechei a porta.

São cerca de três e meia quando meu celular começa a tocar em cima da mesa.

Ao ver o nome de Lexi na tela, sinto um choque de surpresa seguido de preocupação. Lexi *nunca* me liga. A geração dela não costuma fazer muitas ligações, mas nem consigo me lembrar da última vez que ela ligou especificamente para mim. Se estivesse precisando de alguma coisa, ela quase com certeza ligaria para Debbie antes.

Mas, pensando bem, Debbie vem agindo de um jeito muito estranho ultimamente. Talvez Lexi não esteja se sentindo à vontade para recorrer a ela em caso de problema. Entendo esse sentimento.

Estendo a mão para o aparelho e clico no botão verde para aceitar a chamada.

– Lexi?

– Pai? – Há um tremor na voz dela. – Onde você tá?

Que pergunta mais estranha. São três da tarde de uma sexta-feira. Onde mais eu poderia estar?

– No trabalho. Por quê?

– Você… você acha que conseguiria vir pra casa? Tipo agora?

Baixo os olhos para o meu relógio de pulso, sabendo que é cedo demais para ir embora, ainda mais com a Sra. McCauley de guarda.

– É uma emergência?

– Meio que sim. – Ela parece bem mais jovem do que seus 17 anos. Minhas duas filhas são adolescentes, mas, ao telefone, soam como bebês. – Eu acho que tem alguma coisa errada com a mamãe.

Como é que é?

Pigarreio, tentando não tirar conclusões precipitadas. Debbie e eu sempre fizemos frente unida com relação à criação de nossas filhas. Não quero traí-la.

– Como assim?

– É meio que um monte de coisas que aconteceram – diz ela. – E isso tudo tá… tá fazendo a gente pensar que a mamãe virou tipo uma vingadora.

– *Vingadora?*

– Tipo, a Izzy foi expulsa do time de futebol – explica Lexi. – Aí logo no dia seguinte o treinador Pike foi *preso.*

Respiro bem fundo, sem querer reconhecer minhas próprias desconfianças em relação a essa noite.

– Bom, tenho certeza de que foi uma coincidência.

– Pois é. Mas aí, ontem à noite, eu fui contar pra mãe sobre uns… problemas que estava tendo com o Zane. E aí, hoje de manhã, ele… deu com o carro na fachada da escola. – A voz dela falha. – Ele está no hospital agora.

Quase engasgo.

– Ele *o quê*?

– Ela não te contou? – retruca Lexi, surpresa. – Foi hoje de manhã. Ela teve que ir buscar eu e a Izzy na escola.

Não, Debbie não chegou a comentar que o namorado da nossa filha sofreu um grave acidente de carro. Pelo visto, isso não lhe pareceu importante o suficiente para me contar.

Meu Deus, o que foi que aconteceu com a gente?

– E aí… – prossegue Lexi.

Deus do céu, tem *mais*?

– Eu tive que imprimir um negócio pra escola e a minha impressora não tava funcionando. Então desci pra usar o computador da mamãe. E ela estava com um documento aberto na tela e era… era superestranho.

– Como assim, "superestranho"?

– É… acho melhor você vir pra casa e dar uma olhada, pai.

Sinto um mal-estar no fundo do estômago. Nem sei se quero saber. Mas está bem claro que não vou conseguir trabalhar.

– Cadê a sua mãe? – indago.

– Não sei – admite Lexi. – Ela disse que tinha uma coisa pra resolver, e isso faz tipo uma hora e meia. Até agora não voltou.

Uma coisa pra resolver? Tipo *as coisas que ela saiu para resolver* nas últimas duas noites?

Abro o Findly no celular para ver aonde ela foi. Mas, quando clico no nome de Debbie, sua última localização foi atualizada duas horas atrás. Ela deve ter desabilitado o compartilhamento de localização.

Ela não quer que eu saiba para onde foi, e isso me deixa apavorado.

– Eu chego já – digo a Lexi. – Não se preocupa. Vai ficar tudo bem.

Pelo visto, eu também sei mentir para minhas filhas.

CINQUENTA E CINCO

Percorro todo o trajeto de 32 quilômetros até em casa acima do limite de velocidade.

Não sei o que tem nesse tal documento no computador de Debbie, mas não posso mais fingir que não há algo muito errado com minha esposa, algo sério. Concordo com Lexi: Debbie parece estar fazendo justiça com as próprias mãos contra todo mundo que fez mal a ela ou a alguém da sua família.

E estou com medo de ter entrado na lista.

Estaciono num ângulo esquisito em frente à garagem, mas não me dou ao trabalho de endireitar o carro. Saio em um pulo e vou até a porta. Mal enfiei a chave na fechadura quando Lexi a abre com um puxão.

Tanto ela quanto Izzy estão à minha espera com expressões de preocupação idênticas no rosto. Não só preocupação, mas também alguma outra coisa. Como se estivessem contando comigo para consertar tudo que há de errado em nossa vida. Elas não me olham assim desde que eram pequenas.

E, obviamente, não há sinal de Debbie. Verifiquei meu celular para ver se a localização dela aparecia antes de iniciar o trajeto até em casa, mas não tive sorte.

O que ela pode estar fazendo? Desconfio que esse documento no

computador dela vá ser outra peça perturbadora do quebra-cabeça.

– Não sei o que ela fez com o Zane – diz Lexi para mim enquanto fecho a porta depois de entrar. – Mas sei que fez alguma coisa.

– Como você sabe?

– Porque ela praticamente me contou. Quando a gente chegou em casa da escola, ela disse que tinha "resolvido" o meu problema. – Algumas lágrimas escapam de seus olhos castanhos, que agora reparo estarem injetados. – Mas eu nunca quis que ela fizesse algo do tipo! Eu nunca quis que o Zane *se machucasse*.

Olho em seguida para Izzy, que diz:

– Também tô preocupada com a mamãe. Mas não acho ruim o treinador Pike estar preso. Ele é um babaca.

Bom saber.

– Deixem eu dar uma olhada no computador – digo, tentando soar controlado.

O computador de Debbie fica na sala. As duas meninas têm notebooks, mas Debbie fez questão de comprar um computador de mesa e deu toda uma explicação extremamente complicada sobre como achava que se podia ter mais potência por um preço parecido. Eu não discuto com Debbie quando o assunto é tecnologia, então ela foi em frente e comprou o computador.

Eu me sento na cadeira ergonômica em frente à máquina. Mexo o mouse, e o monitor liga. Uma janela me pede uma senha, e olho para Lexi.

– É o dia do aniversário da Izzy, depois o meu – diz Lexi para mim.

Xi, merda. Ergo os olhos para ela, impotente.

– Pai! – exclama Lexi.

– Tá, tá bom.

Eu sei isso. Supostamente sou um cara bom com números, mas por algum motivo nunca me lembro dos aniversários. Por fim, digito 1523 e graças a Deus consigo entrar, porque tenho quase certeza de que ambas teriam ficado uma semana sem me dirigir a palavra se eu tivesse errado.

Há uma pasta chamada "Querida Debbie" na área de trabalho. Clico nela, e está cheia de arquivos de Word. Clico num deles. Parece ser uma carta para a coluna *Querida Debbie*, seguida pela resposta.

– É só a coluna dela – digo. – Qual o problema?

– É, é a coluna dela – confirma Lexi. – Mas lê as respostas. São estranhas,

bem estranhas.

Olho para a pergunta estampada na tela.

Querida Debbie,

Ah, eu amo tanto tricotar… Me dá uma paz tão grande ficar sentada na cadeira de balanço na minha varanda, com a linha, as agulhas e um copo de chá gelado ao lado! Minha filha ama os presentinhos que tricoto para meus netinhos bebês, e todas as minhas amigas gostam dos cachecóis que dou de aniversário para elas. Mas meu marido simplesmente não enxerga o charme nisso.

No inverno, tricotei um cachecol azul lindo para ele, o mais macio e quentinho possível, mas o homem não o usou nem uma vez! Nem mesmo para me agradar! Mas ele usa cachecóis de lojas de departamento como se fossem feitos de ouro. Não sou de criar caso, mas meu coração ficaria quentinho ao vê-lo usar todo contente um dos meus presentes feitos em casa.

Alguma sugestão para convencer meu marido de que o meu cachecol tricotado com amor é tão bom, se não melhor, do que o que ele comprou na loja?

Nancy do Tricô

Querida Nancy do Tricô,

Da próxima vez que vocês dois forem sair juntos num dia frio, por que não sugerir a ele usar seu cachecol? Se ele relutar, você mesma pode ir pegá-lo e amarrá-lo no pescoço dele. Se der um nó apertado o bastante, ele provavelmente não vai conseguir tirar. E se apertar mais ainda, ele não vai conseguir mais reclamar. Sinta-se livre para amarrar esse cachecol tão apertado quanto for necessário!

Debbie

Fico de queixo caído. Admito que não leio a coluna de Debbie toda semana, mas tenho razoável certeza de que nunca vi nada igual a *isso* publicado lá. Os conselhos em geral envolvem tirar manchas ou dicas para uma noite de cinema. É tudo bem inofensivo.

Em geral, não envolvem estrangulamento.

É óbvio que isso nunca foi publicado. É um rascunho que ela escreveu e salvou no disco rígido, só que não sei direito por quê. Será que ela respondeu pessoalmente a Nancy do Tricô? Será que as duas estão neste exato momento trocando conselhos sobre asfixia?

– Eu li a maior parte dos arquivos – conta Lexi. – Uns oitenta por cento são instruções sobre como matar o marido. – Ela faz uma pausa. – Você fez alguma coisa pra deixar a mamãe brava?

Merda.

– Não – minto.

– Pai, você acha que a mamãe ficou doida? – pergunta Izzy.

– Eu… eu não sei. – Ao ver a expressão arrasada no rosto dela, acrescento depressa: – Tenho certeza de que ela tá bem. Está só passando por um momento difícil.

Vou clicando nos arquivos um a um. Não melhora. Na verdade, só *piora*. Debbie inventou *várias* maneiras criativas de aconselhar mulheres a matar os maridos.

Estendo a mão para o celular. Dou outra olhada no Findly, mas ainda não há nenhuma atualização desde que ela saiu de casa. Clico no nome de Debbie nos meus contatos e espero chamar. E chama sem parar.

– Ela atendeu? – pergunta Izzy.

– Por acaso eu *pareço* estar falando com alguém? – Na mesma hora, me arrependo de ter sido ríspido. Nada disso é culpa de Izzy. – Não, ela não tá atendendo.

A expressão dela murcha.

A ligação cai na caixa postal, e eu deixo um recado:

– Debbie? Sou eu. Cooper. – Por que acho que ela não vai saber quem sou "eu"? Mas, neste momento, eu realmente não sei o que está se passando pela cabeça dela. – Estou precisando mesmo falar com você. Eu achei… Enfim, por favor, me liga assim que ouvir esse recado. Por favor. – Respiro fundo. – E… não faça nenhuma besteira.

Desligo, e as duas meninas estão paradas atrás de mim, me encarando,

alarmadas. Eu provavelmente deveria ter fingido mais calma na mensagem de voz e reservado o pânico para as de texto. Mas não consigo me conter. Que *raios* Debbie está fazendo? Cadê ela?

– Talvez você devesse olhar aonde a mamãe foi antes – sugere Lexi.

– Como assim?

– Tipo naquele app que ela criou – explica ela. – Ver aonde ela foi ontem e anteontem.

– Pera, eu achei que só desse pra ver a localização atual, não?

– Ai, pai – reclama Lexi, com um suspiro. – Como você é boomer.

O quê? Não tenho tempo para entender o xingamento da minha filha. Estendo o celular para ela.

– Me mostra do que você tá falando.

Lexi pega meu celular e me mostra que, clicando no ícone com a cara de Debbie, surgem alguns pontinhos. Ela clica neles, e uma série de localizações aparece.

– Viu? – diz ela. – O app mostra todos os lugares aonde ela foi na última semana, se ela tiver passado no mínimo dez minutos lá.

Caramba. Eu não sabia que o aplicativo informava isso. Que talentosa a minha esposa.

Rolo a lista de lugares que ela visitou antes de desabilitar o compartilhamento de localização. A maioria é facilmente reconhecível e nada preocupante. Tem a escola. A loja de plantas. O supermercado. A Titan Fitness. A tal casa em Weymouth onde Robert Pike mora. O Estaleiro de Hingham.

E então duas outras localizações que não se encaixam em nenhuma dessas categorias.

Ai, merda. Ai, não.

– Pai? – diz Lexi ao ver a expressão no meu rosto.

Abro a lista de contatos no meu celular e clico em um dos favoritos. Faço uma prece para mim mesmo para ouvir alguém atender do outro lado da linha, mas não é nenhuma surpresa quando a ligação cai na caixa postal. Mesmo assim, ligo mais uma vez para garantir.

Isso é muito ruim.

Eu me levanto de repente, e a cadeira desliza uns metros para trás e bate no sofá.

– Tenho que sair.

Lexi e Izzy se entreolham.

– Sair pra onde? – pergunta Lexi.

– Volto assim que puder. – Tateio os bolsos para confirmar que minhas chaves e meu celular estão ali. – E, se a mãe de vocês ligar ou chegar em casa, vocês me ligam na hora.

– Pai, aonde você vai? – insiste Lexi.

Mas não posso contar a elas. Minha desconfiança é horrorosa demais para ser dita em voz alta.

– Eu já volto – respondo, e é tudo que consigo dizer.

Só posso rezar para ter entendido tudo errado.

CINQUENTA E SEIS

DEBBIE

O rapaz dá um passo de lado para me deixar entrar na sede da fraternidade. Está com uma expressão franca, simpática, porque não faz ideia do que estou planejando. Se soubesse, não me deixaria entrar. Na verdade, provavelmente chamaria a polícia.

– Meu nome é Lennox – diz ele para mim. – Sou o presidente da fraternidade.

– Lennox é seu nome ou sobrenome?

Ele ri. Parece um rapaz doce e sincero, mas Hutch também parecia.

– Nome. Meu sobrenome é Newberry.

Olho em volta para o pequeno espaço da sala de estar. O cômodo contém uns poucos sofás meio mal-ajambrados que parecem ter sido catados da rua e uma mesa de centro com livros empilhados. O de cima se chama *Termodinâmica estatística*. O lugar está muito diferente de como era naquela noite que mudou minha vida. Se alguém tivesse me transportado para cá sem me dizer onde eu estava, eu jamais saberia. Imagino que seja diferente à noite, com música alta e o ar tomado pelo fedor de álcool e cigarros.

– Mas e a matéria, é sobre o quê? – pergunta ele.

– É só um perfil sobre a vida em fraternidades – explico. – Nós escolhemos a Zeta Pi ao acaso, e só queremos saber como é morar aqui.

Imagino que ele vá comentar que a matéria parece bem chata, mas, em vez disso, assente, como se o que acabo de dizer fosse totalmente razoável.

– Quer conhecer a casa? – sugere Lennox.

Hesito. Eu quero, sim. Esse é em parte o motivo pelo qual estou aqui, mas meio que tenho medo de a visita ser um gatilho para mim, de eu começar a me lembrar do que aconteceu naquela noite. A última coisa que quero é ter um ataque de pânico neste lugar.

Mas vim aqui com um propósito. E não vou embora até meu trabalho estar terminado.

– Eu adoraria – digo a ele.

Lennox sorri, animado, e indica com um gesto largo o recinto no qual estamos.

– Esta é nossa área de convivência. A gente passa muito tempo aqui, na maior parte das vezes conversando. As reuniões a gente faz lá embaixo, no subsolo.

– É no subsolo que vocês dão as festas? – pergunto, tentando não deixar transparecer o viés na minha voz.

Se Lennox percebe minha insinuação, não deixa transparecer.

– É. Como é um espaço grande e aberto, lá é perfeito pra festas. Mas a gente não perde *muito* a linha. Afinal, aqui é o MIT.

Ele ri da própria piada, mas não o acompanho.

– Todos os irmãos da fraternidade aqui são amigos – conta ele. – Alguns são mais próximos do que outros, claro, mas eu considero todos os integrantes da Zeta Pi meus irmãos. A gente cuida uns dos outros.

– E se um de vocês fizesse alguma coisa errada, por exemplo… – Apoio a caneta no bloco que tive a esperteza de comprar a caminho dali. – Todos os irmãos se responsabilizariam?

Ele passa alguns instantes refletindo sobre a pergunta.

– Sim, acho que sim. Todos os integrantes da Zeta Pi representam todos. Se um de nós faz algo errado, isso se reflete na fraternidade como um todo.

Fico me perguntando se os outros irmãos sabiam o que Hutch fazia. Duvido muito que tenha sido a primeira vez que ele fez algo do tipo. Ele foi muito habilidoso. Em retrospecto, foi tudo muito ensaiado.

Se um de nós faz algo errado, isso se reflete na fraternidade como um todo. Se os outros irmãos sabiam que Hutch estava fazendo algo errado, eles o acobertaram. Não iriam querer que suas ações refletissem mal em todos eles. Uma fraternidade poderia ter o estatuto revogado por causa de uma coisa dessas.

Lennox me leva para conhecer o térreo da casa. Mostra a cozinha e uma pequena área externa nos fundos. É tudo totalmente sem graça, mas finjo estar fascinada. A visita ao térreo termina no pé de um lance de escada.

– A maioria dos nossos integrantes mora na casa – explica ele. – Quer ver os quartos? Provavelmente estarão vazios, já que todo mundo agora está em aula.

Eu preferiria comer vidro, mas sei que preciso ir com ele. Caso contrário, não posso fazer o que vim fazer.

– Seria ótimo, obrigada.

Sigo Lennox escada acima tomada por um mau presságio. A última vez que subi essa mesma escada faz mais ou menos 25 anos. Eu não sabia o que estava prestes a acontecer e que a minha vida inteira estava prestes a mudar.

– Então, é como eu falei – prossegue ele, no alto da escada, totalmente alheio. – A maioria dos nossos integrantes mora na casa. Nós dormimos em beliches, então é meio apertado, mas vale a pena pra poder morar com os irmãos. Gostaria de ver um dos quartos?

– Sim – consigo falar, e minha voz sai como um guincho.

Ele me conduz pelo corredor, e o primeiro quarto à esquerda já está com a porta entreaberta. Ele a empurra até o fim e revela um quarto pequeno com um beliche e duas escrivaninhas. De certa forma, parece um quarto de alojamento universitário comum. Sem nada de especial.

Só que é quase idêntico ao quarto em que estive naquela noite. Tanto que minha cabeça começa a rodar.

Para, por favor!

Relaxa. Vai acabar num minuto.

Meu coração dispara. Fico tonta de repente; há uma possibilidade muito concreta de que venha a desmaiar. Lennox segue falando sem parar da carga de aulas no MIT e de como ele ainda está sofrendo de transtorno de estresse pós-traumático por causa da disciplina de sistemas operacionais do semestre anterior.

– Não consigo nem mais entrar naquele prédio – brinca ele.

Respiro fundo para tentar me controlar. É só um quarto numa sede de fraternidade universitária. Nada mais. Não tem como isso me fazer mal.

Você consegue, Debbie. É mais forte do que era quando tinha 19 anos.

– Ei. – Lennox interrompe seu monólogo quando o bloquinho de papel

escapole dos meus dedos e se esparrama no chão. – A senhora está bem? Parece meio pálida.

– Estou bem. – Engulo em seco e respiro fundo outra vez ao mesmo tempo que me abaixo para pegar o bloquinho repleto dos meus garranchos. – É que não almocei. Burrice minha.

Ele sorri com empatia.

– Podemos parar por aqui se a senhora quiser. Na verdade, a única coisa que falta ver é o subsolo. Mas não precisamos ir lá, se preferir.

– Não. – Endireito os ombros. A sensação de tontura passou, e minha determinação retornou. Já cheguei até aqui, e não é agora que vou desistir. – Vamos terminar a visita.

Olho em volta mais uma vez. O quarto se parece com qualquer outro de fraternidade universitária, mas uma coisa chama minha atenção: o isqueiro em cima de uma das escrivaninhas. Eu não esperava ver um, mas agora que vi sei que este vai ser o quarto ao qual vou precisar voltar.

Lennox me conduz novamente para fora do cômodo, mas, antes de sair, deixo cair casualmente a bolsa em cima da escrivaninha mais perto da porta. Ele não me vê fazer isso, mas, quando a visita terminar, vou explicar que esqueci a bolsa ali sem querer, e ele vai me deixar subir outra vez para pegá-la.

É nessa hora que vou tacar fogo na Zeta Pi.

Hoje vou acabar com essa história.

CINQUENTA E SETE

COOPER

Debbie foi à casa de Ken Bryant.

Não sei por quê, mas Debbie esteve na casa de Ken ontem. O Findly não diz a hora exata em que ela foi lá, mas reconheço o endereço. Estou tentando pensar num motivo inocente para ela ter ido à casa do meu futuro ex-chefe, que supostamente está numa viagem de pescaria neste exato momento.

Não consigo pensar em nenhum.

Minhas filhas ficam me olhando preocupadas enquanto saio de casa e entro no meu carro. Quero tranquilizá-las dizendo que vai ficar tudo bem, mas a cada instante que passa minha certeza quanto a isso diminui.

Só que tudo pode estar bem. Talvez Debbie simplesmente tenha ido lá conversar com Ken sobre o emprego e lhe pedir para considerar me deixar ficar. Tenho certeza de que foi só isso.

Na verdade, não, não tenho certeza, nem um pouco.

Ken mora numa casa boa em Hingham, a uns dez minutos de carro da nossa. Tem filhos, mas os dois já estão na faculdade. Também é casado, embora raramente fale da esposa e eu tenha a sensação de que em algum momento o casal se separou. Então é totalmente possível que agora more sozinho naquela casa enorme.

Quando chego lá, o lugar me parece tranquilo. As luzes estão apagadas e não há nenhum carro em frente à garagem, mas isso não significa que não haja um estacionado lá dentro. Pelo menos, aparentemente não há nenhum sinal de vida.

Estaciono na rua e saio do carro, a respiração presa o tempo todo. A explicação mais provável para a casa escura é o fato de Ken ter viajado para pescar. Debbie provavelmente veio aqui me defender, descobriu que ele não estava em casa e foi embora.

Mas Lexi me disse que o aplicativo só registra endereços nos quais a pessoa tenha passado mais de dez minutos. Então, se Ken não estava em casa, o que Debbie ficou fazendo aqui por dez minutos inteiros?

Paro em frente à porta e toco a campainha. O som ecoa pelo interior da casa, mas, quando cessa, o silêncio é total. Está claro que ninguém vai vir atender à porta.

Por já ter vindo regar as plantas de Ken, sei que ele deixa uma chave escondida fora da casa. Muita gente faz isso no nosso bairro, mas Debbie não nos deixa fazer. Ela insiste que essas chaves são fáceis demais de encontrar e que alguém poderia facilmente entrar na nossa casa sem ser visto. Ao verificar sob os vasos de plantas perto da varanda e encontrar uma pequena chave de bronze, sou obrigado a concordar com ela.

Volto à porta, dessa vez munido da chave. Ao encaixá-la na fechadura, questiono o que estou fazendo. Estou basicamente invadindo a residência do meu chefe. Ele não me disse para regar as plantas e muito menos me deu permissão para entrar na casa dele. Embora eu tenha uma chave, isso é invasão de domicílio.

Mas, depois de ter visto a localização no histórico de Debbie, não posso ir embora daqui sem checar a casa. Eu tenho uma justificativa plausível para entrar, mesmo sabendo que, do ponto de vista legal, essa desculpa não me vale de nada.

Assim como do lado de fora, dentro da casa de Ken reina um silêncio espectral. As luzes estão apagadas e o silêncio é tanto que daria para ouvir um alfinete caindo no chão. Ainda há luz do dia suficiente para eu conseguir olhar em volta da sala, que é bem mais elegante do que a minha. Ele tem como bancar os melhores móveis e uma televisão que parece ter o dobro do tamanho da minha.

– Ken! – chamo.

Sem qualquer surpresa, ninguém responde.

Não sei o que eu esperava encontrar aqui. O corpo do meu chefe morto com uma pancada na cabeça no meio da sala? É óbvio que ele não está aqui. Provavelmente está pescando, exatamente como disse que estaria.

Quanto a Debbie, não sei o que ela veio fazer aqui, mas obviamente não foi destruir a casa. A sala está um brinco.

Pela primeira vez desde que vi esse endereço na tela do meu celular, eu relaxo. Tá, Debbie vem agindo de um jeito estranho nos últimos tempos, e pelo visto nós estamos temporariamente sem conseguir localizá-la. Mas ela não *machucou* ninguém. Não perdeu totalmente o controle.

Vai ficar tudo bem.

E eu teria seguido acreditando nisso. Teria dado meia-volta e ido para casa na certeza de que tudo estava nos conformes na casa de Ken Bryant. Só que, nesse exato momento, ouço um telefone tocar.

E não é uma linha fixa. É um toque muito conhecido de celular.

Chego perto do sofá de couro no canto da sala, de onde o toque parece estar vindo. E, só ao chegar mais perto, vejo um celular quase ocultado por uma almofada. Pego o aparelho e vejo o nome da Sra. McCauley piscando na tela.

Um segundo depois, a ligação cai na caixa postal. Os alertas na tela bloqueada me mostram que há vários recados perdidos e mensagens de voz, a maioria da própria Sra. McCauley, acumulados ao longo dos últimos dois dias.

Será que Ken pode ter viajado para pescar sem levar o celular? Suponho que sim. Talvez ele quisesse se desconectar por alguns dias. Mas, para ser sincero, isso não é muito a cara dele. Ken *nunca* fica sem o celular. E mesmo que tenha decidido deixar o aparelho para trás, será que não o teria posto para carregar?

Tem alguma coisa errada nisso tudo.

Meu olhar recai na escada que leva para o andar de cima. Meu plano era ir embora sem investigar mais nada, mas agora minha curiosidade foi despertada. Já estou dentro da casa. Preciso ver o que tem lá.

Pouso o celular de Ken na mesa de centro e tomo a direção da escada.

CINQUENTA E OITO

DEBBIE

Eu nunca incendiei nada.

Isso nunca sequer me passou pela cabeça. Fico nervosa até quando estou com o fogo alto demais na cozinha. Não gosto nem de queimar carne num churrasco, quanto mais uma sede de fraternidade universitária inteira.

Pensei que me sentiria melhor após resolver as coisas com Zane. Pensei que isso fosse aliviar a pressão que vinha aumentando na minha cabeça. Só que nada foi solucionado. Estou satisfeita por ter conseguido ajudar minha filha com o problema dela, mas os meus próprios continuaram na mesma. A casa onde minha vida ruiu *continua de pé*.

E então me ocorreu a ideia de que eu poderia incendiar a Zeta Pi. Poderia tacar fogo naquela casa e deixá-la queimar até virar cinzas.

Isso me trouxe uma sensação de paz que eu não sentia havia mais de 25 anos.

Não quero que ninguém se machuque. Foi por isso que vim aqui no meio da tarde, quando é mais provável que a maioria dos estudantes esteja em aula. Parte de mim sente que os garotos dessa fraternidade merecem qualquer coisa de ruim que lhes aconteça, mas não tenho certeza em relação a isso. Hutch já se formou faz tempo, e o mesmo vale para qualquer um dos colegas que o estivesse protegendo. Não quero matar nenhum inocente.

Dentro da minha bolsa há um cigarro grudado com durex numa caixa de fósforos. Antes de sair da casa da fraternidade, vou dizer a Lennox que esqueci a bolsa no quarto. Vou correr para pegá-la, usar o isqueiro que vi em

cima da escrivaninha para acender o cigarro e colocá-lo em cima da cama do garoto dono do isqueiro. Essa é minha melhor chance de fazer a coisa parecer acidental.

Também vou colocar o cigarro e os fósforos por cima de algumas folhas de papel. Trouxe algumas na bolsa só por garantia, mas vi também alguns pedaços de papel na escrivaninha, e usá-los vai dar mais credibilidade. Ao se consumir, o cigarro vai acender os fósforos, que por sua vez vão queimar o papel, e o papel, a colcha. A partir daí, o fogo vai se espalhar depressa.

A essa altura, já estarei longe daqui.

Lennox me conduz de volta ao térreo e abre a porta do subsolo. Referiu-se a esse cômodo como o lugar em que fazem suas reuniões, mas obviamente ali é também o lugar onde dão as festas. Eu inferiria isso mesmo que não houvesse ido a uma festa neste exato local.

– Como a senhora pode ver, é um espaço aberto. – Ele indica com um gesto alguns sofás encostados na parede, e há até um palco improvisado na parte da frente. – A gente organiza uns saraus aqui de vez em quando, com o microfone aberto pra todo mundo. É bem divertido.

– Parece mesmo – digo, mal escutando.

Ele inclina a cabeça.

– Quer tirar alguma foto?

Não quero levantar suspeitas. Ele está me mostrando o lugar todo e provavelmente vai ficar esquisito se eu não tirar nenhuma foto.

– Com certeza – respondo. – Vou escrever a matéria primeiro, mas nosso fotógrafo vai entrar em contato na semana que vem pra marcar uma sessão aqui.

Lennox aceita essa explicação sem questioná-la.

– Ah, maravilha.

Olho mais uma vez em volta e vejo vários cartazes pregados nas paredes. Meu olhar recai no mais próximo. Em grandes letras de imprensa está escrito: NUNCA ABANDONE SUA BEBIDA.

Lennox me vê encarando o cartaz.

– A gente pôs isso pras festas – explica ele.

Arqueio as sobrancelhas.

– Ah, é?

– No país todo, o risco mais alto de abuso sexual é nas festas das

fraternidades e sororidades universitárias.

Para minha surpresa, ele parece muito ansioso para falar desse assunto delicado. Eu teria imaginado que o integrante de uma fraternidade fosse evitá-lo como quem foge da peste.

– A gente leva isso *muito* a sério aqui. Nunca servimos bebida em recipientes coletivos e sempre incentivamos as convidadas a beberem de latinhas ou garrafas que ainda não tenham sido abertas. E durante as festas nós fechamos o andar de cima, assim ninguém acessa os quartos. Todos os convidados ficam num lugar onde a gente possa ver.

– Mas vocês não têm como impedir por completo os abusos – observo.

– Talvez não. – Um lampejo surge no seu olhar. – Mas eu sou presidente da Zeta Pi, e nada desse tipo vai acontecer nesta casa sob a minha responsabilidade. Se eu alguma vez desconfiar que um dos nossos irmãos estava tentando drogar uma menina ou tirar vantagem dela, a gente vai abrir uma investigação. Qualquer um que faça isso… será *expulso*.

Ele parece estar falando sério. É claro que acha que sou uma repórter e tudo isso vai entrar num texto para um jornal. O que ele deveria dizer? "*Os nossos integrantes vivem dando 'boa noite, Cinderela' pras meninas! É superdivertido!*" Difícil acreditar que as coisas tenham mudado tanto desde que estudei aqui. Garotos continuam sendo garotos.

Mas ele mandou pendurar aquele cartaz na parede. E abordou o assunto sem que eu sequer precisasse perguntar, citando a existência de regras rígidas que soam… bom, que soam *reais*. Pareceu furioso com a possibilidade de qualquer tipo de abuso sexual ocorrer debaixo desse teto.

– Bem, aqui termina nossa grande visita – diz Lennox. – Acho que não tem mais nada que eu possa mostrar, mas vou ter prazer em responder a alguma pergunta, se a senhora quiser.

– Não, já vi o suficiente – respondo.

Subimos para o térreo outra vez, e ele me acompanha até a saída. Abre um sorriso cativante.

– Eu adoraria ler a matéria quando sair. A senhora manda um exemplar pra gente?

– Claro – respondo. – Mando pra Zeta Pi aos cuidados de Lennox Newberry.

Ele ri.

– Isso mesmo.

Já chegamos à porta da frente. É agora ou nunca. Eu vim aqui fazer justiça, e pode ser que essa seja minha única chance.

– Ai, droga. – Baixo os olhos para meu braço direito e balanço a cabeça. – Que distração a minha… esqueci a bolsa lá em cima. Acho que deixei em cima de uma escrivaninha, quando comecei a ficar meio tonta.

– Xi – diz Lennox. – É melhor ir lá pegar. Precisa que eu te mostre o caminho?

Que *cavalheiro*. Mas não vai ser preciso.

– Não. Sei direitinho onde deixei. Vou levar só dois minutos.

– Tá bom – diz ele sem qualquer indício de desconfiança. – Preciso estudar pra minha prova de termodinâmica na segunda-feira, então vou ficar aqui no sofá, retomando a leitura.

Lennox se larga no sofá e pega o livro didático pesado e um punhado de marcadores. Não parece nem um pouco preocupado comigo. Afinal, pareço totalmente inocente. Provavelmente lhe lembro sua mãe.

Ele nem está olhando para mim quando subo a escada.

CINQUENTA E NOVE

COOPER

Subo a escada.

Nunca estive no andar de cima da casa de Ken. Na verdade, só estive ali duas vezes, ambas para regar as plantas quando ele estava ausente. Ken não é de receber visita, pelo menos não de colegas de trabalho, e desconfio que não receba ninguém. Nunca conheci sua esposa e ele nunca conheceu Debbie.

Ao chegar no alto da escada, me vejo diante de cinco portas, uma das quais está levemente entreaberta. As outras estão fechadas. Começo pela que está aberta, e rapidamente descubro se tratar de um banheiro. Acendo as luzes e constato que está vazio. Não há sangue na pia nem cadáveres na banheira; é apenas um banheiro normal e comum, que não parece ter sido usado recentemente. Vai ver Ken só foi mesmo passar uns dias fora e deixou o celular em casa.

Depois disso, sigo pelo corredor. Dou uma olhada no primeiro quarto, um cômodo pequeno com cama de solteiro e cartazes na parede de uma banda da qual nunca ouvi falar, chamada Glass Animals. Imagino que seja o quarto de um dos filhos dele. O quarto que olho em seguida também tem um clima adolescente.

O outro quarto contém uma cama de casal bem-feita e uma cômoda pequena. Se eu fosse adivinhar, diria que se trata de um quarto de hóspedes. Parece fazer muito tempo que ninguém usa esse quarto. Ken não é de receber visita.

Há apenas mais um cômodo. Com base nos três últimos que olhei, deve ser a suíte master. Se eu espiar lá dentro e a encontrar vazia, vou poder ficar à vontade para dizer que, esteja onde estiver, não é nesta casa que Ken está.

(Na verdade, ainda sobrou o sótão. Mas só subo *lá* se ouvir gritos ou algo assim.)

Giro a maçaneta da última porta com a mão direita. Reparo na mesma hora que esse quarto está mais escuro do que os demais, porque todas as cortinas foram fechadas. Não há nada de intrinsecamente suspeito ali, mas sou tomado por uma apreensão repentina. Empurro a porta para abri-la por completo.

E caio de joelhos no chão.

Pensei que se visse algo realmente horrível iria gritar. Só que nessa hora nenhum som sai da minha boca. Tudo que consigo fazer é ficar encarando o corpo imóvel do meu chefe estirado na cama com os olhos entreabertos e um buraco de bala bem no meio da testa.

Ele está morto. E já deve estar assim há um tempo. No mínimo, desde ontem de manhã, quando não apareceu para trabalhar.

Constato que não consigo me levantar. Uma onda de náusea me domina, e preciso de todo o meu autocontrole para não vomitar. Enfio a cabeça no meio das pernas e inspiro grandes lufadas de ar.

Ken está morto. Alguém deu um tiro nele. Alguém o assassinou.

E não posso esquecer por que vim até aqui. Porque meu celular indicou que Debbie esteve nesta casa.

O que não quer dizer que Debbie seja responsável por isso. Com base na ausência total da esposa e em alguns comentários que ouvi da Sra.-McCauley, Ken ao que parece está passando por um divórcio. A *esposa* pode ser a responsável. Ou então… um ladrão! Um ladrão pode ter atirado nele. *Qualquer coisa* faria mais sentido do que Debbie ter matado Ken porque ele não quis me promover. Ela nem tem uma arma.

Tá, preciso me acalmar. Preciso recuperar o autocontrole e chamar a polícia para contar o que aconteceu.

E então, bem na hora em que estou levando a mão ao celular, outro pensamento me ocorre. Um pensamento que me faz parar.

É verdade que Debbie não tem uma arma. Mas *eu,* sim. Registrada no meu nome. E ela está coberta com as minhas digitais.

Respiro fundo.

Pensei que Debbie pudesse ter ido ali pedir a Ken meu emprego de volta. E pensei que houvesse uma chance de, quando ele disse não, ela ter ficado com raiva e feito algo terrível. Mas agora que estou pensando com mais clareza me dou conta de que, como o cara foi baleado no quarto, parece improvável que Debbie estivesse tendo uma conversa que foi por água abaixo com ele. Se for *mesmo* ela a responsável por isso, suas motivações são muito diferentes do que pensei inicialmente.

Merda.

Preciso dar o fora daqui. Preciso olhar minha garagem.

SESSENTA

DEBBIE

Percorro a I-95 a toda na direção de casa, com o rádio nas alturas, sintonizado numa estação de música pop. Passei mais tempo do que previra na sede da fraternidade, mas minha tarefa está cumprida e agora estou pronta para o passo seguinte da minha cura.

Preciso ensinar a uma pessoa uma lição que ela nunca vai esquecer.

Desliguei meu celular ao me aproximar da fraternidade, porque não queria que houvesse nenhuma chance de alguém provar que eu estava lá na hora do incêndio. Quando tornei a ligá-lo depois de sair, havia dezenas de mensagens de voz e de texto de Cooper. Ele está enlouquecido para falar comigo. A última mensagem está toda em caixa alta:

DEBBIE POR FAVOR ME LIGA!!! DESCULPA POR TUDO!!!

Humm, meio tarde para isso, não? Mas tudo bem. Ele está muito arrependido, muito *mesmo*. Vai chegar a hora de eu lidar com ele.

Poucos minutos depois de eu entrar na via expressa, a tela do meu painel anuncia uma chamada de Harley. É meio que uma coincidência, porque meu plano era justamente ligar para ela, então isso me poupa o trabalho.

– Oi, Harley – digo.

– Debbie! – Com base na falta de barulho de fundo, ela provavelmente está em casa. – Sei que está meio em cima, mas você por acaso quer vir jantar aqui hoje?

Sorrio. Cooper e as meninas podem pedir pizza.

– Ótima ideia. É você quem vai cozinhar?

– Com certeza! Alguma *alergia*?

Dou risada.

– Não, eu como qualquer coisa que você fizer.

– Maravilha! Consegue chegar umas seis?

Com o engarrafamento que está, pelo visto vou chegar lá mais ou menos por essa hora mesmo. Minha volta para South Shore vai demorar bastante.

– Claro.

– Maravilha! Mal posso esperar!

Aposto que sim.

Que audácia a dessa moça. Ela acha mesmo que não faço a menor ideia do que está fazendo. Assim que a conheci, eu a achei "bacana" e fiquei animada feito uma boba por estar fazendo uma nova amiga. Pensei que tantos anos depois tivesse encontrado alguém em quem pudesse confiar.

Como pude me enganar tanto?

Harley não é minha amiga. Ela é uma pessoa horrorosa.

Olho de relance para o porta-luvas do carro, que guarda a pistola com a qual venho andando por aí nos últimos dois dias, desde que a tirei de seu esconderijo. Toda vez que a toco, calço luvas de couro, tomando cuidado para não deixar minhas digitais nela e também preservar as que já estão ali.

Hoje à noite será a última vez que vou usá-la. Da próxima vez que alguém a pegar, ela vai ser uma prova.

SESSENTA E UM

COOPER

Preciso sair da casa de Ken o mais depressa possível.

Como há uma cerca em volta da propriedade, estou torcendo para que os vizinhos não tenham me visto. São mais ou menos cinco da tarde, perto da hora do jantar, e as pessoas provavelmente não estão prestando muita atenção nessa casa mesmo. Só querem chegar em casa para encontrar a família.

Cogito limpar qualquer coisa em que eu possa ter tocado dentro da casa. Só que não lembro o que toquei. Com certeza a maçaneta e a porta da frente, mas isso seria fácil de explicar. Afinal, ele é meu chefe. Não é suspeito eu ter estado na casa dele.

Mas há também o celular. Seria difícil explicar por que minhas digitais estão no aparelho.

Encontro o aparelho onde o deixei, em cima da mesa de centro. Quero ir embora daqui, mas preciso limpá-lo, ou as coisas vão ficar bem ruins para o meu lado. Entro na cozinha e pego um papel-toalha. Não deve demorar muito.

Infelizmente, limpar impressões digitais de um celular se revela mais difícil do que pensei. Se eu estivesse de luva, seria fácil, mas tentar limpar o aparelho sem encostar *mais* nele parece impossível. Fico tentado a procurar na cozinha alguma luva de borracha mas e se eu deixar digitais *nas luvas*?

Faço o melhor que posso. Limpo um dos lados do aparelho, depois o seguro pelas bordas para virá-lo e o coloco na mesa para limpar o outro

lado. Não posso garantir que nenhuma impressão parcial tenha ficado para trás, mas estou perdendo tempo demais. Preciso sair daqui… agora.

Penso em sair de fininho pelos fundos, mas tenho a impressão de que isso seria pior. Pode parecer mais suspeito para os vizinhos. Melhor simplesmente sair pela frente da maneira mais casual que eu conseguir. Como está na hora do jantar, uma pessoa entrando ou saindo da casa de um vizinho não deve atrair essa atenção toda.

Mas, quando estou saindo, reparo em algo que não tinha visto ao entrar. Algo que me faz perceber que não deveria ter ficado tão preocupado assim com os vizinhos.

Há uma câmera na porta da frente.

Está instalada acima da porta e me registrou entrando na casa e agora saindo. Estava preocupado com os vizinhos, mas essa câmera vai dizer à polícia tudo que precisam saber. Começo a me dar conta de quanto estou encrencado.

Mas espera aí. Ken deve ter sido baleado no mínimo um dia atrás. A polícia vai comparar as imagens da câmera com o horário em que estive aqui e vai ver que não coincide com o horário da morte dele. Talvez fique tudo bem. Posso fingir que entrei para regar as plantas dele e nunca nem subi as escadas.

Mais uma vez, uma voz lá no fundo me diz que eu devo simplesmente chamar a polícia e deixar que cuidem disso. E é isso que vou fazer.

Mas primeiro preciso chegar em casa e olhar minha garagem.

Caminho o mais depressa que consigo até meu carro e me jogo no banco do motorista. Seguro o volante com as duas mãos e respiro fundo várias vezes para me acalmar. Preciso me controlar. Não vou melhorar a situação se bater com o carro.

Penso no treinador Pike, que ousou expulsar Izzy do time de futebol e agora está preso. Então penso no namorado de Lexi, Zane, numa cama de hospital com o pescoço quebrado.

Levo a mão ao bolso para pegar meu celular. Envio uma mensagem e começo a dirigir.

SESSENTA E DOIS

HARLEY

Debbie vai chegar daqui a pouco.

Vou fazer espaguete para o jantar. Tenho a sensação de que ela não vai estar com muita fome, mas preciso preparar alguma coisa. Afinal, é isso que uma boa anfitriã faz.

Vou contar tudo para Debbie.

Estou cansada de ficar me escondendo. Prefiro homens mais *maduros*, e por acaso uma grande parte deles já está casada. Ao longo da última década, o único que topou deixar a esposa para ficar comigo foi Edgar, e *isso* foi um fracasso total. Não aguento mais. Quando você é a outra, você sempre vem em segundo lugar. Mesmo que os homens finjam gostar mais da amante do que da esposa, nunca nos tornamos nada além de um segredinho safado deles.

Bom, estou cansada de ser um segredinho safado.

Debbie precisa saber que o marido andou pulando a cerca. Pode parecer cruel entregar o jogo, especialmente porque ela me considera uma amiga, mas na verdade o cruel é não contar. Ela merece a verdade.

Há meses Cooper vem me dizendo que não a ama mais. Diz que é como se fossem dois desconhecidos e que mal conversam. Admitiu não sentir mais atração por Debbie e diz que não tem mais interesse algum em transar com ela. Diz que há anos os dois não transam.

Ele se sente grato por eu ter entrado na sua vida. Diz isso toda vez que estamos juntos. Agora que as filhas já são quase adultas, não há motivo

algum para ficar com Debbie. Ele precisa deixá-la e recomeçar do zero, comigo.

Só que nada disso vai acontecer se Debbie continuar desavisada. Ela precisa entender que o casamento dela acabou.

E quem vai lhe contar isso sou eu.

Enquanto mexo a panela com o espaguete, fico imaginando como ela vai reagir. Será que vai chorar? Será que vou ter que *consolá-la* enquanto ela chora? Ai, meu Deus, eu realmente não quero fazer isso.

Preferiria que ela ficasse com raiva. Quem sabe jogasse umas coisas. Fico mais à vontade com a raiva do que com a tristeza.

Mas, no fim das contas, ela vai ser obrigada a aceitar tudo. E Cooper vai ficar grato por eu ter arrancado esse band-aid.

Deixo o molho em fogo brando e volto para a sala. Deixei meu celular em cima do sofá e vejo uma mensagem nova na tela. Tomara que não seja Debbie cancelando. É claro que não preciso lhe contar tudo hoje, mas já me preparei psicologicamente para isso. Vai ser uma decepção se não acontecer.

Só que, quando pego o aparelho, vejo que não é Debbie. A mensagem é de Cooper.

A gente precisa conversar.

Humm, o que significa *isso?*

A gente precisa conversar. Vai ser um tipo bom de conversa, sobre como ele quer levar as coisas a outro patamar e largar a esposa? Ou vai ser um tipo ruim? *Eu gosto mesmo de você, de verdade, mas é que não está mais funcionando pra mim. Não posso mais ficar me escondendo desse jeito*.

Ai, *odeio* esse tipo de conversa.

Digito uma resposta para ele:

Você ainda vem jantar, né?

A conversa com Debbie vai ser difícil, e pode ser que ela não acredite em mim. Pode ser que ache que estou inventando a história toda ou no mínimo exagerando. Mas vai ser mais fácil se Cooper estiver presente. Quando ele aparecer na porta, ela vai entender tudo no mesmo instante. Provavelmente

vai botar o marido para fora de casa na hora. E qualquer assunto sobre o qual ele queira conversar vai se tornar irrelevante.

Sorrio ao pensar nisso.

Vou. Chego às 18h15.

Até já, então.

SESSENTA E TRÊS

COOPER

Quando chego em casa, fico tentado a ir direto para a garagem. Mas primeiro preciso ver como as meninas estão.

Para minha surpresa, as duas estão sentadas lado a lado no sofá, conversando em voz baixa. É bom vê-las se amparando num momento difícil. Fico satisfeito por terem uma à outra, porque pode ser que chegue o dia em que isso seja tudo que terão.

E talvez esse dia chegue antes do esperado.

As duas se levantam de um pulo ao me ver. Os olhos de Lexi continuam inchados, como se ela não tivesse parado de chorar desde que saí.

– Falou com a mamãe? – pergunta ela.

– Ainda não – respondo. – Eu só… só preciso verificar uma coisa na garagem.

Não foi por falta de tentativa. Venho mandando mensagens e ligando para Debbie sem parar. Ela não está atendendo.

– Que coisa? – indaga Izzy.

Não posso dizer. Não posso sequer deixar minhas filhas perceberem do que estou desconfiado.

– Volto já – respondo.

Como Debbie saiu com o carro dela e eu parei na entrada, a garagem está vazia. Tenho uma bancada de trabalho lá dentro, embora não a use muito porque não sou exatamente um cara jeitoso. Tento consertar coisas em casa para economizar, mas esse não é meu maior talento. Todo mundo é

bom em algumas coisas. Eu sou bom com números, e Debbie é boa em todo o resto.

Eu me agacho debaixo da bancada. Debbie comprou ontem um pack de seis latinhas de cerveja por motivos que ainda desconheço, e a única que sobrou está no chão. Por um instante, fico tentado a pegar a latinha e abri-la. Nunca precisei tanto de uma bebida em toda a minha vida.

Mas não. Não posso fazer isso. Preciso ficar com a mente alerta.

Há uma caixa de ferramentas ali embaixo também, e eu a retiro de cima do objeto que a sustenta, que está coberto por uma manta. Retiro a manta, revelando um pequeno cofre daqueles feitos para guardar armas de fogo.

Como já disse, Debbie foi categórica ao dizer que não queria que eu comprasse uma arma. Observou que a probabilidade de se atirar num membro da própria família é maior do que a de atirar num ladrão, e eu retruquei que não era ingênuo e iria me precaver. No fim das contas, ela não teve como me impedir. A arma está no meu nome e ela simplesmente teve que aceitar.

Uma das formas de me precaver foi guardar a arma na garagem, dentro de um cofre especial. Até hoje, só a tirei dali para ir ao estande de tiro. Já faz algum tempo que não sofremos assaltos, então até cogitei me livrar dela só para deixar Debbie mais tranquila. Mas eu gosto de sair para atirar de vez em quando.

O cofre é pequeno o suficiente para eu conseguir pegá-lo do chão e pôr em cima da bancada. Para abri-lo, é preciso inserir uma senha de quatro números que escolhi porque sabia que nunca me esqueceria dela: a data do nosso aniversário de casamento. Minhas mãos tremem tanto que tenho dificuldade para digitá-la. Por fim, ouço o clique que significa que o cofre está aberto. Ergo a tampa e…

Está vazio. Justo como eu temia.

Fico encarando o cofre vazio e me dou conta de que meus piores pesadelos viraram realidade. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo até esse instante, mas agora tenho.

Ken Bryant e eu tivemos uma discussão e eu pedi demissão num acesso de raiva.

Uma quantia *grande* de dinheiro sumiu do escritório e todos os indícios apontam para alguém de dentro.

Ken foi assassinado. Com um tiro na cabeça.

É quase certo que a arma do crime é minha, registrada no meu nome.

Essa arma está agora desaparecida, mas desconfio que vá acabar reaparecendo, coberta com as minhas impressões digitais. Sem falar em todas as digitais que com certeza deixei na casa de Ken.

Puta merda. Debbie está armando para me incriminar pelo assassinato do meu chefe.

– Pai?

Ergo os olhos ao mesmo tempo que fecho depressa a tampa do cofre. Izzy está em pé no vão da porta da garagem, com uma expressão abalada no rosto pálido. Ela entra, hesitante.

Se eu for preso por assassinato, com que frequência vou ver minha filha? Não muita. Afinal, Debbie não vai levá-la para me visitar.

– Oi, Iz – digo, sentindo um bolo na garganta.

– Pai – repete ela. – O que tá acontecendo? Tô superpreocupada com a mamãe.

– Eu sei, filha. – Não sei o que dizer para tranquilizá-la, mas sei que é isso que preciso fazer. É meu dever como pai. Preciso fazer com que minha filha se sinta segura. – Ela vai ficar bem.

– *Cadê* ela?

Tudo que posso fazer é balançar a cabeça.

– Desculpa, filha. Estou fazendo o melhor que posso pra descobrir.

– Eu sei… – diz ela baixinho.

Simplesmente ficamos os dois ali, parados na garagem por alguns instantes. Estou tentando pensar na coisa certa a dizer, mas nada me vem à mente. Sou péssimo nisso. Se Debbie estivesse aqui, ela saberia.

– Izzy?

– Que foi, pai?

Tento sorrir, mas sei que o sorriso sai torto.

– Não quero que fique preocupada, Iz. Eu te amo muito.

Ela estranha, porque isso não é algo que eu diga com frequência. Eu a amo muito, sim, só não me ocorre falar. Mas preciso fazer isso agora.

Para o caso de essa ser minha última chance.

Ela franze o rosto de leve.

– A mamãe vai ficar bem, né?

Ela está muito preocupada com Debbie. Sinto que fui um bom pai – ou, pelo menos, fiz o melhor que pude –, mas Debbie tem sido tudo para elas.

Não quero perdê-la. Se for preciso escolher entre mim ou Debbie… bem, é ela quem deve ficar com as meninas. Mesmo que a mãe esteja um pouco esquisita neste momento, as duas ficariam destruídas sem a presença dela.

– A mãe de vocês vai ficar bem. – Pego meu celular no bolso e olho para a tela uma última vez. – Vou precisar sair rapidinho outra vez. Eu preciso… Pode ser que eu saiba onde encontrar a mãe de vocês. – Enfio o celular de novo no bolso. – Você e a Lexi conseguem fazer alguma coisa pra comer?

Izzy assente devagar.

– Sim. A mamãe fez compras ontem. Tem comida à beça.

Claro. Debbie sempre garante que a nossa casa funcione como uma máquina.

– Eu volto já – prometo.

Tomara que eu consiga cumprir essa promessa.

SESSENTA E QUATRO

HARLEY

Debbie é pontual. Quanto a isso, preciso dar o braço a torcer.

Ela aparece exatamente às seis. Está bem vestida: blusa creme, saia rosa-claro e sapatos de salto grosso. Parece pronta para uma reunião de trabalho, a não ser pelo cabelo se soltando um pouco do coque que deve ter feito bem mais cedo. O cabelo cai em finas mechas ao redor do rosto, e não são mechas bonitinhas e estilosas. Ela é velha demais para um visual *cool* despenteado; isso não lhe cai bem.

– Oi, Debbie – digo, animada.

– Oi, Harley. – Ela sorri com simpatia para mim. – Desculpa não ter trazido nada. Eu estava fora de casa.

– Sem problemas.

Eu me inclino na sua direção para um abraço breve, e ela parece rígida ao retribuir. Adquirimos o costume de nos abraçar toda vez que nos encontramos ou nos despedimos, mas dessa vez parece diferente. É como se ela não quisesse encostar em mim.

Será que ela sabe?

Não, ela não sabe. Não viria aqui e sorriria para mim se soubesse que estou indo para a cama com o marido dela. Quem é que faria uma coisa dessas?

– Posso ajudar com alguma coisa na cozinha? – pergunta ela.

Quase sugiro que me ajude a picar os legumes, mas em seguida penso que não é uma boa ideia lhe dar uma faca.

– Não, está tudo sob controle.

Ela me acompanha até a cozinha para eu poder cuidar do espaguete e terminar de preparar a salada. Fica parada por alguns instantes me observando.

– Quanta comida – comenta.

– Na verdade, eu convidei mais uma pessoa pra vir comer com a gente – digo. – Alguém que eu quero muito que você conheça.

– É mesmo? – Ela parece intrigada ao se recostar na bancada. – Quem?

– Meu namorado.

Ela ergue as sobrancelhas no mesmo instante.

– Harley! Eu não sabia que você estava namorando. Quem é?

– É um cara ótimo – respondo com sinceridade. – Conheci ele na academia, e a gente simplesmente se deu bem. Tipo almas gêmeas, sabe? Ele é um pouco mais velho do que eu, mas é um gato. – Dou uma piscadela para ela. – A gente não consegue se desgrudar quando tá junto.

– Uau. – Ela parece espantada. – Que coisa mais fantástica. Faz quanto tempo que você tá com ele?

– Alguns meses, mas a coisa está ficando séria. Ele me disse que tá se apaixonando por mim.

– Ai, meu Deus! – exclama ela. – Que incrível. Estou muito feliz por você.

– Que bom que você se sente assim.

Ela ajeita a bolsa ainda pendurada no ombro, apesar de já ter chegado há vários minutos. Não sei por que não a larga.

– E o que esse seu namorado dos sonhos faz da vida?

– Ele é contador.

– Ah! – Ela parece surpresa. – Igual ao Cooper.

– Isso – digo, num tom cheio de significado. – Igual ao Cooper.

Deixo as palavras pairando no ar por alguns instantes. *Um cara mais velho que tem o mesmo trabalho do seu marido. Olha a dica, olha a dica.*

– Legal – diz ela. – Estou animada pra conhecer ele.

Reviro a geladeira e encontro uma garrafa de molho vinagrete para a salada. Tentei achar o molho cremoso de maionese com missô no supermercado, mas não tinha.

– Tá bom isso aqui?

– Claro, qualquer coisa tá bom.

Abro o vidro e despejo um pouco na salada. O molho aterrissa com um ruído úmido.

– Tem *uma* coisa em relação ao meu namorado que não é absolutamente ideal.

– Ah, é?

Respiro fundo enquanto observo a expressão dela.

– Ele é… casado.

– Ah! – Ela leva a mão ao peito. – Está se separando?

– Não, ainda está com a esposa.

– Ah! – repete ela, dessa vez com um quê de julgamento na voz. – Hum, isso não é bom.

– Mas o casamento está pelas tabelas. – Continuo com os olhos cravados no rosto dela, à procura de sinais de compreensão. – Nem dormem juntos mais. Eles mal se falam. – *Está soando familiar, Debbie?* – Ele diz que já deveria ter largado ela anos atrás, mas, sabe, ela tem o emocional frágil.

Se Debbie percebe que estou falando do casamento dela, não deixa transparecer.

– Ele pode estar mentindo – comenta ela, com diplomacia.

– Duvido.

– Os homens mentem. – Ela tamborila as unhas na bancada da cozinha. – Os homens fazem coisas terríveis.

Há uma expressão sombria no seu olhar, e por um instante acho que ela talvez saiba. Talvez saiba de tudo, e há muito tempo.

Bem devagar, tiro de perto dela a faca que estava usando para picar os legumes. Engulo um bolo na garganta e tento sorrir, mas meus lábios parecem de borracha. Talvez confrontar Debra Mullen com seu marido infiel não tenha sido uma ideia tão boa assim.

Mas nesse instante a campainha toca, e agora é tarde para voltar atrás.

– Deve ser ele – entoo, com uma voz que soa mais aguda do que o normal.

Passo por Debbie e vou até a porta. Ela me segue de perto, e, ao mesmo tempo que meu coração acelera, todas as minhas reservas desaparecem. É isso. É por isso que eu estava esperando. De uma forma ou de outra, vamos arrancar esse band-aid.

Quando abro a porta, Cooper está ali parado. Está usando uma camisa social de trabalho, embora os poucos pingos de suor no colarinho deem a

impressão de que veio direto da academia. Mas tudo bem, eu adoro quando ele está quente e suado.

– Oi, Cooper – digo, com uma voz rouca que deixa bem claro qual é o relacionamento entre nós dois.

Ele começa a responder, mas seu olhar passa por cima do meu ombro e recai em Debbie. Todo o sangue se esvai de seu rosto e ele dá um passo para trás.

– O que *você* tá fazendo aqui? – indaga ele, sem fôlego.

Um esboço de sorriso surge no rosto de Debbie, mas ela continua com aquela mesma expressão sombria nos olhos que faz um calafrio me descer pelas costas.

– Oi, Jesse – diz ela.

SESSENTA E CINCO

COOPER

Preciso encontrar Debbie.

Minhas ideias sobre onde poderia encontrá-la se esgotaram e já faz horas que estou bombardeando seu celular com mensagens de texto e de voz. Então estou no carro a caminho do último lugar no qual me ocorre procurar.

Só que na verdade não sei para onde estou indo. Na lista de lugares onde Debbie esteve semana passada, havia um endereço que não reconheci. Fica em Rockland. Eu não conheço ninguém que more lá. Não faço ideia de que lugar seja esse, mas essa é a única pista que me sobrou.

Então estou a caminho de lá.

O sol baixou depressa no céu e as ruas estão ficando escuras. Vou seguindo o GPS pelas curvas e conversões do caminho. E, enquanto sigo as instruções do celular, fico pensando no que vou dizer a Debbie se e quando a encontrar.

Em primeiro lugar, vou dizer a ela o quanto a amo. Porque de fato a amo. Mesmo depois disso tudo, ainda a amo. Ela é a única mulher que já amei e que vou amar.

Então tem isso. E tomara que valha alguma coisa.

Meu celular começa a tocar, no pior momento possível. É *ela* de novo. Não estou em condições de lidar com isso agora, mas preciso aceitar a chamada, nem que seja para avisar que não vou aparecer hoje.

A voz do outro lado da linha emerge do alto-falante do meu carro.

– Cooper?

– Cherese – digo. – Oi.

– Está tudo bem? – Os quarenta anos de tabagismo tornam a voz dela rascante. – Que… que voz estranha.

Você nem imagina.

– Tudo bem.

– Você bebeu?

Eu me encolho; detesto o fato de ela ter precisado perguntar. Mas é a obrigação dela, como minha madrinha.

– *Não*.

– Cooper…

– Juro. Não bebi.

Será que ela acredita em mim? Tomara. Venho mentindo para Debbie desde que nos casamos, mas para Cherese tento não mentir. É o único jeito que tenho de manter alguma esperança de melhorar.

– Você vai à reunião hoje? – pergunta ela.

– Não vou conseguir. Estou ocupado. – Que eufemismo. – Eu… amanhã eu vou.

– Promete?

– Prometo. – Contanto que amanhã eu não esteja preso. – Tenho que desligar agora.

Pelo tom de voz, Cherese não acredita em mim, mas não há hipótese alguma de eu lhe contar sobre o dia que tive hoje. Nem agora… nem nunca. Ela aceita que não estou prestes a ir tomar um porre e me deixa encerrar a ligação, embora com certeza vá tornar a ligar mais tarde. Cherese não é minha primeira madrinha, mas pode ser que seja a mais atenciosa. Vem me ligando o tempo todo desde a minha recaída para garantir que eu não fique tentado a voltar a beber. E que bom que não insistiu demais comigo para contar a verdade a Debbie.

Então é isso aí. Sou um merda. Como pude não contar para a mulher que amo que sou alcoólico desde antes mesmo de nos conhecermos? Como pude esconder uma parte tão importante de quem sou?

Fiquei com vergonha. E juro que pensava ter conseguido vencer essa batalha e que Debbie nunca fosse *precisar* saber. Mas isso não é desculpa.

Descobri meu problema quando estava na faculdade. Todos os meus amigos tinham o costume de beber, mas percebi que para mim era diferente.

Eu nunca sabia quando parar. Comecei a beber toda noite antes mesmo de completar 21 anos e poder fazer isso legalmente. Tinha uma carteira de identidade falsa, e quando ela foi confiscada arrumei outra. Fui demitido do meu emprego de chapeiro numa hamburgueria quando apareci bêbado para trabalhar, mas nem assim passei a levar a coisa a sério. Foi só quando fui preso por dirigir alcoolizado que me dei conta de que tinha um problema.

Mas controlei a situação. Comecei a frequentar reuniões do AA e parei totalmente de beber. Estava orgulhoso de mim mesmo e, quando conheci Debbie, realmente pensei que tudo isso tivesse ficado para trás. Não achei que precisasse obrigá-la a lidar com essa parte específica do meu passado, uma vez que decididamente já a tinha deixado para trás.

Só que, na verdade, ela não tinha realmente ficado para trás. Ao longo do nosso casamento, tive três recaídas. E a cada vez cheguei mais perto de contar tudo, mas acabei não contando. Ligava para meu padrinho ou madrinha para confessar meus pecados, desabilitava o compartilhamento de localização do celular, frequentava reuniões do AA sem ela saber e reassumia sozinho o controle da situação.

Eu sei. É ridículo. É *óbvio* que eu deveria ter lhe contado. Mas, antes de nos casarmos, tive medo de que, se contasse, ela perdesse o respeito por mim e me desse um pé na bunda. E mais tarde, depois de nos casarmos, eu me dei conta de que já era tarde e ela ficaria uma fera comigo por ter mentido.

Algumas semanas atrás, tive outra recaída. Foi por causa do estresse de saber que iria pedir para virar sócio e de saber, bem lá no fundo, que ele diria não. Não imaginei que ele fosse aceitar tão fácil minha demissão, mas, quando isso aconteceu, o estresse financeiro só piorou as coisas. Queria conversar com Debbie e contar tudo, mas ela vinha se mostrando muito distante nos últimos seis meses. Quando acabei com o vinho branco em cima da nossa geladeira e o substituí por água até conseguir comprar outra garrafa, percebi que precisava voltar a frequentar as reuniões. Não consegui nem resistir ao pack de seis latinhas de cerveja aleatório que achei na cozinha.

Eu deveria ter contado para ela desde o começo. Deveria ter sido honesto, e quem sabe assim ela tivesse sido honesta comigo.

Agora, no carro a caminho de Rockland, pisando o mais fundo que me atrevo no acelerador, faço uma promessa a mim mesmo de que, no mesmo

instante em que a vir, vou contar tudo. Chega de segredos. O que quer que ela tenha feito, vamos dar um jeito.

Meu Deus, tomara que não seja tarde demais.

SESSENTA E SEIS

DEBBIE

Harley fica atônita. É divertido de ver.

Ela pensou que fosse me chocar fazendo meu marido vir até aqui e revelando ser amante dele. Só que as coisas não correram como ela esperava.

Numa coisa preciso reconhecer que Jesse acertou: dizer a Harley que se chamava Cooper Mullen foi uma jogada esperta. Como Cooper também frequenta a academia, já estava no sistema. Além do mais, por ter aversão a tecnologia, sua presença nas redes sociais é nula. Em qualquer busca que Harley fizesse, não conseguiria encontrar nenhuma foto ou informação. Isso impediria a esposa de Jesse – na verdade, uma mulher bastante simpática, que não merece nada disso – de descobrir o que o marido dela andava aprontando. Não tenho dúvida de que não é a primeira vez que ele faz isso.

Cooper não foi totalmente honesto comigo, mas uma coisa que ele jamais faria seria me trair. Apesar de ter muitos defeitos, ele me ama de verdade e é muito, muito fiel.

Tomara que ele não descubra o que vou fazer aqui hoje.

– Jesse? – repete Harley, sem entender. Seus olhos pesados de rímel estão esbugalhados. – Quem é Jesse?

Harley provavelmente já viu *meu Cooper* malhando na academia e tenho certeza de que acha Jesse mais gostoso do que ele, mas sempre achei que Jesse tinha pinta de cafajeste. Enfim, talvez eu esteja sendo preconceituosa.

– Harley, olha – gagueja ele. – Tem algumas coisas… sobre as quais eu talvez não tenha sido inteiramente honesto com você.

Dou uma gargalhada. Não consigo me segurar. É engraçadíssimo vê-lo tentar sair dessa situação.

Jesse me lança um olhar e em seguida se vira de novo para Harley. Está desesperado para se explicar, mas não por querer continuar a relação com ela. Tenho quase certeza de que veio aqui hoje terminar tudo. Agora que ela sabe o nome dele, porém, não quer que ela vá atrás da esposa dele.

– O seu nome não é Cooper Mullen? – pergunta Harley, incrédula.

Ele balança a cabeça devagar ao mesmo tempo que dá um passo na direção dela.

– Não. Desculpa. O Cooper é… É aquele outro cara com quem eu sempre vou à academia. Ele e eu… a gente trabalha junto.

– Ai, meu *Deus*. – Harley o empurra tão forte que o faz cambalear para trás. – Eu aqui pensando que você me *amava* e talvez quisesse passar a vida comigo, e durante esse tempo todo você não me disse nem seu nome de verdade, seu *merda*!

Jesse abre a boca para protestar, mas então titubeia. Pressiona as têmporas e fecha os olhos com força por um instante.

– Acho que eu preciso me sentar.

– Você precisa é sair daqui, isso sim – rebate Harley.

Mas Jesse não a está escutando. Passa por ela na direção do sofá e se larga em cima dele. Não parece que vai conseguir voltar a ficar de pé.

Ele deve ter tomado vários goles da sua garrafa d'água no caminho da academia para cá. O ópio que misturei com a água está funcionando muito bem.

As pálpebras de Jesse começam a pesar. A adrenalina do encontro talvez tenha ajudado um pouco, mas já está se dissipando.

– Não fecha os olhos! – guincha Harley para ele, sacudindo-o pelo ombro. – Você mentiu pra mim esse tempo todo! Como pôde fazer uma coisa dessas comigo?

Não posso acreditar que algum dia achei Harley legal. A mecha rosa no cabelo dela me enganou. Ou vai ver foi seu jeito de se mostrar interessada de verdade no que eu tinha a dizer, embora agora eu entenda que ela estava só tentando extrair detalhes sobre o meu marido. Só comecei a juntar todas as peças depois de encontrar aquela camiseta na casa dela. Quando a cheirei, soube na hora a quem pertencia.

Então fui à academia e falei com Cindy, que se mostrou extremamente

disposta a compartilhar informações sobre sua colega de trabalho. Ela foi muito, muito útil. Depois disso, fiquei sabendo tudo de que precisava.

– Cooper! – chama Harley, ríspida. – Ou melhor… Jesse. Ou seja lá qual for seu nome. *Tá me ouvindo?*

Ele está olhando para ela, só que sem vê-la. A droga no seu corpo deve ter começado a agir, e eu diria que daqui a poucos minutos ele já vai ter perdido os sentidos. Mais tarde, essa conversa vai parecer um sonho – isso se ele se lembrar dela.

Esse é o meu momento de agir.

Coloco a mão dentro da bolsa pendurada no ombro e pego primeiro um par de luvas de couro. Depois de calçá-las, saco a Glock que trouxe comigo. Já a disparei uma vez, quando cravei uma bala bem no meio dos olhos de Ken Bryant. Agora vou usá-la pela segunda vez.

– Harley – digo.

Ela interrompe a bronca que está dando em Jesse e se vira para me olhar. Ao ver a pistola na minha mão, respira fundo.

– Debbie? O que você tá fazendo?

De certa forma, Harley é inocente. Ela nunca me fez nada diretamente. Achou, sim, que estivesse transando com meu marido, mas não estava. Eu não tenho nada contra ela.

Só que ela é uma pessoa horrível. Ela me usou. E destruiu incontáveis casamentos sem o menor remorso. Detesto usá-la, mas ela faria o mesmo comigo. Já vai tarde.

– Sinto muito, Harley.

Então aponto a pistola para a testa dela e puxo o gatilho.

O tiro a mata na hora. Seu corpo desaba no chão e uma poça de sangue se forma ao redor da nuca. Os olhos continuam abertos, encarando o teto. Fico grata por ela ter me avisado que os vizinhos do andar de cima estavam fora da cidade, assim não me preocupo com o barulho. Estamos totalmente sozinhos aqui, nessa rua sem saída.

Olho para Jesse, cuja cabeça pende do sofá. Está desacordado agora, e nem mesmo o barulho do tiro o trouxe de volta. Pensei que talvez fosse precisar administrar uma outra dose de ópio, que trouxe comigo na bolsa, mas ele já ingeriu o suficiente.

É melhor que ele esteja dormindo. Quase com certeza não vai se lembrar

de nada do que aconteceu neste apartamento, e para mim é mais seguro assim.

Mas eu queria que ele soubesse. Queria que soubesse que usei a pistola *dele* para atirar em Harley. A pistola que peguei na casa dele alguns dias atrás. (A chave estava *debaixo do capacho*, se é que dá para acreditar. Quase nem foi um desafio.) Fui esperta o suficiente para desabilitar meu compartilhamento de localização para esse pequeno roubo. Não queria que houvesse nenhuma pista de que fui eu quem pegou essa arma.

Principalmente quando a polícia comparar a bala dessa pistola com a que matou Ken Bryant. Embora eu não esteja lá muito preocupada. O rastro de documentos ligando Jesse à conta bancária num paraíso fiscal onde está todo o dinheiro que foi roubado do escritório será motivação de sobra para o assassinato. Cheguei até a mandar aquela mensagem do celular de Ken pedindo que ele regasse as plantas, para que fosse filmado pela câmera da porta. Essa câmera na porta da casa de Ken se revelou muito útil, especialmente porque consegui deletar as imagens da minha chegada à casa dele. Levei menos de sessenta segundos para eliminar qualquer indício da minha culpa.

Ninguém vai desconfiar de mim. Jesse e eu mal nos conhecemos. Por que eu iria incriminar por assassinato alguém que é praticamente um desconhecido? Por que mataria a namorada dele na sua frente?

– Você merece isso – sussurro para o homem desacordado no sofá. – *Hutch*.

Por uma fração de segundo, as pálpebras de Jesse tremem. Será que ele me ouviu? Embora isso fosse me incriminar, meio que quero que saiba quem eu sou e por que estou fazendo isso. Ele ainda não me reconheceu, claro. Já faz muito tempo, e nós dois estamos muito diferentes. Além do mais, tenho certeza quase absoluta de que não fui sua única vítima. Fui apenas uma numa longa fila de universitárias sem rosto e sem nome.

Já eu não tive qualquer dificuldade para reconhecê-lo. No mesmo segundo em que coloquei os olhos em Jesse quando Cooper organizou aquele programa a quatro com ele e a esposa, reconheci seu rosto. E o perfume: o mesmo que usava na faculdade, o mesmo que estava impregnado naquela camiseta. Esse cheiro ainda me assombra. Esse tipo de associação olfativa é muito potente.

Ele estendeu a mão para mim, com um leve sorriso ameaçando surgir

nos lábios. *Que prazer te conhecer, Debbie. O Cooper vive falando de você.*

Apertei a mão dele, porque eu me denunciaria se tivesse me recusado. Foi como se a pele dele estivesse me queimando. Quando finalmente soltei sua mão, senti a palma úmida de suor. Tive que pedir licença para ir correndo até o banheiro do restaurante, onde fiquei fazendo exercícios respiratórios para superar o pior ataque de pânico que tive desde a faculdade.

Se controla, Debbie, falei para mim mesma. *Você não pode deixar que ele reconheça você.*

Eu me controlei. Saí do banheiro, sorri para o homem que destruiu meu futuro e fingi estar me divertindo a valer, embora, depois da segunda vez que minhas mãos trêmulas derrubaram minha bebida e foi preciso limpar tudo, eu tenha achado que a garçonete e eu fôssemos bater boca. Nessa noite, voltei para casa e gritei com a cabeça enfiada no travesseiro até ficar rouca.

No dia seguinte, comecei a ler a pilha acumulada de cartas endereçadas por e-mail à coluna *Querida Debbie*. Pela primeira vez, decidi dizer às pessoas a *verdadeira* forma de solucionar seus problemas. Todo mundo sabe que não é possível fazer uma família se sentar para tomar café da manhã pedindo "por favorzinho". É claro que, como Garrett jamais teria publicado essas respostas, salvei todas elas num arquivo no meu computador.

Isso tem uns oito meses, e nesse intervalo redigi dezenas de e-mails para mulheres que já vinham tolerando abusos havia tempo demais, da mesma forma que eu. Mas não sou nenhuma hipócrita. Não poderia enviar nenhuma dessas mensagens antes de me vingar do homem que tinha arruinado a minha vida.

Para, por favor!

Relaxa. Vai acabar num minuto.

Não consegui incendiar a Zeta Pi. Peguei minha bolsa no quarto, desci e saí da sede da fraternidade ainda com o cigarro e os fósforos. Na minha cabeça, aquilo parecera uma boa ideia, mas, uma vez lá, ao conversar com aquele garoto bonzinho, não consegui ir até o fim. Além do mais, não é culpa deles o que aconteceu tantos anos atrás. Não teria sido justo.

Apenas uma pessoa era culpada por aquela noite.

Os olhos de Jesse Hutchinson estremecem e se fecham. Há indícios mais do que suficientes para ligá-lo ao assassinato de Ken Bryant e, agora, ao

assassinato seguido de suicídio que em breve vai ser descoberto neste apartamento quando eu chamar a polícia para avisar que uma amiga minha está sendo ameaçada pelo namorado ciumento. Depois disso tudo, enfim vou conseguir superar o que aconteceu. Enfim vou ficar em paz.

Relaxa. Vai acabar num minuto.

SESSENTA E SETE

COOPER

O endereço não é exato, então fico dirigindo a esmo por um pequeno trecho de Rockland enquanto olho em volta à procura do carro de Debbie. O que está se tornando um desafio cada vez maior à medida que o sol se aproxima do horizonte.

E é claro que não tenho motivo nenhum para acreditar que ela esteja de fato aqui. Ela desabilitou o compartilhamento de localização, ou seja, pode estar em qualquer lugar. Mas esse é o último endereço no qual esteve recentemente que não conheço. Então preciso dar uma checada.

É minha única esperança de encontrá-la.

Estou rodando pelo trecho aproximado há uns vinte minutos quando deparo com uma rua sem saída. Há duas casas na rua, sendo que uma parece totalmente abandonada. A outra parece em uso, mas todas as janelas estão escuras. Acho que não tem ninguém em casa.

Quase dou meia-volta, mas então reparo. Há carros parados ali. Na lateral da segunda casa.

E eu conheço um deles.

Como não posso me aproximar tanto assim no meu carro, estaciono e vou caminhando até o final da rua. A casa com certeza está às escuras, mas quero dar uma olhada melhor no tal carro. Será possível que seja o de Debbie?

Ao chegar mais perto, consigo ver que é um Outback azul da Subaru, igualzinho ao dela. Mas isso não significa necessariamente que seja o dela. O

carro está parado ao lado de outro, que também me parece estranhamente familiar, mas no momento não consigo identificar o motivo.

Fico encarando a placa do Subaru. Será essa a placa de Debbie? Meu Deus do céu, não me lembro. Já é difícil lembrar os aniversários das minhas filhas; placas de carro estão além da minha capacidade. Mas o carro parece conhecido, sim.

Espio pela janela na esperança de ver a bolsa dela ou alguma coisa que pareça lhe pertencer. Debbie não costuma deixar muita coisa dentro do carro – ela é muito organizada –, mas vejo um par de óculos escuros no porta-copos e me lembro de que ela sempre os deixa ali. Eu me lembro disso porque sempre quero pôr meu copo de refrigerante ali depois das partidas de futebol da Izzy, e o espaço está sempre ocupado pelos óculos.

É o carro dela. Mas cadê Debbie?

Vou até a frente da casa. Todas as janelas em ambos os andares estão apagadas. De fato, parece não ter ninguém em casa. Mas se não há ninguém em casa, o que Debbie está fazendo aqui? Por que é que *algum dia* veio até aqui?

Vou até a porta, aperto a campainha e prendo a respiração. Não sei por que ela estaria aqui, mas quem sabe, se eu abrir o jogo, ela também abra o dela comigo.

Só que nada acontece quando toco a campainha. Deve estar quebrada.

Bato na porta, alto o suficiente para que pelo menos alguém no térreo escute. Como não ouço movimento algum atrás da porta, bato outra vez.

Nada ainda.

De repente estou esmurrando a porta com os dois punhos fechados. Sei que Debbie está aí. É a porcaria do carro dela ali fora, e não existe mais nenhum lugar onde ela possa estar. Preciso falar com ela *neste exato momento*. Preciso encontrar um jeito de consertar essa situação, porque não posso perdê-la. *Não posso*.

Eu fui um panaca completo. Deveria ter aberto o jogo com ela em relação a tudo. Não queria que ela perdesse o respeito por mim, mas nada é pior do que mentir.

– Debbie! – Estou aos gritos agora. – Debbie! Por favor, sai daí! Eu preciso falar com você!

Nenhum som do outro lado da porta. Mas ela está aqui. *Tem* que estar.

– Debbie! – Estou ficando rouco de tanto gritar. – Debbie! Eu te amo!

Acho que cheguei tarde demais.

SESSENTA E OITO

DEBBIE

Jesse está totalmente apagado.

Estou com a pistola na mão enluvada, mas não posso simplesmente dar um tiro nele, por mais que eu queira. Matar Jesse seria mais terapêutico que anos de terapia. Mas preciso ser esperta. Tive um trabalhão para incriminar Jesse por vários assassinatos e não posso fazer nada que leve a polícia a desconfiar que houve uma terceira pessoa envolvida no que aconteceu aqui hoje.

Isso significa que Jesse precisa atirar em si mesmo com a própria mão.

O legista vai saber a diferença entre alguém abatido a alguns metros de distância e um suicídio. Além do mais, é preciso haver resíduos de pólvora na mão direita dele. O único jeito de isso acontecer é se ele estiver segurando a pistola.

Preciso chegar bem perto dele, e essa é a última coisa que quero fazer. Eu me sento ao seu lado no sofá e consigo sentir o cheiro daquele perfume horroroso. Na última vez que ficamos tão perto assim, ele estava por cima de mim.

Só que ele não tem mais como me machucar. Está inconsciente. E muito em breve vai estar morto.

Ele não tem como te machucar.

Fico repetindo essas palavras várias vezes para mim mesma enquanto fecho os dedos dele em volta da coronha da pistola. Aponto o cano para o

pescoço, virado na direção do cérebro dele. Uma bala só deve bastar. Uma bala, e tudo isso vai terminar.

Posiciono o indicador de Jesse no gatilho e me preparo para apertar.

– Debbie!

Fico paralisada, com a mão por cima da de Jesse, ao ouvir meu nome. Levo um segundo para me dar conta de que é a voz do meu marido. Por algum motivo, Cooper está lá fora, gritando por mim.

Meu Deus, o que ele está fazendo aqui?

Deve ter visto o endereço no meu histórico de quando vim visitar Harley no começo dessa semana, embora eu tenha tomado o cuidado de desligar o celular para essa vinda de agora. Nem tinha me dado conta de que ele saberia pesquisar isso. Ele deve ter pegado o carro para ir a todos os lugares onde estive na última semana, à minha procura.

– Debbie! Debbie!

Por que ele tinha que vir até aqui? Por que não podia simplesmente ficar em casa esperando até eu ter terminado tudo que precisava fazer?

– Debbie! Debbie, eu te amo! Por favor!

As palavras dele me abalam. Baixo os olhos para o homem inconsciente no sofá. Passei os últimos oito meses pensando em como ele estragou minha vida. Achei que tivesse superado o que aconteceu, mas, quando o vi, meu ódio, minha ansiedade e minha vergonha foram aumentando a cada dia até eu não conseguir mais suportar.

Mas não é justo dizer isso. Minha vida não está estragada. Sob muitos aspectos, minha vida é boa. Sim, acabei não tendo a carreira que esperava ter, mas tenho duas filhas maravilhosas. E um marido que me ama a ponto de percorrer South Shore inteira no meio da noite atrás de mim.

Eu tenho muita coisa.

Mas não posso simplesmente abandonar meu plano todo. Duas pessoas estão mortas. E, se eu desistir agora, vou levar a culpa por tudo. Não tenho mais escolha.

Ponho meu indicador direito por cima do de Jesse e aperto o gatilho.

SESSENTA E NOVE

Quando saio da casa de Harley, tiro as luvas de couro e as guardo na bolsa. A pistola ficou para trás, conforme planejado.

Contorno a lateral da casa, onde, depois de parar de gritar meu nome, Cooper está tentando olhar por uma das janelas. Na verdade, ele parece prestes a invadir o local. Há uma pedra grande e suspeita na mão direita dele, que Cooper ergue no ar. É melhor eu acabar logo com isso.

– Cooper?

Ele se vira, o braço ainda levantado. Arregala os olhos quando me vê, e a pedra cai de sua mão. Não diz nada, mas vem correndo até mim e me toma nos braços.

– Debbie – murmura ele, o rosto enfiado no meu pescoço. – Meu Deus, fiquei tão preocupado…

No começo, ele fica me abraçando enquanto me mantenho parada, rígida. Mas, depois de alguns segundos, me dou conta de que estou retribuindo o abraço. E então estamos os dois apoiados um no outro. Vários bons minutos se passam antes de nos desgrudarmos.

– Fiquei tão preocupado – repete ele. – Pensei ter escutado um tiro.

Ele com certeza escutou um tiro. Mas a bala em questão está alojada no teto do apartamento de Harley.

Jesse continua vivo.

– Que barulho foi esse? – insiste ele.

– Eu não ouvi nada – digo. – Será que foi algum carro com o escapamento furado?

Ele não parece acreditar muito em mim, mas não me pressiona.

– O que você tá fazendo aqui?

– É a casa de uma amiga minha. – É a verdade, para variar um pouco. – Ela mora naquele apartamento de subsolo que tem entrada por trás. Acho que ela esqueceu que eu vinha, porque não está atendendo à porta.

– Ah.

Ele parece acreditar. Não há motivo para não acreditar. Ele não conhece Harley a não ser de vista, da academia, e não tem motivo algum para pensar que eu faria qualquer mal a uma desconhecida.

– Então, é… – Olho para nossos carros, tentando não pensar na cena do crime atrás de nós. Será que Cooper reconheceu o carro de Jesse? Ele não comentou nada. – Vamos indo?

– Ainda não. – Ele me segura pelas duas mãos e aperta com força. –- Debbie, preciso te contar uma coisa.

– Tá bom…

Ele respira fundo e endireita os ombros.

– Eu tenho um problema com bebida.

Olho para meu marido, aturdida. Não é o que eu esperava que ele dissesse.

– Como é que é?

Ele titubeia, como se não tivesse certeza se deve prosseguir, mas então segue falando, decidido.

– É mais do que só um problema com bebida. Eu… eu sou alcoólico. Venho frequentando reuniões do AA sem te contar.

– Faz quanto tempo isso?

– Eu sei desde a faculdade.

– Desde a *faculdade*? E nunca me contou?

– Pois é. – Ele abaixa a cabeça. – Me perdoa, Debbie. Eu sinto muito *mesmo*. Eu… eu fiquei com vergonha, e escondi isso de você. Deveria ter contado a verdade desde o começo, mas você sempre foi tão perfeita e tão incrível, e… eu não queria cair no seu conceito.

Ele consegue erguer os olhos para os meus. Deveria ter me contado

antes, mas eu também entendo por que não o fez. Não posso atirar a primeira pedra. E agora?

Agora chegou a minha vez.

– Eu fui estuprada na faculdade – conto. – Foi por isso que larguei o curso.

Ele fica de queixo caído. Passa vários segundos me encarando – tempo demais –, até eu quase desejar não ter contado nada. Mas, justo quando estou a ponto de tentar pensar num jeito de retirar o que disse ("Rá, piada engraçada, né?"), ele estende a mão e me puxa para outro abraço apertado. Não há palavras, apenas seu corpo morno e reconfortante encostado no meu.

Quando ele finalmente se afasta, está com os olhos levemente marejados.

– Acho que a gente precisa fazer terapia de casal – diz.

Uma risada me escapa. *Não me diga*.

– Mas tem uma coisa que preciso te perguntar. – Ele esfrega a nuca. – E preciso que me conte a verdade.

– Tá…

Ele franze o cenho.

– Promete me falar a verdade?

– Prometo – digo, torcendo para ser uma promessa que vou poder cumprir.

– Você atirou em Ken Bryant com a minha arma?

Eu me encolho. Ele deve ter ido à casa de Ken. Deve ter visto o chefe morto, baleado na cabeça. Acha que eu talvez o tenha matado, mas, em vez de chamar a polícia, correu para vir me encontrar.

– Eu juro, pela vida das nossas filhas. – Levo a mão ao peito. – Eu não atirei em Ken Bryant com a sua arma.

E é verdade.

Usei a arma de Jesse.

– Graças a Deus. – Cooper acredita em mim. Seu corpo chega a afrouxar de tanto alívio. – Nesse caso, é melhor a gente chamar a polícia quando chegar em casa.

Assinto devagar.

– E tem mais – acrescenta ele. – A minha arma sumiu do cofre. Você sabe o que aconteceu com ela?

Essa é mais uma pergunta fácil que posso responder com a verdade.

– Joguei fora.

– Jogou *fora*?

Levo as mãos à cintura.

– Eu te disse: a probabilidade de a gente atirar num membro da família é bem maior do que num intruso.

Cooper apenas balança a cabeça. É um assunto sobre o qual vamos ter que conversar em terapia. E tenho a sensação de que, depois de hoje à noite, ele não vai querer tanto assim ter uma arma em casa.

– Então tá – diz ele. – Vamos pra casa.

Ele não precisa pedir duas vezes.

EPÍLOGO

COOPER

Um ano depois

Hoje quem está preparando o café da manhã sou eu.

Não é nada de especial. Apenas algumas torradas com geleia acompanhadas por uma tigela de cereal. Passei a comer o cereal com fibras de Debbie, porque, acredite ou não, acabei pegando gosto por ele.

Eu diria que meu amor recém-descoberto pelo cereal com fibras deve ser o que *menos* mudou na nossa vida de um ano para cá.

Para começo de conversa, depois do assassinato de Ken, abri meu próprio escritório de contabilidade, que está indo de vento em popa. Tenho agora uma equipe formada por meia dúzia de pessoas, e recebemos até uma menção elogiosa no jornal *Boston Globe*. Nunca me vi como empresário, mas pelo visto sou melhor nisso do que pensava. Acho que Debbie tinha razão.

Ainda não consigo acreditar que Ken foi assassinado. E pior: o assassino foi meu amigo Jesse. No começo, me recusei a acreditar, mas os indícios foram se acumulando até isso se tornar inegável. Ele roubou dinheiro do escritório e, quando Ken descobriu, Jesse o matou.

E isso nem foi a pior coisa que ele fez.

Jesse estava tendo um caso com uma personal trainer da academia chamada Harley. Eu já a tinha visto por lá várias vezes e me lembrava da mecha cor-de-rosa no cabelo dela. Debbie era amiga dela, embora eu não soubesse na época. Já tinha visto Jesse falando com Harley algumas vezes, e

devo reconhecer que reparei, sim, que os dois conversavam em voz baixa. Mas nunca cheguei a pensar que ele estivesse tendo um caso e, com todas as outras coisas que estavam acontecendo na minha vida, nem prestei muita atenção. Quer dizer, sim, eu sei que muitos homens têm casos extraconjugais, mas para mim isso é algo impensável.

Pelo visto, Harley estava pressionando Jesse para que ele abandonasse a esposa. Estava ameaçando expô-lo se ele não fizesse o que ela queria. Então ele foi à casa dela levando a mesma pistola que usou para matar Ken e a matou também.

Mais tarde, descobri que o endereço aleatório onde encontrei Debbie era o apartamento de Harley. Debbie me explicou que, quando foi até lá falar com Harley, a amiga não atendeu à porta. Porque, como se revelou mais tarde, ela estava morta.

Foi Debbie quem por fim chamou a polícia e disse estar preocupada por causa do namorado de Harley, embora não o conhecesse. A polícia chegou no apartamento de Harley e encontrou Jesse tentando eliminar suas impressões digitais enquanto ela jazia morta no chão da sala.

Ele foi preso no ato.

Os indícios eram avassaladores, e ele foi praticamente pego em flagrante. O julgamento foi mês passado e, quando ele me pediu para testemunhar a seu favor, tive que recusar. Jesse era meu amigo, mas eu não tinha dúvida alguma de que ele tinha matado nosso chefe e a própria amante. O júri concordou. Ele foi considerado culpado pelos dois homicídios e condenado a duas penas consecutivas de prisão perpétua. Vai passar o resto da vida atrás das grades.

Tirando essa parte desagradável do julgamento, porém, nossa vida está ótima. Lexi e Debbie ficaram bem mais próximas depois daquela história toda com Zane, e chega a parecer meio que um milagre as duas não brigarem mais como antes. Debbie passou uma semana chorando quando Lexi saiu de casa para ir morar na faculdade, embora ela tenha ficado por perto e já tenha vindo em casa lavar roupa. Ela entrou numa faculdade excelente, aliás. Não quero me gabar nem nada, mas o nome rima com Schmarvard.

Debbie está felicíssima por Lexi não ter mais relação nenhuma com o ex-namorado. Depois do acidente, fiquei sabendo das acusações contra ele – algo a ver com fotos ilegais que ele estava repassando – e, agora que saiu do

hospital, pode ser que esteja bem encrencado com a justiça. Só o vi uma vez, no mercado com a mãe, usando uma cadeira de rodas que pilotava com a boca. Não o cumprimentei.

E Izzy está arrasando no time de futebol. Como sempre. Debbie e eu assistimos a todos os jogos ano passado.

Debbie também está tendo sucesso profissional, e estou sentindo de verdade um baita orgulho da minha esposa. Ela já tinha programado vários aplicativos para celular que usamos há anos, e um deles realmente estourou. Chama-se Castiga Marido, e nele uma esposa pode atribuir ao marido alguns potenciais castigos (dos quais o mais popular é limpar o banheiro) por deslizes como esquecer um aniversário ou o aniversário de casamento. Pelo visto, as esposas acham hilário ficar inventando castigos cada vez mais criativos.

Uns dois meses atrás, Debbie vendeu o Castiga Marido. Não vou dizer por quanto, mas o valor é suficiente para pagar o curso inteiro de Lexi em Schmarvard. Debbie agora está trabalhando em alguns projetos novos e parece bem mais feliz.

Ela me explicou que o arquivo cheio de conselhos ameaçadores no seu computador era um jeito de lidar com o trauma. Agora que está fazendo terapia, ela revisitou todos os e-mails e reescreveu os conselhos. Embora não seja mais a *Querida Debbie*, respondeu a todos, um por um, e vem ajudando diversas mulheres. O que posso dizer? Minha esposa dá ótimos conselhos.

Quanto a mim e Debbie, a coisa está mais complicada.

Estamos fazendo terapia de casal. Claro. Nós dois escondemos segredos gigantescos um do outro, e fico culpado tanto por não ter contado o meu quanto por ela não ter se sentido à vontade para me contar o dela. Debbie sofreu abuso sexual. Pensar nisso me deixa tão furioso que nem consigo pensar direito. Como alguém pode ter feito isso com ela? Ou com *qualquer pessoa?*

Que bom que ela não sabe o nome do cara responsável, porque, se soubesse, eu me sentiria tentado a encontrá-lo e matá-lo com as próprias mãos.

Mas vamos nos deparar com um ninho vazio daqui a apenas dois anos, e quero me certificar de que Debbie e eu estejamos bem. Assim, de quinze em quinze dias vamos à terapia de casal. Nunca faltamos a uma sessão, não

importa o que aconteça. Nada é mais importante do que investir no nosso casamento.

Bem na hora em que estou tirando da torradeira meu pão integral,- Debbie entra na cozinha usando roupa de ginástica. Nosso terapeuta disse que precisamos melhorar em relação a dizer o que estamos pensando, então decido treinar agora mesmo.

– Oi – digo. – Você fica muito gostosa com essa legging.

Debbie revira os olhos, mas sorri.

– Você também não está nada mau, Mullen. – Seu olhar percorre rapidamente o meu peito. – Deu até um nó perfeito na própria gravata.

– Eu vi um tutorial na internet – digo, orgulhoso.

– *Você?* Assistiu a um tutorial *na internet?*

Dou risada, porque ela tem alguma razão em estranhar. Mas na verdade venho passando bem mais tempo na internet para aprimorar nosso negócio. Fui eu que criei o site do escritório, e até coloquei uma foto minha lá. Descobri que Jesse vinha se passando por mim para ocultar a própria identidade, e ele só conseguiu fazer isso porque não havia fotos minhas em nenhum lugar da internet.

– Sabe do que mais? – digo, insinuante. – Eu só preciso chegar no escritório daqui a uma hora…

– Não me provoca – retruca ela. – Se eu não for à academia agora, vou acabar não indo.

Como meu antigo companheiro de academia Jesse está cumprindo duas sentenças por assassinato, já fui algumas vezes malhar com Debbie na Titan, mas hoje estou sem tempo para isso.

– Que tal eu te levar pra jantar fora hoje? A Izzy vai dormir na casa de uma amiga, né?

Ela sorri.

– Combinado.

Debbie se aproxima para me dar um beijo antes de sair. Um ano atrás, achei que a tivesse perdido, mas agora estamos mais próximos do que nunca. Detesto todo o sofrimento pelo qual tivemos que passar, mas existe um motivo para tudo.

No fim, as coisas acabaram se acertando para todos nós.

As noites na prisão são o pior de tudo.

Em casa, eu tinha um colchão de espuma com um travesseiro que acompanhava o contorno da minha cabeça. Tinha um edredom especial de plumas hipoalergênico. Não conseguia dormir sem ele.

Agora estou deitado num colchão que deve ter no máximo 5 centímetros de espessura. Tenho um travesseiro, sim, mas ele certamente não acompanha o contorno de nada. Assim como o colchão, parece mais uma tábua do que um travesseiro. E tem também o cobertor vagabundo ao qual acho que sou alérgico, a julgar pela irritação embolotada que surgiu em todos os pontos da minha pele que entraram em contato com o tecido fino.

Em metade das vezes em que consigo dormir, o que às vezes acontece por pura exaustão, sou arrancado do meu sono leve pelo barulho do cara no beliche de cima, que ronca feito uma serra elétrica. Nunca ouvi ninguém roncar tão alto. Também nunca vi ninguém com tantas tatuagens no corpo.

Somos quatro detentos na pequena cela. Meu companheiro de beliche se chama Geho; acho que é o sobrenome dele. Ninguém aqui usa o primeiro nome. É como na época da faculdade, quando todo mundo me chamava de Hutch, só que aqui não tem nada a ver com a faculdade.

Fui transferido semana passada para este presídio de segurança máxima, que é onde vou passar o resto da vida. Eu não deveria estar aqui. *Realmente* não deveria estar aqui. Presídios de segurança máxima não são para alguém como eu. Os outros detentos aqui são criminosos durões como Geho; eles me apavoram. Alguém como eu deveria estar num daqueles presídios de segurança mínima que mais parecem um resort.

Mas, sério, eu não deveria mesmo estar aqui. Porque não matei ninguém.

Acordei no apartamento de Harley sem saber direito como tinha chegado lá, e ela estava caída no chão, morta com um tiro. A pistola – a minha pistola – estava na minha mão direita, mas eu não atirei nela. Sim, sei o que parece quando digo isso. E sei que havia resquícios de pólvora na minha mão. Mas eu não queria matá-la. Sim, estava querendo terminar nossa relação, mas não queria que ela morresse. Nem me lembro de levar a maldita pistola até a casa dela. Por que eu teria feito isso?

Mas cometi um erro grave. Quando acordei e encontrei Harley assassinada, imediatamente comecei a tentar limpar o apartamento antes de

sair, para eliminar qualquer vestígio da minha presença. A polícia me flagrou fazendo isso, e… meio que pegou mal. Desse momento em diante, passei a ser o único suspeito.

O fato de eu não ter a menor ideia do que havia acontecido não ajudou. A polícia achou impossível acreditar nisso. Quando digo isso agora, eu entendo por quê.

E então, o que para mim foi um choque completo, fui acusado de matar Ken Bryant também. No começo, achei que fosse piada. Eu nem sabia que ele estava morto, e com certeza não o matei. Mas a bala na cabeça dele saiu da minha pistola. Encontraram imagens minhas entrando e saindo da casa dele, mesmo que eu tenha tentado explicar que estava só regando as plantas como ele tinha me pedido para fazer, embora essas mensagens tenham misteriosamente sumido do meu celular. Eles então disseram que eu roubei dinheiro dele, e esse foi o último prego no caixão.

Tentaram me oferecer um acordo para eu me declarar culpado, e meu advogado me recomendou aceitar. Eu seria indiciado por homicídio culposo tanto no caso de Harley quanto no de Ken. Isso significaria que daqui a trinta anos estaria apto à condicional. Decidi apostar minhas fichas num julgamento, pois sabia que era inocente.

Perdi a aposta. Estou cumprindo duas penas de prisão perpétua consecutivas e vou morrer na prisão. Pelo menos tenho a sorte de não existir pena de morte no estado de Massachusetts.

Geho se mexe no beliche acima de mim, e as molas do colchão emitem um ranger alto. Como se os roncos não fossem ruins o suficiente, cada movimento da cama ecoa pela cela. Sinto que estou perdendo a razão, e faz só uma semana que cheguei aqui. Quando penso que vou passar a vida inteira neste lugar…

Eu não mereço nada disso. Minha mulher pediu o divórcio alguns meses depois de eu ser preso, ou seja, ela não vai vir me visitar tão cedo. O caso com Harley não foi o meu primeiro, e minha mulher não demonstrou nem um tiquinho de compreensão. Ela não era tão maravilhosa assim como esposa, motivo pelo qual eu estava com Harley, para começar, mas depois de um ano sem ter intimidade com uma mulher eu daria qualquer coisa para ter uma visita íntima. Meus filhos me odeiam por causa do que fiz com a família. Estou sozinho.

Seria diferente se eu fosse culpado como os outros detentos daqui. Geho

chega a se vangloriar por ter apunhalado o cara no pescoço. Mas não sou um cara ruim. Sim, eu traí minha mulher. Muitos homens já fizeram isso. Não é um crime que mereça a pena de morte.

A bem da verdade, fiz algumas coisas na faculdade que não chegaram a ser admiráveis. Às vezes, nas festas, começava a conversar com uma garota e me oferecia para ir buscar uma bebida para ela. Eu tinha uns sedativos moídos que misturava nas bebidas: ponche, cuba-libre, o que fosse. Somando os remédios e a bebida, as meninas ficavam bem doidonas. Aí eu as levava para o meu quarto, e elas não reclamavam muito.

Mas nem chegava a ser nada de mais. A maioria mal lembrava. Ou, se sim, aposto que tinham gostado.

Começo enfim a pegar no sono, mas então de repente acordo, sobressaltado. E então não consigo acreditar no que estou vendo. Geho e meus dois outros companheiros de cela estão em pé ao lado da minha cama. Cada um está segurando uma meia numa das mãos, com alguma coisa pesando na outra ponta. Será que é um sabão em barra? Sinto o estômago revirar. À luz fraca da cela, mal dá para distinguir a caveira tatuada no crânio calvo de Geho.

– O que tá acontecendo? – pergunto, com a voz engasgada.

– Fica de boca fechada – sibila Geho para mim. – E quem sabe você consiga sair dessa vivo.

Apesar do alerta dele, consigo perguntar, atabalhoado:

– Mas o que foi que eu fiz?

A resposta de Geho é um soco certeiro na minha boca. Sinto na mesma hora o gosto de sangue. Então, segundos depois, sinto um dos meus dentes boiando dentro da boca.

– Esse foi pela Misty Cardon – diz ele para mim. – O irmão dela é do Bloco D, e eu tô devendo um favor pra ele.

Misty Cardon…

Esse é um nome que não ouço há vinte anos e que torcia para nunca mais ouvir. Misty era uma menina da Wellesley com quem me diverti muito até ela começar a fazer tempestade em copo d'água. Não acreditei quando ela me ligou no dia seguinte esbravejando algo sobre estupro. Não foi estupro, mas quando tentei explicar isso para ela, a garota não quis escutar. Finalmente topou se encontrar comigo, e digamos simplesmente que eu dei um jeito na situação.

Então, tecnicamente, apesar de ter alegado inocência ao ser julgado, eu não podia dizer que nunca tinha matado uma pessoa. Só que ninguém nunca descobriu nada sobre Misty. A polícia me fez algumas perguntas, mas a coisa nunca foi além disso. Eu tomei muito, muito cuidado. Por isso, não fazia sentido algum ter sido tão desleixado ao matar Ken e Harley, só que eu não podia exatamente dizer isso em minha defesa.

Ergo as mãos para proteger o rosto.

– Por favor… não…

Minhas súplicas são respondidas por uma meia golpeando meu flanco direito. Então vem um segundo golpe, dessa vez mais forte ainda. Sinto as costelas rachando, mas não noto nenhum sinal de que as pancadas vão parar. Cadê os guardas? Por que não estão impedindo isso?

Uma das meias me acerta no maxilar e a dor me deixa cego. Isso não é um sabão em barra. É algo bem pior. Uma pedra? Um cadeado? Nem consigo imaginar. Toda vez que um deles me golpeia, é uma explosão de agonia indizível.

– Por favor… – suplico uma última vez, tentando me segurar no limiar da consciência. – Por favor, para.

Em meio ao sangue que pinga nos meus olhos já inchados, mal consigo distinguir o rosto de Geho sorrindo para mim.

– Relaxa – diz ele. – Vai acabar num minuto.

DEBBIE

Fico me sentindo bem, depois de Cooper e eu combinarmos de sair para jantar hoje à noite. Ele está se esforçando muito para ser um bom marido. Tudo por que passamos foi difícil, mas fortaleceu demais nosso casamento.

Nosso terapeuta vive nos dizendo que precisamos ser honestos um com o outro. E estou tentando. Mas existem algumas coisas que nunca vou poder contar ao meu marido.

Nunca vou poder contar que matei o chefe dele, por exemplo. Não vou poder contar que o ex-melhor amigo dele, que vai passar o resto da vida num presídio de segurança máxima, é inocente. Pelo menos no que diz respeito às mortes de Ken e Harley.

Cooper não sabe que foi Jesse quem me estuprou. Considerando o

quanto ele ficou furioso quando contei o que aconteceu, acho que iria concordar que Jesse teve o que merecia, mas não quis torná-lo cúmplice dos meus atos. Houve um período de tensão no qual não tive certeza de qual desfecho o julgamento teria, e fiquei preocupada pensando que Jesse pudesse se lembrar de que havia uma mulher no apartamento de Harley logo antes de ele perder os sentidos. Quis ter certeza de que Cooper pudesse alegar de modo crível que não sabia de nada. Se era para alguém ir preso, esse alguém devia ser eu e somente eu.

Vou de carro até a Titan Fitness dar uma malhada antes de começar o dia. Tenho uma reunião com uma empresa que quer que eu desenvolva um novo aplicativo de encontros. Vai ser um desafio. Adoro um desafio, especialmente com os recursos financeiros que a empresa vai colocar à minha disposição. Meu cérebro parece estar enfim recebendo o estímulo que merece.

Quando chego à academia, Cindy está na recepção. Ela abre um largo sorriso para mim.

– Oi, Debbie.

– Oi, Cindy.

Ela me dá uma piscadela.

– Deixei uma toalha no transport ao lado da janela pra ninguém pegar.

Sorrio para ela.

– Você é o máximo, Cindy.

Enquanto ela me encara, seu sorriso vacila de leve.

– É o mínimo que eu posso fazer.

Cindy Bryant acredita, do fundo do coração, que deve tudo a mim. Quase dois anos atrás, ela me escreveu uma carta na coluna *Querida Debbie* descrevendo o abuso financeiro que sofria no casamento. Quando implorei a ela que o largasse e lhe disse para entrar em contato comigo, foi exatamente isso que ela fez. Mas acabou ficando claro que a conexão entre nós duas era maior do que pensávamos.

Eu fiz tudo que pude para ajudá-la. Encontrei um lugar para ela morar. Ajudei Cindy a arrumar esse emprego na Titan Fitness. Ela estava indo superbem, mas seu marido, Ken, estava tornando o divórcio um suplício para ela. Estava usando todos os truques do mundo para privá-la de qualquer recurso financeiro e tentando fazer os filhos se virarem contra ela.

Acabou conseguindo inclusive me fazer ser demitida, sem jamais se dar conta de que "Querida Debbie" era a esposa do funcionário dele.

Eu não podia deixá-lo escapar impune. Precisava ajudar Cindy. E foi por isso que decidi dar um tiro na cabeça dele e pôr toda a culpa em Jesse Hutchinson.

Certifiquei-me de fazer isso num momento em que Cindy tivesse um álibi. E ela também me ajudou. Na véspera do dia em que Harley levou um tiro, Cindy entreouviu Harley e Jesse combinando um encontro e me avisou. Então, na noite seguinte, enquanto ele estava no chuveiro da academia, ela pôs na garrafa d'água dele o ópio que lhe dei. O que posso dizer? Eu me inspirei no que Jesse fez comigo tantos anos atrás.

– Como vai o Cooper? – pergunta ela.

– Ele tá ótimo – respondo. – O escritório está indo bem, e ele tem sido um amorzinho nos últimos tempos. A gente vai sair hoje à noite. Temos um encontro.

– Que legal. – Cindy sorri para mim. – Você e o Cooper deveriam sair comigo e com o Ajay um dia desses.

Recentemente Cindy começou a namorar um cara muito legal. Eles estão indo devagar, mas já o encontrei uma vez e deu para ver que ele vai tratá-la bem. Ainda assim, um programa a quatro talvez signifique desafiar o destino. Tem muita coisa que não queremos que nossos pares saibam.

– Quem sabe um dia – digo, evasiva.

– Que bom que o Cooper tá te tratando bem – diz Cindy. – Porque, se não estiver…

Trocamos um olhar carregado de significado.

– O mesmo vale pra você – digo.

Cooper tem me tratado bem mesmo. Mas não estou tão preocupada assim com isso. Cindy e eu vamos proteger uma à outra.

Ninguém nunca mais vai tirar vantagem de mim.

AGRADECIMENTOS

Minha filha é superfã da Melanie Martinez.

Eu também gosto muito das músicas dela. Mas, na minha idade, não sou mais capaz de nutrir o mesmo tipo de veneração a um ídolo que uma pré-adolescente consegue nutrir por uma cantora pop. Minha filha é *obcecada* pela Melanie Martinez. E foi assim que me vi sentada na fila do gargarejo num show no TD Garden.

Melanie é uma artista extraordinária. Minha filha e a amiga se levantaram e se debruçaram na grade para ver melhor, e ficaram gravando cada momento do show em vez de simplesmente assisti-lo. Eu conhecia todas as músicas e amei a apresentação, mas tive a sensação de estar num universo distinto dos jovens da plateia. E, ao olhar em volta, via o mesmo padrão: adolescentes e pré-adolescentes empolgadas e cheias de energia, de pé, com o celular erguido, e mães com ar cansado, sentadas pacientemente. Ao olhar para essas mães, vi refletido nelas meu próprio desejo de poder estar assistindo àquela apresentação do conforto da minha própria casa e não de um assento pegajoso com filas do banheiro feminino que davam a volta no estádio lotado.

Foi esse o primeiro momento em que me veio a ideia de Debbie, a dona de casa de meia-idade cuja vida não estava fácil. Uma mulher capaz de qualquer coisa pela família.

Falando nisso, quero agradecer a Melanie Martinez por ter inspirado tanto minha filha quanto a mim de modos inteiramente distintos. Torço apenas para que seus shows daqui em diante sejam igualmente férteis, uma vez que vislumbro muitos deles no meu futuro.

(Além do mais, descobri um banheiro secreto e contei para várias mães de meia-idade iguais a mim.)

Já dediquei este livro à minha mãe, mas quero agradecer a ela por ter despertado em mim um amor profundo por uma boa história de vingança. Ela amou esta.

Preciso fazer um agradecimento tamanho extragrande à minha agente, Christina Hogrebe, que tanto acreditou neste livro desde o instante em que o leu. Não há nada mais inspirador do que alguém que acredite na gente. O time inteiro da JRA tem sido incrível; é sensacional ter tantas pessoas trabalhando com afinco por mim.

Obrigada à Sourcebooks, em especial a minha editora, Jenna Jankowski, pelos feedbacks mais detalhados e mais perspicazes que eu poderia imaginar. Mandy Chahal é uma assessora de imprensa extraordinária: eu realmente não sei como ela faz o que faz, mas fico muito grata. E obrigada a todos os editores e editoras, capistas e todos os profissionais nos bastidores que fizeram este livro virar realidade.

Obrigada a minhas muitas leitoras beta: Jenna, Maura, Beth, Rebecca e Pam, que me deram alguns toques incríveis. Obrigada, Val, pela ajuda com o copidesque.

Obrigada a Tara pela atenta leitura sensível. Foi um feedback extraordinariamente útil.

Preciso agradecer, é claro, a todos os moderadores do meu grupo no-Facebook: Emily, Daniel, Nancy, Carrie e Nikki, que me ajudam com as redes sociais de modo que eu possa ter mais tempo para escrever!

Preciso sempre dizer um imenso obrigada a minhas leitoras e meus leitores, tanto os que me acompanham na internet quanto aqueles que nem têm computador. Fico grata demais pelo apoio de vocês!

E, por fim, embora não menos importante, preciso agradecer a minhas filhas, que me autorizaram a voltar a lhes dirigir a palavra de manhã. Quer dizer, de vez em quando.

SOBRE A AUTORA



FREIDA McFADDEN é uma médica especializada em lesões cerebrais com mais de 20 livros publicados, entre suspenses psicológicos e romances médicos. Com A empregada, que já vendeu mais de 3 milhões de exemplares e teve os direitos negociados em 36 países, Freida chegou ao topo das listas de mais vendidos.

Mora com a família e seu gato preto em uma casa centenária de três andares, cujos degraus rangem a cada passo e onde ninguém vai ouvir se você gritar. A não ser, talvez, que grite muito, muito alto.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

MAIS DE 80 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

UMA AVENTURA DE MYRON BOLITAR



PENSE DUAS VEZES

HARLAN COBEN

Um homem morto pode ser procurado por assassinato?

ARQUEIRO

Pense duas vezes

Harlan Coben

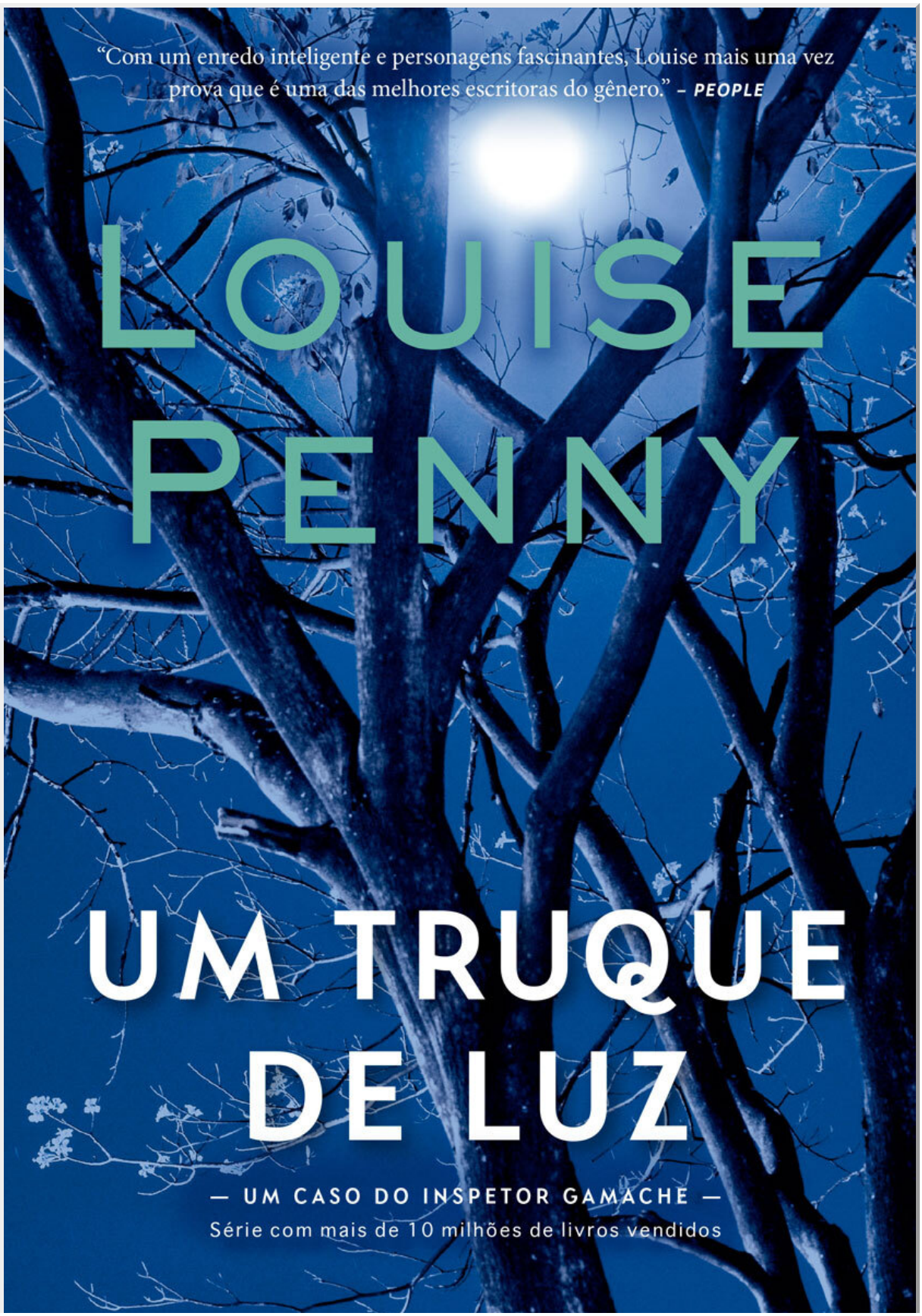
Três anos atrás, o agente esportivo Myron Bolitar fez o discurso fúnebre no velório de seu cliente, o renomado treinador de basquete Greg Downing. Os dois tinham sido rivais na quadra e na vida pessoal e, mais tarde, improváveis parceiros de negócios.

Myron já havia superado essa morte, mas, de repente, dois agentes do FBI aparecem em seu escritório exigindo saber onde está Greg Downing.

O DNA de Greg foi encontrado na cena de um duplo homicídio, logo ele é o principal suspeito. Perplexo, Myron precisa de respostas.

Com a ajuda de Win, seu amigo de longa data, ele se lança numa busca pela verdade. Porém, quanto mais os dois descobrem sobre Greg, mais perigoso o mundo deles se torna.

Clique aqui para ver na loja


"Com um enredo inteligente e personagens fascinantes, Louise mais uma vez prova que é uma das melhores escritoras do gênero." – PEOPLE
LOUISE PENNY
UM TRUQUE DE LUZ
— UM CASO DO INSPETOR GAMACHE —
Série com mais de 10 milhões de livros vendidos

Um truque de luz

Louise Penny

A artista plástica Clara Morrow está prestes a ver seu maior sonho realizado: suas obras serão expostas no prestigioso Musée d'Art Contemporain de Montreal.

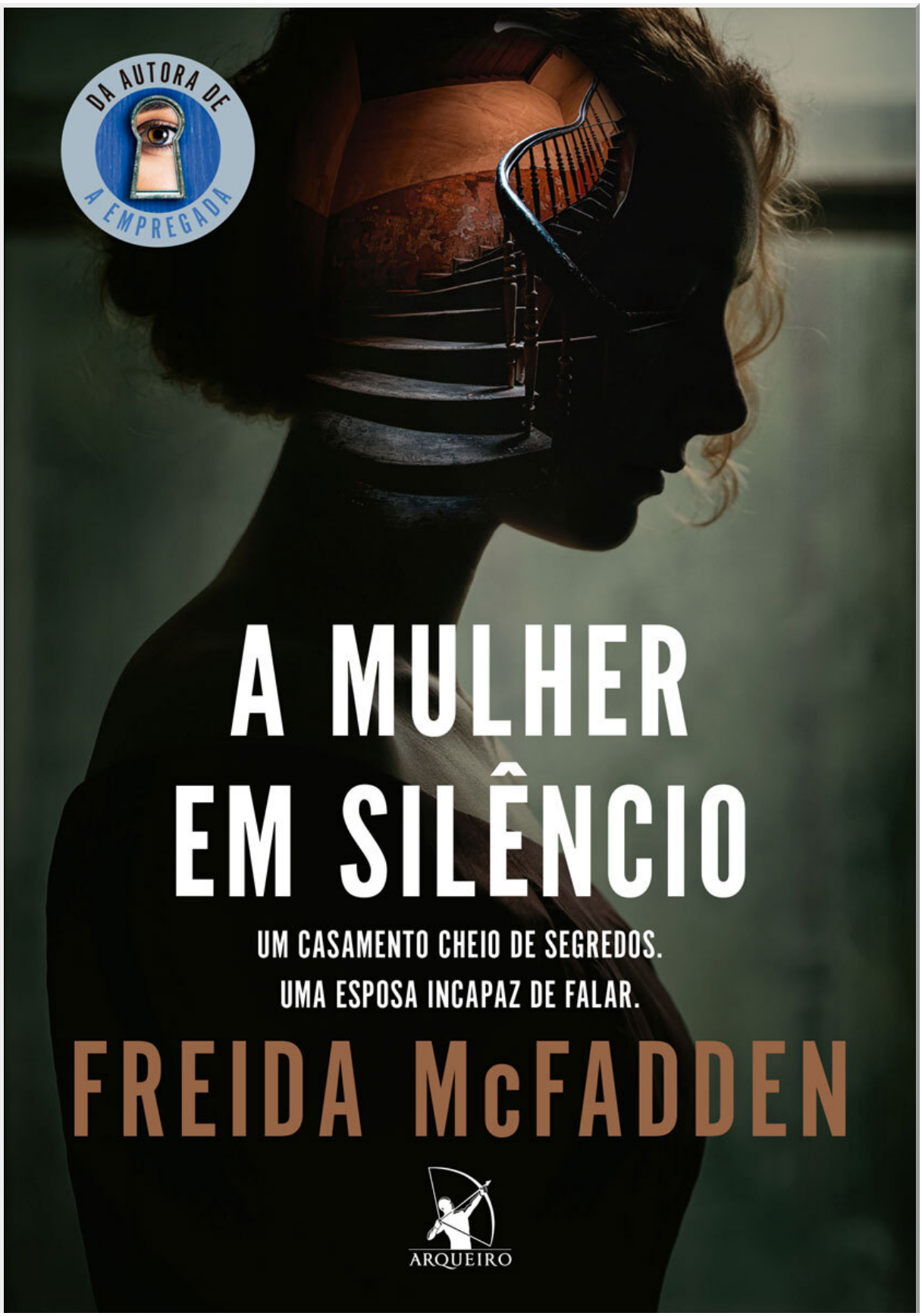
O sucesso inesperado vai abalar sua vida pacata no vilarejo de Three Pines e desenterrar emoções, lembranças e ressentimentos há muito escondidos. Mais do que isso, vai trazer de volta uma antiga amiga, a outrora temida crítica Lillian Dyson, encontrada morta no jardim dos Morrows.

Atraídos a Three Pines pela possiblidade de fazer contatos, artistas, galeristas e marchands são suspeitos do assassinato, assim como Clara e seu marido, o pintor Peter Morrow.

O inspetor-chefe Armand Gamache vai precisar transitar por esse microcosmo do mundo da arte para revelar algo do passado de Lillian que pode ter motivado sua morte.

Durante a investigação, o policial descobre um segredo que tem relação com uma pessoa em quem ele confia há anos. À medida que os fatos lentamente se desvelam, Gamache e sua equipe não sabem se o que encontraram é mesmo a verdade ou apenas um truque de luz.

Clique aqui para ver na loja


DA AUTORA DE
A EMPREGADA
A MULHER EM SILÊNCIO
UM CASAMENTO CHEIO DE SEGREDOS.
UMA ESPOSA INCAPAZ DE FALAR.
FREIDA McFADDEN
ARQUEIRO

A mulher em silêncio

Freida McFadden

Victoria Barnett tem tudo: uma carreira de sucesso, um marido bonito e carinhoso, uma casa maravilhosa e o plano de enchê-la de filhos.

Até que, certa noite, sua vida muda radicalmente. Depois de sofrer um acidente sério, Victoria é levada às pressas para o hospital, em estado grave. Ela sobrevive, mas uma lesão cerebral a deixa incapaz de andar e falar. Presa no próprio corpo, ela terá que se adaptar a uma realidade muito diferente.

Quando Sylvia Robinson é contratada como sua acompanhante, encara a oportunidade como um verdadeiro golpe de sorte. Um trabalho bem-remunerado em uma casa luxuosa, com um patrão totalmente devotado à esposa, é mais do que ela poderia sonhar.

Porém, conforme os dias passam, Sylvia percebe que há algo errado naquela casa. A mansão isolada parece esconder algum segredo, e o comportamento de Adam, marido de Victoria, é bastante suspeito. Mas o que é realmente intrigante são os olhos da mulher, que estão sempre tentando lhe dizer algo.

Se ao menos ela conseguisse falar...

Clique aqui para ver na loja

FREIDA McFADDEN



ATÉ O ÚLTIMO DE NÓS

UM POR UM, TODOS ELES TERÃO O QUE MERECEM

"A cada capítulo você se vê mais enredado em uma teia de suspense, até ficar impossível escapar. Quando achar que descobriu tudo, a verdade fará seu queixo cair." – Rodrigo de Lorenzi, booktoker

ARQUEIRO

Até o último de nós

Freida McFadden

Uma semana no paraíso se transforma em pesadelo nesta história de traição e sobrevivência.

Claire Matchett vive uma grave crise no casamento e está se sentindo totalmente sobrecarregada pela criação dos dois filhos.

Com a viagem de férias que se aproxima, ela vê uma chance de resgatar a cumplicidade com o marido e ter um respiro da rotina estressante. Junto com dois casais de amigos, eles vão passar uma semana em uma pousada de luxo isolada e cercada pela natureza.

A apenas três quilômetros do destino, em uma estrada de terra deserta, o carro de Claire morre. Como não há sinal de celular, os casais são obrigados a seguir a pé.

O problema é que no meio da mata não é tão fácil se localizar quanto achavam que seria. Depois de algumas horas, o grupo está perdido.

Enquanto entram cada vez mais na floresta, eles vão sendo abatidos misteriosamente, um por um. Será que estão sendo perseguidos por algum animal selvagem? Ou estão sendo caçados por alguém do próprio grupo?

Seja qual for a resposta, uma coisa logo fica clara: apenas um deles vai voltar vivo para casa.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento

Até o último de nós

A sete chaves

O filho perfeito

A mulher em silêncio

Querida Debbie

SÉRIE A EMPREGADA

A empregada

O segredo da empregada

O casamento da empregada (apenas e-book)

A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

